


EGAS MONIZ



JÚLIO DENIS E A SUA OBRA

COM INÉDITOS DO ROMANCISTA E UMA
CARTA-PREFÁCIO DO PROF. RICARDO JORGE

II VOLUME

1924

CASA VENTURA ABRANTES

RUA DO ALECRIM, 80, 82

LISBOA

Sala A

Est. 18

Tab. 2

N.º 39

JÚLIO DENIS
E A SUA OBRA



Nº 1472

JÚLIO DENIS E A SUA OBRA

1358

POR

EGAS MONIZ

Professor da Faculdade de Medicina
Sócio efectivo da Academia de Ciências de Lisboa

COM INÉDITOS DO ROMANCISTA E UMA
GARTA-PREFÁCIO DO PROF. RICARDO JORGE

II VOLUME



RC
MACI
82
MON

Livraria editora

CASA VENTURA ABRANTES

RUA DO ALECRIM, 80, 82

1924





I

JÚLIO DENIS ÍNTIMO



personalidade de Júlio Denis desenha-se facilmente depois do que temos escrito. Do seu fundo moral, da sua nobreza de carácter, das suas qualidades afectivas, quer dentro da família, quer na constância das suas relações com os amigos, falam os seus livros, retratos da sua maneira de sentir, e as suas cartas particulares, documentação preciosíssima em apreciações desta natureza. Todos os seus biógrafos, alguns dos quais com êle viveram e outros que tiveram ao seu dispor fontes directas de informação, são concordes em pôr em relêvo as altas qualidades que o distinguíam. Nem um só deixa de o acentuar. Procuram assim mostrar a harmonia do seu modo de ser pessoal com a sua obra de romancista, em que as per-

sonagens apresentadas são, em geral, modelos de virtudes.

A obra de Júlio Denis seduz por êste aspecto moral, embora tivesse sido esquecida, se outras qualidades, que já pusemos em relêvo, a não recomendassem. Entre tôdas avulta a verdade com que soube copiar do natural. Todos os que conhecem os meios onde se desenvolvem as scenas dos seus romances as podem surpreender a cada passo, tirando uma ou outra dramatização mais violenta, pois, felizmente, a vida das famílias não anda constantemente ao baldões de perturbações invulgares, embora admissíveis.

Por outro lado, Júlio Denis é um psicólogo delicado. Não desce à apreciação dos subterrâneos das almas torturadas. Pesava-lhe mesmo fazê-lo; mas consegue pôr em relêvo o que nas almas boas e delicadas há de mais subtil e generoso. Respira-se bondade nos seus romances, nas suas poesias, nas suas cartas, nos seus inéditos das primeiras idades, nos seus apontamentos particulares. Tem-se a certeza, depois de passar em revista todos êsses documentos, que a sua estrutura moral está inteiramente de acôrdo com aquilo que dêle escreveram os seus críticos.

«A sua vida decorreu geralmente serêna»
— escreve Sousa Viterbo — «semelhante ao lago

cristalino, cujas águas nunca se increspam pela tormenta, reflectindo apenas as sombras de algumas nuvens passageiras. Diversas circunstâncias contribuíram para êste resultado, não sendo menor a do seu temperamento, sólidamente constituido, insensível às fortes commoções perturbadoras. O seu espirito recto, bem equilibrado, como que parecia obedecer às ponderações do cálculo». (1)

Não lhe faltaram, como dissemos, desgostos e contrariedades. Viu desaparecer, uma a uma, pessoas da família que lhe eram queridissimas: sua mãe e seus irmãos; sentiu, pouco a pouco, o seu aniquilamento, pois a tuberculose ia-lhe minando, dia a dia, as fracas energias orgânicas que tinha; mas a sua resistência psíquica valia mais què o descalabro dos seus pulmões.

«Além de um cérebro finamente equilibrado» — prossegue o mesmo crítico — «de um espirito esclarecido, de uma enérgica fibra moral, outros motivos não menores influíram para contrabalançar as desditas e contrariedades que são os marcos miliários que mais freqüentemente se

(1) Sousa Viterbo, in prólogo do volume I dos *Inéditos e Esparsos* de Júlio Denis, 22.^a edição, pág. 7.

levantam no caminho que nos é dado percorrer».

Esta nota apreciativa do seu complexo psíquico é partilhada por muitos outros. Rodrigues Cordeiro, no prólogo que antecede as últimas edições das *Poesias*, diz, referindo-se à sua obra:

«Os romances de Júlio Denis eram a imagem do seu carácter. Homem honesto, singelo, pundonoroso, grato, amigo do seu amigo, entusiasta do belo, de escrupulosíssima consciência, sem invejas nem ambições, cheio de modestia e talento...»

A êste câoro de encómios, que, da apreciação da obra, caíram mais fervorosos e mais entusiastas sôbre o autor, junta-se Alberto Pimentel, que o conheceu pessoalmente, com estas expressivas palavras:

«Coração de ouro, affectuoso, impressionável, carácter honesto, justo, incapaz duma ligeira ofensa, a si mesmo se daguerreotipa involuntariamente nos seus romances, nas suas personagens admiráveis de candura e pureza, porque em tôdas elas há alguma coisa da sua alma.» (1)

(1) Alberto Pimentel, loc. cit., pág. 32.

Fernandes Costa, cuja crítica à obra de Júlio Denis largamente apreciámos, diz que

«...o viver doméstico entenebrecido por sucessivos lutos, apertando entre os sobreviventes os laços afectivos, actuou molemente na sua alma delicada e deu-lhe aquele tom constante de resignação, de bondade, de doçura e de melancolia que em tôdas as suas obras transpira.» (1)

Pinheiro Chagas refere-se, num dos seus folhétins do *Diário de Notícias*, às

«...elevadas qualidades do seu espírito, da sua inexcedível modéstia e do seu talento, um dos mais robustos e principalmente um dos mais simpáticos da nossa literatura.» (2)

Sampaio Bruno dá uma nota curiosa da sua psicologia neste interessante período:

«Tímido, minado por uma doença assassina, na melancolia da sua alma a bondade leva-o a essa pacificação interior que as religiões pro-

(1) Fernandes Costa, loc. cit., pág. 202.

(2) Pinheiro Chagas, *Diário de Notícias*, Outubro de 1872.

curaram na humildade que Schopenhauer define como a santidade na vida». (1)

Eça de Queirós aprecia, em justas palavras que atrás arquivámos (2), o aspecto moral e psíquico de Júlio Denis com inteira verdade e justiça.

Os leitores devem perguntar a razão de trazeremos para aqui todos estes comentários concordantes sobre o carácter de eleição de Júlio Denis, a sua bondade, a sua fina sensibilidade, a sua melancolia, a sua simplicidade. É que quisemos chamar em nosso auxílio depoimentos de escritores e biógrafos do seu tempo, alguns dos quais privaram com o romancista, para confirmarem o que pode deduzir-se directamente da sua obra publicada e inédita, das suas personagens, do desenrolar das scenas dos romances, dos seus delicados comentários psicológicos, das suas notas íntimas.

Quando se pretende profundar a psicologia de um autor não bastam as apreciações deduzidas dos seus trabalhos. É indispensável colher dos que o conheceram de perto e com êle

(1) José Pereira de Sampaio (Bruno), *Branco e Negro*, 13 de Agosto de 1896.

(2) Vol. I, capítulo VII, *A sua morte*, pág. 117.

privaram, ou ainda dos que escreveram na mesma época, as opiniões que dêle formavam. Do escritor e da sua obra falámos em outro lugar. Aqui é a sua personalidade íntima que nos interessa: o seu carácter, as suas qualidades, as suas predilecções e, até, os seus defeitos. Queremos conhecê-lo sob todos êstes aspectos; por isso todos os subsídios nos são úteis.

Por outro lado, já dissemos num dos capítulos do primeiro volume (1) o que era Júlio Denis adentro da sua família. Dêsse estudo terão os leitores deduzido os elevados sentimentos do romancista na intimidade do seu lar.

Há um ponto que, marcando a nota primordial da sua affectividade familiar, vamos abordar de novo, procurando interpretá-lo: a enternecida saudade que Júlio Denis dedica à memória de sua mãe e que constantemente chama às páginas dos seus romances e às estrofes das suas poesias.

A doce e terna melancolia em que envolve, a cada passo, a recordação dessa perda prematura, e que perdurou por tôda a vida, é um pouco a conseqüência de não ter conseguido estabilizar a sua sentimentalidade em tórno de uma mulher a quem se prendesse por uma afeição séria e definitiva.

(1) Vol. I, cap. VIII, *A Família de Júlio Denis*, pág. 123.

Não queremos dizer que, se Júlio Denis, por exemplo, tivesse casado, esqueceria a dedicação tributada à memória de sua mãe; mas ousamos afirmar que, se êle tivesse constituido um novo lar, essa íntima afectividade que volteja, em tôda a sua obra, apegada à desventura que tão cedo o feriu, teria tomado, em grande parte, uma nova direcção. São factos da vida corrente e a que Freud daria uma explicação na sua pouco simpática e, por vezes, exagerada doutrina da pan-sexualidade.

É um facto averiguado que as crianças do sexo feminino se sentem mais intensamente atraídas para os pais e que, pelo contrário, os filhos, nas primeiras idades, se mostram mais inclinados para as mães. E é de notar, embora Freud não insista nesta circunstância, que, em geral, da parte dos pais se dá a correspondência recíproca. As fôrças impulsionadoras das crianças vivem, ainda que muito esbatidas, na esfera afectiva dos adultos. O *complexo de Edipo*, que Freud foi buscar à maravilhosa tragédia de Sophocles, talvez a mais bela da antiguidade, não é, em absoluto, unilateral. Bem entendido que a intensidade afectiva é muito diferente da criança para o adulto; mas a tendência hetero-sexual manifestada nesse jôgo de predilecções em que Freud assenta as bases da sua teoria filosófica, não é de todo corrigida com a idade. Por isso, não admira que o cho-

que afectivo da perda prematura da mãe, na idade em que Júlio Denis a perdeu — aos cinco anos — isto é, no período em que essa afeição é um mixto de variados e ignorados atractivos, deixasse vestígios que perdurassem e até se avigorassem com o tempo. É que êle não separou dêsse complexo sentimental aquela parte que devia orientar-se num sentido claramente amoroso.

Aceite-se ou não esta interpretação psico-analítica, o facto é que, através de tôda a sua obra, Júlio Denis acentua essa nota do amor filial de uma maneira particularmente constante e insistente. Não é só nas personagens em que se representa (*Carlos, Henrique de Souza* e *Daniel* são órfãos de mãe); é também nas que lhe estão mais chegadas e que trata com mais carinho nos seus romances. A *Cecília*, da *Família inglesa*, a *Margarida*, das *Pupilas*, a *Madalena*, da *Morgadinha* são igualmente órfãs de mãe.

O *Augusto*, do romance *A Morgadinha*, que, nos dois manuscritos que o precederam, primeiros esboços donde veio a sair o romance definitivo, tinha a mãe viva, aparece-nos, depois, órfão e essa qualidade é posta em relêvo pelo romancista.

Ainda no mesmo romance, a infeliz *Erme-linda*, a vítima do fanatismo dos missionários, que o pai, o simpático *Cancela*, castiga num

assômo de amor paternal exaltado, era órfã. E que doçura há na maneira por que no-lo descreve! Recordemos essa passagem:

«Ai, filha da minha alma, quando me passa pelo pensamento que te posso um dia achar doente!... Assim me sucedeu com tua mãe... Deixei-a uma vez tão satisfeita e alegre, e vai, quando voltei, a primeira pessoa que encontro diz-me à queima-roupa: — Venha, sr. João, venha, que já não vem sem tempo. Corra a casa, se ainda quiere ver sua mulher... — Foi como se recebesse uma descarga em cheio no peito... corri, e...

«A comoção impediu-o de continuar; disfarçou, como que envergonhado daquela fraqueza, beijando a filha outra vez.» (1)

Júlio Denis era inconscientemente arrastado a ferir, nas diversas passagens dos seus romances, a nota da orfandade. Era um pretexto para desabafar, confiando aos seus leitores, através de propositados disfarces, todo um estado psíquico que irresistivelmente o dominava.

Citemos ainda uma outra passagem: a scena do cemitério da *Morgadinha dos Canaviais*,

(1) Júlio Denis, *A Morgadinha dos Canaviais*, ed. cit., pág. 107.

quando a multidão, com o sr. *João das Perdições* à frente — o truculento e avinhado morgado protestava contra os enterramentos fora das Igrejas, — investiu com a sua gente contra o mausoléu que guardava os restos mortais da mãe de *Madalena*:

«O sr. Joãozinho, arrojando de si o chicote, tirou um machado das mãos de um homem que lhe ficava próximo, e deu alguns passos para o túmulo.

«*Madalena* colocou-se diante dêle.

«Já não está pálida; tinha nas faces o rubor, nos olhos o lampejar da indignação.

«— Afaste-se, senhor! — bradou ela, estendendo a mão para o ébrio, que parou a fitá-la com olhos espantados.

«— Nem sequer pouse os pés nos degraus desta sepultura. Aqui repousa minha mãe. Atrás!

«A figura, o olhar, a voz, as palavras de *Madalena* exprimiam uma das resoluções enérgicas e potentes daquela índole simpática que aos affectos e branduras de mulher sabia combinar a firmeza e energia quasi varonis.

«O morgado sentiu uma vaga consciência da sublimidade daquela scena, e ficou enleado.»

Tudo isto é humano e admissível, quando a filha tem as qualidades morais e a decisão de

carácter que Júlio Denis descreve em *Madalena*. Júlio Denis encarnava-se, naquele momento, na atitude decidida, corajosa e nobilitante da *Morgadinha*. Não era arriscar a vida pela vida de sua mãe; era, para êle, mais do que isso: arriscá-la pela sua memória representada no túmulo que queria fazer respeitar do vandalismo daquela multidão desvairada.

Se quiséssemos coligir tôdas as impressões que o romancista confiou às suas novelas, aos seus contos e aos seus romances sôbre a orfanidade, tôdas as sensações que nos comunica dêsse doloroso estado de alma através das personagens que nos mostra órfãs de mãe, todo o lirismo com que as aureola, teríamos de fazer bastantes repetições, mas mostrariamos, em toda a evidência, a intensidade de uma saúde que podemos classificar de excessiva.

Se Júlio Denis tivesse ligado os seus destinos à vida de uma mulher, não seria esta a nota principal, podemos mesmo dizer, dominante — porque o é! — dos seus romances.

E porque não casou Júlio Denis?

Através da sua obra palpita esta aspiração a cada momento: nos seus poemas, nos seus contos e especialmente nos seus romances onde êle se representa apaixonado e noivo. O epílogo é sempre o casamento!

Mostra assim, e constantemente, a aspiração

máxima da sua vida. E, contudo, não chegou a decidir-se. Foi a tuberculose que o deteve.

Tôdas as suas inclinações amorosas não passaram, por isso, de devaneios a que não quis dar consistência por não poderem ter finalidade. Como rapaz comprazia-se em fazer madrigais às raparigas que o interessavam; mas, atrás do entusiasmo de momento, vinha o raciocínio. E quantas vezes pôde dominar-se! A doença era o espectro que a cada instante se levantava diante dos olhos, ávidos de esperanças!

Lembra-nos a passagem de uma carta escrita do Funchal a Custódio Passos, quando começavam a desfolhar-se as últimas ilusões da desejada cura, em que o romancista se refere ao casamento de um dos seus amigos:

«O Pôrto está eminentemente casamenteiro. Neste momento chegaram-me muitas novas matrimoniais. O José Carlos mandou-me dois cartões a dar parte do seu casamento. Meu primo noticiava-me que o dêle se efectuaria a 5 de Abril e, no mesmo dia, tinha lugar o do Albuquerque!

«Caíu pois aquele colosso que eu julgava inatacável! Baqueou uma das mais seguras colunas do celibato! A nossa tripeça descambou por o pé mais sólido! Afinal ninguém pode reputar-se imune. Que destino nos reservarão os fados!

«Eu, quando penso nas soluções que vão dando a êste grande problema da vida os nossos amigos, perco-me em longas meditações.»

Não será imprudente julgar que nessas meditações se estabelecia a luta íntima entre o desejo de constituir família, e a repulsa que lhe devia causar a idea de se ver amanhã em inteiro descalabro orgânico, a braços com a desgraça dos seus, sôbre que viria a pesar a hereditariedade mórbida que o deixou órfão aos 5 anos de idade e lhe arrebatou, no mesmo ano, dois irmãos! Como médico, deviam torturá-lo êsses trágicos pesadêlos, que contrastavam com as suas mais íntimas ambições.

Foi como resultado de tudo isto que Júlio Denis se mostrou, talvez, um pouco leviano nos seus amores.

Quere-nos, porém, parecer que, mesmo nesse campo, ficou um pouco aquém do que é vulgar em gente moça de agora e até, por vezes, em gente de cabelos brancos. . . Diga-se isto em abôno da sua memória.

Êle retrata-se como volúvel em *Daniel*, em *Carlos*, em *Henrique de Souzaelas*. Tirou de alguns devaneios amorosos que, por vezes, o entusiasmaram, estudos para os seus romances. Pecados da mocidade que, ainda assim, lhe deixarem remorsos pela vida fora, como mostraremos. Êsse aspecto sentimental do roman-

cista, essa fugacidade na objectivação afectiva, foram a consequência, ao menos numa certa fase da sua vida, da incerteza da saúde, que se agitava entre esperanças desmedidas de cura e horas negras do mais acentuado desalento.

O estudo que, dentro em breve, faremos dos seus romances, que é a história dos seus amores, mostra bem quanto era comedido êsse defeito, que êle teima, por vezes, em exagerar.

Pôsto isto, apreciemos outros aspectos da sua vida íntima.

Seria Júlio Denis um crente?

Que foi educado no catolicismo não pode haver dúvida, e que, durante algum tempo, foi um praticante, parece deduzir-se de algumas passagens das suas cartas e das suas obras.

«É à pressa que lhe escrevo hoje, pois ouço já tocar o sino para a missa e não quero faltar a êsse dever católico que quâsi todos os domingos observo».

Assim escreve Júlio Denis, de Ovar, em 9 de Agosto de 1863, a sua madrinha D. Rita de Cássia Pinto Coelho. ; Fâ-lo para comprazer com a que foi a melhor companheira da sua adolescência, ou é a confissão verdadeira da sua maneira de sentir em matéria religiosa?

Em Dezembro de 1869 escreve a Custódio

Passos estas palavras, que denunciam algumas hesitações do seu espírito :

«Pedes-me desculpa de haver talvez com as tuas palavras ferido as minhas crenças. Não feriste.

«Eu, meu Passos, não quero blasonar de scéptico, porque creio até que o não sou. É certo, porém, que não possuo tais e tão melindrosas crenças que as tuas palavras pudessem assustar. Tenho, às vezes, sondando-me com o firme intento de me conhecer, chegado quási a acreditar que estou vivendo em uma santa ilusão, supondo-me menos scéptico do que outros que o são mais manifestamente. Desvio, porém, sempre que posso, o espirito destas sondagens, porque prefiro iludir-me e ignorar o que lá vai no fundo. Daí vem o não me chocarem as expressões de desalento ou descrença dos outros, e muito menos quando tão fortes motivos há para elas, como os que tens».

Desta passagem deduz-se, ao lado de uma certa incerteza, que êle pretende afastar do seu pensamento, que Custódio Passos o considerava um crente. Nem doutra maneira se comprehende que pedisse desculpa de quaisquer palavras que lhe escreveu como podendo ferir os seus sentimentos religiosos.

○ Tinham decorrido seis anos entre a carta

dirigida a sua madrinha e aquela que agora escrevia ao seu amigo. Mas já em 1863, quando veraneava em Ovar, era médico. Não se pode, por isso, dizer que fôsse o vento agreste da sciência que fizesse estiolar os princípios religiosos em que fôra educado.

Quer durante o seu período escolar, quer nos primeiros tempos que se lhe seguiram, nunca deu demonstrações de descrente. Pelo contrário, quando discutiu na sua dissertação se as diversas raças humanas derivam, ou não, do mesmo par, inclinou-se para a unidade da espécie humana, o que está de acôrdo com o *Génesis*, que a todos os mortais da nossa espécie deu os remotos avós Adão e Eva.

Mas, mesmo nesse período, não tolerou fanatismos. Antes os vergastou sem complacências. São mesmo as únicas páginas de crítica azêda que encontramos nas *Pupilas* e na *Morgadinha*. Os missionários são ali apreciados com a implacável justiça de um espírito elevado, são e justo.

Descrevendo as beatas de Ovar, de que, na nossa juventude, ainda conhecemos, por aquelas paragens, exemplares como os que se encontram fotografados nas *Pupilas*, escreve Júlio Denis:

«Era emfim um dèsses tipos de beata, comuns nas nossas aldeias: — mulheres cuja vida se

passa em devoções contínuas, em novenas e vias-sacras e em perene confissão: obra dos gordos missionários que deixam a outros o cuidado de desbravar a gentildade das nossas possessões, para andar na tarefa mais cómoda de tolher o trabalho e a actividade na casa do lavrador.

«Imbuindo o espirito das mulheres de preceitos de devoção absurda, afastam-nas do berço dos filhos, da cabeceira do marido enfêrmo, do lar doméstico, para as trazer ajoelhadas pelos confissionários e sacristias; com uma brava eloquência, perigosa para quem não tiver o senso preciso para a achar ridícula, incutem-lhes falsas doutrinas, desmentidas e condenadas em cada página do Evangelho, tão severo sempre contra fariseus e hipócritas.

«Em uma localidade, não muito distante do Pôrto (1), ainda há pouco um dêsses apóstolos, que andam por aí reformando escandalosamente a moral dos povos, prègou do púlpito — que a salvação de um homem casado era tão difícil como o aparecimento de um corvo branco.

«É triste e desconsolador o aspecto da terra onde esta praga farisáica tem feito os maiores estragos. A alegria do povo, êsse reflexo da alegria das mulheres, porque das mães se reflecte

(1) Ovar?

nos filhos, das esposas nos maridos, das raparigas nos amantes, desaparece pouco a pouco.» (1)

Na *Morgadinha*, as críticas não são menos acerbas nem menos repetidas. E tanto que acabam pelo castigo do *Cancela*, aplicado ao missionário que lhe roubou a afeição da filha:

«A mão do Cancela caíu em parte sôbre o pescoço do padre, e com tal fôrça que êste foi constringido a ajoelhar.

«— Anda, meu impostor do inferno!

«E uma forte sacudidela o impeliu para diante e restituiu de novo à primeira posição. O chapéu rolou a alguns passos de distância.

«— Anda, meu encomendador de almas!

«Nova sacudidela, seguida de iguais resultados; e os óculos seguiram o caminho do chapéu.

«— Anda, meu caluniador de Deus!» (2).

Êste final é o epílogo dos comentários do autor à obra dissolvente dêstes fanáticos, cuja acção êle sintetiza, mais uma vez, nesta frase:

(1) Júlio Denis, *As Pupilas do sr. Reitor*, ed. cit., pág. 236.

(2) Júlio Denis, *A Morgadinha dos Canaviaes*, ed. cit., vol. II, pág. 75.

«O horror ao escândalo, eis o que caracteriza esta moral de Tartufo» (1).

Ao recordar estas passagens, desconhece-se Júlio Denis pela violência da linguagem; embora ela faça ressaltar a personalidade moral do romancista.

Muitas vezes preguntamos a razão determinante desta aspérrima crítica. Seria apenas decidido pelos seus naturais sentimentos de justiça? Talvez. Mas quere-nos parecer que deve ter influido em Júlio Denis, neste acesso de acrimónia, uma circunstância que passamos a relatar.

As *Pupilas* e a *Morgadinha* foram romances começados a trabalhar em Ovar.

Como demonstraremos, Júlio Denis prendeu-se, em devaneio amoroso, à *Guida* das *Pupilas*, uma das filhas de Tomé Simões, o recebedor, em casa de quem passava muitas horas a conversar. A *Guida* era a amiga mais íntima de sua prima D. Maria Zagalo Gomes Coelho, com quem convivia a todos os momentos, pois era hóspede da mãe desta, D. Rosa Zagalo Gomes Coelho, sua tia.

Nas conversas em casa do recebedor Tomé Simões, e continuadas em casa de sua tia e de

(1) Júlio Denis, *As Pupilas do sr. Reitor*, ed. cit., pág. 237.

sua prima, havia de vir à balha a história trágica da loucura de uma irmã de *Guida*, ao tempo ainda viva, mas sequestrada ao convívio familiar, que se atribuía à acção maléfica dos missionários.

Júlio Denis, como homem bom e de princípios inabaláveis de justiça, devia ser naturalmente inimigo dos fanatizadores daquele meio. Mas ousamos acrescentar que a influência das duas famílias e o caso da loucura da irmã de *Guida* devem ter forçado involuntariamente a mão do romancista a sair da sua compostura habitual e castigar os tais missionários com maior azedume. É, pelo menos, uma suposição bastante plausível.

Devemos contudo acentuar que Júlio Denis detestou sempre a hipocrisia. São bem significativas estas palavras que recortamos da *Família inglesa*, escrita antes das *Pupilas*:

«Acabara de facto o carnaval. Expirara essa época votada à folia e à loucura sem reboços e abria-se agora a da penitência e dos sermões.

«Em qual das duas há mais verdades, mascaradas sob falsas aparências, deixo aos moralistas decidir.»

Só as crenças na sua pureza, no que elas têm de mais elevado, prendiam o seu espírito de eleição.

A sua aversão aos fanatismos e intolerâncias, não podiam prejudicar, de forma alguma, a sua tendência a sublimar as almas boas que, à sombra da religião, se elevam em doces e suaves misticismos.

As crenças são, como as flores, excelentes pretextos para a poesia. E Júlio Denis, tanto em prosa como em verso, mostra sempre o seu temperamento de poeta. O mais puro lirismo floresce em cada página da sua obra.

Nos seus manuscritos há repetidas passagens dedicadas aos bons reitores, crentes e caritativos, de que deu o modelo na insinuante personagem das *Pupilas*. A poesia *O bom Reitor* aparece em vários dos seus manuscritos. Estamos em crer que a considerava uma das suas melhores composições. E é-o, de facto.

Numa outra poesia, inédita, *A Oração do Reitor*, perdida entre os seus apontamentos, faz-se a apologia de um pastor de almas que é um símbolo de perfeições e de bondade.

Não nos furtamos ao prazer de a transcrever para aqui. É como que um prisma a reflectir a religiosidade tal como êle a sonhava, como êle a queria, como ela esplendia a dentro das suas crenças:

«A noite era de inverno, húmida, escura e fria.
Soprava nos pinhais furiosa a ventania,
Imitando o bramir dum tormentoso mar.
Os sinos do mosteiro ouviam-se vibrar.

E, contudo, ninguém subira ao Campanário.
A alameda do ádmo e o morro do Calvário,
Onde se ergue imponente o sacro emblema — a Cruz —
Rasgando o negro véu, enchiam-se de luz
Quando do céu pesado o raio fuzilava:
Luz sinistra, fatal, como de ardente lava.

A aldeia repousava em plácido dormir;
Sono que não perturba esta ânsia do porvir
Que a vida nos consome, aos filhos das cidades;
Êste sonhar sem fim, estas vagas saúdaes
Sempre, sempre a fugir dum fantasiado bem
Que à nossa cabeceira acalentar-nos yem.
A alieia repousava. As cinzas da lareira
Onde há pouco inda ardia a paternal fogueira
Cujo grato calor as horas do serão
Ajudára a passar, frias, extintas são.
Porém na Residência um homem inda vela,
Pois que uma froixa luz, através da janela,
Parece estar dizendo ao povo que adormece:
— «Dorme, que o teu pastor de velar não se esquece!»

O pároco velava. As venerandas cãs
Pendientes sôbre um livro. Em orações cristãs
Iam-se, muita vez, assim, noites inteiras...
As contas do rosário eram-lhe companheiras.
Julgava-se êle então, o bondoso Reitor,
Mais próximo do céu, mais junto do Senhor!
E, Moisés do seu povo, ouvindo mais de perto
A palavra da lei que, no árido deserto,
O devia guiar por grandes provações,
Sentia então mais fé nas suas orações!
A estância humilde e nua do velho cenobita
Parece receber misteriosa visita
Sempre que, como agora, embebecido e só,
Lê, de David, um psalmo, um lamento de Job,

Páginas imortais dos Santos Evangelhos!
Pois houve quem o viu, caindo de joelhos,
Erguer, cheio de ardor, os olhos para o céu,
Como se, descerrando o impenetrável véu,
Que, aos olhos dos mortais, cobre o mistério augusto,
Lho deixasse encarar sem turbação nem custo.
Vivera a fazer bem. Envelhecera assim.
Eram-lhe distrações as flores do jardim,
O ensino da infância, a esmola aos indigentes
E o salutar conselho aos jovens e imprudentes.
Logo pela manhã, mal sentia o arrebol,
Ia-se para o monte, a ver nascer o sol,
E voltava a almoçar mais leve do que fôra,
Que a esmola o acompanhava e é grande gastadora.
Não sabia, o bom velho, há muito resistir...
Cedia-lhe sorrindo... Abençoado sorrir!
Sempre sóbrio e frugal, o santo sacerdote,
Quisera, muita vez, entesourar um dote
Para as filhas de Deus, órfãs de pai e mãe!
Socorria a chorar! Pois chorava também,
Sempre que chorar via, ou de prazer ou pena.
Em tudo reflectia aquela alma serêna,
Como lago tranquilo, ao tombar do escarcéu,
As nuvens reproduz que perpassam no céu...
Com que amor acolhia alguma alma perdida
Que o vinha procurar, um dia, arrependida!
Com que sentida fé lhe falava da Cruz,
Prometendo o perdão em nome de Jesus!

Quando à missa do dia, ao povo que o escutava,
Com voz trêmula já, da religião falava,
Na prática singela havia tal unção
Que vinham gravar-se fundas, no coração,
As palavras de amor, de paz, de tolerância.
E o povo procurava ouvi-lo com instância.

Tudo quanto dizia aprendia de cór,
Mas, solícito mestre, ensino inda melhor
Do que o ouvido ali, na cadeira do templo,
Prêgava alto e bom som com seu sublime exemplo.

Ora naquela noite, que parecia sem fim,
Com fê ardente e pura, o velho orava assim :

«Senhor, que, generoso,
Tôdas as aves nutres,
Os pérfidos abutres
E os brandos rouxinois !
Que juntas nos espaços,
Às nuvens das procelas,
Os raios das estrêlas,
A luz de imensos sóis !

«Que à borda dos abismôs
Fazes brotar a planta ;
Da flor que nos encanta
A áspide fatal ;
E a plácida corrente
Tornas, num simples gesto,
Em vórtice fremente ;
E a brisa em vendaval !

«Senhor ! quem pode, ousado,
Sondar os teus mistérios ?
Sombras dos cemitérios,
Acaso o podereis ?
Mas nós, cegos ainda,
Na sombra intensa, espêssa,
Curvemos a cabeça
A tuas santas leis !

«Por isso, se no mundo,
 Olharmos, surpreendidos,
 Os bons aos maus unidos,
 Unido o mal ao bem...
 Que os lábios se não manchem
 Na imprecação maldita!
 É lei que está escrita
 Em letras de ouro, além...»

«Além, por essa abóbada,
 Alta, sublime, imensa,
 Onde a alma do que pensa
 Se perde a meditar...
 Abramos, pois, os braços
 A todos igualmente.
 A Deus, a Deus sòmente,
 Compete êsse extremar.»

Nesta altura, o poeta conta que os sons de um alaúde, dedilhado na alameda vizinha (1), «vieram interromper a oração do bom Reitor». Uma voz, «repassada de saúde», entoava então uma canção de amor. Não podemos acompanhar, nesta parte, o manuscrito, por vezes incompleto e, por vezes, ilegível. A canção é dirigida a uma «pobre flor»:

«Pobre flor que, nos campos nascida,
 Entre moitas de humildes violetas,
 Tão saudável no campo vegetas,
 Sem um raio de fúlgido sol!

(1) A alameda que ficava junto da velha residência de Ovar e a que atrás faz alusão.

Pobre flor, solitária, ignorada,
Só a estrêla do céu te namora,
Só te beija o rócio da aurora
E te fala o subtil rouxinol!

Depois, pede-lhe que escute a voz do amor:

«Ai, se um dia escutares, atenta,
Essa voz, ó violeta da aldeia,
Essa voz que embriaga, que enleia,
Qual suave harmonia do céu,
Nova luz se fará na tua alma...
E, chamando-te à vida os sentidos,
Te abrirá os países floridos
Que inda envolve um tenuíssimo véu».

E segue neste tom.

O pároco, escutando estas endeixas, continua o poeta, ficou por algum tempo silencioso e apreensivo.

Mas a canção cessou e o velho Reitor segue com a prece:

Senhor! Bemdito sejas
Na tua majestade!
Por tôda a imensidade
Teu nome escrito jaz!...
E tu, soberba humana,
Lembra-te que és poeira...
E, na hora derradeira,
A sê-lo voltarás...

Por aqui terminamos a transcrição da incompleta poesia, uma das mais belas, da sua colec-

ção. Deve ter sido escrita em Ovar. A canção amorosa, pela maneira como é dirigida, anda em tórno do vulto lânguido da suave *Guida*, que Júlio Denis foi sacudir do sono tranqüilo da adolescência.

Êste poemeto mostra o aspecto religioso de Júlio Denis. Êle queria que as suas crenças tivessem a guiá-las ministros assim: raríssimos espécimes da legião eclesiástica. Poucos, em nossas terras, lhe poderiam hoje servir de môdêlo. Dos vivos que conhecemos — e nem tão poucos são! — desempenhando encargos paroquiais, apenas um que pastoreia almas numa pequena aldeia do concelho de Ovar podia enfileirar ao lado da sua galeria de «bons Reitores»!

Quem sabe? Foi talvez êsse contraste, que êle havia de encontrar pela vida fora, entre o padre-modêlo que descreve e os muitos que, por certo, conheceu e que, a cada momento, desmentem a doutrina que prêgam, que lhe abalou a sua religiosidade.

O facto é que as suas crenças foram esmorecendo como flores que se fôssem desfolhando.

Em 22 de Maio de 1870 escreve a Custódio Passos:

«Uma das coisas que me afinam é a exclamação de certa gente que não concebe que possa

viver de certa forma. Ora é boa! Também não concebo os mistérios do catolicismo e cá me vou conformando com êles, segundo posso, isto é, não pensando nisso». (1)

A dúvida, já esboçada na citação de pág. 16, torna-se aqui mais nítida.

Em 27 do mesmo mês, já entra pelo sarcasmo quando, ao mesmo Passos, escreve estas significativas palavras a propósito da situação Saldanha:

«As indulgências de Roma vão chover sôbre nós e o número de Sés, longe de se reduzir, como queria o mação do J. Luciano, vai quadruplicar, para maior glória e esplendor dessa coisa complicada que se chama Igreja Católica, Apostólica, Romana». (2)

E por aqui nos ficamos em citações a êste respeito. As crenças de Júlio Denis, mais fortes a princípio do que no declinar da sua saúde, foram sempre elevadas e altruistas. O seu Deus era a síntese sublimada das melhores virtudes, entre as quais ocupa o mais alto lugar a bon-

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., vol. II, pág. 244.

(2) Idem, *ibidem*, pág. 246.

dade, com que aureolou as almas que povoam os seus romances e foram dedicadas companheiras das suas lucubrações.

No campo da Arte é que as suas crenças eram fundas, definidas e precisas.

Numa das *Cartas para minha família*, escreve Júlio Denis:

«¿ Acabou pois a religião da Arte entre nós?

«¿ Pois não é a Arte uma religião também?» (1)

Respondemos, como êle, pela afirmativa e acrescentamos: foi esta mesmo a sua verdadeira religião.

Não era só a literatura — a sua maior paixão — que o prendia. A pintura, a que, por mais de uma vez, faz referências nos seus romances, e especialmente a música, eram Deusas do seu Templo. Citaremos uma passagem interessante da *Morgadinha dos Canaviais*:

«Henrique não resistiu a esboçar rapidamente o gracioso grupo (a *Morgadinha* lendo as cartas às raparigas da aldeia) na carteira que tra-

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., vol. II, pág. 76.

zia comsigo. Não pôde, porém, deixar de dar-lhe um sabor de idade média, substituindo a jumenta por um palafrêm de pura raça e dando à donzela, pelos trajos com que a desenhou, os ares de uma castelã rodeada dos seus vassallos.

«Não lhe bastou o natural do quadro, quis revesti-lo de um figurino de convenção. Perdôe-lhe a arte que julgou servir.»

Henrique é, como demonstraremos, a representação, no romance, de Júlio Denis. Esta passagem, porém, representa apenas uma aspiração. Em muitos dos seus manuscritos deixou o romancista alguns desenhos. Não era, positivamente, uma vocação! Não teria habilidade para tanto!

A música parece ser, depois da poesia e do romance, a arte preferida. Presente-se em toda a sua obra. Nas *Pupilas*, onde Júlio Denis nos aparece transfigurado em *Daniel*, canta, para afastar o aborrecimento que o invade, a ária de Genaro na *Lucrecia*:

«Di pescator ignobile
Esser figliuol credei.» (1)

Na *Familia inglesa*, descreve Júlio Denis

(1) Júlio Denis, *Pupilas do sr. Reitor*, ed. cit., pág. 136.



uma noite no Teatro de S. João com pormenores que mostram bem quanto estava ao corrente do movimento do teatro lírico do Pôrto.

Cantava-se a *Lucia*. Mr. *Richard Whitestone* não era assíduo freqüentador da ópera, mas

«Tendo já desesperado de ouvir no teatro do Pôrto música de compositores ingleses, como Haendel, Gray, Arnold, Bishop e outros, cujos nomes a cada momento citava com entusiasmo, resignava-se a afagar sômente o seu acrisolado patriotismo com ir ao teatro quando se cantavam aquelas óperas cujos libretos eram extraídos de algumas das obras primas da literatura inglesa.

«O *Otelo*, o *Macbeth*, os *Capuletos*, as *Prições de Edimburgo*, os *Foscaris*, o *Marino Faliero* e outras neste mesmo caso, lutavam vantajosamente com o seu muito amor pelo fogão e traziam a público aquela fisionomia, radiante de contentamento e expressiva de saúde, que o leitor já conhece.

«Preparava-se de ante mão, nessa tarde, re-lendo a obra que servia de assunto à ópera, e ia depois com vontade para o teatro.

«Não eram porém Rossini, Verdi, Bellini, Ricci e Donizetti os que o atraíam e enlevavam; era Shakespeare, era Byron, era Walter Scott, cujos vultos lhe parecia estar vendo no palco evocados, por sua vez, pelas mesmas persona-

gens que o génio déles tinha evocado outrora. — A música era o acessório. Os aplausos do público roubava-os Mr. Richard, por patriotismo, aos maestros, para os conferir àqueles seus famosos conterraneos.

«No número das tais óperas contava-se *Lucia de Lammermoor*. Assunto escossês, tratado por pena escocesa, e das mais admiráveis em desenhar tipos simpáticos e imortais, não era para Mr. Richard resistir-lhe. Havia de ir por fôrça.» (1)

Entre os seus inéditos, encontrámos um manuscrito que nos mostra Júlio Denis sob um novo aspecto: o de informador teatral. Intitula-se: *A respeito de Stradella*... Principia assim:

«Em vésperas de gozarmos uma nova composição de Flotow, o autor da *Marta*, mimosa ópera que tanto nos deliciou o ano passado, pensei que faria uma fineza aos leitores e leitoras do *Jornal do Porto* contando-lhes singelamente o entrecho da ópera romântica de Friederice, que o maestro alemão escolheu para esta sua nova partitura. Vou por isso dizer-lhes o que sei.

(1) Júlio Denis, *Uma Família inglesa*, ed. cit., pág. 199.

«A acção passa-se em 1600 em Veneza. Esta simples circunstância é suficiente para prevenir o público que não faltarão gôndolas, máscaras, serenatas, punhais e não sei se venenos, porque na soberba rainha do Adriático pelos modos não há festa que valha, onde não entrem estes ingredientes.» (1)

(1) Frederico Fernando Adolfo de Flotow, compositor alemão (1812-1883), não é dos autores musicais do nosso tempo. Escreveu muitas óperas, sendo a mais notável a *Marta*, que percorreu todos os teatros da Europa, tendo tido grande successo em Paris, onde se estreou em 1858 e mais tarde em S. Carlos e no S. João, do Pôrto. No seu largo repertório figura uma ópera com um motivo português: *O escravo de Camões*, que foi representada em 1843. Não sabemos se chegou a ser cantada em Portugal.

Alexandro Stradella, a ópera que serviu de tema ao artigo de Júlio Denis, tem por base a lenda que se criou em tórno dêste célebre cantor e compositor napolitano (1645-1678). Conta-se, a propósito da sua vida aventureira, que, um dia, quando uns assassinos o esperavam à porta de S. João de Latrão para o matarem, a orquestra rompeu dentro do templo, com as primeiras notas de uma das suas célebres *oratórias*. Comovidos, não tiveram coragem de assassinar *quem tais encantos derramava nas suas almas*, segundo refere o biógrafo donde extractamos esta nota. Bons assassinos, os dêsse tempo! Dois anos depois, porém, faltando-lhe a orquestra, sempre lhes caiu às mãos.

As suas composições chegaram até nós, sendo entre tôdas célebre a *Aria de Chiesa*.

Depois segue a descrição do enredo da peça, que não ousamos transcrever, a-pesar da leveza e curiosos comentários que o esmaltam. O artigo parece não estar completo.

Esta predilecção pela música de Flotow, e particularmente pela ópera *Marta*, que, ao tempo, fazia as delícias dos freqüentadores dos líricos da Europa, manifesta-a ainda Júlio Denis num outro inédito, *O Canto da Sereia*, delicioso romancezinho que, em parte, transcreveremos. Prestar-nos há valiosos subsídios no seguimento dêste trabalho.

De versos, preferia Júlio Denis os que se cantam aos que se recitam. Á música da palavra queria juntar a que é divinizada pelo canto. E assim é que muitas das suas composições métricas são escritas em versos de sete sílabas, os preferidos nos rimances e xácaras cantadas pelos menestrelis portuguezes.

Não podemos saber até onde ia a sua cultura musical; mas o que sabemos, pelos seus apontamentos, é que freqüentava, com uma certa assiduidade, o teatro lírico de S. João. O que deixamos exposto é o bastante para apreciarmos mais esta facêta do seu complexo temperamento de artista.

Júlio Denis amava as artes em si. Na literatura prendia-o sobretudo a idea, embora não desprezasse a forma.

Não o seduzia a crítica. Só uma ou outra

vez, e apenas em apontamentos íntimos, respondeu às que dirigiram à sua obra.

Tinha um círculo muito limitado de relações. Os autores e os homens célebres do seu tempo não o interessavam, excepção feita de Herculano e de Garrett.

Camilo e Ramalho Ortigão, por exemplo, que já marcavam no meio literário, não eram pessoas de sua simpatia. Em 10 de Fevereiro de 1869, escreve êle a Custódio Passos :

«Mas vamos ao caso: em meio da conversa annunciou-me êle (1), como uma grande nova, que o Camilo Castelo Branco estava também em Lisboa. Á vista da minha indiferença êle não pôde deixar de perguntar-me se eu não tinha relações com êle. *Poucas*, foi a minha resposta. Logo depois segunda noticia de polpa: o Ramalho Ortigão morava perto da casa para onde eu ia. A mesma indiferença da minha parte; a mesma pergunta da parte dêle, à qual eu respondi: *Algumas*. Que pensaria o homem consigo?» (2)

Com Ramalho Ortigão trocou Júlio Denis

(1) Tomás de Carvalho, que lhe prestou serviços em Lisboa.

(2) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., vol. I, pág. 212.

impressões em público, sob o pseudónimo de *Diana de Aveleda* no *Jornal do Pôrto*, de 25 de Fevereiro de 1863, a propósito de um folheto que, com o título *Coisas inocentes* (1), escrevêra o autor das *Farpas*. Ramalho respondeu-lhe, tomando-o pelo sexo do pseudónimo:

«Não me abalço eu» — diz Ramalho — «a decidir até que ponto um homem pode conhecer outro homem, e muito menos, se é possível que um homem conheça uma mulher.» (2)

A discussão não prosseguiu. Não acreditamos que essas cartas determinassem qualquer sombra de azedume entre os dois escritores, de moldes e estilos tão diferentes. Estamos em crer que apenas o antagonismo das duas formas literárias os separava.

Contudo, há uma referência em uma outra carta a Custódio Passos (14 de Outubro de 1869) em que duvida da sinceridade com que Ramalho o tratava, o que dá bem a nota do seu feitio reservado e até um pouco desconfiado:

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., vol. I, pág. 129.

(2) Idem, *ibidem*, vol. I, pág. 146.

«Vi o Ramalho Ortigão na Biblioteca da Academia. Correu para mim com os braços abertos e com uma expansão de me deixar *sensibilizado*. Achei-o adoentado; mais magro e sem côr...»

Mas tudo isto é pouco. No fundo, talvez fôsse apenas uma questão de antinomia sôbre processos diversos de fazer a mesma arte. Mas, em suma, mesmo entre individualidades dêste vulto, não se foge à regra dos *oficiais do mesmo officio*...

Não o interessava Ramalho, como o não entusiasmava Camilo. A respeito dêste é ainda mais expressiva a seguinte passagem de uma das suas cartas a Passos:

«Ainda outro fenómeno quasi do mesmo género. Ontem, descendo o Chiado, esbarrei cara a cara com não menor personagem do que Camilo Castelo Branco. Se fôsse no Pôrto, saüdar-nos-íamos muito cerimoniosamente e passaríamos. Aqui foi outra coisa. O *amável* romancista dirigiu-se-me com maneiras tão afáveis que dir-se-ia sentir um real prazer em me encontrar.

«Queixou-se-me por miúdo dos seus males físicos que o tinham obrigado também a vir a Lisboa; das suas apreensões a respeito duma suposta doença de espinha medular — e alguns

fundamentos tem para a suposição (1)—das canseiras que lhe tinha dado a doença de um filho, obrigando-o isso a continuada vigília; informou-se dos meus padecimentos, deu-me conselhos, sentiu do *coração* que a minha doença me não deixasse escrever, e terminou oferecendo-me a sua casa. Separámo-nos como grandes amigos, depois dum *tête-à-tête* de um quarto de hora.» (2)

Nestas palavras há um azedume que mostra qualquer reserva contra Camilo. O feitiço mordaz do brilhante escritor talvez se tivesse exteriorizado no Pôrto contra êle em crítica menos lisonjeira, em conversas de livraria. Nada conhecemos escrito que pudesse incompatibilizar, mesmo ao de leve, os dois grandes romancistas, a não ser que Júlio Denis não levasse a bem que Camilo Castelo Branco desse guarida, na *Gazeta Literária do Pôrto*, que dirigia, à crítica áspera e injusta de Andrade Ferreira, a que fizemos larga referência.

Júlio Denis publicou no *Jornal Nacional*, de 25 de Setembro de 1861, um artigo de crítica ao livro de Vieira de Castro sôbre Camilo

(1) Deveria querer referir-se ao tabes, que muitas vezes vem acompanhado de perda da visão.

(2) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., vol. II, pág. 213. Carta de Fevereiro de 1869.

Castelo Branco (1). É um elogio fervoroso ao trabalho, na verdade notável, pelo estilo e pela elevação, do erudito escritor.

Devemos acentuar que, em tôda essa apreciação, onde respiga, em transcrições, trechos do livro de Vieira de Castro, não há uma palavra de franco aplauso à obra do grande romancista biografado. É ainda interessante notar que Júlio Denis pôs em destaque, na sua crítica, as passagens que vão mais ao seu feitio de romancista:

«Quando nos fala do premeditado suicídio de Camilo, do seu refugiar-se nas escolas teológicas do Paço, dos seus contínuos sobressaltos, dos desalentos e esperanças que então lutavam no seu espírito, continua a admirar-se a pompa de estilo com que o sr. Vieira de Castro soube historiar. Cabe aqui dizer que o capítulo V é talvez o mais poético de todo o livro. Aquele romântico diálogo entre Camilo Castelo Branco e *Fanny Owen* é uma deliciosíssima harmonia.

«O leitor sente-se transportado às várzeas poéticas de Vilar do Paraíso, e ouve lá, com Vieira de Castro, a orquestra divina daquela natureza magnífica».

(1) J. C. Vieira de Castro, *Camilo Castelo Branco*, 2.^a ed., Pôrto, 1862.

Porque não passou Júlio Denis da apreciação do biógrafo para o biografado, como o fizeram os outros críticos do livro de Vieira de Castro? É difícil responder. Mas quere-nos parecer que o feitio agressivo de Camilo devia ter concorrido para isso. (1)

Numa das suas cartas dirigidas a seu primo José Joaquim Pinto Coelho, escreve Júlio Denis:

«No outro dia achei graça a mim mesmo. Tinha o Diogo vindo visitar-me e estava sentado à janela do meu quarto e eu a pouca distância. No meio da conversa êle interrompeu-se, bradando para a rua:

«— Adeus, ó Saraiva, como vai isso?»

«Era o Saraiva de Carvalho que passava.

«Bastava-me erguer um pouco a cabeça para ver o homem, vulto notável da facção Viseu.

(1) Ao contrario Camilo Castelo Branco deixou a seguinte nota á margem de um volume da *Familia inglesa*, que possuímos:

«No entanto, Gomes Coelho foi um notabilissimo romancista e transluziu nos livros o adorável espirito que tão cedo se foi a melhor vida.»

Esta frase mostra como Camilo penetrou a obra de Júlio Denis dando, num relance, dois dos seus mais interessantes aspectos.

Pois não me mexi porque naturalmente não senti vontade de fazê-lo. O Diogo como que estranhou a minha indiferença, porque me perguntou:

« — Tu conheces o Saraiva de Carvalho ? »

« Respondi-lhe que não. Êle não disse nada, mas creio que não pôde conceber um tal grau de indiferentismo ».

Este desinterêsse pode justificar, em grande parte, as fracas relações que manteve com os escritores a que fizemos alusão. As celebrações não o seduziam e menos ainda as políticas, a quem, por várias vezes, fêz referências pouco lisonjeiras. Não as tomava a sério.

Júlio Denis não tinha, positivamente, vocação para adulator!

A síntese da sua vida afectiva, no mundo das relações, concretizou-a numa frase, a propósito de Byron, na *Família inglesa*:

« Os instintos da águia são mais altos e heróicos do que os das pombas; mas nós todos queremos as pombas mais perto de casa e não nos consolaria tanto a vizinhança da águia, embora nos excite mais a curiosidade quando, uma ou outra vez, a fitamos ».

II

«CARLOS WHITESTONE» E JÚLIO DENIS

HÁ uma frase do romancista, numa das suas cartas familiares, que deve ser aqui recordada:

«Eu encarno-me nas minhas personagens antes de as desenhar. Suponho-me elas, faço-as pensar o que a mim me parece que pensaria em tal caso, obrigo-as a dizer o que eu diria porventura em identidade de circunstâncias».

Nesta orientação, êle atravessa tôdas as cenas nas frases de todos os interlocutores; mas não se representa em todos êles, visto que são diversos os seus caracteres. A sua intervenção, no sentido que êle próprio nos define, sente-se em tôda a obra, joeirando o diálogo de tudo

o que, fundamentalmente mau, poderia surgir no desenrolar das scenas descritas.

Júlio Denis vive, porém, em algumas das suas personagens com tôdas as suas virtudes e pequenos defeitos. Espírito observador, copiando sempre as personagens do natural, não desprezou o modêlo que tinha mais à mão.

Psicólogo arguto, procurou em si matéria para as investigações mais delicadas. Êle surge, por isso, nos seus romances representado em diversas personagens.

Não queremos, com isto, dizer que êle se copiasse inteiramente.

Por vezes, como succede no encadeamento dos sonhos, substitui-se por um amigo, por um conhecido, por alguém que retine alguma das qualidades necessárias ao desenvolvimento da scena. Mas, no desenrolar do romance, volta a retomar o papel, pouco tempo antes abandonado, e lança-se num estudo autobiográfico íntimo.

Mas é preciso não exagerar. Há quem pretenda vê-lo, por exemplo, transfigurado, na figura trágica do velho médico *Jacob Granada*, em *Uma flor dentre o gêlo*, que é, para nós, uma das mais interessantes novelas da literatura portuguesa.

Faltam-lhe muitas características. A sua tendência é para se mostrar um pouco como era, melhorado no fisico e idêntico ou ligeiramente piorado no moral. Fraco, franzino, mas sem

deixar transparecer a particularidade da doença que o torturava. Êsse pesadêlo afastava-o. Adentro dos seus romances mostra-se numa aspiração larga de vida e de ventura. Em *Jacob Granada* só podia admitir-se o *simile* substituindo a velhice pela doença. Nunca o faria.

Sentimo-lo, cheio de mocidade e de alegria, no estroina e dodivanas do Pôrto, *Carlos Whites-tone*, da *Familia inglesa*; adivinhámo-lo, na *Morgadinha dos Canaviais*, em *Henrique de Souzaelas*, vindo de Lisboa, cansado da cidade, doente de nervos, prêso ao *spleen* dos ociosos, reconciliando-se com a vida ao respirar o ar tonificante da montanha; vêmo-lo, finalmente, quási sem disfarce, como que retratado, em tôdas as scenas das *Pupilas*, na figura insinuante e amorosa de *Daniel*.

Em muitas outras das suas obras, desde as comédias inéditas da primeira fase de escritor, aos contos e aos esboços literários, obras póstumas que viram, em parte, a luz da publicidade no volume *Inéditos e Esparsos*, êle aparece em passagens que recordam aspectos particulares da sua vida, onde é fácil surpreendê-lo em flagrante.

Leiam êsses dois pequenos capítulos do conto incompleto *A vida nas terras pequenas* — e apenas faremos esta citação — e concluirão que *Estêvão de Urzeiros* é, com o pequeno disfarce da falta de pergaminhos escolares, o próprio

Júlio Denis, condenado a ser médico de partido em terras de província.

A irmã que o acompanha é alguém que o seguiu de perto na sua vida e a que nos referiremos daqui a pouco.

Mas falemos da *Família inglesa*.

Nesse romance, que deve ter começado a escrever aos 19 anos, representa-se Júlio Denis em *Carlos Whitestone*, síntese das suas tendências e qualidades juvenis. Mais do que isso: retrata episódios da sua vida íntima familiar.

Cecilia é a finalidade do romance. Não sabemos se existiu, de facto, na sua vida de devaneios, mas pela insistência com que o seu nome se repete, especialmente nas cartas publicadas sobre impressões do campo, no *Jornal do Pôrto*, estamos em crer, como já acentuámos, que oculta o nome verdadeiro de alguém que, por momentos, o prendeu.

Seja como fôr, *Cecilia* é, no romance, uma figura de relêvo, mas que não excede nem a de *Mr. Richard Whitestone* nem a de *Jenny*.

O pai de *Carlos*, o fleumático súbdito da rainha Vitória, como refere o romancista, era um homem bom, mas frio; de elevada moral, mas sem a sensibilidade exagerada dos meridionais; era «sincero, franco, às vezes rude, nunca mesquinho e vil».

«Alheio e pouco propenso à metafísica» —

diz Júlio Denis — «não o namoravam as transcendentales questões de filosofia que preocupavam doentiamente as inteligências da época; todo votado à contemplação da face positiva da vida, se não se arroubava, como os exaltados optimistas, a considerer nos destinos futuros da humanidade, evitava também o estorcer-se nas garras do demónio da hipocondria, como se estorcem tantos, a quem prolongadas meditações sôbre os males que perseguem o homem acabam por envenenar o pensamento».

Êstes comentários são, no fundo, a descrição de alguém que apresenta qualidades opostas às do romancista. Noutras passagens aproxima-o, porém, das que eram seus atributos. Assim, referindo-se à delicadeza de certos requiebros de linguagem e a certas subtilezas de galanteios, escreve Júlio Denis:

«A delicadeza que êle (*Mr. Richard*) praticou não era de facto essa. Fazia-a consistir tôda, a sua, nos sentimentos e nas acções inspirados pelos eternos e invariáveis ditames da consciência e da razão, superiores, portanto às flutuações caprichosas da moda. Era uma delicadeza natural». (1)

(1) Júlio Denis, *Uma Família inglesa*, ed. cit., pág. 8.

Estas duas passagens mostram, em confronto com o carácter de Júlio Denis, um afastamento e uma aproximação.

Apassionado cultor da filosofia, sendo tôda a sua obra, através de uma linguagem simples e corrente, fundamentalmente psicológica, desprezando ou tendo em menos conta os problemas positivos da vida, antes embalsamando-a nos deleites de uma atmosfera de arte e de beleza, deixando-se muitas vezes perder em divagações melancólicas, produto da sua doença e do ambiente literário em que viveu, era como que a antítese de *Mr. Richard*. Mas já o não era no campo das qualidades morais que a ambos congraçava.

Descreve *Carlos* nestes precisos termos :

«Inglês pelo sangue, meridional pelo clima onde vira, a primeira vez, a luz do dia, onde passára a infância, onde sentira as primeiras comoções da adolescência, o despertar da vida do coração, tinha um carácter que se ressentia desta, de alguma sorte, dupla nacionalidade.

«Da península recebêra o entusiasmo, a viveza de imaginação, a impetuosidade de sentimentos que raras vezes reprimia; vinham-lhe da Gran-Bretanha a fôrça de vontade, a pertinácia, o estoicismo com que, em certas ocasiões, surpreendia a quantos julgavam conhecê-lo; vinham-lhe até, da mesma fonte, algumas excen-

trícidades de manifesta herança paterna — eficaz inoculação de britanismo que não lhe consentiria mentir à origem, se alguma vez o tentasse». (1)

Ora esta descrição é quasi uma autobiografia de Júlio Denis. Sua mãe era filha de pais ingleses; não podia, portanto, negar a origem inglesa. Dois dos seus costados foram nados na Gran-Bretanha.

Não lhe faltava, sobretudo aos vinte anos, idade com que ali se representa, nem entusiasmo, nem viveza de imaginação, tão largamente demonstrada através da sua obra, nem mesmo um pouco de impetuosidade de sentimentos, que nem sempre reprimia e que, sob o aspecto amoroso, fêz com que deixasse, pelo menos em Ovar, onde, dentro em pouco, o iremos estudar, saúdades que, durante longos anos, perderam. Por outro lado, era pertinaz, como o demonstra a vastidão da sua obra, em luta com a doença que, pouco a pouco, lhe vinha arrebatando fôrças e energia; e o seu estoicismo foi, muitas vezes, posto à prova nas horas amargas que lhe entenebreceram a existência.

Prossigamos na transcrição:

«Ainda que algum tanto estouvado, não dei-

(1) Júlio Denis, *Uma Família inglesa*, ed. cit., pág. 18.

xava por isso Carlos de possuir um generoso e compassivo coração, alma sensível a todos os infortúnios, olhos a que a piedade não permitia serem estranhas as lágrimas.

«Se, por acções mal refreadas, por palavras irreflectidas, as fazia também verter, era êle o primeiro a acusar-se, a compadecer-se, a procurar enxugá-las por tôda a qualidade de sacrificios».

Carlos é o Júlio Denis dos vinte anos.

Os chamados dotes do coração, atestam-no, como vimos, todos os seus biógrafos, possuía-os Júlio Denis em elevado grau e da mais fina têmpera. Basta reler as transcrições que atrás fizemos e em que as suas qualidades affectivas são postas em justo relêvo.

Um pouco estouvado talvez, pois raros deixam de o ser, por anomalia, nessa idade, muitas vezes sentiu o remorso das suas levianidades.

É cheia de interêsse a seguinte nota psicográfica que lêmos, atribuida a *Carlos*, mas que é bem o seu modo de sentir:

«O sangue dos vinte anos fazia doudejar aquela cabeça; os instintos generosos faziam o tormento daquele coração, porque se uma, em momento de exaltação, conseguia romper com as generosas repugnâncias do outro, a reacção

era infalível e êste, mais tarde, a obrigava a arrepender-se, descobrindo e exagerando até as nem sempre remediáveis conseqüências dos seus desvarios e caprichos». (1)

Que de verdade há nesta observação de um adolescente de bom fundo moral!

Carlos e Júlio Denis ajustam-se inteiramente nesta dualidade de sentimentos, que, passados os arrebatamentos dos primeiros anos, entram definitivamente em equilíbrio pelo predomínio de um sôbre o outro. Em *Carlos* há sempre a prevalência da generosidade sôbre os desvarios. É o que ressalta também do estudo biográfico de Júlio Denis.

Uma última referência à psicologia de *Carlos*.

Um dia, *Jenny*, a sua irmã querida, viu-o arremessar de si, com manifesto enfado, um livro que estava lendo. Era um volume das obras de Byron, que Júlio Denis, diga-se de passagem, compulsava repetidas vezes.

«— Que é isso?— perguntou *Jenny*, sorrindo.— Que má vontade é essa hoje contra um autor que tanto aprecias?

«— Impacienta-me às vezes êste poeta lord, para te falar sinceramente. Há tanta amargura

(1) Júlio Denis, *Uma Família inglesa*, ed. cit., pág. 19.

e tanto sarcasmo em algumas destas páginas que, pouco a pouco, nos fazemos maus, depois de uma aturada leitura dêsses admiráveis poemas. É sublime, mas é desconsolador. Leio-o com a cabeça atordoada, mas com o coração constrangido.» (1).

Esta apreciação, tão cheia de verdade, é a apologia daquela bondade que é a característica dominante do modo de ser psíquico de Júlio Denis.

O que deixamos escrito demonstra bem que o romancista se autobiografou na personagem do protagonista do seu romance.

Mas há mais provas a aduzir.

Já noutro lugar nos referimos às relações de Júlio Denis com seu pai, que os temperamentos distanciavam. Eram sinceramente amigos e dedicados; contudo, não tinham a intimidade das mútuas confidências. Havia gostos, predilecções e modos de ser que os obrigava a reservas nas suas relações de todos os dias. O romancista exprime-o de uma maneira perfeita na *Familia inglesa*. Sòmente as referências são feitas a propósito de *Mr. Richard Whitestone* e de *Carlos*:

«Entre Carlos Whitestone e o pai existia um

(1) Júlio Denis, *Uma Familia inglesa*, ed. cit., pág. 255.

cordial e puro affecto, ainda que disfarçado, em ambos êles, sob aparências de frieza e de reserva, da mais genuína índole britânica.

«Raras vezes se procuravam os dois e sempre que, nas ocasiões ordinárias, se viam juntos, poucas palavras trocavam. Quando mais sôlta se desenvolvia a loquacidade de Mr. Richard, na presença do filho, era ao saborear os últimos cálices, depois do jantar de família; mas ainda então, a conversa quási se reduzia a uma espécie de extenso e variado monólogo recitado por aquelle e interrompido por êste, apenas com algumas frases de assentimento, em que predominavam os *Yess*, ao mesmo tempo que os lábios se armavam de um sorriso de complacência — nem sempre segura fiança de atenção».

Em seguida, faz Júlio Denis o estudo psicológico do protagonista do romance:

«Carlos respeitava o pai, amava-o até com extremos capazes de lhe inspirarem os maiores sacrificios, e contudo evitava-o, como se, junto dêle, se não achasse à vontade. E não achava, de facto.

«Possuía Carlos um dêstes génios que não suportam constrangimentos; ou hão de romper com êles, ou evitá-los.

«Calava-se, onde não podia abandonar-se

aos caprichos de uma conversa fútil; entristecia onde lhe fôsem estranhadas as expansões de uma alegria infundada, de um dêsses irresistíveis júbilos de criança que, como tal, em juvenilidades se revela. Dessem-lhe a liberdade de poder ser estouvado, vê-lo-iam talvez sisudo; mas, forçado a isto, tornava-se sombrio e de mau humor».

De *Mr. Richard* diz o romancista:

«Êste, de seu lado, não amava menos extremosamente o filho; para as verduras da mocidade era indulgente como, em tempos passados, desejara e precisara que fôsem também consigo; e Deus sabe que esforços lhe custavam até êstes sisudos ares de convenção, tão opostos ao fundo de desafogada jovialidade do seu carácter e que não conseguiam dissipar o sorriso que tinha como que esteriotipado nos lábios» (1).

Tôda esta descrição está de acôrdo com as informações que chegaram até nós das relações íntimas de Júlio Denis com seu pai. É uma reprodução trasladada para as duas personagens do romance, da vida familiar do escritor.

(1) Júlio Denis, *Uma Família inglesa*, ed. cit., pág. 20.

E dizemos da vida familiar porque, sob outros aspectos, ali a encontramos ainda. *Carlos e Jenny*, os dois irmãos queridos, recordavam, repetidas vezes, a saúde que lhes deixara a mãe que perderam quando ainda crianças, ao que se associava *Mr. Richard*:

«Jenny, conhecendo por experiência as predilecções paternas, abriu a colecção dos *Cantos populares* de Russel e procurou uma poesia de Morris, a qual tanto o pai como o irmão ouviam sempre com piedoso recolhimento.

«O motivo desta atenção estava sobretudo na letra, que parecia feita de propósito para avivar, em tôda esta família, saúdades da vida passada. Foi a meia voz, mas com verdadeiro sentimento, que Jenny cantou essa poesia intitulada a *Bíblia de minha mãe*, cuja tradução é a seguinte:

«Este livro é tudo quanto me resta dela! Ao vê-lo, sinto rebentarem-me irreprimíveis as lágrimas dos olhos; com os lábios trémulos, com a fronte turvada, aperto-o ao coração. É esta a árvore de família à sombra da qual já muitas gerações se têm abrigado.—As mãos de minha mãe folhearam esta Bíblia; foi ela mesma que ma legou ao expirar.

«Ai, como me estão lembrando aqueles, cujos nomes me vêm de envolta com estas memórias! Tantos que, em tórno do lar, costuma-

vam reünir-se após a oração da tarde, a conversar no que dizia êste livro, em um tom que me calava no íntimo do seio; há muito que êles estão com os mortos silenciosos; mas sinto-os viver ainda aqui.

«Meu pai lia êste livro sagrado aos filhos, às filhas, à família tôda! Como era serêno o olhar de minha mãe ao curvar a cabeça para escutar a palavra de Deus! Aquela figura angélica! Ainda a estou a ver! — Que memórias me ocorrem em tropel neste momento! — De novo parece reviver, dentro das paredes dêste quarto, aquele pequeno grupo.

«Tu, ó Biblia! és o mais seguro amigo do homem!

«Eu tenho já experimentado a tua constância! Quando todos me traíam achei-te fiel; vi em ti um conselheiro, um guia! As minas da terra não possuem tesouro que me compre êste livro. Ensinando-me a maneira de viver, êle também me ensina como se deve morrer» (1).

Ouviam a poesia *Carlos e Mr. Richard* com a comovida unção de quem divisava nos versos de Morris uma oração à memória da que fôra

(1) Júlio Denis, *Uma Família inglesa*, ed. cit., pág. 190.

a Senhora da casa, a espôsa e a mãe queridas. E ainda a identificação das duas personagens *Carlos* e *Júlio Denis*. Ao lado também se reproduz a figura austera de seu pai, o dr. José Joaquim Gomes Coelho, na de *Mr. Richard*.

As predilecções amorosas de *Júlio Denis* recaem, como dissemos, nos seus romances, em órfãs de mãe. E êsse um motivo de natural atractivo. Na *Família inglesa* escreve a *Cecília* esta frase:

«Se crê que a memória de minha mãe é para mim de tantas adorações e saúdades, como as que se apoderavam do coração de *Cecília* e lhe transluziam no rosto quando a vi ajoelhada no túmulo da sua, pela memória de minha mãe lho juro também. Que mais quere? Que mais exige?»

Júlio Denis transpôs, como nenhum outro autor português e poucos estrangeiros, para a sua obra literária, tôda a sua sentimentalidade, de um grande e superior requinte, sem a saber disfarçar nem ter necessidade de a deformar. Êle dissecou, ousadamente, o seu complexo afectivo.

Aos críticos que possam apreciar com menos bom humor esta orientação, responde o próprio *Júlio Denis* nos seguintes termos, que extraímos ainda da *Família inglesa*:

«Não está em moda trazer o coração à vista.

É costume tratar, como ridículas, tôdas as manifestações de sentimentos; consideram-se como pequenas fraquezas que, como milhares de outras, só se devem confiar à discreção das quatro paredes do nosso quarto» (1).

Jenny, a companheira sentimental de Júlio Denis, a sua irmã e conselheira, não é um produto de fantasia.

Existiu, viveu a seu lado, desempenhou através da sua vida um lugar de grande destaque na sua affectividade. É provável, mesmo, que, quando Júlio Denis tivesse os vinte anos do *Carlos* do romance, a sua influência fôsse mais manifesta ainda.

Queremos referir-nos a sua prima e madrinha D. Rita de Cássia Pinto Coelho.

As cartas que lhe dedica e a que atrás fizemos larga referência são a prova do que afirmamos. Viveu muito à sua sombra e entregue aos seus cuidados de madrinha, pois apenas os separava catorze anos de idade. Era, por isso, excessivamente nova para a poder considerar como uma segunda mãe e tinha anos a mais para poder pensar nela para sua noiva. Tomou-a, de facto, como irmã mais velha, carinhosa e boa. É a confidente das suas esperanças, dos receios in-

(1) Júlio Denis, *Uma Família inglesa*, ed. cit., pág. 35.

fundados, dos segredos do coração, semelhantes àqueles que *Carlos* confia a *Jenny* na *Família inglesa* e de alguns que transpiram das poucas cartas que lhe dirigiu e que chegaram até nós:

«É para mim um prazer inexprimível receber cartas do Pôrto, — escreve Júlio Denis a sua madrinha — sobretudo aquelas em que foi colaborador o coração e nas quais transparecem sôbre o papel as efusões da alma, sem as reservas ridículas, impostas por uma mal entendida gravidade.

.....

«Estas pequenas confidências que indiferentemente chamam futilidades, são entre pessoas que se estimam e compreendem, assuntos de agradáveis conversações.

«Eu também sinto aspirações iguais às suas; também quisera por futuro a vida tranqüila do campo e os affectos de uma família eleita pelo coração para satisfazer esta necessidade de viver por os outros e para os outros, que é um dos impulsos mais irresistíveis da natureza humana.» (1)

— Este tom de intimidade fraternal, que se sente

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., tom. II, pág. 110.

a cada momento em tôdas as cartas publicadas e dirigidas a sua madrinha por Júlio Denis, vem em apoio da minha suposição de que a *Jenny* do romance *Uma Família Inglesa* não é outra senão D. Rita Pinto Coelho, a *Ritinha* das suas cartas, a amiga inseparável desde a infância e que, através da vida, sempre o seguiu e acompanhou, quer nas horas de triunfo, quer nos momentos de infortúnio.

Há passagens, nas suas cartas, que podiam ser encastoadas no romance. Esta, por exemplo:

«Estou-lhe em dívida há já bastante tempo. Se não fôsse confiar na bondade do credor seria com verdadeiras apreensões que hoje lhe iria falar. Mas conheço-o há tanto que me não falece o ânimo ainda. As suas cartas são-me em extremo agradáveis; fala-se muito nelas em coisas do coração e eu, por enquanto, fraqueza própria da idade, ainda não pude habituar-me a fazer menos caso d'este órgão, tão desprezado hoje em dia».

Esta carta é dirigida de Ovar e tem a data de 17 de Junho de 1863, quando Júlio Denis juntára mais quatro anos à idade em que se representa em *Carlos*. Não deixa de oferecer também interêsse esta outra passagem:

«Mas desta vez o meu coração pouco tem

a dizer de novo. Repetir os sabidos protestos de amizade que sente e que, desde os primeiros anos, sentiu germinar dentro em si, seria insistir em assuntos sabidos e a inteligência não lhe agradeceria o auxílio na confecção desta carta. Novos sentimentos a revelar, uma dessas confissões gerais, feitas de amigo para amigo...» (1)

Nada mais significativo. Devemos notar que a *Ritinha* era dada a assuntos literários. Como comprovámos (2), escrevia versos e interessava-se pela vida literária do seu afilhado. É ainda Júlio Denis que no-lo diz numa das suas cartas:

«Novamente me quis proporcionar o prazer de ler uma carta e pela minha parte novamente lhe agradeço também os momentos de inefável e suave gozo que ao lê-la experimentei. A amizade faz-lhe ver nas que recebe de mim um merecimento que elas por certo estão muito longe de possuir; mas essas próprias expressões que eu reconheço imerecidas são-me em extremo gratas por me provarem evidente-

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., vol. II, pág. 115.

(2) Vol. I, capítulo XII, *Poesias íntimas*, pág. 199.

mente quanto me devo ufanar dos sentimentos que as ditam.» (1)

Amizade, afinidades sentimentais, as mesmas predilecções artisticas e, sobretudo, uma inteira e recíproca confiança, são as características que definem a mútua simpatia que se tributavam.

São bem significativas estas confidências, a que ainda voltaremos a referir-nos:

«E já que falamos nisto» — escreve Júlio Denis, de Ovar, em 13 de Julho de 1863 —, «na última carta sua disse-me que voltasse breve para o Pôrto e que não levasse muitas saúdades de Ovar. Essas, peço-lhe agora que mas deixe levar num cantinho da bagagem.

«Passar mais de dois meses longe do Pôrto e da companhia daquelas pessoas que mais estimo e no fim de tão longa ausência voltar sem uma recordação saúdosa como recompensa dela, seria infelicidade de mais. Deixe-mas levar; é um pequeno ramo de flores silvestres que destino para o meu cofre de recordações; pouco lugar ocupam e o perfume que exalam é tão disfarçado e subtil que poucos o perceberão. Há flores assim que só os sentidos muito deli-

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., tom. II, pág. 112.

cados lhes reconhecem o perfume e, se certos sentimentos se podem dizer flores dalma, também nem todos os sentidos interiores estão educados para os pressentir.

«Mas a Ritinha há de reconhecê-las e de-certo não rirá da pobreza do meu ramo. Para quem gosta de-véras das flores, nem só as dos jardins são de apreciar; as pobres que nascem sem cultura pelos campos têm às vezes mais suave perfume no meio da sua singeleza.» (1)

Esta confissão dos seus devaneios amorosos, embora ligeiramente disfaçada na forma, é uma prova de confiança absoluta em sua madrinha. Exactamente como a que *Carlos Whitestone* depositava em sua irmã *Jenny*.

Tudo isto identifica de tal maneira as personagens do romance com as duas pessoas que vimos pondo em destaque, que não é ousadia afirmar que elas se encontram retratadas naquelas, apenas com as alterações indispensáveis à acção do romance.

Esta confissão de Júlio Denis é ainda a prova de que êle, em Ovar, se deixou prender por alguém que, se foi esquecida, o teve sempre no pensamento como a melhor recordação do

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., tom. II, pág. 117.

passado. Júlio Denis desvenda um pouco nessas palavras o segrêdo do seu melhor romance, as *Pupilas*, aquele que mais viveu e em que mais completamente se integrou.

Os hábitos de Júlio Denis, aos 20 anos, deviam sêr parecidos — por certo um pouco mais exagerados — com os que tinha aos 22 anos. E de 1861 a 1862 encontrámos nos seus apontamentos particulares, num rol de despesas, umas notas que recordam um pouco a vida de *Carlos Whitestone*.

Vê-se, nessa enumeração, que Júlio Denis era freqüentador do teatro de S. João, onde, em 1861, ouviu as seguintes óperas:

Baile de máscaras (duas vezes), *Polliuto*, *Beatriç*, *Roberto do Diabo*, e, em 1862: *Norma*, *Ernani*, *Barbeiro de Sevilha*, *Marta*, *Lucrecia*, etc. (1).

Também *Carlos* freqüentava o lirico.

Verifica-se, pelos apontamentos, que Júlio Denis não tinha assinatura da época.

Também não consta do romance que *Carlos*

(1) Pagava os seus bilhetes primeiro, a 500 réis (1861) e depois a 875 réis (1862). É, pelo menos, o que consta dêsse livro. Há também apontada a despesa de um libreto da ópera *Ballo in Maschera*. Foi comprado por 180 réis em 1862, sendo de notar que Júlio Denis ouvira essa ópera pelo menos duas vezes em 1861 e de novo em 1862.

a tivesse, mas não faltava às óperas da sua predilecção, ou possivelmente às que eram melhor cantadas.

Tudo isto parece que pouco pode significar; contudo é mais um elemento de identificação.

O exame destes apontamentos particulares esclarece-nos ainda sobre um outro ponto: é que Júlio Denis freqüentava os bailes de máscaras da cidade. Parece que este género de divertimento lhe não desagradava. E tanto que lá aparecem, por duas vezes, correspondentes a dois carnavais, embora sem indicação de datas precisas, apontadas as verbas destinadas a estes divertimentos (1).

Por prazer, ou por estudo, andou Júlio Denis por êsses bailes. Ora, como se sabe, a scena inicial, iamos a dizer fundamental do romance *A Família inglesa*, decorre num baile de máscaras.

Um dia, dizendo nós a pessoa que muito venera a memória de Júlio Denis, sua parenta afim, que êle devia ter sido o *Carlos da Família inglesa*, foi-nos observado:

— Mas Júlio Denis era tão sossegado, tão metido comsigo...

(1) De uma das vezes 750 réis e de outra vez 1.250 réis.

— É certo, retorquimos, mas não aos vinte anos. Nessa idade não há misantropia que vença os ímpetos da juventude.

Podemos ainda confirmar a nossa maneira de pensar no estudo das poesias íntimas de Júlio Denis, retratos fiéis da sua vida na idade em que se representa na *Família inglesa* (1).

É do conjunto de todos estes pequenos factos que tiramos a conclusão de que o romancista se representou, no ardor dos seus vinte anos, na figura insinuante de *Carlos Whitestone*.

(1) Releia-se a poesia íntima (capítulo XII do I vol.) referente ao ano de 1860, pág. 212.

AS «PUPILAS» E A «MORGADINHA»

ESTUDEMOS, em primeiro lugar, as origens dêstes admiráveis romances de costumes populares: as *Pupilas* e a *Morgadinha*.

Ambos êles nasceram em Ovar, o período de maior actividade do romancista. Um foi ali gerado e não mais pôde desapegar-se do meio e da terra onde foi escrito. O outro tem grandes elementos tirados da vida vareira, mas contém personagens e paisagens que foram estudadas fora dali. Em pouco se semelham. Os meios em que se desenvolvem são diferentes. Um é o romance campesino típico, bucólico e aldeão. O outro, embora a acção decorra ainda na aldeia, passa-se num meio mais elevado.

No primeiro sente-se o campo, as scenas populares, as festas rurais: o outro tem por teatro salas discretas de famílias da provincia. Ambos têm elementos comuns, mas o romancista, enveredando por caminhos diferentes, soube por tal forma diferenciá-los que, à primeira vista, parecem de origens inteiramente diversas.

No desenvolver dêste trabalho teremos occasião de demonstrar que a *Morgadinha dos Canaviais* tirou de Ovar as personagens mais importantes e algumas das scenas mais interessantes.

Entre os manuscritos de Júlio Denis encontramos dois trabalhos incompletos, sendo um, em parte, a cópia do outro, que merecem ser aqui apreciados.

Num dêesses manuscritos, o autor, depois de fazer a apologia da vida na aldeia, assunto que aborda em algumas passagens das suas obras, e que para êle «é o manancial de que têm que socorrer-se os romancistas ávidos de originalidade que desejem aproveitar tipos e personagens hoje quasi esquecidos», escreve o seguinte:

«E disso se poderia gabar quem há cinco anos fôsse admitido na sala de recepção da sr.^a Morgada das Fontainhas, D. Dorotea de Melo Caragena e Sousa de França e Albergaria, às horas em que se tomava o chá. O solar da septuagenária, representante de tantos nomes illustres,

ficava situado nos subúrbios da vila de Ovar, pátria da nobre fidalga, e onde seu pai foi capitão-mor em tempos cuja memória arrancava, a cada passo, do peito de D. Dorotea um suspiro de saúdosa significação.

«D. Dorotea não tinha cabedal para sustentar com o devido esplendor e galhardia a sua árvore genealógica tão carregada de nobilissimas produções; era-lhe insuportável a vista do luxo que ostentavam famílias cujos mais próximos ascendentes não se cobriam diante dos seus; e, na impossibilidade de os sobrepujar em luxo e magnificências, ela preferia encerrar-se em uma quási completa reclusão, sob o pretexto de um desapêgo ao mundo e descrença em coisas e pessoas, digna, tanto na manifestação como na sinceridade, dum dos nossos scépticos de vinte anos.

«Enclausurava-se, pois, D. Dorotea com as suas pratas, os seus vestidos, cuja moda estava esquecida há vinte anos, os seus gatos, os seus criados e os seus móveis, e lançava, da sua clausura, olhares de soberano desdém para o resto do mundo.

«O acesso às salas desguarnecidas da aristocrática Morgada era difficilimo. Freqüentavam-nas, a titulo de amigos, apenas um padre meio fidalgo, dois velhos fidalgotes, igualmente illustres e igualmente pobres, que passavam o tempo a consumir os restos de uma fortuna que de-

mandas e hipotecas haviam, de ano para ano, reduzido em proporção assustadora; a título de familiares, que nunca se deviam esquecer do favor que recebiam nisso, sob pena de lhes ser lembrado, com severas admoestações, um boticário da vila e um doutor que ajudava a Morgada a perder várias demandas e lhe preparava o andamento de outras.

«O lugar onde, de ordinário, se reünia esta escolhida assemblea, era uma pequena sala quadrada, de soalho nu e carcomido, teto de castanho pintado de branco, e altas paredes que uma série de quadros adornava, de caixilhos negros, contendo umas péssimas litografias, escandalosamente coloridas, das passagens mais interessantes da parábola do filho pródigo.

«A mobília desta sala mostrava uma variedade prodigiosa; o canapé de mogno era flanqueado por duas cadeiras de pau preto de estilo inteiramente diverso; em volta da sala, cadeiras de variadas qualidades, e junto ao canapé, um pequeno tapete que revelava longos anos de serviço no desbotado das côres. Sobre uma pequena mesa, uma redoma onde se abrigava um S. João de marfim e ao lado dois castiçais de prata ofuscantemente polidos.

«Logo ao principio da noite, às horas em que, quando o vento não era contrário, chegavam à solidão do solar da Morgada os sons das Ave-Marias da Igreja de Ovar, a mesa

puxava-se para junto do canapé, os habituais convivas acercavam-se dela e a criada trazia os preparativos do chá.

«D. Dorotea dignava-se prepará-lo e servi-lo com hospitaleira amabilidade e a conversa principiava a tomar uma vivacidade mais considerável, graças à confortável infusão e ao delicioso doce com que a verbosidade dos circunstantes era alimentada. D. Dorotea, constrangida pelas circunstâncias a prescindir de muitas ostentações, limitava-se a caprichar no bem servido do chá, e em mostrar, no serviço magnífico de prata e porcelana, uma passada riqueza de que hoje restavam apenas raros espécimes. Educada num convento de Aveiro, D. Dorotea trouxera de lá uma qualidade apreciável, a de saber preparar uma infinita variedade de doce que lhe grangeara entre a vizinhança uma merecida reputação.

«D. Dorotea tinha sido casada com um coronel de milícias que a deixou viúva passado pouco tempo e do qual lhe ficou um filho único para educar e imensas dívidas a satisfazer.

«A decadência da sua fortuna principiava daí; procuradores às mãos de quem a confiou continuaram a obra até o ponto em que então se encontrava.

«O filho da sr.^a Morgada, na impossibilidade de viver da sua fortuna, foi obrigado a seguir uma carreira. A única que pareceu à descen-

dente dos Carragenas digna de tão alta linhagem foi a das armas. Duarte foi enviado para Lisboa e recomendado a um titular, seu primo em terceiro grau, e entrou para o colégio dos nobres».

Como esta descrição, feita despreocupadamente e sobre que não recaiu, por certo, a cuidada revisão que dava aos seus trabalhos, é cheia de flagrante verdade! Lembram-nos ainda algumas D. Doroteas que conhecemos por aquelas paragens de terras da Beira-Ria e os preciosos chás às tardes que gozámos em criança, com os excelentes doces caseiros que os acompanhavam.

Ao lermos estas páginas, sentimo-nos involuntariamente transportados a casas da nossa intimidade infantil e à suavidade terna de olhares amigos que não mais nos esqueceram. Júlio Denis assistiu a estas reuniões e soube fotografá-las na sua linguagem simples e inconfundível.

o Numa das cartas a Custódio Passos, escrita de Ovar em 16 de Maio de 1863, dá-nos conta de uma visita que deve ter dado pretexto a esta descrição :

«Agora estou à espera que dêem quatro horas para ir com a família Correia a uma aldeola das imediações que me dizem ser um sítio pitoresco. Vamos visitar uma tal sr.^a D...,

filha de um já falecido capitão-mor e que tem presunções de nobreza tão arraigadas que não se digna visitar a maior parte das famílias da vila. É uma *preciosa ridícula*, cuja única boa qualidade é fazer muito bom doce, graças à sua educação do convento.» (1)

A referida Morgada, a que Júlio Denis dá o nome de *D. Dorotea*, era uma velha fidalga de Ovar, D. Arcângela Benedita Barbosa Correia de Melo Osório Sarmento, filha do capitão-mor José Manuel Barbosa da Cunha e Melo.

À *Morgada* deu Júlio Denis dois dos nomes que D. Arcângela usava ou poderia usar: Melo e Albergaria.

D. Arcângela vivia na Quinta do Sobral, arredor da vila de Ovar, com sua sobrinha D. Maria Adelaide Barbosa de Cunha e Melo, casada com José do Amaral Osório, filho do primeiro visconde de Almeidinha (2).

Um dos fidalgotes que, ao tempo, freqüentava a casa de D. Arcângela, era António Pinto Coelho de Azevedo (3). Mais tarde também foi vi-

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., pág. 170.

(2) Titular de Aveiro. Grande perdulário.

(3) Filho de João Pinto da Rocha Coelho de Azevedo e de D. Maria Rita Pereira Coelho de Melo. Vivia em Ovar, donde eram seu pai e avô. Informação do Conde de Azevedo,

sita assídua da casa o seu parente Francisco Joaquim Barbosa de Quadros.

O padre Manuel Rodrigues da Graça frequentava assiduamente as pacatas reuniões da *Morgada* e o dr. Pedro Alexandrino Chaves também por lá aparecia.

José Manuel Teixeira de Pinho, encarregado da farmácia do Hospital e a família Correia, a que se refere Júlio Denis nas suas cartas a Custódio Passos, eram também da roda de D. Arcângela.

D. Arcângela, que foi educada no Convento de Jesus, em Aveiro, morreu solteira em Pombal, no ano de 1886, em casa de sua sobrinha D. Maria Adelaide, a que já nos referimos (1).

O romancista fê-la viúva e com um filho que devia depois seguir no romance. Começa aqui a fantasia, que, aliás, se não encontra depois na obra definitiva, como em geral sucedia com as personagens dos primitivos esboços de Júlio Denis, desde que lhe faltassem exemplares de estudo directo.

(1) Informação em parte do dr. José de Almeida, de Ovar, e em parte do Conde de Azevedo. Êste nosso amigo possui um manuscrito genealógico acrescentado, nesta parte, com uma nota escrita por seu pai, Francisco Barbosa do Couto Cunha Soto Maior, de Estarreja, por onde se soube a data do falecimento de D. Arcângela.

Feitas estas identificações, para satisfação dos curiosos, transcrevamos mais uma passagem do manuscrito que serviu de escôrço ao romance *A Morgadinha dos Canaviais*:

«D. Dorotea, como êstes monumentos antigos que o vandalismo e o gôsto estragado dos modernos têm coberto de emplastagens de cal e gêsso que lhes oculta o estilo da época, encobria, sob pastas de algodão, tranças de ébano, e marcas de carmim, os vestígios que atestavam a idade dêste espécime de architectura viva. Não havia a nobre Morgada abdicado de tôdas as velhas pretensões de elegância com que tanto brilhara nos salões do tempo de D. Carlota Joaquina e conservava ainda a tal respeito uma excelente opinião de si, corroborada pelas lisonjas aduladoras dos seus comensais, a quem as deliciosas sensações que o doce modêlo de D. Dorotea produziam no paladar, exigiam tal retribuição.

«Acabara justamente de encetar uma destas finezas insinuadoras a descendente da produtiva enxertia de tantos troncos illustres, na ocasião em que nós também penetrámos neste salão privilegiado que o espírito nivelador da época não modificara ainda. A fineza partira de um dos fidalgos que, com a bôca cheia de toucinho do céu, deveu talvez a esta circunstância a doçura do cumprimento.

«A Morgada sorriu com um resto de amabilidade de outros tempos e respondeu, oferecendo ao galanteador uma fatia de pão-de-ló:

« — Vamos, sr. Refojos. Agora compete-me pagar doçura com doçura. — Este pão-de-ló coberto... (1)

«O Morgado estendeu a mão e agradeceu com os olhos a oferta. Com os olhos, poderia dizer, parodiando o poeta, porque a bôca lhe

(1) Um pouco diverso do excelente pão-de-ló vareiro da actualidade, cuja fama corre de norte ao sul do país. O pão-de-ló coberto é o tipo do pão-de-ló do Burgo, de Arouca. O distrito de Aveiro é fértil nestas variedades de guloseimas! No outro manuscrito a que já nos referimos e que, em parte, trata do mesmo assunto, diz Júlio Denis:

«Toucinho do céu! Nestas duas palavras está caracterizada tôda a confeitaria daqueles felizes tempos! É a realidade combinada ao ideal!

.....

«São dêsses tempos as *tortas* que o nosso Garrett exaltou acima de tôdas as concepções... Tudo isso passou de moda.

«Como em Paris se não comem *tortas* segue-se que é uma prova de mau gôsto comê-las em Portugal.»

Por estas e outras notas ficamos com a impressão de que o romancista era guloso dos saborosíssimos doces portuguezes, cuja tradição, felizmente, volvidos mais de sessenta anos, ainda se recorda por aquelas boas terras de Ovar e seus subúrbios.

atravancavam de doces uns fragmentos volumosos.

«— O sr. de Refojos, disse o outro fidalgo que se reputava seu rival nas boas graças de D. Dorotea, o sr. de Refojos é muito feliz. Os seus galanteios são-lhes pagos com usura.»

«— Doçura, quiere dizer, sr. Alpedrinha; respondeu o interpelado tendo conseguido desembaraçar a língua o suficiente para pronunciar estas palavras.

«— Deixe lá, primo, disse D. Dorotea para o segundo que falára. Longe de me arruinar com os juros que pago, ainda me considero em dívida; e como gosto de ser leal em minhas contas, vai o sr. Refojos dar-me o prazer de aceitar esta pêra de doce.»

«O sr. Refojos não recusou êsse prazer à sua amável parenta. O Morgado de Alpedrinha mostrava-se impaciente. D. Dorotea acalmou-o voltando-se para êle com um sorriso:

«— O primo Henrique quiere ter o martírio de me servir de açúcar?»

«O primo Henrique apressou-se em satisfazer o convite e endireitando-se na cadeira meditou uma resposta galanteadora. Mas a imaginação do bom do Morgado não era para pressas. Em casa, no silêncio de um gabinete, era fertilíssimo em ditos lisonjeiros e finezas de bom gôsto que, se viessem em tempo oportuno, dever-lhe-iam ter valido mais do que uma

fortuna amorosa; mas na ocasião era de uma estirilidade desesperadora.

«— Os mártires...», dizia êle, sem poder encontrar o fio do galanteio, os mártires... os mártires...

«— Fala-nos de Marrocos, sr. de Alpedrinha?— perguntou com ares de simplicidade o doutor, ao passo que escolhia do taboleiro o mais bem recheado covilhete que o adornava.

«O sr. de Alpedrinha, já embaraçado com a perspectiva de um galanteio, acabou de perder-se com a interpelação do doutor. Não sabia conservar o seu sangue frio na presença de um áparte.

«— De Marrocos, não senhor. Em Marrocos... em Marrocos... balbuciou o sr. de Alpedrinha, tendo Marrocos atravancado na garganta como tivera os mártires. Fôra tão infeliz na execução do epigrama como no galanteio.

«Felizmente que uma rajada do oeste, seguida de um dêsses aguaceiros de que êste vento é tantas vezes acompanhado, veio operar uma natural diversão no diálogo, com grande aprazimento do sr. Alpedrinha, que decididamente não era para respostas de momento.

«O boticário foi o primeiro a fazer sôbre o tempo uma observação importante.

«— Esta é a mais fresca de hoje! Estão-se a preparar os caminhos para regressarmos à vila!

« — Isto é nuvem que passa e como as terras estão sêcas não formam lamas, acrescentou o doutor em tom de confiança.

« — Deixe chover, sr. Bento Firmino, — disse D. Dorotea poisando a chicara, — deixe chover que bem precisado estava o trigo e o milho. Que se não perca tudo já agora que se foi a colheita do centeio e da cevada.

« — Tem razão V. Ex.^a, minha senhora. Isto não é chuva, é maná. Até as hortaliças estavam sêcas que metiam dó.

« — Ai, primo Alexandre, que tempos êstes! Parece o fim do mundo! Olhe aquelas minhas terras das Leivas baixas que me chegaram a render três e quatro carros de pão macho e êste ano nem um têrço, nem a quarta parte talvez me produzirão.

« — Que querê, prima, é como o vinho da Bairrada. Êste ano nem uma pipa me veio.

« — E então os braços estão tão caros! disse o sr. de Alpedrinha que estendia a chicara para, pela quarta vez, a encher de chá.

«O doutor, que se ocupava agora a palitar os dentes, tomou também parte na conversa.

« — E o sustento! A carne sobe a um preço extraordinário; o vinho está pelo que se sabe; a fruta vai tôda para o embarque; o pescado...

« — O pescado, disse o boticário interrompendo-o, o pescado come-se em tôda a parte

menos aqui na vila. Mal os marinhões (1) chegam aos Campos (2) já êle está todo vendido para êsses homens das estradas (3) que juraram fazer-nos morrer de fome, pois levam-nos quanto peixe se vem ali vender. ¿ E quem há que lhes pode cobrir o lanço? Homens ordinários como êles são!

« — Má praga esta das estradas, acrescentou D. Dorotea, suspirando. Há pouco as de macadame, agora as de ferro, amanhã as de ouro... e as nossas terras a partirem-se, a retalharem-se que faz mesmo ennegrecer o coração ao vê-las.

« — Mas êles indemnizam os proprietários, disse o doutor, que sabia ser esta a objecção mais insuportável para D. Dorotea.

« — Indemnizam! Tem graça a palavra, doutor. Dez réis de mel coado por um terreno onde se empregavam para mais de quatro alqueires de sementeira. Indemnizam! O demo os indemnize a êles quando mesmo pagassem

(1) *Marinhão*, têrmo regional que significa homem do mar da região que vai de Mira a Ovar. Vidê Egas Moniz, *Do Valor e da Saúde*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1923. Júlio Denis emprega-o repetidas vezes, v. g. in *Pupilas*, ed. cit., pág. 141.

(2) Largo de Campos, onde se fazia a praça, em frente à casa onde, ao tempo, vivia Júlio Denis em Ovar.

(3) Que andavam em construção.

o valor do terreno! Pagam-me o desgosto de ver as terras retalhadas? E as despesas, ao fabricá-las não aumentaram? E então para quê? Pois não se ia até hoje ao Pôrto e a Lisboa pelos caminhos que havia?

«O padre que estivera calado lendo um número do *Direito*, único jornal, no Pôrto, órgão do partido legitimista, levantou a cabeça a esta apostrofe da sr.^a Morgada contra o progresso e acrescentou:

«—Hoje é a época das estradas, menos a da virtude onde crescem cardos e abrolhos de pouco calcada que vai. Edificam-se imensos casarões para teatros, para palácios e para estações; e não se edificam igrejas nem capelas. A época vai boa, não tem dúvida nenhuma! Boa para êsses pássaros de arribação que vêm do estrangeiro chupar-nos a última gota de sangue e bom para os pedreiros...

«E em tom de áparte acrescentou:

«—...livres! (1)

«E continuou a ler com frieza imperturbável um artigo de fundo da politica cediça que acabara de parafrasear.

«D. Dorotea, que vivia em eterna admiração

(1) Êste padre parece ter servido a Júlio Denis para estudo do frei Januário dos *Fidalgos da Casa Mourisca*.

da eloquência, profundeza de vistas e pureza de sentimentos do seu confessor, abanou a cabeça e suspirou melancolicamente, o que exprimia adesão completa às palavras pronunciadas e de comiseração pelos destinos futuros da sociedade actual.

«— Por isso nos castiga Deus, por isso deu um ano de sequeiro e o mar...»

Acaba aqui o interessante manuscrito.

Daqui passou o ambiente, embora bastante modificado, para algumas scenas da *Morgadinha*. Daqui tirou Júlio Denis dois nomes, pois nem sempre se conformava com os primeiros escolhidos. Era-lhe indispensável que fôsem bem à música da prosa. A *D. Dorotea* do romance não é bem a velha *Morgada*, mas dela aproveitou alguma coisa com que adornar a figura encantadora da tia de *Henrique* e que, como a seu tempo se verá, copiou principalmente de sua tia D. Rosa, em casa de quem passou os meses que esteve em Ovar. Êste estudo deu-lhe um pouco a descrição da Casa do Mosteiro, e trouxe-lhe elementos que depois modificou para vários episódios do romance.

O nome do primo *Henrique* ficou também. Somente o *Henrique* do romance definitivo é bem diferente do que se apresenta no chá da sr.^a *Morgada*.

Os trechos que transcrevemos formam um

episódio à parte, cheio de relêvo pela naturalidade do diálogo e pela verdade das descrições. São preciosidades literárias do romancista que, só por si, valia a pena trazer a público; mas têm para nós o valor de uma valiosa prova documental. Estamos em crer que foi êste um dos primeiros esboços do romance a *Morgadinha*.

Sôbre o que não pode haver dúvidas, especialmente em face de um outro manuscrito que deve ser da mesma época, é que Júlio Denis procurava estudar tipos e personagens e coligir elementos que mais tarde havia de distribuir pelos dois livros.

O segundo manuscrito a que nos referimos é um outro pequeno esboço do romance. É um pouco a duplicação do primeiro, mas escrito sob uma orientação bastante diferente. Até os apelidos da sr.^a *Morgada* são outros, como diversa é a forma por que a estuda e aprecia.

Falta-lhe, porém, a beleza da scena que acabamos de apreciar. Escreve Júlio Denis:

«D. Dorotea Filomena de Custeias e Almada, Morgada e actual proprietária da casa e quinta das Cabaneiras (1), era uma senhora gorda e robusta que se supunha acometida por

(1) Cabanões, sede da primitiva população vareira.

mais de mil e uma doenças imaginárias dizendo-se, por isso, uma das mais desgraçadas criaturas do Senhor.

«João Semana sustentava uma polémica continuada com esta sua cliente, negando-lhe a realidade dos seus padecimentos, com grande descontentamento dela, que parecia querer-lhes como a mais valiosa das suas propriedades».

Noutra passagem do mesmo manuscrito, aliás bastante incompleto, encontramos outra referência ao velho e simpático cirurgião, que passou à posterioridade pela mão de Júlio Denis. Aparece-nos aí uma nova personagem:

«A Morgada cabeceava, pois dominou-a um sono restaurador; e enquanto ela cabeceia aproveitemos o tempo examinando uma outra figura de mulher bem mais digna das nossas atenções que estava então na mesma sala em que dormia a descendente dos Custoias e Almadas.

«Desde já suspeitará o leitor que falo da sobrinha da Morgada, de quem já lhe deu notícias a criada do sr. João Semana no capítulo anterior (1).

(1) Capítulo que não pudemos ler por se ter extraviado.

«Adelaide, julgo que foi êste o nome que Joana lhe deu, é uma rapariga de vinte anos incompletos».

Dêstes dois trechos deduz-se que as personagens que transitam pelas páginas dos dois romances andaram, em primitivo projecto, ligadas na mesma obra.

D. Dorotea, a fidalga de impertinente prosápia, para quem a vida consistia apenas nos amarelcidos pergaminhos de sua casa e na tradição dos que a educaram em tão elevadas luzes genealógicas, não figura, viva, em nenhum dos dois romances.

Contudo a ela se refere o romancista na *Morgadinha dos Canaviais*, como se pode verificar no seguinte trecho:

«A Morgada dos Canaviais, madrinha de Madalena, e de quem viera a esta o nome de Morgadinha, pelo qual mais conhecida era na aldeia, havia, ao morrer, instituído um legado a favor de Augusto, então criança, com a condição dêle abraçar a vida eclesiástica.» (1)

Júlio Denis detestava apresentar personagens

(1) Júlio Denis, *A Morgadinha dos Canaviais*, ed. cit., pág. 86.

que lhe desagradassem. Pelo que consta dos manuscritos citados, aquela *D. Dorotea* não era da sua simpatia. Pô-la de parte.

Em compensação, parece ter utilizado a sobrinha para criar o tipo de *Madalena*. Dá-lhe neste manuscrito o nome por que a chamavam — *Adelaide* (1).

Há ainda outras referências no romance *A Morgadinha dos Canaviais*, à velha Morgada:

«A casa e quinta dos Canaviais, desabitadas depois da morte da velha Morgada, madrinha de *Madalena*...» (2)

Logo na primeira conversa de *Madalena* com *Henrique de Souzaelas* vem esta passagem:

« — É que eu sou realmente a *Morgadinha dos Canaviais*. Quero dizer, minha madrinha vivia na quinta dos Canaviais, uma quinta que fica daqui perto. Era uma senhora velha,

(1) Era, como dissemos, *D. Maria Adelaide*. Quando *Bento Pertunhas* lê a correspondência na *Morgadinha*, diz: *D. Madalena Adelaide de...* Vê-se que no romance definitivo ainda aparece, ao menos uma vez, o nome *Adelaide* (Júlio Denis — *A Morgadinha dos Canaviais*, ed. cit., pág. 48.)

(2) Júlio Denis, *A Morgadinha dos Canaviais*, ed. cit., vol. II, pág. 170.

rica (1), elegante (2) e muito caprichosa: chamavam-lhe todos a Morgada dos Canaviais. Tomou-me ela afeição e sempre que passeasse, me havia de levar consigo; daí começaram a chamar-me, de pequena, a Morgadinha. Quando ela morreu deixou-me tudo quanto possuía; nesse legado entrava a quinta dos Canaviais, de que sou proprietária ainda.

«Foi uma confirmação do título que já desde criança me tinham dado; e para todos sou aqui a Morgadinha, título na verdade pouco elegante e que tão mau conceito fêz conceber ao primo Henrique da possuidora dêle.»

Júlio Denis não desperdiçou êste trabalho. Ficou sendo a história pregressa das personagens que haviam de movimentar-se na acção do romance, preferindo a evocação do que escreveu no primeiro manuscrito ao que vem no segundo.

É curioso que nos apareça, no relato dêste inédito, como médico da sr.^a *Morgada* o nosso conhecido cirurgião *João Semana*, das *Pupilas*, a fazer-lhe uma cura psicoterápica, como é de

(1) Júlio Denis restitui-lhe a riqueza *post mortem*, o que não deve ter dado grande resultado à sr.^a *Morgada*. Mas assim foi necessário ao romance.

(2) Não era pròpriamente elegante a referida D. Arcângela, mas, a-pesar dos seus muitos anos, ainda procurava alindar-se.

uso dizer-se hoje. Ora *João Semana* não é, na obra definitiva, das relações próximas ou remotas da *Morgadinha*.

A criada *Joana*, que, no desenrolar da scena das *Pupilas*, tem um importantíssimo papel, também se não descortina nas páginas do outro romance. Quere dizer, nesta fase de estudo, que foi, por certo, passada em Ovar, os dois romances seguiam parelhas. A princípio confundidos, depois separados, como demonstraremos. Para ambos trouxe dali precioso material. Nasceram gémeos nas noites em que Júlio Denis passava horas esquecidas, em casa de sua tia, D. Rosa Zagalo, a tomar notas, a aproveitar descrições tiradas do natural e a escrever projectos de composições futuras. Separou-os depois; mas nêles se divisa a mesma origem.

Daremos apenas um exemplo.

Nas *Pupilas* não aparece a sr.^a *Morgada*, mas há uma alusão à sua preocupação mórbida. Vem disfarçada no diálogo da criada *Joana* com o velho *João Semana*, quando êle, por aquele «meio dia de verão, ardente, asfixiante, calcinador», chega a casa da sua volta da manhã pelos arrabaldes da vila. A sr.^a *Joana* entendia que o patrão devia descansar um pouco, deixando para mais tarde a continuação da sua faina clínica:

« — Ainda se fôsse para outra parte, não

digo que não, concluiu a sr.^a Joana; mas para casa da D. Leocádia!... Eu já sei o que querem dizer aquelas pressas. A D. Leocádia, esta manhã, provavelmente, abriu a bôca três vezes e espirrou duas e, por isso, imagina já que está a morrer. Louvado seja Deus, nunca vi quem tenha mais mêdo de adoecer! Uma coisa assim! Não é senhora de meter um bocado de pão na bôca, sem perguntar ao cirurgião se lhe poderá fazer mal. Pois não se lembra daquela vez que o mandou chamar, porque tinha deixado, de noite, por esquecimento, uma açucena no quarto e pela manhã julgou que estava envenenada?» (1).

Confrontem-se as duas passagens. Semelham-se por tal forma que bem podemos garantir o que temos afirmado sôbre a origem comum e primitiva união dos dois romances: as *Pupilas* e a *Morgadinha*.

Não sabemos qual dos dois incompletos manuscritos a que acabamos de referir nosseria o primeiro a ser elaborado. No segundo aparece, pela primeira vez, o esbôço da figura da *Morgadinha*, mas também nêle se fala de *João Semana* e da criada *Joana*, personagens das

(1) Júlio Denis, *As Pupilas do sr. Reitor*, ed. cit., pág. 103.

Pupilas, que não aparecem no primeiro manuscrito. Este parece ter sido elaborado mais na orientação do romance a *Morgadinha*.

Nenhum porém marca um passo definitivo de avanço sobre o outro em relação aos romances definitivos. Não nos decidimos, por isso, a dar a prioridade a qualquer dêles.

IV

ORIGENS DO ROMANCE «A MORGADINHA DOS CÂ- NAVIAIS»

I



O contrário do que supôs Alberto Pimentel, o romance a *Morgadinha* não foi produto dum trabalho precipitado.

Dentre os manuscritos que pudemos compulсар deduz-se exactamente o contrário.

Sem o podermos garantir, estamos em crer que foi êste o romance mais estudado por Júlio Denis.

Como provámos no capítulo anterior, o romancista escreveu as primeiras páginas da *Morgadinha* em Ovar, juntando-lhe, nos primitivos esboços, personagens das *Pupilas*.

Em outros dois manuscritos que temos à

mão, traçam-se já, com mais nitidez, as linhas gerais da sua acção. Têm os seguintes títulos:

Capitulo II. — Á porta do templo e Scenas e retratos de família.

Júlio Denis trabalhava cuidadosamente os seus romances. Scenas primitivamente delineadas eram, em seguida, reduzidas ou alteradas, quando não eram por completo refundidas ou abandonadas. O estudo das personagens não saía logo perfeito. Temos a impressão de que alguns dos primeiros tipos tomados por modelo, chegaram a ser substituídos por outros que melhor podiam desempenhar o papel que lhes era distribuído. Outras vezes aproveitava do que estudara apenas o que era mais vantajoso ao desenrolar das scenas, juntando na mesma personagem qualidades que tinha apreciado em várias pessoas. No que insistimos mais uma vez é que, pelo que respeita aos tipos dos seus romances, êle soube sempre escolhê-los nos meios que frequentava, nas scenas que presencava. Dava, porém, largas à fantasia no desenrolar do drama em que os envolvia.

Pudemos encontrar nos apontamentos que se referem à *Morgadinha* desenhos mais ou menos completos e manchas de colorido mais ou menos intenso, que Júlio Denis ia juntando como subsidios para a obra final. Aproveitava, depois,

muitas das passagens, condenava outras, aperfeiçoava, cortava, acrescentava, de sorte que hoje, ao confrontarmos a *Morgadinha* com os manuscritos que a antecederam, temos a impressão de estar em face de dois romances diferentes.

No manuscrito *Á porta do templo* — em que paira tôda a suavidade da Casa de Alvapenha e em que se descobre já uma parte da dramatização da *Morgadinha*, — há particularidades e episódios inteiramente diferentes e completamente inéditos, alguns dos quais bem merecem ser conhecidos.

Começa assim êsse manuscrito:

«Que santa paz de espírito gozavam as sr.^{as} D. Quitéria e D. Genoveva na sua casa de Alvapenha aí pelo correr do ano de 1847!

«Ambas solteiras e quinquagenárias, ambas muito aferradas aos seus hábitos, muito tementes a Deus e inimigas da murmuração, as duas irmãs passavam uma vida, onde se descobria um suave cheiro de santidade, como o da alfazema que perfumava as suas gavetas e repasava a roupa branca pela qual elas velavam com escrupuloso carinho.

«A inalterável harmonia mantida há muitos anos entre elas, dava que entender a quantos as conheciam. E com razão, pois não é vulgar observá-la em casos tais, quando a idade e o humor naturalmente um tanto acre das velhas

celibatárias, justificam as pequenas impertinências que, sem outro auxílio, bastam já para originar tempestades no seio das famílias.

«As duas irmãs, porém, tinham o bom senso e abnegação suficientes para fazerem mútuos sacrifícios em honra dos seus pequenos caprichos, inclinações ou antipatias. Há vinte e tantos anos que viviam ali isoladas na companhia apenas de uma criada tão velha como elas, e em todo êste tempo não se ouvira dentro daquelas paredes uma só palavra que, por mais alto pronunciada ou por significar uma menos evangélica paciência, destoasse da invariável monotonia dos seus diálogos habituais.

«Era um exemplo edificante que elas davam aos seus vizinhos que, devorados por demandas entre primos, irmãos, pais e filhos, tios e sobrinhos, mostravam claramente, por seus actos, que era semente caída em amaldiçoado terreno.

«Estas discórdias intestinas entre as famílias de seu conhecimento faziam suspirar as senhoras de Alvapenha e aumentavam o número de padre-nossos com que tôda a noite se faziam lembrar dos santos de quem eram validas, pedindo a felicidade dos outros, tanto ou mais ainda que a sua.

«A alma ia-lhes tôda nestas orações. Ouvir rezar as duas irmãs, era escutar uma resenha das diferentes calamidades que afligem o género humano e que elas pretendiam desta ma-

neira evitar. Um padre-nosso a S. Marçal para que nos livre do fogo; outro a S.^{ta} Luzia milagrosa para que nos defenda da cegueira; outro a S. Brás para nos proteger das doenças da garganta; um padre-nosso por todos os que andam sôbre as águas do mar; outro por os pobres sem abrigo nem alimento; outro pelos órfãos; outro pelos doentes; um pelos bons, outro pelos maus; um pelos vivos, outro pelos mortos; um pelos justos, outro pelas almas do purgatório; não hesitando mesmo a sua clemência a transpor as portas do inferno e pedir também a remissão dos condenados; — emfim, depois desta enumeração, um último padre-nosso compreendia todos aqueles não mencionados, por esquecidos, que pudessem necessitar das suas orações.»

No romance definitivo, estas duas personagens fundem-se na *tia Dorotea*, que Júlio Denis descreve com as mesmas côres e predicados junto da criada *Maria de Jesus*, que já existe no manuscrito, mas com o nome de *Antónia*. A scena que transcrevemos dos padre-nossos vem publicada, quasi sem alteração, no romance definitivo (1).

(1) Júlio Denis, *A Morgadinha dos Canaviaes*, ed. cit., pág. 24.

A existência das duas irmãs na casa de Alvapenha deu ensejo ao romancista a descrições cheias de verdade e de interêsse que, afinal, desprezou por ter de reduzir a uma só as duas curiosas personagens:

«D. Genoveva, mais velha três anos que sua irmã, era a dispenseira e superintendente dos negócios caseiros. D. Quitéria (1) ocupava-se das contas e direcção dos contratos monetários, arrecadação de rendas, etc., etc.

«Elas tinham uma fortuna sofrível que, não obstante as respectivas omissões que o seu procurador lhes fazia, bastava de sobra para elas, cujas necessidades eram limitadas.

«Havia quem tivesse já dado a entender a estas senhoras quão mal administrada lhe andava a fortuna nas mãos daquele homem... que sabia fazer render os seus serviços.

«A estes avisos razoáveis as boas irmãs respondiam sorrindo:

«— Deixá-lo, deixá-lo. Nós estamos costumadas com êle e não nos poderíamos entender com outro.

(1) Às vezes também a trata por D. Jerónima.

Nós dar-lhe hêmos sempre o nome de D. Quitéria por ser o mais repetido e aparecer, a breve trecho, em substituição do de D. Jerónima que, por certo, lhe não soou bem ao ouvido, no decorrer das descrições,

«Nestes caracteres o hábito impera como senhor despótico.

«A sociedade habitual das boas senhoras era, como já disse, a sua criada Antónia; tipo de criada velha bastante comum, para dispensar descrição. Nesta preponderava um pouco o elemento malicioso e murmurador, sempre vantajosamente combatido pelo espírito tolerantemente conciliador de suas amas, que a repreendiam com severidade.

«Os negócios de lavoura andavam a cargo de um jovial hortelão (1) que, de quando em quando, subia às salas a divertir as senhoras de Alvapenha com as suas rústicas franquezas e simplórias observações.

«Além disto, apenas recebiam como visitas alguns, poucos, vizinhos, entre os quais olhavam como valido um modesto rapaz de vinte anos, futuro ministro do altar, para o que se habilitava no Pôrto...»

Nesta passagem se delinham já as figuras da criada *Maria de Jesus* e de *Augusto*, do romance definitivo. Êste, que nos apontamentos a que nos estamos referindo tem o nome de

(1) Vemos neste hortelão o José Travanca, que serviu de modêlo nas *Pupilas* ao *José das Dornas* e era o lavrador da casa da tia de Júlio Denis. Dêle falaremos mais adiante.

Valentim, é apresentado de uma forma diferente daquela em que mais tarde nos aparece. Foi das personagens mais trabalhadas de todo o elenco da *Morgadinha*. É assim descrito no manuscrito:

«Tinham há pouco acabado de almoçar as sr.^{as} de Alvapenha e preparavam-se para se voltarem à labutação da casa, quando Antónia, com a roca na cinta, entrou na sala tossindo, como quem preparava a voz para dar uma novidade.

«Uma continuada convivência tinha habilitado as suas amas a decifrar a significação destes modos de expressão da criada: era uma semiótica (1) muito do seu conhecimento. Por isso D. Geneveva, que, naquele momento, fechava o armário onde arrecadara o açucareiro, a manteigueira e o bule, voltou-se para a recém-chegada, dirigindo-lhe um interrogatório:

« — Então que temos?

« Antónia tossiu de novo, como para se ver livre dum importuno catarro que ameaçava interrompê-la no meio da novidade e explicou:

« — Sabem quem chegou?

« D. Geneveva encolheu os ombros em resposta.

(1) Júlio Denis não se esquece da sua medicina.



«— Ora! Pois não se lembram? Não sabem que estamos em Julho?

«— E que tem isso?

«— Pois em Julho quem é que chega?

«— É o verão, — disse da sala próxima a voz de D. Quitéria, que escutara a conversa.

«— O verão?! observou a criada meio espinhada. Bem digo eu! Ó senhoras, pois na verdade...

«— Vá, vá, — disse D. Genoveva, que não gostava de enigmas. — Deixe-se disso. Se quere dizer, diga. Se não, trate da sua vida que eu tenho mais que fazer...

«— Chegou o sr. Valentim. Ora quem havia de ser! As senhoras às vezes...

«Esta nova efectivamente parecia de interêsse para as duas irmãs. D. Genoveva, que não concedeu grande atenção até aí à criada, voltou-se agora risonha para ela.

«— Ah! Chegou? Quando?

«— Esta manhã, disse-mo o padeiro, que o viu passar.

«D. Quitéria também entrou na sala a perguntar com carinhosa solicitude:

«— E virá bom, não sabe?

«— Bem vê a senhora que eu não lhe pus ainda ôlho. Digo o que me contaram,

«— Pobre rapaz! — observou D. Genoveva. Aquele é um coração de pomba, é um bom-serás, como se contam poucos.

« — E que vocação aquela para a vida eclesiástica! Senhor o ajude!

« — Enquanto a isso, — observou a criada, que era a scéptica da casa, veremos. — Êstes rapazes novos mudam de tenções de um momento para o outro.

« — Não aquele! replicou D. Genoveva.

« — Também digo, apoiou a irmã.

« — E que gôsto para aquela pobre mãe, que tantos sacrificios tem feito para o sustentar nos estudos!

« — Bem lhe valeriam êles se as senhoras o não socorressem! — disse Antónia, que não gostava de ocultar benefícios.

« — Pois, Deus nos aceite a boa-vontade e não é preciso que ninguém o saiba. Você gosta muito de dar à língua, mulher! — observou D. Quitéria com algum azedume».

Como se vê dêste diálogo, *Valentim*, que é o *Augusto* de *A Morgadinha dos Canaviais*, tem a mãe viva aos vinte anos e, nessa idade, mostra ainda uma grande vocação para a carreira eclesiástica. É educado no Pôrto a expensas da mãe, possuidora de minguados recursos, e das senhoras de Alvala. Isso mesmo é minuciosamente exposto no seguimento do manuscrito.

No romance tudo se passa duma maneira diferente. O legado da sr.^a *Morgada*, que lhe

é adjudicado com a condição de vir a ser padre, faz mudar por completo a orientação do romance pelo que respeita à vida do candidato a ministro do Senhor.

A morte prematura da mãe, a protecção do *Conselheiro*, pai da *Morgadinha*, que o arrasta para Lisboa, tôdas as circunstâncias, emfim, de que o romancista rodeia *Augusto* na acção definitiva, faz com que num e noutro trabalho sejam bastante diferentes.

As suas psicologias apresentam, porém, aspectos semelhantes. Diz o manuscrito:

«Valentim tinha um carácter melancólico. Quando na aldeia, viam-no quasi sempre só, ou procurando os montes ou passeando no cemitério, um livro na mão, a cabeça pendida e os passos lentos e vagos».

Contudo, esta melancolia, demonstrativa de uma abdição da vontade, é diversa daquella que caracteriza a pessoa de *Augusto*, que não exclui falta de resolução.

Valentim foi um primeiro esboço do que havia de ser o preferido da insinuante *Madalena*: síntese de altas qualidades morais.

Desenhado a traços largos, teve de ser retocado e, por vezes, bastante alterado mesmo. Era assim que Júlio Denis preparava os seus romances.

Também nos quer parecer que o romancista modificava principalmente as figuras que não se cingiam constantemente à mesma pessoa. *Valentim* (ou *Augusto*) não foi copiado inteiramente de um único tipo; antes devia ser uma personagem formada à custa de adicionamentos e substituições. Êle, por si só, representa uma das scenas dominantes do romance, pela luta interior das suas aspirações e tendências em contraste com as imposições que o legado fizera pesar sôbre o seu futuro.

Procuremos, ainda, a dentro do referido inédito, surpreendê-lo na sua visita à casa de Alvapenha:

«Era Valentim que entrava na sala, com expressão de íntimo contentamento no rosto, e não sei que suave alegria no coração, como sempre sentia ao entrar na casa de Alvapenha.

«As duas irmãs acercaram-se dêle com ansiosa solicitude.

«Pareciam devorar-lhe aquela fisionomia plácida, que não reflectia nada das tempestades interiores, se as havia; pois podiam ter-se originado naquele peito que de pequeno se conhecera votado às coisas divinas e aceitara, sem exteriorização de saúde pelas coisas terrenas, o destino que lhe haviam traçado no berço.

«Valentim nunca deixara perceber que o amito lhe pesava nos ombros, que as mãos lhe vaci-

lavam a sustentar o cális, o simbolo da fé, nem que as lágrimas humedeciam, em noites de angustiosas vigílias, o leito solitário.

«Se era mártir, tinha a fortaleza do martírio; se, sob o crepe do sacerdote, lhe palpitava o coração, ainda rico de vida, nem no rubor das faces se lhe traía essa agitação comprimida.

«E por isso lhe festejavam a vinda e suspiravam por o glorioso dia em que o tinham de ver, revestido de tôdas as dignidades sacerdotais, entrar, pela primeira vez, no altar do Senhor, pagar com a sagrada benção as carinhosas benções maternais e as de tantos que o viam caminhar seguro pelo caminho da fé.

«D. Genoveva, depois de muito o observar em silêncio, e de o fazer sentar na mais cômoda cadeira da sala, ficando ela em pé defronte do futuro sacerdote, e nisto acompanhada por sua irmã, passou a informar-se do adiantamento de Valentim na carreira eclesiástica.

«— Então, então, quando temos missa nova?

«— Quando mo permitir a idade. Ainda não tenho 25 anos.

«— Eu peço a Deus que me não chame à sua divina presença antes de receber de suas mãos, Valentim, a benção paroquial — disse D. Quitéria, que tinha esperança de que o cuidado da abadia passasse, em pouco, às mãos do jovem sacerdote.

«Valentim sorriu.

« — É uma profecia? Deus a realize. Ser-me-ia grato consagrar-me ao serviço de Deus na mesma terra onde recebi as primeiras noções da religião; poder socorrer com as consolações da fé aqueles a quem antigas afeições me ligam.

« — E espero em Deus que o há de permitir. E então o senhor abade (1) há de ver como lhe querem os fregueses!

« — Muito contente devia ficar sua mãe ao vê-lo hoje! Pobre mulher! É uma consolação para a sua velhice. E ela que tantas consumições teve noutras idades!

« — Minha mãe! — disse Valentim, com voz afectuosa. — Quando, ao abraçar o sacerdotício, eu tivesse de consumir grandes sacrificios, a sua alegria mos compensaria de sobra; e eu ainda teria de agradecer a Deus a constância que me concedeu. . .

«As palavras de Valentim suspiravam uma melancolia vaga de mais para ser percebida pelas senhoras de Alvapenha, que se exultaram com a evangélica vocação do mancebo».

Nesta passagem já nos aparece *Valentim* com algumas ordens sacras (2). Sabemos, pela

(1) Em Ovar o pároco tem o título de *Abade*, que o romancista veio a trocar pelo de *Reitor*.

(2) Pesava-lhe o amito e sustentava o cáliz nas mãos.

descrição, que lhe faltava a de presbítero, pois ainda não tinha idade para a missa nova.

Pena foi que, na seqüência desta ordem de ideas, Júlio Denis nos não tivesse deixado, ao menos neste manuscrito, a descrição de uma dessas missas novas de aldeia, com festa rija de igreja e farta comezaina a amigos e conhecidos, em improvisados barracões que as velas dos barcos cobrem e camadas de junco atape-tam por aquelas paragens da Beira-Ria.

Como seria cheia de colorido a observação feita pelo minucioso escritor da cerimónia religiosa tão característica e tão regional!

Desde o sermão, que é da praxe ser de um discípulo do novo levita, a prender-se nas frases mal decoradas e respigadas aqui e acolá, até os brindes do jantar, quanta peripécia e quanto pitoresco Júlio Denis aproveitaria!

Pelo que escreveu no manuscrito temos a impressão de que chegaram aos seus ouvidos ecos dessas festas e que a benção de que fala *D. Quitéria* é muito provavelmente referência à missa nova a que, aliás, também faz alusão directa.

Com efeito, a cerimónia da benção do novo presbítero é a parte mais interessante de toda aquela liturgia.

Chega a ser emocionante o momento em que o novo levita se aproxima da assistência para dar as mãos a beijar.

Primeiro são os pais que dêle se acercam para, invertidos os papéis, mercê da investidura divina, lhas oscularem comovidos. Atrás deles desfilam os parentes, os amigos, os conhecidos. Há um murmúrio festivo em tôda a Igreja a que se associam quasi sempre lágrimas difíceis de reprimir.

Esta cerimónia, mais do que a benção parochial, devia chamar a atenção de *D. Quiteria* e estamos convencidos de que foi a ela que quis referir-se o romancista.

Nesta passagem do manuscrito, *Valentim* está prestes a ser presbítero e já tem algumas ordens. Por outro lado, dá a entender que aceitará o sacrificio de ir contra a sua vocação só para ser agradável à mãe.

No romance definitivo, *Augusto*, muito antes de chegar aos estudos teológicos e tendo ficado órfão, resolveu desistir do legado da sr.^a *Morgada*, porque decidiu não se ordenar (1).

Júlio Denis introduziu, portanto, duas alterações importantes no romance.

Primeiro fêz desaparecer a mãe de *Augusto*. Tinha em tão alto conceito o amor e respeito que se devem à própria mãe que admitia, sem repugnância, o sacrificio da vida do filho ao seu

(1) Júlio Denis, *A Morgadinha dos Canaviaes*, ed. cit., pág. 90.

bem-estar. Para afastar êsse estôrvo à sua maneira de ser moral e afectiva, no andamento do romance, recorreu à orfandade, que assim veio aplanar o caminho ao seu protagonista.

Não contente com isto, o seu aspirante a padre, no romance definitivo, desiste muito a tempo de seguir a carreira. Porquê? Para lhe dar a possibilidade social de uma união com a *Morgadinha*? Deve ter influido esta razão; mas também porque Júlio Denis se arreceou de pôr abertamente o conflito do padre violentamente arrastado ao têrmo da sua carreira e que, por fim, se decide a abandoná-la. Não estava na sua índole de psicólogo e de escritor aceitar nas páginas do seu romance dramatização tão intensa.

No primitivo esbôço sente-se um pouco a tese do *Eurico*, de Herculano, que, na obra definitiva, se reduz apenas a um episódio restrito na vida de um adolescente.

Mas falemos das duas simpáticas senhoras da casa de Alvapenha, que no romance definitivo ficaram reduzidas à não menos boa *tia Dorotea*.

Foi pena que assim fôsse e os leitores vão concordar connosco ao saborear a deliciosíssima scena que passamos a transcrever:

«No momento em que Valentim se dispu-

nha a pôr têrmo à sua visita, soaram à porta duas sonoras pancadas que puseram em excitação os nervos da parte feminina da assemblea.

«Era o portador de uma carta do correio.

«A chegada de uma carta era um acontecimento em Alvapenha. As duas irmãs perdiam-se em conjecturas sôbre o objecto e procedência da epístola, antes de se resolverem a adoptar a única medida que as poderia esclarecer: a sua leitura.

«— Uma carta! Que lhe parece, mana Genoveva, donde pode ela vir?

«— Eu sei, menina. Do procurador...

«— Não, por certo que não. E daí...

«Valentim, que reparara no carimbo, observou que ela vinha de Lisboa.

«Nova surpresa.

«— De Lisboa?

«— De quem pode ser então?

«Antónia notou com timidez:

«— Da mana das senhoras, talvez...

«— Da Anica — disse D. Quitéria com estupefacção.

«Esta admiração explica-se, sabendo-se que há muitos anos as irmãs da província não se correspondiam com a mana da côrte.

«— Pois na verdade será da mana Anica? Lê lá, Quitéria!

«— Leia, mana Genoveva, leia!

« — Não. Lê tu. E senão... deixa estar. O Valentim lê, não lê?

« — Mas... quem sabe... que negócios... — observou o interpelado.

« — Connosco não há segredos. E demais, se os houvesse, era a um sacerdote que os confiávamos.

« — Leia, Valentim, leia!...

« Valentim cedeu e abriu a carta.

« No fim da página lia-se a assinatura de João Soares de Carvalho.

« — Ai, é do mano João? Acaso a Anica estará doente? Leia, leia!...

« Valentim leu:

«Estimadissimas manas.

« Desejo-lhes saúde e felicidades. Há muito que não recebo notícias suas e espero que não sejam más as primeiras que obtiver.

« Escrevo-lhes para lhes pedir um obséquio e ousou confiar que serei atendido pelas manas, não obstante não lho merecer. Sua mana e minha mulher acha-se presentemente algum tanto adoentada, a ponto de me causar receios; os médicos votam por ares de campo e ela lembrou-se da casa onde passou grande parte da sua vida e na qual deixou pessoas por muitos respeitos dignas do amor que ela sempre lhes tributou. Se as manas virem que não há incon-

veniente em nos receber aí por algum tempo, peço-lhes mo queiram participar e por isso lhe ficará muito obrigado aquele que já se confessa

«Seu mano e muito atencioso criado,

«Lisboa, 17 de Julho de 1852.

João Soares de Carvalho.»

«A leitura terminada, houve um solene silêncio na assemblea. Nos hábitos pacíficos e monòtonamente uniformes das senhoras de Alvapenha esta carta produziu o efeito de uma completa subversão.

«Por algum tempo se conservaram mudas, por não saberem o que haviam de dizer ou de pensar de tudo aquilo,

«D. Genoveva mantinha-se na mesma atitude de religiosa atenção com que escutara a leitura, enquanto os dedos polegares descreviam maquinalmente, em volta um do outro, círculos intermináveis.

«D. Quitéria, com a bôca semiaberta, os olhos espantados, o queixo apoiado sôbre a mão direita, não se mostrava em menor grau de abstracção.

«Antónia, cujos olhos oscilavam de uma para a outra, parecia ansiosa por escutar a resposta.

«D. Genoveva foi a primeira que interrompeu o silêncio, mas não ainda para decidir coisa nenhuma. Voltando-se para Valentim, cujo pensamento se diria muito longe dali, disse:

«— Ora faz favor de tornar a ler. Tenha paciência.

«A importância desta medida era contestável; mas passou sem oposição.

«Valentim obedeceu.

«As coisas ameaçavam permanecer em *statu quo*, como... outras muitas coisas.

«D. Quitéria desta vez foi mais além que sua irmã.

«— Não tem que ver, mana Genoveva; que venham, que venham, coitados.

«— Pois, porque não?—respondeu esta, como se achasse muito natural o que ainda agora a deixara tôda perplexa.—É dizer-lhe que sim.

«— Mas...—balbuciou Antónia.

«A observação não foi admitida.

«— Mas...—disse D. Quitéria—não temos senão que escrever-lhes e preparar-lhes os quartos.

«— Êles trarão a pequena?—observou D. Genoveva.

«— Pois haviam de deixá-la, mana Genoveva?

«E a coisa ficou discutida.

«Valentim pôde enfim retirar-se, deixando aquela boa gente tôda atrapalhada com a repentina nova da chegada dos seus próximos parentes da Capital.

«Quem sacrificou, com menos resignação, os seus hábitos de pacífico remanso foi a velha Antónia...

«De resolver responder ao rico capitalista lisboeta a pôr em prática a medida ia grande distância.

«As senhoras de Alvapenha nunca haviam cultivado a epistolografia e era empresa esta, de escrever uma carta, digna de muito meditar.

«D. Genoveva lembrou-se de Valentim, mas, chegado de pouco, o pobre rapaz precisava de todo o tempo para visitas e descanso. E que rude fadiga não era o redigir uma carta para o mano João Soares!

«— Nada! Em que nos custe, mana Quitéria, vamos atirar-nos a isto. Escreve tu, que tens melhor letra, que eu dito.

«E D. Quitéria, depois de procurar o tinteiro, que, não sendo ali traste de primeira necessidade, não se achava à mão, dobrou com toda a arte uma fôlha de papel, molhou a pena e esperou.

«D. Genoveva assoóu-se, tossiu, esfregou a testa e disse:

«— Põe lá.

«E parou.

«— O quê? — perguntou D. Quitéria.

«— Espera.

«Novo silêncio, durante o qual D. Genoveva

tornou a assoar-se, a tossir e a esfregar a testa.

«D. Quitéria experimentou a pena fazendo S S.

«—Põe lá, disse, pela segunda vez, D. Genoveva.

«Depois de outra pausa, continuou:

«—Estimadíssimo mano do coração.

«—Do coração—repetiu D. Quitéria, depois de escrever.

«—Puseste?

«—Pus.

«—Bem. Recebemos a sua carta...

«—Carta...—repetiu o eco.

«—E por ela tivemos notícia...

«—Notícia...

«—De que a mana Anica...

«—Anica...

«—Se acha adoentada.

«—A... do... en... ta... da...

«—Se os médicos dizem...

«—Dizem...

«—Que os ares do campo lhe fazem bem...

«—Bem...

«—Esta casa aqui está...

«—Está...

«—Que pobre como é...

«—É...

«—Os há de receber com prazer...

«Neste ponto D. Quitéria não apoiou a re-

dacção e, como um deputado discutindo a resposta ao discurso da coroa, observou, pousando a pena:

«— Ó mana Genoveva, não é melhor dizer gente em vez de casa? Sim, pois a casa não é que sente prazer...

«— Dizes bem, mana Quitéria, mas agora como há de ser?

«— Emenda-se.

«— Ora lê do princípio e tem paciência.

«D. Quitéria leu o que tinha escrito.

«A emenda foi adoptada e modificou-se o último parágrafo da seguinte maneira:— esta casa que aqui está, pobre como é, e a gente dela que os há de receber com prazer.

«D. Genoveva continuou.

«— Por isso, mano, quando quiser...

«— Quiser...

«— Utilizar-se do nosso fraco préstimo...

— E acrescentou:— Olhe que préstimo é palavra grega, mana.

«— É então? — disse D. Quitéria, que não pôde tirar nenhum corolário da observação.

«D. Genoveva elucidou:

«— É que escreve-se com *ypsilon*.

«— Ah! É verdade! — disse D. Quitéria, escrevendo em virtude da nota: *o nosso fraco prestymo*.

«— Acredite que o veremos com júbilo.

«— É grega também, mana?

«—É.

«E D. Quitéria escreveu *jubylo*.

«—Recomendações à mana Anica e muitos beijos à Laurinha e façam por vir o mais cedo que puderem.

«—Puderem.

«—Suas manas que muito o estimam e muito reconhecidas aos seus obséquios.

«—Obséquios. Agora assine, mana...

«D. Genoveva aproximou-se da mesa e, depois de ter puxado a escrita, assinou com a mão trémula: Genoveva Martins.

«Depois seguiu-se a colocação das vírgulas, tarefa importante de que as boas senhoras se saíram sofrivelmente, colocando vírgulas quasi de duas em duas palavras, sistema de ortografia tão bom como outro qualquer, visto que não temos nenhum.

«Antónia foi chamada para ouvir a leitura e tôdas três admiraram a redacção da carta, que não duvidaram em considerar um modêlo no género.

Esta descrição é cheia de colorido e de verdade. Dá bem a impressão das dificuldades que deviam ter tido as duas venerandas senhoras, em presença do grave problema da redacção de uma carta, pois passavam anos sem ter que recorrer a êsse meio de comunicar com o próximo.

Não foi esta parte do manuscrito revista pelo autor. Isso se depreende mesmo da troca constante dos nomes *Jerónima* e *Quitéria*, ambos atribuídos à mesma senhora e que nós uniformizamos, preferindo o segundo.

Se o autor tivesse de rever o interessante diálogo, talvez modificasse uma ou outra frase. Mas nem por isso deixa de ser esta descrição uma das mais belas que conhecemos do romanista.

ORIGENS DO ROMANCE «A MORGADINHA DOS CA- NAVIAIS»

II



O estudo do romance *A Morgadinha* seguiremos ainda, por mais algum tempo, as passagens do manuscrito que vimos examinando. Apreciá-las minuciosamente é o dever de quem se propõe estudar a maneira como Júlio Denis levava a térmo a urdidura dos seus romances e como dos apontamentos primitivos fazia sair a forma definitiva da obra.

Tôda a documentação referente aos outros romances, com excepção do segundo volume dos *Fidalgos*, que existe com emendas, mas já na última forma, nada mais encontramos que

possa servir de base a um estudo similar ao que vimos fazendo.

Profundar êstes elementos é possivelmente determinar a maneira como Júlio Denis elaborou todos os seus romances. Nas *Pupilas*, sabemos nós, por confissão do autor, seguiu um processo parecido:

«Principiei a escrever as *Pupilas* em Ovar (1863), diz Júlio Denis (1), durante os meses de Julho a Agosto. Terminei-as no Pôrto em Setembro ou Outubro. Ficaram-me na gavêta até ao ano de 1866, em que resolvi publicá-las. Alterei bastante o romance e ampliei-o introduzindo-lhe personagens e capítulos novos. Publicou-se em 1866 de Março a Julho (2). Publicou-se em volume em Outubro de 1867. O primeiro exemplar brochado em 20 de Outubro» (3).

Que pena não se ter encontrado o manuscrito do primitivo romance tal como saíu na sua primitiva fase vareira!

Que interessantes notas interpretativas do

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., vol. I, pág. 7.

(2) Publicadas no *Jornal do Pôrto*, em folhetins.

(3) Esta nota, publicada nos *Inéditos*, e que vimos num dos seus livros de apontamentos, foi a única que encontramos referente às *Pupilas*.

modo de ser artístico de Júlio Denis nos não daria! Que de elementos nos forneceria para a exacta identificação das suas personagens!

Mas voltemos ao manuscrito em questão.

Em seguida à scena da carta, preocupa-se Júlio Denis em delinear a figura de *Valentim*, surpreendendo-o nos passeios ao cemitério da aldeia que, pela descrição, deve ser o de Ovar, no seu carácter triste e meditativo, no combate contra um íntimo desgosto que êle disfarçava em placidez e em sorrisos complacentes.

Procura o isolamento, diz o romancista, para sondar a sua consciência. Vivia na agitação do dilema terrível: «Num momento sentia o coração a chamá-lo ao mundo; noutro a consciência a apontar-lhe o caminho do altar».

Noutra passagem explana mais a tese:

«É a consciência a desconfiar ainda de si; é a imaginação ainda a não poder dizer de todo adeus a algumas risonhas ficções que a acalentavam em sonhos. Triste a juventude para a qual êstes sonhos são quási um crime!

«Quando o pensamento tem de evitar estas imagens que volteiam em tórno d'êle como em enfeitados círculos, e os olhos ávidos de luz têm de se fechar à vista d'esses deslumbrantes países que a fantasia oferece; triste da juventude que não consegue o descanso que procura, senão após a extenuação que produz a luta».

É a mesma doutrina que Júlio Denis defende a propósito de *Augusto*, no romance definitivo. Sòmente nos primeiros apontamentos, donde êle depois havia de sair, podadas as imperfeições e consertada a acção e movimento entre as suas personagens, o problema apresenta-se numa fase mais avançada e, conseqüentemente, a revolta contra o celibato forçado é ali mais marcada do que na obra definitiva (1).

Mas deixemos êste incidente, a que já nos referimos, para apreciar outras passagens do curioso inédito.

A descrição da azáfama que ia pela casa de Alvapenha em arranjos e limpezas, não passou também à *Morgadinha dos Canaviais*. Apenas uma ou outra passagem foi aproveitada.

Arrumada a casa, foi mostrada a *Valentim*, com referências históricas a propósito dos diversos objectos, agora saídos dos gavetões, para ornamento das salas:

«— Êstes castiçais de prata, — dizia D. Quitéria, — comprou-os o pai, — não se lembra, mana Genoveva? — no dia do ano bom de 1755, no ano do terramoto, por sinal. Custaram-lhe 24\$500 réis.»

(1) Júlio Denis, *A Morgadinha dos Canaviais*, ed. cit., pág. 87 e seguintes.

Lembra-nos esta passagem aqueles dois castiçais de prata, muito brilhantes, que repousavam ao lado do S. João Baptista da redoma, em casa da sr.^a *Morgada* e cuja descrição atrás trasladamos. Do primeiro manuscrito algumas reminiscências vieram até este, que parece ser a sua segunda forma. Mais tarde devia Júlio Denis aproveitar alguma coisa de um e outro.

Em seguida, descreve uma reunião dos notáveis da terra, na taberna do *José da Fábrica*, quasi idêntica à scena que, na *Morgadinha*, decorre na locanda de *Damião Canada*. Lá comparecia *Bento Crispim* — o *Bento Pertunhas* do romance — que era mestre-escola, em vez de ser professor de latim, e que assumia, aos sábados, a importante função de barbeiro e, aos domingos e dias de festa, a de sacristão, profissões que Júlio Denis distribuiu depois por outros, para honra e lustre do professorado primário dessa época. Já tinha uma certa «facúndia oratória que lhe valia créditos no lugar» e o seu discurso era, naquela altura, escutado por lavradores abastados e um ou outro morgado das imediações, dentre os quais veio a surgir, na obra definitiva, o influente *João das Perdiças*, ainda ali no anonimato. Não passa ainda de *um morgado que fala de eleições*. Discutindo a razão da vinda de *João Soares*, descambam para a política e a scena

não se distancia afinal da que lêmos no capítulo XI da *Morgadinha*.

É aparatosa a cavalgada que transporta a família de *João Soares*.

Abre o cortejo,

«...montada na mais nédia e musculosa égua que os freqüentadores da loja de José da Fábrica tinham há muito visto, uma elegante rapariga, cujo vestido de amazona...»

Seguia-se um cavalheiro já idoso, de fisionomia grave, e, após êle, uma liteira, cujas mulas, adornadas com campainhas, chamavam a atenção dos freqüentadores do estabelecimento. Fechavam o cortejo dois criados montados em soberbos cavalos.

Todo êste luzido séquito foi reduzido na *Morgadinha dos Canaviais*.

O caso é que êle deixou estupefacta tôda a assistência, que comentava a chegada de *João Soares* e tanto que *Bento Crispim* não se teve, ao ver passar o farmacêutico *Bartolomeu*, que o não chamasse para lhê perguntar quem eram os da comitiva.

Também não pertence ao romance, como o lêmos na edição que corre impressa, a descrição da chegada dos hóspedes à casa de Alva-penha. Tem o seu *simile* na chegada de *Hen-*

riquinho; mas é mais rica de episódios, como pode ver-se da seguinte transcrição:

«Difícil emprêsa seria tentar descrever o alvoroço que ia naquele momento em Alvapenha. O sangue-frio das boas senhoras abandonou-as completamente quando noticiaram a chegada da cavalgada. Antónia, cuja vida isolada a tinha tornado um pouco insociável, correu a esconder-se na cozinha. D. Genoveva, que tremia com a lembrança de não receber condignamente os seus cunhado e mana, foi ter com o seu Santo António, a quem fêz uma prece do coração para que a não desamparasse.

«D. Quitéria foi quem mostrou ali mais firmeza. Puxou para diante os folhos da sua touca, arrojou a distância o avental do serviço, e galgando as escadas, postou-se à porta a esperar os recém-chegados. Ela não queria acreditar os seus olhos, quando viu aproximar-se, em rápido trote, a gentil amazona da cavalgada.

«— Jesus, santo nome de Jesus! Ela vai despedaçar-se! — murmurou D. Quitéria — e principiou a encomendar a cavaleira à Senhora da Nazaré, que valeu a Fuas Roupinho num caso idêntico, quando esta, por um ágil movimento se desapeou, atirando as rédeas para as mãos de um criado e num momento a boa senhora se viu rodeada por os braços da elegante menina, que a beijava com efusão.

«— Não me conhece, pois não? — dizia ela, da completa estupefacção da pobre senhora que nunca na sua vida vira aqueles trajos! Com qual das minhas tias falo eu?

«D. Quitéria caiu em si. Era pois a menina.

«— Pois tu és a Laura! Tão crescida! E afastando-a de si para a ver melhor, exclamava, benzendo-se: — Em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo! Pois tu és a Laura!

«Laura, uma vez que êste é o seu nome, continuava a sorrir-se e parecia deleitar-se com a estupefacção de sua tia.

«— Ó mana Genoveva, bradou esta para as escadas. Venha ver, venha ver, ande cá depressa!

«— Ah! Então é a tia Quitéria, exclamou Laura, apertando-a de novo nos braços.

«D. Quitéria desta vez correspondeu a esta prova de efusão.

«A mana Genoveva decidiu-se enfim a descer com a protecção de Santo António e houve repetição da scena.

«Elas olhavam assim para Laura como para uma coisa bonita que nunca tinham visto e pareciam estranhar-lhe sobretudo a altura. De facto as duas irmãs, não tendo ouvido falar de Laura senão quando esta era criança, costumaram-se a imaginá-la ainda nessa idade, esquecendo-se que, desde então, se haviam passado quinze anos.

«Antónia, debruçada no corrimão da escada, espreitava para baixo, surpreendida pelo chapéu e vestido de Laura, mas não ousava aproximar-se.

«No entretanto chegara o resto da cavalgada. João Soares de Carvalho cumprimentou com affecto, ainda que menos expansivo, suas cunhadas, e, apeando-se, ajudou a descer sua mulher, a quem as duas irmãs receberam nos braços, derramando lágrimas de enternecimento.

«Ana Soares, irmã mais nova das senhoras de Alvapenha, enfraquecida pela doença, trémula pela emoção que a vista dos sítios onde passara a infância e de pessoas tão queridas lhe determinava, vacilou aos primeiros passos que deu. Laura apressou-se a dar-lhe o braço, que ela parecia preferir e, enquanto João Soares dava ordens em baixo aos criados, tendentes à melhor acomodação das cavalgaduras, a mãe e a filha, precedidas pelas boas senhoras que, à vista de sua irmã, puseram de parte todo o estudo da etiqueta constrangida, para seguirem apenas os ditames do instinto, entraram na sala verde destinada ao alojamento dos hóspedes.

«Depois de conduzir sua mãe a uma cadeira de braços, objecto de antiga existência na casa, Laura aproximou-se da janela a contemplar a perspectiva campestre que se descobria de lá.

«D. Ana, no meio de suas irmãs, passeava por tôda aquela sala olhares de um sentimento

exaltado e susceptível, que tôdas as organizações recebem quando afectadas por estas doenças que lavram latentes na economia, em sintomas que atormentam em acessos ou paroxismos, mas apenas gastam as fôrças do corpo para exaltar as do espirito.

«—Então está muito doentinha, mana Anica?»—preguntou D. Genoveva, com inflexão de voz carinhosa.

«—Não muito»—respondeu a irmã.—«Apenas uma fraqueza que êstes ares do campo hão de curar, espéro eu.

«—Hão de, hão de; Nosso Senhor há de permiti-lo»—acrescentou D. Quitéria.

«—Os ares do campo? E não é só isso»—continuou a doente—«e a companhia das manas e a lembrança daqueles tempos que aqui passámos juntas e em que havemos de falar muito, não é verdade?»

«As duas senhoras sorriram, fazendo um gesto de aquiescência.

«E também a companhia da...»—E a bondosa senhora procurou com os olhares alguém na sala, que não encontrou.—«Que é dela?»

«—Quem?»—preguntou D. Quitéria—«a Laurinha?»

«—Não... Antónia porque não aparece?»

«—Eu nem sei, disse a irmã, levantando-se. Querem ver que a mulher tem vergonha?»—E, chegando à porta, chamou pela criada, no inte-

rior da qual se travava, efectivamente, naquele instante uma luta entre os desejos de ver a sua ama doutros tempos e o seu acanhamento.

«Emfim sempre veio trazida a reboque por D. Quitéria.

— «Está muito estranha, esta menina» — disse D. Quitéria ao entrar na sala.

«— Venha cá, Antónia! Já se esqueceu de mim?

«— Quem, eu, minha senhora? Eu não me esqueço assim depressa.

«— Então não fuja, venha cá.

«Antónia ganhou ânimo e aproximou-se. Laura voltara-se e examinava com interêsse a criada, em que sua mãe lhe falára bastas vezes.

«Antónia cumprimentou-a o mais lisonjeiramente que pôde.

«E a conversa generalizou-se.

«João Soares de Carvalho entrou, por sua vez, na sala.

«As cunhadas levantaram-se ao vê-lo.

«— Por quem são, manas. Nada de cerimónias. Laura» — disse, voltando-se para a filha — «uma das tuas malas já está desempedida.

«Laura pediu para a conduzirem ao quarto que lhe era destinado e Antónia, que terminou o seu estudado cumprimento ao cunhado das senhoras, foi por estas mandada a acompanhá-la. Subindo as escadas com a vivacidade

que se traía em todos os seus gestos e movimentos, Laura dirigiu a palavra a Antónia:

«— Já principio por lhe dar incómodo, senhora Antónia...»

Após um curto diálogo com a criada, descreve Júlio Denis, na intimidade do quarto de *Laura*, o abandôno a que ela se entregou depois da fatigante jornada. Desatados os cabelos loiros, que caíam pelas costas abaixo, «mostrava-se em todo o fulgor da sua deslumbrante beleza». Não acompanharemos o romancista na descrição que faz da encantadora sobrinha das senhoras de Alvapenha nem ainda o que ela sentiu quando, mais tarde, ao aproximar-se da janela, contemplou a paisagem da aldeia num esmorecer de tarde de Julho. Iremos buscá-la daqui a pouco, em companhia de *D. Quitéria*, para o chá.

Antes, porém, examinemos a passagem que acabamos de trasladar.

Desta scena, tão cheia de pitoresco, tirou Júlio Denis, para a *Morgadinha dos Canaviais*, alguns episódios, a propósito da chegada de *Henrique* à Casa de Alvapenha. Tudo ali é mais simples e reduzido. Do lado dos hóspedes é apenas *Henrique de Souza* que chega a cavalo, acompanhado pelo almocreve, e que, antes de atingir o patamar da escadaria solarenga, tem de atravessar um comprido eido

onde os cães de guarda lhe infundem respeito. Falta todo o movimento da comitiva do sr. *João Soares de Carvalho*, em que se destaca, desde logo, a figura insinuante e viva de *Laura*. Do lado da Casa de Alvapenha há a recebê-la as duas senhoras e a criada *Antónia*, ao passo que no romance definitivo é apenas *D. Dorotea* e a velha criada *Maria de Jesus* que fazem as honras do solar. A atmosfera que se respira nas duas scenas é a mesma; mas a descrição do romance provisório excede em movimentação e, íamos a dizer, em beleza, a que encontramos depois na *Morgadinha*.

Júlio Denis teve de modificar a passagem para orientar o romance em sentido diferente, como daqui a pouco veremos.

Nesta descrição há um pormenor que interessa destacar: a maneira como Júlio Denis descreve a doente *D. Ana*, atacada daquela doença, *latente na economia, que, gastando as forças do corpo, exalta as do espirito*. Dir-se há que o romancista, ao tempo ainda vigoroso e até despreocupado, quis mostrar, numa das suas personagens, o mal que lhe ia lentamente minando a existência.

Não aparece o episódio no romance definitivo. Êste esboçeto deve ter sido elaborado em Ovar, ou logo a seguir, e a *Morgadinha* só em 1867 viu a luz da publicidade, quando a doença de Júlio Denis tomara já proporções

graves e até alarmantes. O retrato era fiel de mais para êle o poder receber então com aquela ousada indiferença com que o delinea a quatro anos antes.

Estas personagens não desapareceram do romance. Em vez de alojar-se em Alvapenha, encontram-se na casa do Mosteiro. Sòmente a *D. Ana* já tinha falecido, e *Madalena*, orfã de mãe, é o seguimento da *Laura* do manuscrito. Não havia pois que pensar na doença que a havia de levar à sepultura. Júlio Denis fugiu, por esta forma, ao embaraço de ter que descrevê-la.

Feitos êstes reparos, vamos, com *D. Quitéria*, saber a razão que levou *Laura* a demorar-se tanto tempo nos seus aposentos.

«D. Quitéria foi em diligência ao quarto da gentil rapariga e despertou-a daquela quasi abstracção em que ela se achava.

«— Credo, menina! Olha se o ar da noite te vai fazer mal. Sempre ouvi dizer que esta hora das trindades é malasada a quem a ela se expõe.

«*Laura* sorriu.

«— Sossegue, minha tia, a mim nada me faz mal e depois... êste espectáculo é novo para mim, que tenho vivido tão pouco no campo.

«D. Quitéria aproximou-se para ver o espectáculo de que falava a sobrinha. É de crer que o não achasse empolgante, pois observou:

« — Mas isto são horas de descer, menina. Vai-se tomar o chá. A mãe está inquieta.

« — Eu vou, eu vou, minha tia; só o tempo de mudar de fato.

«D. Quitéria desceu, de novo, à sala onde serenou o ânimo da irmã.

«Além da família havia apenas naquele momento, na sala, o Reitor, que conversava em assuntos sérios com o comerciante lisbonense, e sua sobrinha que, à fé de historiador, eu afirmo ser tal, embora, como todos os homens, o nosso Reitor não escapasse às línguas viperinas de seus desmoralizados fregueses.

«Esta menina fôra mandada convidar pelas senhoras de Alvapenha, porque as suas muitas prendas a faziam uma companhia conveniente para Laura, que não podia encontrar no resto da assemblea elementos tão adequados para seu entretenimento.

«Inês dispensa descrição. Era uma mulher como há muitas. Nem feia que incomodasse a vista, nem bela que entusiasmasse. Tinha uma fisionomia vulgar, destas que zombam da arte dos pintores... (1). Os dotes espirituais orçavam pelos corpóreos; não tinha instintos que a chamassem ao mal, nem inteligência

(1) É difícil compreender o manuscrito nesta passagem.

para compreender o bem. O seu sistema era um indiferentismo por tudo e por todos que nada vencia.

«Quando Laura entrou na sala, trazia um vestido de cassa branca, liso e singelo; os cabelos sem um único adôrno, mais sobressaindo pelo contraste da enfeitada cabeça de Inês. Laura foi sentar-se junto da sobrinha do Reitor, depois de ter cumprimentado as novas personagens da roda das tias.

«Entre as duas raparigas travou-se um diálogo, indiferente à primeira vista, mas cujas primeiras palavras bastaram a Laura para formar idea do carácter ridiculamente pretencioso da sua interlocutora.

«Inês mostrava-se em attitude de não ser compreendida naquela terra de selvagens onde não havia uma única intelligência culta.

«— Não faz idea, menina, — dizia ela suspirando e côm um gesto de enfado, — com que gente rústica se lida aqui; vejo-me obrigada a viver isolada, porque esta sociedade e convivência estupidifica, longe de civilizar.

«— Sim? — respondia Laura. Depois perguntou, com um certo sabor de zombaria que Inês não compreendeu:

«— Veio há muito do colégio, menina?

«— Há seis meses.

«— Ah!

«Este monossílabo mostrava que Laura tinha

achado a explicação do soberbo *spleen* da collegial. A vida do colégio dá, na verdade, um certo verniz de pedantaria que só o tempo ou o bom gôsto natural fazem perder.

«Momentos depois, uma nova visita entrou no círculo que se formara na sala.

«Era Valentim.

«Nas maneiras do protegido das senhoras de Alvapenha havia um certo acanhamento não desgracioso, filho da natural timidez daquele carácter singular. Graças ao muito que dêle haviam já dito as santas cunhadas de João Soares e que o Reitor confirmára, o acolhimento que recebeu Valentim foi mais que favorável.

«D. Ana Soares, sobretudo, quis que viesse para o pé de si. Os doentes gostam de quem lhes faça lembrar a religião, cujos auxílios êles talvez em pouco tempo exijam, e a vocação de Valentim para a vida da Igreja, apregoada por suas irmãs, valeram-lhe no ânimo de D. Ana Soares uma certa veneração que ela não disfarçava».

A scena segue depois, por um lado na conversa das duas raparigas a propósito de *Valentim*, que *Inês* classifica de «homem sem significação» e que desde logo começa a interessar a *Laura*; e por outro lado na discussão entre o *Reitor* e *João Soares de Carvalho* a propósito da instrução, que o primeiro atacava como

elemento de corrupção e que o comerciante lisboeta defendia como um elemento civilizador, indispensável ao aperfeiçoamento dos povos. *Valentim* interveio, numa certa altura, na contenda ao lado de *João Soares* com palavras quási eloqüentes e apaixonadas que deixaram atónitas as boas senhoras da Casa de Alvapenna, que intimamente o compararam ao «Arcanjo S. Miguel quando vitorioso das legiões infernais».

Laura não se teve que não o aplaudisse. O *Reitor* não deu mais palavra e não tardou a despedir-se. *João Soares de Carvalho* dirigiu-se então a *Valentim* para o felicitar:

«É consolador ver que a religião ainda conta defensores dignos dela, disse o comerciante».

À saída, *Valentim* ouviu de *Laura* palavras de estima e admiração, e antes de deitar-se escreveu a uma amiga de Lisboa, transmitindo-lhe as impressões da chegada a casa de suas tias e em que o nome e qualidades de *Valentim*, a sinceridade das crenças dêste, a firmeza da vocação e a eloqüência em defesa da instrução contra a ignorância, eram postos em relêvo.

Termina aqui a primeira parte do manuscrito, primitivo esbôço da *Morgadinha*.

Mais uma vez nos surge um *Reitor* na com-

passaria do romance. Não é o tipo do *Reitor* das *Pupilas*: é antes um dos missionários transformado em pároco, que Júlio Denis tão justamente castiga na sua obra. É o mesmo espírito, o mesmo critério, a mesma tacanhez de vistas. Apesar de tanto se distanciar daquele santo *Reitor* que enche de ternura e de abnegação as páginas das *Pupilas*, Júlio Denis eliminou-o por não lhe merecer exame mais demorado.

Podia utilizá-lo com outra rubrica; mas como *Reitor* seria uma profanação que não lhe merecia a bondosa personagem das *Pupilas*.

Sua sobrinha, cujas qualidades não eram de recomendar, também não podia marcar num romance de Júlio Denis. Quando muito, passaria como figura secundária em episódios de pouca monta. O romancista não a toleraria a ocupar-lhe a pena ou a prender-lhe a imaginação por muito tempo. Assim, fez obra completa fazendo-a desaparecer do seu elenco, quer na *Morgadinha*, quer nas *Pupilas*.

Na segunda parte do manuscrito, estuda Júlio Denis o remorso que assaltou *Valentim* por ter «humilhado o *Reitor*, cujos anos avançados lhe mereciam o respeito que êle postergara». Depois embrenha-se no estudo psicológico do melancólico adolescente, que apresenta com características um pouco diferentes das de *Augusto*, mas com um fundo similar.

Devemos dizer que Júlio Denis tinha tão grande facilidade em escrever que desprezava scenas cheias de beleza, como a que atrás transcrevemos da redacção da carta das senhoras de Alvapenha, e inutilizava originaes interessantissimos no propósito de corrigir e esbater as côres mais vias com que pintava as personagens no primeiro ímpeto, ou com que descrevia scenas de maior intensidade dramática.

Pertence a êste número a que se passa entre *Valentim*, a quem a figura insinuante de *Laura* fizera acordar ignoradas aspirações, e sua velha mãe, no regresso da Casa de Alvapenha.

«A pobre mulher não via neste mundo senão o filho. De cada vez que o via entrar ressentia uma alegria nova.

«—Boas noites, mãe — disse Valentim, sentando-se junto dela e segurando-lhe as mãos entre as suas.

«—Como vens frio, filho. Faz-te mal êste ar dos campos assim tão tarde.

«—Frio? É um engano! Veja! — E levou-lhe as mãos à frente.

«—A testa escalda. Tanto pior. Recolhe-te, Valentim; parece que te não sentes bem.

«—Sinto; e, se a mãe quisesse, podíamos ficar um pouco mais a conversar. Há ocasiões em que não gosto de estar só. Tenho pensamentos...

«—Pois sim, filho, sim. Não te fazendo isso mal...

«—Não faz, mãe, não faz.

«—Ora dize-me, Valentim: tu pareces-me triste. Que tens, filho? Eu bem sei que sou uma pobre mulher, que não sei como hei-de dizer-te para te consolar. Mas olha, não sei porque é, mas uma mãe sempre atina com palavras para consolar seus filhos...

«Valentim levou aos lábios a mão de sua mãe.

«—E assim, mãe. O que nos consola não são as palavras, é o amor que nelas verte o coração. Às vezes uma só palavra é mais rica de sentimentos que longas frases e discursos.

«—Pois então, filho, dize-me o que assim te faz tão triste.

«—Triste? Pois acha que quem, como eu, se destina ao serviço de Deus pode acolher a alegria infundada que os prazeres nos fazem sentir?

«—A seriedade cabe bem aos sacerdotes, mas há também uma alegria que nos dá a consciência quando está de bem com Deus e consigo mesma; uma alegria séria... que nem outro nome lhe sei eu dar a essa...

«—E essa, mãe, quem a pode ter? Pois quem tem a consciência tão pura que lhe não sinta a voz a todo o instante?

«—Olha, disse a pobre mãe depois de fitar

em Valentim uns olhos perscrutadores, tu sabes que o meu maior desejo é ver-te seguir essa santa carreira a que te destinás. Mas, vê bem, se para isso tens de fazer sacrificios para que te faltam as fôrças e te não sentes com ânimo para a seguir até o fim...

«E parava dizendo isto, como se, para concluir, tivesse de fazer um esforço superior...

«— Então, filho, então... pára...

«Valentim não respondeu. Deixando pender a cabeça, parecia meditar nas últimas palavras de sua mãe, que era o mesmo que, há muito tempo, lhe murmurava baixinho a consciência.

«Terminada esta meditação silenciosa, ergueu a cabeça. Havia resignação na sua fisionomia.

«— Não. Eu posso ter instantes de fraqueza; mas espero me não abandonarão inteiramente as fôrças. Desanimado tão cedo, parar às primeiras dificuldades... Pois que esperava eu? Não as devia ter previsto e não as previ, de facto? Não, mãe, ainda me não falece o ânimo.

«— E espero em Deus que nunca te abandonará. Mas donde vens tu que assim te puseste tão triste?

«— De casa das senhoras de Alvapenha.

«— Ah! Não havia gente de fora esta noite? Pareceu-me ouvir dizer...

«— Havia... A família de Lisboa...

«E Valentim calou-se de novo, como se lhe

acudissem outra vez as imagens tumultuosas que as palavras de sua mãe tinham, em parte, afugentado.

«— Boa noite, mãe,— disse o inquieto jovem, levantando-se com vivacidade.

«— Vai deitar-te, vai, filho, que bem o precisas tu. Deus queira que não seja doença, isso.

«Valentim retirou-se para o seu quarto, simples aposento despido de ornatos e que denunciava os hábitos simples da vida do pobre adolescente. Uma mesa, um leito e poucas cadeiras eram tôda a mobília.

«De uma das paredes nuas pendia um crucifixo que êle recebêra de sua mãe e sôbre a mesa alguns papéis dispersos, em desordem, revelavam laboriosas vigílias a que se entregava o melancólico protegido das senhoras de Alva-penha.

«Valentim, entrando no quarto, sentou-se à mesa. Deixou pender a cabeça sôbre as mãos e por tanto tempo se manteve assim imóvel que, quando enfim se ergueu, já os primeiros alvôres do dia penetravam pelas frestas das janelas.»

Era o prólogo que, na seqüência do romance primeiramente delineado, havia de trazer scenas violentas, que deviam vir a terminar pelo desaparecimento da infeliz mãe de Valentim.

Júlio Denis previu a scena íntima da luta entre o adolescente que quer e deseja a vida com todos os seus encantos e a prisão voluntária à vida sacerdotal, que êle só admitia quando uma vocação segura a impusesse. E não teve ânimo bastante para enfrentar o seguimento do drama iniciado na passagem transcrita.

Pôr em conflito o filho e a mãe — e, de facto, mesmo pela cedência desta, êle havia de dar-se, — repugnava ao seu carácter: era superior às suas forças.

No romance definitivo, *Augusto*, que substitui *Valentim*, é órfão de mãe. Afastou, assim, e de vez, a luta em que impensadamente ia a envolver-se.

VI

ORIGENS DO ROMANCE «A MORGADINHA DOS CA- NAVIAIS»

III

NA sala da Casa de Alvapenha reüniam-se, muitas vezes, com tôda a família, algumas pessoas das imediações que, na frase do romanista, vinham cumprir «os seus deveres de civilidade» com os ilustres hóspedes. *Laura*, seu pai e um pouco forçadamente *Valentim*, conversavam em literatura, fugindo, assim, às conversas anódinas e insonsas destas reuniões aldeãs. *Valentim* patenteava, sem querer, aos olhos de *Laura* todo o drama íntimo da sua vida.

«Foi num desses momentos» — escreve Júlio

Denis — «em que a idea de Valentim seguia a sua malancólica propensão, que Laura, tentando arrebatá-lo daquelle desconforto em que o via mergulhado, lhe disse sorrindo:

«— Vamos, senhor Valentim, eu e meu pai já explanámos as nossas predilecções literárias; queremos saber as suas. Recite-nos alguma coisa. Não lhe ocorre nada?

«Valentim ergueu a cabeça a estas palavras e sorriu.

«Havia naquele sorriso uma expressão de amargura sensível aos olhos menos perspicazes. Laura observou-o atentamente.

«— Agora mesmo me estava ocorrendo» — disse Valentim com o tom melancólico que lhe era habitual — «umas estâncias irregulares cujo autor ignoro. Quero-lhes pelo assunto.

«— Qual é?» — perguntou Laura com interêsse.

«— É uma elegia sôbre o túmulo de um padre.

«— Ah!» — disse Laura fixando os seus olhos sôbre o rosto do mancebo. — «Recite, recite...»

«Valentim correu a mão pela frente, que deixou ficar encostada, enquanto que, com a voz vagarosa e repassada de tristeza, o olhar perdido no espaço, recitou as singelas quadras que, na véspera, lhe haviam sido ditadas pelo coração junto ao túmulo onde tantas vezes parou, a meditar no seu destino.

O BOM REITOR

«Sabem a história triste
Do bom Reitor?
Miserô! Tôda a vida
Levou com dor.

«Fêz quanto bem podia...
Mas, afinal,
Morre, e na pobre campa,
Nem um sinal!

«Nem uma cruz, ao menos,
Se ergue do chão!
Geme-lhe só no túmulo
A viração.

«Vêdes além, no vale (1),
Junto ao rosal,
Flores que há desfolhado
O vendaval?

(1) Esta poesia foi publicada por Júlio Denis no *Jornal do Pôrto* de 1 de Agosto de 1864 (vol. I, cap. XI). Intercalou-a na primeira carta a Cecília sobre *Impressões do campo*, com o pseudónimo de *Diana de Aveleda*. Faremos, em breve, larga referência a essa carta.

Por agora notaremos a variante dêste verso.

Vêdes além... na relva.

Quer uma, quer outra, se adaptam ao scenário do velho cemitério de Ovar.

«Cobrem-lhe a lousa fria.
A criação
Só lhe venera as cinzas
Co'ignota mão (1).

«Pobres que tanto amava
Nunca, ao passar,
Curvam a frente e ajoelham
Para rezar (2).

«Nunca, ao nascer do dia (3)
O lavrador
Passa e lamenta a sorte
Do bom Reitor.

«Nem, do cair da tarde,
À ténue luz,

(1) Na carta a Cecília escreveu:

«Paga-lhe assim a dívida
De compaixão.»

(2) Esta quadra aparece assim modificada no *Jornal do Pôrto*:

«Pobres que amava tanto
Nunca, ao passar,
Choram, curvando a frente,
Para rezar.»

(3) Júlio Denis alterou para:

Nunca, ao romper do dia...

Serve, de triste lâmpada,
Humilde cruz (1).

«Há nesta vida amarga
Sortes assim...
Vive-se num martírio,
Morre-se emfim.

(1) Esta quadra é substituída por estas :

»As criancinhas nuas,
Que estremeceu,
Já nem sequer se lembram
Do nome seu.

«No salgueiral vizinho,
Ao pôr do sol,
Vai-lhe carpir saúdaes
O rouxinol!

«Lágrimas... pobre campa!
Ai, não as tem!
Só de manhã o orvalho
Rociá-la vem.

«Da solitária lua
A triste luz,
Grava-lhe, em vagas sombras,
Estranha cruz.

«E êle repousa, dorme...
Vive no céu!
Dorme esquecido e humilde
Como viveu.»

Sem que memória fique
 Para dizer
 A's gerações futuras
 Nosso sofrer» (1).

«E calou-se. Todos pareciam respeitar aquele silêncio e fitavam em Valentim olhares de solícito interesse.

«Laura foi quem primeiro rompeu êste prolongado silêncio.

«— E o resto?» — disse ela, não desviando a vista de Valentim.

«Êste estremeceu como se uma voz o despertasse dum sonho. Ergueu a cabeça e, còrando levemente, respondeu com aparente indiferença:

«— O resto é curto, é uma súplica apenas». E acrescentou:

«Quem me escutar, se, um dia,
 Ao vale fôr,
 Reze sentida prece
 Ao bom Reitor» (2).

(1) Êstes dois versos aparecem ligeiramente alterados na edição definitiva:

«A's gerações que passam
 Nosso viver.»

(2) É esta a última forma adoptada pelo autor:

«Quem me escutar, se, um dia,
 Ao prado fôr,
 Ore pelo descanso
 Do bom Reitor.»

«Laura conservou-se pensativa depois que Valentim terminou a última estância.

«João Soares interrogou-o sôbre o autor daquela poesia.

«—Ignoro-o,»—respondeu Valentim; mas tendo-se, por acaso, os seus olhares encontrado com os de Laura, baixou os olhos com embaraço.

«—Entendo» —murmurou esta para consigo. —«Parece-me que atinei enfim com a verdadeira causa daquela tristeza. Veremos.

«A noite ia-se adiantando.

«D. Ana Soares retirara-se com suas irmãs e apenas se demoravam na sala Valentim, Laura e seu pai. Tinham descoberto a maneira de conciliar com os seus, os hábitos regulares das senhoras de Alvapenha. João Soares retirara-se um tanto para o lado a examinar umas cartas que recebera de Lisboa naquela tarde, e mostrava-se absorvido na leitura.

«Laura e Valentim acharam-se, quási sós, na presença um do outro.»

Pararemos um pouco na transcrição. A poesia que acabamos de trasladar, ainda incompleta, mas já bastante perfeita, é uma das preferidas por Júlio Denis. Aparece em mais de um dos seus apontamentos. A melancolia que a envolve é a sentida homenagem a um grande Reitor de Ovar, que foi uma das mais altas individuali-

dades daquela vila, e ainda hoje tão esquecida do reconhecimento público como na época em que Júlio Denis por lá passou.

Esta ingratidão do povo vareiro à memória do pároco, que deixou atrás de si um rastro de santidade e de abnegação, impressionou o romancista. Ouvira contar, quer em casa de sua tia, quer na roda que freqüentava a recebedoria da terra, as suas altas virtudes e a disvelada e inteligente protecção que dera aos órfãos e aos pobres. Quando êle, velhinho, atravessava as ruas da vila, velhos e crianças ajoelhavam a bêijar-lhe a mão. Do que lhe davam tirava apenas o indispensável para o seu viver frugal; o resto repartia-o pelos pobres e pelos enfermos.

Quando Júlio Denis ia à missa, aos domingos, visitava algumas vezes as ruínas da velha residência paroquial, hoje desaparecidas, e o modesto cemitério que lhe ficava ao lado, onde viu a campa humilde do Reitor, esquecida pelo desrespeito de todos. Foi êste abandono que o levou a escrever a composição poética que transcrevemos e foi esta tradição, ao lado do estudo directo de um outro bom sacerdote, o Cura Dias, que lhe deu o Reitor das *Pupilas*.

A poesia inédita que publicámos no capítulo II dêste volume — *A oração do Reitor* — é ainda suggestionada pela tradição dêsse esquecido pároco, que se chamou padre João de Sequeira

Monterroso e Melo (1), fundador do Hospital de Ovar. De família ilustre, supomos que a mais aristocrática do concelho, todos ignoravam — e êle mais do que ninguém — os seus pergaminhos. Tôda a sua vida foi de sacrifício em favor dos seus paroquianos.

Júlio Denis, na carta a Cecília a que atrás fazemos alusão, descreve minuciosamente alguns aspectos da vila de Ovar.

«No caminho que eu freqüentemente seguia nestes meus passeios matutinos ha uma pequena ponte de pedra de dois arcos, por baixo da qual corre mansamente o rio da aldeia. Rio sem nome!... (2)

.....
 «Da ponte de que te falei seguia eu pela encosta duma pequena colina, debaixo de um continuado toldo de verdura...

.....
 «Numa planura em que terminava a colina, estava o cemitério da paróquia, um cemitério de aldeia; não to descrevo. Imagina-lo sem isso, não é verdade?

«Continuava-se com o cemitério um prado

(1) Informação do dr. José de Almeida.

(2) Sem nome, pois poucos o conhecem pelo rio da Senhora da Graça, ou simplesmente rio da Graça.

extenso, todo orlado de álamos gigantes e revestidos de relva. Era no meio dêle que se elevava a velha igreja paroquial, cujo estado de ruína, devido à sua remota antiguidade, a fizera, de há muito, abandonar do pároco e paroquianos. Em mais completa ruína se achava ainda a casa do último abade que, a-pesar disso, ali vivêra sempre e atrás de cujo féretro se haviam fechado as portas da residência para nunca mais se abrirem...

.....
«A vida solitária do último pároco, aquele seu apêgo à velha igreja e residência, que ambas ameaçavam a cada instante sepultá-lo nas suas ruínas, a pouca memória que deixara de si... tudo parecia conspirar-se para fazer-me crer ter sido êste um daqueles mártires sem panegiristas, vítimas sacrificadas sem deixarem vestígios que lhes prolonguem, mais que a vida, a memória entre os que ficam, quando a não perpetuam.

«Sob o domínio desta idea, levantei-me e, possuida (1) de certa inquietação, olhei para aquelas paredes arruinadas, como se a ver se elas encontrariam uma voz com que me dissessem: «É verdade! padeceu»; como se pudesse

(1) A carta é subscrita por um pseudónimo feminino: *Diana de Aveleda*.

descobrir ainda vestígios de lágrimas vertidas em segrêdo; como se a tristeza de um olhar se pudesse imprimir, pela continuação, nos objectos em que se fixa».

Nestes trechos reconhece-se todo o cenário da velha residência da vila de Ovar. Ninguém, que conheça o local, pode ter dúvidas. Por outro lado, é a recordação do velho Reitor que lhe inspira a interessante poesia que, segundo informa, encontrou escrita em um dos ângulos das paredes em ruínas, em letras a lápis quasi desvanecidas.

Pelo texto da carta, vê-se que lhe andava no pensamento o martírio dos que se destinam à vida eclesiástica. Parece que a tese do manuscrito é, em parte, para ali trasladada, embora subtilmente. Não o preocupava — é o próprio Júlio Denis que o afirma — o «padre vulgar e prosáico que vemos todos os dias; mas o padre ideal, irrealizável, talvez, como a gente o concebe e como quasi acredito que não existe.» Recordando êsse pároco obscuro, fala dos bons padres: homens votados para sempre à consolação dos outros, sendo os eternos desconfortados.

Ora esta carta a Cecília é datada de 1864. O manuscrito que vimos examinando contém a poesia, *O bom Reitor*, que, corrigida e acrescentada, figura no artigo do *Jornal do Porto*. Foi inspirada e escrita em Ovar. Tudo isto nos

leva a afirmar mais uma vez que as primeiras fases do romance a *Morgadinha* foram elaboradas naquela vila, e ali escritas, em 1863.

Sigamos ainda por mais algum tempo o curioso inédito.

Tínhamos deixado *Laura* e *Valentim* naquêl remanso da Casa de Alvapenha — quasi a sós — entregues a conversas literárias. *Laura* aproveitou o ensejo para lhe perguntar a razão da melancolia que transparece nos seus diálogos:

«— É uma história singela, mas triste a que nos contou.

«Valentim ergueu a cabeça ouvindo isto, como se correspondesse ao que êle próprio estava pensando naquele momento.

«— Eu sempre pensei, continuou *Laura*, que não são menos para lamentar êstes mártires de espírito, deixe-me assim chamar-lhes, que se estorcem nas angústias de uma tortura moral, do que aqueles cujo martírio todos lamentam, porque todos os compreendem.

«— É certo, disse *Valentim*, sofre-se mais talvez quando se sofre uma dor que muitos julgam fingida e de que muitos não fazem ideia sequer.

«— E, contudo, quem sabe?» — disse *Laura*, como se os seus pensamentos tomassem uma outra direcção.— «Quem sabe se o pobre Reitor,

se existiu, como creio, se julgava a si mesmo infeliz. O poeta imagina-o assim, porque o imaginou por si. O bom homem talvez nunca aspirasse a esta espécie de immortalidade que é o sonho doirado das almas jovens e entusiastas; e talvez se achasse tão feliz com êsse olvido que succedeu à morte, como com a obscuridade que o envolveu em vida (1).

«Valentim còrou a estas palavras.

«Laura prosseguiu:

«— Eu tenho por costume procurar ler, através das obras, os pensamentos dos autores; nos romances, nos poemas tôda a minha atenção se fixa nas personagens que o autor parece tratar mais do coração. É a essas que êle encarrega de exprimir os seus próprios sentimentos; é pois nas acções e nas palavra destas que eu busco descobri-los (2).

«Valentim escutava Laura com um interêsse que não procurava disfarçar.

«Ela continuou:

«— Êste sistema não digo que não possa fallar, mas acerto muitas vezes. Por exemplo, quere que lhe diga como eu imagino o autor daquela poesia que recitou há pouco? E tenho

(1) É um interessante estudo de investigação psicológica todo êste diálogo. *Vide* pág. 355 do I vol.

(2) Autobiografia de Júlio Denis.

pena que o não conheça para me enganar se não o adivinhei.

«— Diga» — disse Valentim com um visível movimento de curiosidade, — «diga. . .»

«Laura notou-o e, affectando um ar indifferente, prosseguiu:

«— Imagino-o um homem ainda jovem, por circunstâncias especiais votado a viver em uma esfera obscura e que sente em si alguma coisa que o proclama capaz de aspirações mais subidas. Este homem ainda muito novo, mas que a glória já embriaga, não renuncia, sem um doloroso sacrificio, a esses doirados futuros que a sua imaginação insiste em lhe representar; mas foge-lhes talvez por um exagerado sentimento de dever, talvez porque se julgue ligado por uma fôrça maior a uma missão que exige dêle esses sacrificios. . . E todos faz, mas ao mesmo tempo despedaça-lhe o coração cada um que realiza. . . .»

E segue a exposição que visando a mostrar as qualidades do autor da poesia, põe em realce tôda a luta íntima que anda travada no cérebro do infeliz aspirante a presbítero.

Não acompanharemos todo o diálogo, onde Julio Denis diz o que repete na primeira *Carta a Cecília* e no romance *A Morgadinha*, a propósito de *Augusto*. São as mesmas doutrinas, embora sob outra forma.

A conversa entre *Laura* e *Valentim* teve de ser interrompida quando *João Soares*, reparando no adiantado da hora, julgou prudente não reagir por mais tempo aos hábitos pacíficos de Alvapenha. *Valentim* retirou-se «com uma disposição de espírito mais agitado do que nunca e um novo sentimento no coração» e *Laura* recolheu-se ao quarto para escrever à sua amiga frases de entusiasmo por *Valentim*, de quem admirava a «coragem heróica e a fortaleza de mártir».

Como os leitores vêem, a scena precipita-se de uma forma decisiva. Faltam personagens ao romancista e, conseqüentemente, novos episódios a intercalar e a fazer esmorecer a violência da scena amorosa.

Na *Morgadinha* decorre esta silenciosamente, quási até final do romance, que assim aumenta de interêsse, embora sem surpresas imprevisitas, o que não estava na orientação literária de Júlio Denis.

No próprio manuscrito é cortado o seguimento da descrição desta scena, — tão forte pareceu ao autor! — por um pequeno capítulo sôbre a vida íntima das senhoras de Alvapenha, que começa assim:

«As senhoras de Alvapenha davam lições de madrugada ao próprio dia. Ainda o sol não pensava em alumiar a terra, já elas sal-

tavam fora do leito a procederem aos seus trabalhos domésticos. Era interessante ver as duas irmãs, à luz duvidosa que antecede a aurora combinada com os amortecidos raios de uma quasi extinta lamparina, passarem e perpassarem naquele quarto, sem despertarem o menor ruído que pudesse acordar os hóspedes cujo aposento era subjacente ao seu. O diálogo que se trocava entre elas, não longo e com freqüentes intermitências, era pronunciado em uma voz baixa, como se se tratasse de mistérios espantosos.

«Na manhã seguinte à noite em que se passou o capítulo precedente a azáfama que ia no quarto das irmãs de D. Ana Soares era maior ainda que a do costume. Havia nos seus movimentos uma vivacidade de que elas se não julgavam capazes e uma pressa notável de terminar a arrumação em que se mostravam empenhadas.

«É que naquele dia, — era um domingo, — não tardou que na tórre da Igreja paroquial se ouvissem tocar as badaladas que chamam os fiéis à missa primeira.

«Envolvidas nas suas longas capas de pano e cobrindo a cabeça com um modesto lenço de côr. escura, as senhoras de Alvapenha, chamando Antónia, que lhes não ficava atrás em hábitos madrugadores, e depois de recomendar ao sr. Vicente a vigilância da casa, saíram atra-

vés dos campos e dirigiram-se à Igreja, ainda então quási vasia.

«Começaram as suas rezas preparatórias, encomendando-se a todos os santos e santas que existiam nos altares e mesmo a alguns que ali não tinham representantes.

«Nestes actos de piedade cristã punham as senhoras de Alvapenha tôda a atenção. Olhos no altar, pensamento no céu, bem podia abalar-se o templo nos seus alicerces que se lhes não desviaria a cabeça num movimento de justificada distracção.

«Também ninguém as interrompia inteiramente entregues àquela santa abstracção. Deixêmo-las nós também por um pouco e aproximemo-nos dum outro grupo que ali junto da pia baptismal dá largas à verbosidade de que participa cada uma das três personagens de que elle é formado.»

«Bento Crispim é um dêles, outro o seu amigo José da Fábrica, o terceiro o boticário Bartolomeu, todos importantes personagens da terra, três caudilhos que os candidatos não dispensam em épocas eleitorais.

«Bento Crispim tem a palavra, quando nos acercamos. O boticário luta com os restos dum catarro matinal e José da Fábrica abre, de quando em quando, a bôca, ruídosa manifestação de simpatia pelo travesseiro que abandonou há pouco.»

Deixemos, porém, o diálogo, que não oferece grande interesse. Vem a cair sobre a apreciação de *Valentim*, em bem que nanja em mal, e termina daí a pouco, logo que o padre Cura sobe ao altar para principiar a missa.

Júlio Denis alargou esta conversa, a que deu direcção diferente, no romance definitivo a propósito dos comícios políticos da taberna do *Canada*.

À saída da Igreja as senhoras de Alvepenha encontraram a mãe de *Valentim*, que lhes pareceu triste e abatida.

«— Ai, senhoras, é que estranho o meu filho. Valentim tem pena que o aflige.

«— Que diz?» — exclamou D. Quitéria, admirada pela estranheza da revelação.

«Joana (1) contou-lhes então a melancolia que parecia dominar Valentim e cujos motivos a boa mãe não sabia dizer.

«— Ora deixe estar» — disse-lhe D. Genoveva, — «que isso há de averiguar-se. Eu julgo que não será coisa de cuidado.

«— Deus as ouça, senhoras.

«E as duas irmãs voltaram para casa, onde ainda não amanhecêra para os seus illustres hóspedes; e, logo dali, mandaram Vicente, em

(1) Era a mãe de Valentim.

mensagem, convidar Valentim para jantar com a família.»

Bem entendido que o convite foi aceito com alvoroço. *Valentim* foi sujeito a um amigável inquérito das bondosas senhoras que, como era de prever, nada averiguaram, talvez porque a sua sagacidade foi prejudicada pela entrada de *Laura*, que a propósito de lhe mostrar uns livros que lhe tinham chegado, se apossou do hóspede para seguimento do diálogo interrompido na véspera e que havia de atingir, por um excesso de audácia de *Laura*, o desejado têrmo.

A meio da conversa entrou na sala o sr. *João Soares*. *Valentim* abriu maquinalmente um álbum que tinha defronte e que era o de *Laura*. A conversa dirigiu-se no sentido de falar das belas composições ali contidas e *Valentim* foi instado a escrever uma composição.

«— Mas que não seja para nos contar uma história tão triste como a do bom Reitor»,—disse *Laura*, sorrindo.»

Valentim escreveu, de improviso, uma poesia que era um cântico à vida e à liberdade.

Começa assim:

«Vida! Quero viver! Quero em prazeres,
Sequioso, saciar-me!
Dêste frio letargo em que hei vivido,
Quero emfim arrancar-me!»

E segue neste tom, exagerado por vezes, numa ânsia de novas e, de há muito, desejadas sensações. *Laura* viu nestes versos a explosão da sua sentimentalidade amordaçada e que ela conseguira despertar. Denunciavam-no, tal como era, sem restrições, em tôda a pujança de vida, em tôda a exuberância de uma adolescência reprimida.

Laura não se teve que não lhe observasse:

« — É preciso não se deixar também arrastar pela corrente oposta. Acredite-me: se se enganou procurando a ventura no isolamento, não menor desengano o espera se a procurar nessa vida de agitação em que fala».

Escusado é dizer que, à parte êste ligeiro incidente, o diálogo entre *Laura* e *Valentim* terminou rapidamente, por um completo entendimento amoroso.

Quando *Valentim* se retirava, *D. Ana Soares*, a mãe de *Laura*, convidou-o para a acompanhar no passeio matinal do dia seguinte, pois desejava falar-lhe de um negócio de consciência.

Valentim aceitou.

Não podemos, porém, satisfazer a curiosidade dos leitores que nos tenham acompanhado nesta digressão através do precioso inédito de *Júlio Denis*.

Êste interrompe-se na altura em que, tendo-se

defendido *Valentim* de ouvir o caso de consciência de *D. Ana*, «por ser novo para a aconselhar e não lhe ter ainda o sacerdócio dado autoridade para julgar em casos de tanta monta», a confidência ia a ser ouvida, porque se tratava de *Laura*. Termina exactamente neste ponto o manuscrito.

Há neste último capítulo uma descrição que merece ser arquivada. É a que *D. Ana* faz da paisagem que se disfruta da esplanada onde resolveu descansar, antes de começar a conversa com *Valentim*, e que ficava junto à Casa de Alvapenha:

«—... Repare, já viu outro panorama assim? Como a vista se estende suavemente por esta encosta abaixo, por êstes prados matizados de azul, para se elevar acolá, àquele montículo, tão vestido de verdura, onde se escondem as casas alvas como gêlo e, depois, mais além, a cinta de pinheiros que parecem coroar esta perspectiva e deixam atrás de seus estreitos troncos perceber a orla azulada do mar tranquilo...»

Esta paisagem é mais uma vez a descrição de terras de Ovar. Não há dúvida. A *Morgadinha* nasceu naquelas paragens, viveu nos primitivos esboços manuscritos a vida ignorada que hoje vimos trazer a público, e só mais tarde adqui-

riu aquela doce e inteligente compostura que lhe conhecemos, na forma definitiva do romance, quando apareceu em 1867. A paisagem onde nasceu não é a minhota, onde veio afinal a fixar-se. Também parece que o romancista, apesar da predilecção com que a escolhe, não a considera acima de outras, entre as quais a da Beira-Ria.

Na *Família inglesa* (1), escreveu o romancista:

«Pois por serem belos os vergéis do Minho, perdem a beleza as lezírias do Vouga, ou até as paisagens alpestres de Trás-os-Montes?»

E nas lezírias do Vouga está incluída a região de Ovar.

(1) Júlio Denis, *Uma Família inglesa*, ed. cit., pág. 136.

VII

ORIGENS DO ROMANCE «A MORGADINHA DOS CA- NAVIAIS»

IV



O exame do manuscrito que acabamos de fazer deduz-se que o romance inicial donde devia sair a *Morgadinha dos Canaviais*, era afinal uma scena singela com um esboço simples de dramatização que não podia prolongar-se por muitas páginas sem perder o interesse, pecado de que não pode acusar-se Júlio Denis.

Era exíguo o elenco, fraco o movimento e limitada a encenação. Procurámos nos papéis inéditos do romancista a explicação do facto, tanto mais que a *Morgadinha* é dos mais agitados romances de Júlio Denis.

Não encontramos coisa que inteiramente nos satisfizesse. Contudo, são curiosos os novos subsídios que um outro manuscrito nos forneceu. Já citámos o seu título:

Capítulo II — *Scenas e retratos de familia.*

Por baixo escreveu a sr.^a D. Ana Gomes Coelho da Silva, a paciente e inteligente colecionadora dos manuscritos de seu tio, estas palavras a lápis, já bastante sumidas: «Escrito antes da *Morgadinha*, de que dá uma idea» (1).

Neste capítulo segundo (2), fala-se de *Torcato*, o nosso conhecido sr. *Torcato*, criado da sr.^a D. *Vitória* e das meninas, no romance definitivo; homem honrado e de confiança, já um pouco da família; e de *Angelo*, que era o filho da casa. Refere-se o romancista, nestes apontamentos, a uma maldade que *Angelo* fizera a *Torcato*, mas cujas particularidades ficam desconhecidas, por se ter perdido a primeira parte do manuscrito.

(1) No manuscrito *A porta do templo*, que acabamos de largamente apreciar, está também escrita uma nota da mesma senhora, que diz: «Desta obra aproveitou alguma coisa para a *Morgadinha*.»

(2) Perdeu-se o primeiro e apenas existem algumas páginas do *Capítulo III*, que se intitula: *Uma inquirição inocente*.

Também se refere à entrada na sala da
«... figura esbelta e majestosa de uma se-
nhora de meia-idade, a qual parou contem-
plando êste espectáculo cómico que cessou
imediatamente logo que a presença da recém-
chegada foi percebida pelo travêssô autor desta
turbulenta scena.»

Era a mãe de Angelo que, depois de o
admoestar mais vivamente diante de *Torcato*,
por quem mandou chamar a criada *Dorotea*
(nome da predilecção de Júlio Denis), o sentou
nos joelhos, e lhe disse «em tom repreensivo,
ao mesmo tempo que instintivamente o aper-
tava contra si»:

«— Então era êste o juízo que o menino me
prometia ter? Não sabe que é até um pecado
zombar assim de um velho? Quando o papá
me perguntar como o Angelo se tem portado,
o que lhe hei-de dizer? Ora vamos. Reze ou-
tra vez ao seu anjo-da-guarda e não faça mais
travessuras destas que parecem muito mal a
um menino bem educado.»

«O pequeno Angelo, sinceramente contricto,
juntou as mãos e principiou rezando a oração
ao seu anjo custódio com verdadeiro fervor:

«— Anjo da minha guarda, por Deus en-
viado a proteger-me com as tuas àsas brancas,

vela por mim enquanto eu durmo e guarda-me dos maus sonhos como dos maus pensamentos, conduzindo-me pela mão no caminho do dever, não me abandonando nas aflições nem nas alegrias, mostrando-me sempre o céu através das penas e dos prazeres da terra e ensinando-me a recebê-los como da mão do Senhor —.

«Em seguida, benzeu-se devotamente e beijando a mão que sua mãe lhe estendia, recebeu por bênção beijos e afagos em que parecia esgotarem-se todos os tesouros maternos.

«— Bem» — dizia a mãe em tom já carinhoso, anediando com os dedos as longas madeixas da criança — «agora vai-te deitar que são horas. E não faças arengar a Dorotea, não? Olha que tens de te confessar êste ano e vê lá se queres ir logo da primeira vez carregado de culpas. Se tiveres juízo hei-de mandar-te vir de Lisboa uma galgazinha preta...

«— Ai, mande, mande, mamã. E eu hei-de pôr-lhe, ao pescoço, uma golazinha de veludo vermelho, sim?

«— Pois sim, mas...

«— E um guizo? Não é bonito um guizo também?

«— Também, mas é se...

«— Sim, mas olhe, mamã. E um casaco para o frio...

«— Também há de ter um casaco.

«— E de que côr, mamã, de que côr há de ser ?

«— Nós veremos.

«— Azul, sim, mamã ?

«— Pois seja azul, mas...

«— Olhe, mamã, e... e... como se há de chamar ?

«— Tu o dirás.

«— Borboleta não, pois não ?

«— Como quizeres...

«— Não, borboleta não... Andorinha é mais bonito, pois não é ?

«— Não é feio...

«— Há de ser andorinha... e... o casaco há de ter fitas, mamã ?

«— Sim, há de ter...

«— Ah! E... Não sei que queria dizer... Ah!... E quando a manda vir, mamã ?

«— Breve, se tiveres juízo.

«— Tenho. A mamã verá. Olhe, vou-me já deitar e prometo não dizer nem uma palavra a Dorotea.

«— Não, pois não lhe as-de dar as boas noites ? O que eu não quero é que te vás pôr a conversar e a rir até que horas.

«— Não ponho, não... Ora há de ver ?

«— Pois hei-de ver.

«Nisto entrou na sala Torcato, seguido de Dorotea, antiga criada da casa, mulher baixa duma gordura não extremamente vulgar, e

côres fluorescentes, em cuja fisionomia alegre transluzia um génio bonacheirão e o contentamento de si e de sua sorte verdadeiramente digno de inveja.

«—Dorotea» — disse-lhe a senhora, poisando o filho no chão depois de um último beijo — «vá deitar êste menino e não se me ponha agora a contar-lhe histórias. Estragam-me as crianças com êsses contos de feiticeiras; fazem-nas umas medrosas que se não atrevem a passar, às escuras, por um corredor ou a ficar de noite só num quarto. Vá, Angelo, e olhe o que eu lhe recomendei. Daqui a pouco irei ver se o menino está sossegado.

«—Boas noites, mamã.

«—Adeus, filho, boas noites.

«E beijando-o ainda outra vez, entregou-o a Dorotea, que saiu com êle da sala.

«—Sabes, Dorotea» — disse-lhe pelo caminho a criança, a quem o júbilo quasi obrigava a saltar; — «a mamã vai mandar-me vir uma galguinta preta que se há de chamar Andorinha. Tu é que lhe hás-de dar de comer... Não, não... isso hei-de ser eu... Tu... hás-de fazer-lhe uma goleira de veludo... ou então...

«O resto dos projectos já se não ouviu na sala.

«Cedo, porém, uma prolongada risada de Dorotea veio mostrar que o pequeno Angelo não cumpria escrupulosamente a promessa que fizera momentos antes.»

Esta delicada scena maternal e infantil põe-nos em contacto com personagens do nosso conhecimento na *Morgadinha dos Canaviais*: *Torcato*, *Angelo*, sua mãe, cujo nome ainda não foi revelado, e uma criada que se perde na multidão das serviçais da Casa do Mosteiro (1), motivo das contínuas objurgatórias daquela *D. Vitória* que fazia das suas ralhações a melhor ocupação da sua vida.

Angelo é aqui uma criança. Ainda não tem sete anos, idade em que os teólogos concedem aos mortais o uso da razão. Júlio Denis ao trasladá-lo para o romance definitivo acrescenta-lhe a idade, pequena alteração que não merece a pena considerar. Noutra passagem deste mesmo manuscrito êle o apresenta mais crescido. *Torcato* não está mudado, e da mãe de *Angelo*, falaremos daqui a pouco.

Antes, porém, de o fazermos, convém arquivar uma pergunta que, ao despedir *Torcato*, que lhe vem apresentar as suas desculpas da brincadeira com o endiabrado *Angelo*, ela lhe dirige:

«... Até amanhã. Ah! Mas espere» — prosseguiu pouco depois, como recordando alguma

(1) Não é nomeada na relação das criadas de que se fala na *Morgadinha*.

coisa prestes a esquecer-lhe — «sabe já por acaso quem é a pessoa que veio morar para a quinta dos Cedros?

«E, perguntando, fitava os olhos no velho, com não disfarçada curiosidade.

«— É um senhor ainda moço que eu não conheço. Leva vida alegre e folgada ao que parece. É raro ver-se de dia; de noite então não faz se não tocar e cantar. Parece-me que escreve horas inteiras.

«— Bem. Boa noite, Torcato. Não se esqueça de mandar soltar os cães.

«— Fique descansada V. Ex.^a Muito boa noite, senhora D. Luísa.

«E ambos abandonaram a sala.»

Chama-se *D. Luísa* a mãe de *Angelo* e de *Adelaide*, sua irmã mais velha, de que nos occuparemos dentro em breve.

Êstes dois irmãos são aproveitados por *Júlio Denis* para o romance definitivo, embora com alterações importantes, como se verá. A sr.^a *D. Luísa* é a continuadora de *D. Ana Soares*, do primeiro manuscrito, a senhora doente, mãe de *Laura* e espôsa do comerciante de Lisboa *João Soares de Carvalho*, de que não volta a occupar-se. A sr.^a *D. Luísa*, que igualmente vem a desaparecer na *Morgadinha dos Canaviaes*, é, nesta segunda fase, de mais elevada estirpe e de mais alta cultura. Contudo, nem

isso lhe valeu para passar à posteridade. Júlio Denis, por mais que nos pese dizê-lo, pois parece desmentir a bondade de que era dotado, condenou-a à morte antes de a apresentar em público.

Os leitores já adivinharam que a irmã de *Angelo*, que nestes apontamentos deixa de ser *Laura* para se chamar *Adelaide*, é a simpática *Madalena da Morgadinha*.

Que de transformações vai operando Júlio Denis com as suas personagens, até chegar a aperfeiçoá-las, adequando-as às scenas em que as enreda no romance definitivo! Há algumas que permanecem (1); há outras que vai substituindo em estudos sucessivos até alcançarem os requisitos indispensáveis ao desenrolar da acção.

Na pergunta feita a *Torcato* pela sr.^a *D. Luísa* sobre assunto a que se não volta a fazer alusão nos incompletos apontamentos, há uma referência bastante transparente a uma nova personagem do romance, o «senhor, ainda moço que leva vida alegre e folgada, ao que parece» e que veio morar para a quinta dos Cedros que, muito possivelmente, é a Casa de

(1) As copiadas de uma única pessoa não desaparecem em geral; as outras andam como que à procura de fixar-se.

Alvapenha. *Torcato* informou também que o tal senhor tocava e cantava de noite e escrevia horas inteiras.

Tudo isto é o esbôço daquele que mais tarde devia ser *Henrique de Souza*.

Ora esta personagem é o próprio Júlio Denis, como no próximo capítulo demonstraremos. Contudo, no romance não vem indicada esta particularidade, que *Torcato* aqui nos denuncia, — de que *êle escrevia horas inteiras!* — Lá o cantar e tocar pelas horas mortas da noite é disfarce com que Júlio Denis se quis esconder aos olhos dos críticos. Quando muito, cantarolava trechos de óperas do seu agrado (1). Mas não há dúvida de que passava a escrever horas inteiras. Escrevia por prazer ou, como êle dizia, por vício. E fê-lo com uma intensidade pasmosa quando veraneou na vila de Ovar, onde passava as noites a delinear romances e a tomar apontamentos que mais tarde cerziu na confecção dos seus livros.

E, pôsto isto, demos a palavra a Júlio Denis que, no manuscrito, fala das novas personagens nestes precisos termos:

«Mas com razão terá o leitor estranhado que

(1) Júlio Denis, *As Pupilas do sr. Reitor*, ed. cit. pág. 136.

tão sem cerimónia o tenhamos introduzido numa casa e feito assistir a algumas scenas da vida doméstica de uma família, sem prèviamente o apresentarmos.

«Não obstante, serão as principais personagens que teremos de encontrar no decurso desta narração.

«Passo, desde já, a emendar esta falta de método, o que farei o mais sucintamente que possa, por saber que, regra geral, não são bem recebidas estas notas (1) explicativas.

«Ela torna-se, contudo, indispensável.

«O palacete em cujo salão principal surpreendemos dormindo a sono sôlto o nosso conhecido Torcato (2), pertencia a João Mexia de Melo e Moita, conde de Aveleiras, o mais bemquisto proprietário da sua comarca. João de Alvito, ou, como êle próprio se assinava por uma inofensiva veleidade aristocrática, D. João de Alvito, era um homem de quarenta e tantos anos, ainda vigoroso e activo, de maneiras cortesões, ânimo generoso e resoluções inabaláveis.

«De estatura elevada e de porte airoso, êle possuía as aparências de um verdadeiro fidalgo.

(1) Não se compreende a palavra do manuscrito.

(2) A brincadeira de *Angelo* devia ser consequência desta fraqueza do velho servo.

.....
«D. João de Alvito era legitimista, mais por tradição do que por crença, embora quisesse sustentar o contrário. Repugnava-lhe mudar de ideas políticas em que fôra educado, parecia-lhe uma quási apostasia para a qual lhe faltava o ânimo e que lhe reprovava com antecipação a consciência. Era, porém, do número daqueles que transigia com o estado actual dos negócios políticos, a ponto de aceitar, por vezes, uma candidatura às côrtes e prestar o juramento exigido, não sei se com reservas mentais.

«Como deputado, grangeara sempre merecidos créditos. Era um orador pouco vulgar e nunca negociára com o mandato, vendendo o seu voto para utilidade sua ou dos protegidos. Solícito em promover os interêsses locais do círculo que o elegêra, não tentou nunca antepor-lhes os interêsses gerais do país. Nem os governos nem a opposição contavam com êle, porque de um momento para outro era-lhe infiel por consciência...

«Em família não era menos exemplar. Quando o não chamavam à capital os trabalhos parlamentares recolhia-se à obscuridade da vida provinciana, todo absorvido no affecto da esposa e na educação dos filhos que, em pessoa, dirigia.

«Ao apartar-se dêles borbulhavam-lhe as lá-

grimas nos olhos e a custo podia pronunciar as palavras de despedida».

Fiquemo-nos por aqui. A definição da personagem está dada. É a aristocratização de *João Soares de Carvalho*, o rico comerciante lisboeta que no manuscrito a que fizemos referência nos capítulos antecedentes, ocupava o seu lugar.

Na *Morgadinha dos Canaviaes* o *Conselheiro Manuel Bernardo de Mesquita* é um pouco mais modesto, pelo menos em prosápias nobiliárquicas, do que o seu próximo antecessor, mas superior em ilustração ao que Júlio Denis descreveu primitivamente no tipo de *João Soares de Carvalho*, homem de negócios em Lisboa.

O pai de *Madalena* compartilha dos dois. De *D. João de Alvito* tirou a qualidade de político, pois o *Conselheiro Manuel Bernardo* também foi parlamentar e de valia, chegando a ser convidado para ministro. Mas ao contrário de *D. João*, era constitucional e militou sempre nas fileiras do partido mais liberal dêsse tempo: o partido progressista. Queria a liberdade do comércio, do ensino, da imprensa e dos cultos; e no campo das reivindicações económicas e sociais defendia com entusiasmo a desamortização e a desvinculação da propriedade. Era-lhe, por isso, pouco afeiçoada a maioria do clero, que no dizer de

Júlio Denis, «não esposa ardentemente aquelas ideas» (1).

Também não possuía a integridade de carácter que o romancista atribui a *D. João de Alvíto* no seu manuscrito.

O seu entusiasmo liberal arrefeceu com o tempo; «dissipou-se-lhe com o fogo da novidade», como ainda hoje sucede na evolução dos nossos mais ousados radicais. Comquanto liberal de convicção, reбуçava em fórmulas mais ordeiras os seus princípios doutrinários e, diz Júlio Denis, «se o fizessem ministro, não se arrogaria a transformar em projecto de lei nenhuma daquelas medidas por que pugnara nos seus primeiros discursos e que tantas malquerenças lhe acarretaram então».

Como se vê, esta terceira variante da personagem, que representa uma das figuras de centro da *Morgadinha*, foi adaptada às condições sociais do seu tempo.

Júlio Denis trouxe também alguma coisa do seu primeiro estudo, do incaracterístico *João Soares de Carvalho*, para o *Conselheiro*. Pouco é, mas tem importância: a circunstância de um e outro viverem em Lisboa, embora em meios diferentes.

(1) Júlio Denis, *A Morgadinha dos Canaviaes*, ed. cit., vol. I, pág. 175.

Pôsto isto, continuemos na apreciação dêste último manuscrito.

Júlio Denis, falando da interessante consorte de *D. João Alvito*, a sr.^a *D. Luísa*, marca bem a transformação que lhe imprimiu na passagem de espôsa do comerciante de Lisboa para a de um fidalgo de linhagem:

«O carácter de *D. Luísa* oferecia a maior conformidade possível com o de seu marido.

«Era a mesma gravidade, as mesmas maneiras afáveis e delicadas, o mesmo coração compassivo, os mesmos impulsos generosos. Conservava em todos os seus actos uma certa majestade natural que imprimia às afeições, que geralmente inspirava, um cunho de veneração. O seu nome adquirira já um verdadeiro prestígio entre os infelizes que era tão solícita em socorrer...»

Não vale a pena demorarmo-nos, por muito tempo, na apreciação da mãe de *Angelo*, pois já sabemos que a sua sucessora só nos aparece na recordação da mãe de *Madalena*, na *Morgadinha*. E pelo que ali se refere, é a *D. Ana Soares* que nos foi apresentada no primeiro manuscrito, doente, carecendo de ares de campo, a que mais se aproxima daquela cuja memória *Madalena* defende com o risco da sua vida. A própria *Morgadinha* é fraca. Foi seu

pai que, preocupado com o seu estado de saúde, a retirou, a tempo, de Lisboa para a vida mais tranqüila e mais sã da província.

Em resumo: *D. Luísa*, como a sua antecessora *D. Ana Soares*, como a sua sucessora, a inominada mãe de *Madalena*, não aparecem no romance a *Morgadinha*, senão em ligeiras referências à sua memória. Tôdas estas descrições, todos êstes estudos, foram postos de parte por Júlio Denis. Mas outro tanto não sucedeu com a filha de *D. Ana*, com *Laura*, que vimos, no primeiro esboço do romance, apaixonada por *Valentim*, o aspirante a padre, o *Augusto* do romance publicado, e que se segue neste segundo manuscrito em *Adelaide*, a filha de *D. Luísa* e de *D. João de Alvito*.

Esta, «na adorável frescura dos seus dezoito anos, era bela como uma virgem que se sonha». Júlio Denis dedica-lhe uma longa apreciação de que apenas queremos destacar alguns períodos mais importantes:

«Adelaide fôra educada por sua mãe, que se esmerara em formar-lhe o coração de que hoje tanto se descursa na pretenciosa educação dos colégios que recebem raparigas.

«Adelaide não era destas presumidas que, aos quinze anos, nos cumprimentam em francês e travam connosco um diálogo moldado pelos do *Guia de conversação*, que dançam uma valsa e

garganteam uma cavatina de um modo elegantemente detestável, o que as autoriza a falarem da *prima-dona* da companhia lírica com conhecimento de causa e desdenhosas superioridades, que...

«Que mal educados corações palpitam por baixo daqueles apertados espartilhos!

«Perdoem-me as amáveis leitoras que foram confiadas a um colégio se eu tenho saúdaes da educação mais patriarcal de outros tempos em que as mães não abdicavam tão completamente do seu dever de instruídoas da infância.

«As meninas ficavam talvez falando um pouco mais defeituosamente o francês, porém, quer-nos parecer que ficavam sentindo e amando melhor, mais pelo coração e menos pela fantasia (1).

.....

«Mas voltemos a Adelaide.

«Esta aprendeu noutra e na melhor das escolas; tivera por mestra a mãe que a educara à sua semelhança.

«Adelaide lia poucos romances e mal suspeitava até, quando em companhia de D. Luísa socorria os seus pobres amigos doentes, quasi mortos de fome e de frio, que estava imitando

(1) Segue o romancista dissertando sobre a educação das meninas.

esta ou aquela heroína de quem nunca ouvira falar.

«Tais coisas fazia-as naturalmente, sem ao menos se lembrar do efeito que poderiam produzir. — Não tinha culpa no interêsse que a todos inspirava —.

«Adelaide cantava como os passarinhos que, no laranjal fronteiro à sua janela pareciam, de continuo, provocá-la. Desafiava-lhe hinos a verdura do arvoredor, o rumorejar das fontes e as meias-tintas das madrugadas e dos crepúsculos. Cantava para acalentar as criancinhas nuas e tiritando de frio que ia procurar às choupanas, como uma presa que arrebatava à miséria; cantava para entreter as raparigas da sua idade que se enlevavam a ouvi-la ou quando seu pai manifestava desejos de escutá-la. Eram quasi sempre singelas canções e toadas populares que ela preferia — outro ponto em que infringia o sancionado código da elegância, que não admite que se cante senão em língua estrangeira — ».

Júlio Denis na primeira parte desta descrição mostra a sua maneira de pensar sobre a educação das meninas, preferindo a tôdas a escola maternal e o ambiente familiar para a formação dos corações infantis. São de perfeita actualidade as suas considerações, que não transcrevemos na íntegra, porque isso nos des-

viária do objectivo que neste momento temos em vista.

As descrições de *Laura* e *Adelaide*, personagens que Júlio Denis delinia antes de nos apresentar *Madalena*, são duas manchas, de côres discretas, que uma luz suave de candura envolve, ambas aproveitadas para o quadro definitivo em que vem a realçar tôda a beleza moral da interessante *Morgadinha dos Canaviais*.

De *Laura* tira a decisão e a coragem moral; de *Adelaide*, as qualidades affectivas, a doçura do carácter, a atracção pelos desventurados da sorte, a alegria que se traduz no seu cantar, a educação de família que transparece desde a escolha das suas trovas à ternura com que cerca os que a rodeiam.

A figura de *Madalena* não surgiu de repente; veio depois de aturado exame, quem sabe mesmo se depois de mais de um estudo do natural de que ela afinal veio a ser a personificação das mais altas virtudes e qualidades.

Júlio Denis trabalhava cuidadosamente as suas personagens. Deduz-se o que afirmamos de todo êste aturado estudo sôbre a *Morgadinha*, cuja extensão os leitores, estamos certos, nos perdoarão, por termos exumado, para o documentar, trechos admiráveis, alguns dêles dos mais belos do autor, que permaneciam desconhecidos.

Para completar êste comentário, algumas palavras mais sôbre a primeira parte do capítulo

terceiro do manuscrito a que nos estamos referindo e que não está completo.

Intitula-se: «*Uma inquirição inocente*».

D. Luísa começou a preocupar-se com um certo estado de tristeza que vinha notando em sua filha e resolveu desvendar a causa dessa mutação no carácter de *Adelaide*.

Júlio Denis descreve essa passagem com grandes pormenores, como é próprio da sua orientação psicológica em situações similares. Destacaremos apenas certas passagens:

«Subindo da pouco confortável sala dos retratos, D. Luísa entrou na câmara imediata, cujo aspecto contrastava notavelmente com o daquela. Quanto ali tudo respirava tristeza e abandono, aqui se denunciavam as aparências da vida em cada particularidade, a mais insignificante. Nas luzes, nas flores, nos tapetes, nos estofos e almofadas das cadeiras e sofás, no papel de custo que forrava as paredes, nas cortinas de damasco que adornavam as janelas, no magnífico piano Erard, aberto ainda, no fogão onde crepitava um fogo consolador, tudo indicava que a imaginação esgotara todos os recursos para reunir a elegância à comodidade.

«Era a antecâmara de D. Luísa, o ponto de reunião da família, onde tinham lugar os prolongados serões do inverno, as lições nocturnas de Angelo e as leituras em comum feitas em

voz alta por D. João de Alvito, e escutadas com religiosa atenção, e até os concertos familiares em que a voz de Adelaide...»

Esta passagem lembra a da visita de *Henrique* à Casa do Mosteiro, na *Morgadinha*. Vale a pena recordá-la para fazer o confronto:

«A sala, em que Henrique ficou esperando, era tôda mobilada com pesadas cadeiras de couro lavrado e alto espaldar, mesas de pé em espiral, e pelas paredes alguns ennegrecidos retratos...»

«Era completo o contraste dêste aposento com o primeiro; transpondo aquela porta dissipava-se todo o perfume antigo, todo o carácter de vetusto que até ali reinava em tudo. Era moderno o estuque do tecto, moderníssimo o papel que forrava as paredes...»

Como se vê, as descrições equivalem-se. Sòmente a forma foi modificada. Júlio Denis, como temos feito notar, não a aproveitava quási nunca. Aos seus recursos de escritor repugnava-lhe a sujeição às palavras anteriormente empregadas.

Mas voltemos à *inocente inquirição* de *D. Luísa*:

« — Adelaide — disse D. Luísa passado algum

tempo — «esta solidão em que vivemos aqui é demasiado triste para a tua juventude. Nessa idade amam-se, é verdade, as flores e o canto das aves se que vêem e escutam em abundância da janela do teu quarto. São as primeiras a dar-te os bons dias tôdas as madrugadas, são as primeiras amigas que nos saúdam; mas o coração também nos pede affectos que a nenhuma convivência que temos aqui te não permite activar...

«— Que diz, mamã? Faltam-me por acaso affectos nesta casa? Afeições de pai, de mãe; do Angelo; a do velho Torcato, da Dorotea, de... Enganar-me hei acreditando que todos aqui me querem?

«— Não, filha, não te engana a consciência quando assim to afirma. Mas falta-te uma amiga a quem não hesites em confiar todos os teus pensamentos, diante de quem não cores quando, com a penetração da amizade, te devassar alguns que reserves occultos.

«— E não tenho eu essa amiga?» — disse Adelaide, baixando os olhos um tanto confusa, como se temesse denunciar na expressão dêles um pensamento diverso do que ia exprimir — «Quando é que a mamã se recusou a escutar-me as confidências de tôdas as minhas penas e prazeres; desde quando é que o seu coração deixou de participar de todos os sentimentos do meu?»

Não vale a pena acompanhar tôda a inquirição de D. Luísa que, embora ponha em relêvo suspeitas que se vão arraigando pelas respostas da filha, não chega contudo a um resultado seguro.

Continuando no seu exame psicológico, acaba por pedir a *Adelaide* que cante a primeira canção que lhe lembrar.

Era uma sondagem afectiva (1). *Adelaide* hesita, *D. Luísa* vem em seu auxílio:

«—Aquela que ontem cantaste na harpa quando te recolhêste ao teu quarto. Lembras-te dela?

«Estas palavras pareciam ocasionar em *Adelaide* uma inexplicável confusão.

«—Não me recordo bem...»—respondeu ela, desviando os olhos dos de sua mãe.

«D. Luísa continuou:

«—A canção das *Andorinhas*, julgo eu...

«—Ah! Essa!» — disse *Adelaide* como se lhe repugnasse aceder ao convite de sua mãe.

«—Gostei ontem de te ouvir. Se te não custasse...

«*Adelaide* encaminhou-se para o piano com visível constrangimento. Sentou-se e principiou a preludiar.

(1) Dir-se há uma nova forma de psicoanálise. Vide o capítulo XVIII do I volume.

«Sua mãe fitava os olhos nela e sorria-se vendo aquele enleio, como se compreendesse a causa que o ocasionava.

«Cedo a voz argentina de Adelaide, interrompendo o silêncio da noite, principiou a cantar, em toada popular, a seguinte canção conhecida nos arredores:

«Volta andorinha aos países
 Dos perfumados verdores,
 Onde têm mais viço as flores
 Onde tem mais luz o céu...
 Cruza o mar, que a primavera
 Já ri nos vales e outeiros
 Dispersando os nevoeiros
 Em que o inverno os envolveu...»

O manuscrito acaba aqui. Apenas mais dois versos da segunda oitava, que não vale a pena transcrever, mostra que elle está incompleto. Esta oitava recorda um pouco uma quadra da poesia as *Andorinhas*, a que faremos, num dos próximos capítulos, mais larga referência:

«Voltai, que de novo serão florescentes
 As selvas, os prados, o monte, os vergéis;
 Quietas as brisas, as águas dormentes
 Nos lagos tranquilos de novo vereis.»

Talvez nascesse neste incompleto poema a idea inicial da interessante poesia que foi escrita nessa época, como demonstraremos.

Mas deixemos, por agora, êsse assunto.

Interessa-nos mais, neste momento, averiguar qual era o estado de alma de *Adelaide*, que parece ter cantado na véspera com mais entusiasmo a sua canção predilecta. Quem sabe se seria para que mais alguém a ouvisse, e ousamos lembrar que êsse alguém fôsse aquêlê rapaz, que passava as noites a tocar e a cantar e que escrevia horas inteiras, hóspede da Quinta dos Cedros e de quem *D. Luísa* tirou informações ao *Torcato*.

A ser verdadeira a presunção, vê-se que Júlio Denis ligava neste manuscrito os destinos desta antecessora de *Madalena*, não a *Valentim*, mas aos dêsse rapaz que, pela descrição, lembra bastante *Henrique de Souzaelas*. Nada podemos afirmar com segurança, pois carecíamos de mais algumas páginas para chegar a uma conclusão positiva. De resto essa dúvida parece ter acompanhado o próprio romancista durante uma certa fase da elaboração do romance definitivo. Apreciando as afinidades de educação e de espírito, pensa-se a princípio, como mais lógica, na ligação de *Henrique de Souzaelas* à *Morgadinha*. Foi preciso inventar a providencial queda do cavalo e a inabalável persistência de *Madalena* em o afastar, para que viesse a realizar-se o seu casamento com *Cristina*.

A mais de uma jovem leitora da *Morgadinha*

dos *Canaviaes* ouvimos dizer que era mais natural o casamento de *Madalena* com *Henrique de Souza* do que com *Augusto*. Quasi nos manifestaram pena de que assim não succedesse. — Pareciam talhados um para o outro — commentou uma destas leitoras.

E julgamos que estão na lógica das premissas inicialmente apresentadas no romance.

VIII

«HENRIQUE DE SOUZELAS» E JÚLIO DENIS

OUTRAS PERSONAGENS DA «MORGADINHA»

JÚLIO Denis, respondendo a uma carta de João Pedro Basto, em que este lhe faz reflexões a respeito do carácter de *Henrique de Souzelas*, a seu ver, tomado pelo romancista como tipo dos rapazes de Lisboa, diz que de maneira alguma podia resignar-se a deixar pesar sôbre os seus ombros tão antipática responsabilidade.

Não foi sua intenção caracterizar os rapazes da Capital no tipo que descreveu na *Morgadinha*. Nem isso se pode inferir de o ter feito nascer em Lisboa, pois poderia ser de qualquer outra cidade. Em seu entender era absurdo fazê-lo oriundo de uma aldeia, porque a vida das

idades é que gera êstes tipos, «como gera as tísicas». E acrescenta:

«Não é novo êste tipo nos meus romances. Os defeitos de Henrique são, atentas as diferenças de temperamento, os de Daniel nas *Pupilas*, os de Carlos na *Familia inglesa*.

«Êstes dois era o Pôrto que os tinha estragado. Henrique veio assim de Lisboa».

Júlio Denis junta na mesma categoria, e até no mesmo tipo genérico, os principais galãs dos seus três primeiros romances. E teve razão para o fazer, porque êles representam, sob diversos aspectos, a sua própria personalidade.

Em algumas das suas peças teatrais inéditas, também se fêz representar com características similares.

Em *Henrique de Souzaelas* é talvez maior o disfarce do que em qualquer outro, mas, através da obra, patenteia-se, por vezes, no seu carácter, na sua mobilidade amorosa, na sua forma galanteadora e até em particularidades da sua vida.

Carlos de Whitestonne é órfão de mãe; *Henrique de Souzaelas* também o é. Declara-o a *Cristina*:

«Agora peço-lhe, Cristina, que, já que me fêz antever as delícias do viver de familia, não me condene para sempre ao suplício de não as

ver realizadas. Lembre-se de que não conheci mãe, de que não tenho irmãs, de que tenho vivido só, e de que cedo voltarei a essa vida solitária e gelada que me será agora uma tortura. Compadeça-se de mim. Quere vir ocupar no meu coração o lugar vago que há nêle para as afeições de mãe, de irmã...»

A primeira frase dêste trecho de diálogo com *Cristina* é uma profecia da condenação a que a doença o levou. Depois descreve a sua situação afectiva a dentro de um lar vago de carinhos de mãe e de cuidados de irmã. É completo o *simile*. *Henrique de Souza* e Júlio Denis são idênticos nestas passagens.

Apreciemos outras qualidades de *Henrique de Souza*, em que palpita a personalidade de Júlio Denis.

No romance definitivo não vem a nota de que *Henrique* passasse horas seguidas a escrever, como consta de um dos manuscritos; mas numa conversa com *D. Dorotea*, quando a boa senhora dá uma «roda de gente de pouco juízo às pessoas que fazem versos», *Henrique de Souza* defende a personalidade que representa:

«— E além do João do Trolha, quem há mais que faça versos?» — perguntou Henrique.

«— Que eu saiba...» — disseram as duas.

«— E aquele Augusto?

«— O Augustito do doutor? Ó filho! Coitado do pobre rapaz. Êle sim! Credo! Não, aquilo é um rapaz de muito juízo.

«— Isso não tira. Então a tia julga que só os tolos fazem versos?

«— Todos não digo, mas...

«— Mas um pouco feridos na asa, não é verdade?

«— Ora pois, então diz-me tu, menino, se um homem sério... sim... um homem de respeito, faz versos?

«— Porque não?

«— Versos?!

«— Versos sim, senhora.

«D. Dorotea fêz um gesto de incredulidade.

«Henrique ia a redarguir quando ouviram passos no patamar de pedra da entrada e, após, algumas pancadas à porta da sala» (1).

Henrique de Souza podia não fazer versos, mas não se teve que não contestasse a sua tia a apreciação pouco lisonjeira que fazia dos poetas. Defendia aquele que representava.

Júlio Denis mostra-se em tôdas as persona-

(1) Júlio Denis, *A Morgadinha dos Canaviais*, ed. cit., vol. II, pág. 48.

gens em que se apresenta com uma figura esbelta e, por vezes, como um tipo varonil, talvez excessivo para a sua compleição um tanto delicada. É certo que as duas qualidades não estão sempre em contradição. É curiosa a descrição que faz de *Henrique de Souza* ao entrar na Casa de Alvapenha:

«Seguiu-se um mexer de cadeiras, um trocar de vozes, um arrastar de passos; moveu-se a chave na fechadura; abriram-se as portas e no limiar apareceu de braços abertos a tia Dorotea, e por trás dela, elevando a luz acima do ombro da ama, a criada Maria de Jesus que, havia trinta anos, lhe era companheira e interessada em alegrias e pesares. Já Henrique lhe andara no colo no tempo em que estivera criança na quinta.

«Diante da figura esbelta, do tipo varonil e do comprido bigode de Henrique a sr.^a Dorotea reprimiu as suas expansões e quasi recuou.

«Nunca mais vira Henrique desde que este, aos cinco anos (1), deixara Alvapenha, e dir-se-ia que esperava ainda encontrar os mesmos cabelos loiros e anelados e o mesmo rosto menineiro

(1) Idade em que Júlio Denis ficou órfão de mãe e que, talvez por isso, lhe ocorresse considerar em *Henrique*, para a saída de Alvapenha, de preferência a qualquer outra.

da travêssa criança de outros tempos, em vez do homem feito em que, os vinte anos volvidos (1), o tinham transformado.

«Há destas ilusões na gente.

«A mais segura razão não está precavida contra elas; a infundada surpresa invade-nos de súbito, e os lábios não podem prender a exclamação que a denuncia.

« — Pois na verdade tu és o Henriquinho?! » — disse espantada a boa senhora.

« — Eu julgo que sim, tia Dorotea.

« — Tu! Ai como está um homem! Ó Maria de Jesus, você não quiere ver isto!?

« — Parece mesmo um soldado! » — disse a criada, igualmente estupefacta.

« — Credo, mulher! Santíssima Trindade! Você que está a dizer? Nossa Senhora nos livre de tal! » — exclamou a ama, em cujo conceito o soldado estabelecia a transição do homem para o diabo» (2).

Júlio Denis representa-se nesta scena sob o aspecto duplo de elegante, como era necessário ao seu temperamento de artista, e como um robusto e varonil rapaz que a velha criada

(1) Tinha, portanto, 25. Também era a idade de Júlio Denis quando esteve em Ovar.

(2) Júlio Denis, *A Morgadinha dos Canaviaes*, ed. cit., vol. I, pág. 22 e 23.

Maria de Jesus não teve dúvida em apurar para soldado, o que muito o devia ter lisonjeado.

Henrique de Souza vem convalescer para a casa de Alvapenha, em companhia de sua tia *D. Dorotea*, como *Júlio Denis* vem procurar melhores ares no propósito de se robustecer, em Ovar, em casa de sua tia *D. Rosa Gomes Coelho*. Outro ponto de contacto que convém pôr em relêvo.

Henrique de Souza chega a Casa de Alvapenha extenuado, depois de uma afadigosa viagem a cavalo, acompanhado do inseparável almocreve que calcurreou ao lado da alimária:

«Um, o mais moço e pela aparência o de mais grada posição social, era transportado numa pouca escultural, mas possante muar, de inquietas orelhas, músculos de mármore e articulações fiéis; o outro seguia a pé, ao lado dêle, competindo, nas grandes passadas que devoravam o caminho, com a quadrupedante alimária, cujos brios, além disso, excitava por estímulos menos brandos do que os da simples e nobre emulação.

.....
«Havia dois dias que cavalgava aquele rocinante, único veículo acomodado aos caminhos por que passara. E então que dois dias! Da-

queles, durante os quais, o céu, uniformemente pardo, parece desfazer-se em água, e a chuva cai sem interrupção e com uma teimosia e constância impacientadora; daquelas em que a terra saciada rejeita já a água que recebe, a qual escorre nos declives, transborda dos algares e encharca-se nos terrenos baixos, transformando em brejos as lezírias; em que as lufadas do sul vergam e torcem os ramos, melancolicamente despidos, dos álamos e sobreiros, e emprestam aos pinheirais a voz dos mares...» (1).

Júlio Denis, ao ir para Ovar, também fez o trajecto, do Pôrto até à vila, a cavalo. Em 1863 ainda não tinha sido inaugurada a via férrea, que só em 1864 foi dada à exploração. Ao facto faz Júlio Denis referência numa das suas cartas a Custódio Passos, a propósito da sua ida a Aveiro:

«... em segundo lugar concorreram cartas de família em que se me pedia que me demorasse até que se pusesse em exploração o caminho-de-ferro, para me visitarem...»

O dr. José de Almeida julga que êle saíu

(1) Júlio Denis, *A Morgadinha dos Canaviais*, ed. cit., vol. I, pág. 1 e 3.

de Gaia para Ovar e pretende ter averiguado o ponto donde partiu, por investigações feitas no local. O facto é que Júlio Denis passou, como *Henrique de Souzelas*, tôdas as contrariedades de uma longa viagem, pois deve andar entre quarenta a cinqüenta quilómetros a distância que separa Ovar de Vila Nova de Gaia.

É curioso notar que, indo *Henrique de Souzelas* de Lisboa, Júlio Denis só *descreva a última etapa da viagem*. A razão é simples: é porque foi esta a única que elle, de facto, fêz.

É certo que Júlio Denis coloca os dois viajantes no Minho e, portanto, subindo encostas que não abundam na região vareira. É um disfarce. Na descrição que transcrevemos, há trechos da paisagem vareira:

«As lufadas do sul vergam e torcem os ramos, melancolicamente despídos, dos álamos e sobreiros, e emprestam aos pinheirais a voz dos mares».

Ora a flora arbórea da região de Ovar é bem caracterizada pelos álamos a que elle se refere nas suas cartas e que formavam a alameda de ao pé da Igreja, pelos sobreiros do largo de S. Miguel (1) e os pinheirais que circundam a vila. E não é esta a flora característica do Minho.

(1) Hoje Largo Francisco Ferrer.

Outra coincidência: *Henrique de Souza* chega de noite a Alvapenha; Júlio Denis chega de noite a casa de sua tia D. Rosa. Em carta de 11 de Maio de 1863 e dirigida de Ovar a Custódio Passos, diz o romancista:

«Aqui já me valeu simpatias gerais o ter dito, logo que cheguei, que do pouco que tinha visto da vila fizera dela um excelente conceito.

«Ora, tendo chegado de noite, eu não tinha visto coisa alguma» (1).

A doença que Júlio Denis atribui a *Henrique de Souza* é uma neurastenia, esbôço das crises depressivas a que era atreito o romancista. Nas suas linhas gerais, êle descreve nesta passagem um estado de alma que, estamos convencidos, por vezes lhe ennegreceu os dias da adolescência:

«De certo tempo em diante começou, porém, a incomodá-lo uma espécie de vácuo interior, um mal-estar, doença infalível nos celibatários sem família, quando chegam à idade a que chegou Henrique e passam a vida como êle.

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., vol. II, pág. 166.



.....
«O demónio da hipocondria, êsse demónio negro e lúgubre, implacável verdugo dos ociosos e egoistas, o qual havia muito tempo o espiava, apoderou-se dêle em corpo e alma».

É certo que Júlio Denis nunca foi um ocioso e muito menos um egoista; mas esta segunda característica foi uma frase apenas, pois no desenvolvimento do romance reconhece-se que *Henrique de Souza* não tinha essa má qualidade. Afora esta nota, em que parece querer afastar de si a personalidade que o faz viver em todo o enrêdo do romance, Júlio Denis considera essa crise melancólica «doença infalível nos celibatários sem família, quando chegam à idade a que chegou Henrique.» Era exactamente a sua situação.

O fundo de justiça do carácter de *Henrique de Souza*, o seu cavalheirismo, a sua bondade, são as altas qualidades de espírito que caracterizam Júlio Denis.

Basta recordar a discussão havida entre *Henrique* e *Augusto*, que a situação de rivais junto de *Madalena* afastara. *Henrique de Souza* chegou a convencer-se da culpabilidade daquêle no desaparecimento da comprometedora carta do *Conselheiro*. Júlio Denis definindo-o neste diálogo, mostra-se a si próprio:

«No espírito do leviano hóspede de Alvapenha passara-se neste curto intervalo de tempo uma profunda revolução moral.

«Na voz, no gesto e na indignação de Augusto pareceu-lhe perceber vestígios de sinceridade, que até ali não acreditara e, desde êsse momento, além dos remorsos pelos desdêns com que o recebêra, sentia viva a necessidade de uma reparação.

«Madalena tinha razão.

«No meio de todos os seus defeitos, havia neste rapaz um não esgotado fundo de pundonor e de moralidade.

« — Não saía » — disse êle para Augusto, já sem a menor sombra de ironia —. «Se para isso fôr necessário pedir-lhe perdão, pedir-lho hei. Que mais quere?... Reconheço-lhe o direito que tem de ser escutado. Fique. E creia que, a-pesar das aparências lhe serem desfavoráveis, eu, que em bem pouco concorri para elas, sinto-me já movido a não lhes dar fé. É já um convencimento tão íntimo como o que até agora tinha da sua culpa, confesso-o. Se na minha mão estiver esclarecer o mistério, conte comigo. Fale» (1).

(1) Júlio Denis, *A Morgadinha dos Canaviaes*, ed. cit., vol. II, pág. 119.

Já em outro lugar dissemos a maneira como interpretamos estas indetificações. Não há dúvida que em *Henrique de Souza*, nos episódios do romance, no estudo do seu carácter, das suas predilecções, das suas tendências, há muito do romancista. Ousamos mesmo dizer que êle se encontrou adentro da personagem, através de tôda a acção; mas não queremos afirmar que a identificação se mantenha íntegra em tôdas as particularidades que lhe dizem respeito.

Em algumas passagens da descrição de *Augusto* também nos aparece Júlio Denis. Esta personagem foi-lhe talvez suggestionada em Ovar pelo Manuel Patarena, irmão do António Patarena, que êle aproveitou para as *Pupilas* no robusto e equilibrado *Pedro*. Ora êste Manuel Patarena andou a estudar para padre em Braga (1), tendo abandonado a carreira por não se sentir com vocação para ela. Contudo êle não tinha a maior parte das características de *Augusto*. Esta personagem foi, provavelmente, uma síntese de qualidades para que Júlio Denis deve ter contribuído com algumas próprias. Os estudos que constam dos manuscritos con- dizem com o que acabamos de afirmar.

(1) Informação do Padre Manuel Lírio.

A *Madalena* do romance deve ter sido estudada, em parte, na pessoa da sobrinha da velha *Morgada*, D. Maria Adelaide, ou em uma das filhas do dr. António Bernardino de Carvalho, irmã de Alfredo e Licínio de Carvalho, amigos dedicados de Júlio Denis (1), ou em ambas.

Faltam-nos argumentos para nos decidirmos por uma ou outra hipótese, embora se nos afigure mais provável a primeira, a que há a opor o ser já casada a êsse tempo a sobrinha da sr.^a *Morgada*.

As hesitações que se notam nos manuscritos, na formação dêste tipo feminino, dão-nos a impressão de que Júlio Denis o tirou de mais de uma personalidade.

Não sabemos também ao certo donde foi copiado o *Conselheiro Manuel Bernardo de Mesquita*. Para ser cópia do dr. António Bernardino de Carvalho há a considerar que êle faleceu em Ovar, na sua casa das Pontes, em 1862 e, portanto, antes de Júlio Denis ali estar. Pode, porém, argumentar-se que era das suas relações do Pôrto e que assim poderia fazê-lo ressuscitar nas páginas da *Morgadinha*. Não nos abalancamos, porém, a afirmá-lo.

(1) O dr. José de Almeida inclina-se para esta hipótese.

A Casa de Alvapenha é a casa do Largo de Campos, de D. Rosa Zagalo Gomes Coelho, em que viveu Júlio Denis, com o seu «quinteiro de mato, com os respeitáveis dois cães» de guarda; mas engrandecida com a escada de pedra e transformada no solar provinciano do romance.

D. Dorotea, a proprietária da Casa de Alvapenha, era a tia do romancista, D. Rosa Gomes Coelho, com quem se passaram, de facto, algumas das scenas descritas por Júlio Denis. Senhora muito religiosa, daquela religiosidade cheia de bondade das velhinhas dêsse tempo, excessivamente acautelada e preguntadeira, deu bem a personagem de *D. Dorotea*, solícita em extremo e hospitaleira em excesso. Consta na tradição vareira das pessoas que conviveram com sua filha D. Maria Zagalo Gomes Coelho, já falecida (1), que a scena dos cuidados de *D. Dorotea* por *Henrique de Souza*, quando êste se recolhe ao quarto, se devia ter passado pròximamente com Júlio Denis e sua tia D. Rosa, como êle a descreve no romance.

A tia *Dorotea* ficou para sempre como o

(1) Faleceu D. Maria Zagalo Gomes Coelho em Ovar, em Agosto de 1923, segundo nota publicada no trabalho de A. Dias Simões — *Ovar e Júlio Denis*, no jornal *A Pátria*, de Ovar, de 18 de Outubro de 1923.

tipo das carinhosas tias ou avós da província, cheias de cuidados e disvelos.

António Nobre, o admirável poeta do *Só*, descreve, numa das poesias publicadas na última edição, — «Viagens na minha terra» — uma scena parecida à da chegada de *Henrique* à Casa de Alvapenha. Ousamos transcrever a sua parte final, onde êle evoca a simpática personagem de *D. Dorotea*:

«E a mala-posta ia indo, indo,
O luar, cada vez mais lindo,
Caía em lágrimas, — e, enfim,
Tão pontual, às onze e meia,
Entrava, soberba, na aldeia,
Cheia de guizos, tlim, tlim, tlim!

«Lá vejo ainda a nossa casa
Tôda de luz, côr de braza,
Altiva, entre árvores, tão só!
Lá se abrem os portões gradeados,
Lá vêm com velas os criados,
Lá vem, sorrindo, a minha avó.

«E então, Jesus! Quantos abraços!
— Qu' é dos teus olhos, dos teus braços,
Valha-me Deus! como êle vem!
E admirada, com as mãos juntas,
Tôda me enchia de perguntas,
Como se eu viesse de Bethlem!

«— E os teus estudos tens-me andado?
Tomára eu ver-te já formado!
Livre de Coimbra, minha flor!

Mas vens tão magro, tão sumido...
Trazes tu no peito escondido,
E que eu não saiba, algum amor?

«No entanto entrava no meu quarto :
Tudo tão bom, tudo tão farto !
Que leito aquê! E agora, Jesus !
E os lençóis ! Rico cheiro a linho !
— Vá dorme, que vens cansadinho.
Não adormeças com a luz !

«E eu deitava-me, mudo e triste.
(— Reza também o Têrço, ouviste ?)
Versos, bailando dentro em mim...
Não tinha tempo de ir na sala,
De novo : — Apaga a luz ! — Que rala !
Descansa, minha Avó, que sim !

«Ora às ocultas, eu trazia
No seio, um livro e lia, lia,
Garrett da minha paixão...
Daí a pouco a mesma reza :
— Não vás dormir de luz acesa,
Apaga a luz !... (E eu ainda... não !)

«E continuava, lendo, lendo...
O dia vinha já rompendo,
De novo : — Já dormes, diz ?
— Bff... E dormia com a idea
Naquela tia Dorotea,
De que fala Júlio Denis.»

Em verso, e salvo pequenas modalidades,
não se poderia traduzir melhor a scena da che-
gada de *Henrique* a casa de sua tia.

Tudo leva a crer que a *Cristina*, a ingénua e interessante filha de *D. Vitória*, fôsse sua prima *D. Maria Zagalo Gomes Coelho*, por quem parece que *Júlio Denis*, como adiante se verá, manifestou uma certa predilecção.

A descrição feita no romance ajusta-se-lhe perfeitamente.

Queremos apenas destacar uma passagem. Diz *Júlio Denis*, na *Morgadinha*:

«Não era para o salão que se formara e educara o ingénuo e meigo carácter da prima de *Madalena*. Aí tomava-a um acanhamento que já não conseguiria vencer, mas, nas lidas domésticas, na vida do lar, era destas corajosas lutadoras, a quem a desventura não derruba, cuja inteligência por tudo se reparte; dêstes génios providenciais que pairam sôbre o estreito horizonte de família, activos, laboriosos, achando nas fadigas um prazer, nos sacrificios estímulos para mais amar, nos sorrisos que provocam, nas dores que aliviam, nas lágrimas que enxugam, prémio bastante para compensar as pessoas que sofrem».

Estas qualidades possuía-as sua prima e muitas delas lhe devia ter revelado no convívio da *Casa do Largo de Campos*, em *Ovar*.

Cristina é uma figura pouco característica, mais bonita do que bela, para nos servirmos

da frase do romancista ; eram «suaves de mais as inflexões dos seus contornos, brandas as tintas que lhe davam relêvo», de sorte que «nas imaginações ardentes, nos corações inflamáveis, difficil lhe seria produzir alguma impressão duradoira». Júlio Denis afirma mesmo que, para se compreender a sua beleza, era preciso sondar-lhe primeiro o coração, o que não abona, em extremo, os encantos externos da simpática filha de *D. Vitória*. Tudo isto condiz com as qualidades de sua prima, que num e noutro aspecto se correspondem. Voltaremos ainda a referir-nos à sr.^a D. Maria Zagalo Gomes Coelho, pois cremos que forneceu ao romancista elementos para um outro estudo.

Há uma personagem secundária, que foi trazida para a scena tal como era: o *padre Cura*. Referimo-nos ao padre Cura Dias (padre Francisco Correia Dias) que também concorreu para a criação do *Reitor* das *Pupilas* a que, em breve, nos referiremos.

Vivia êste bom padre, oriundo de Mesão-Frio, em Ovar, numa casa próxima da de Tomé Simões. As alusões do romancista a esta insinuante figura vareira com quem viveu de perto, são transparentes na *Morgadinha*.

«Alguns homens prudentes e entre êles o santo homem de um Cura que havia na freguesia,

obrigaram, quasi à fôrça, Henrique a sair da Igreja por a porta da sacristia» (1).

Descrevendo o entêrro de *Ermelinda* com as particularidades que ainda hoje, na sua maior parte, se observam em Ovar, em actos desta natureza, Júlio Denis faz uma apreciação muito justa do Cura Dias:

«Seguiam-se alguns padres de sobrepeliz e batina, recitando as orações da ocasião; entre êstes havia um de aspecto venerando, curvado pelos anos, de fisionomia bondosa e pensativa. Era o Cura, santo e respeitável ancião que, em vez de exacerbar os preconceitos do povo contra os enterros no cemitério, antes enèrgicamente os combatia e censurava» (2).

E mais adiante:

«O cruciferário e os padres, à excepção do velho que dissemos, abandonaram o pôsto... (3)

E ainda:

«— Ora o Padre-mestre tem vagares!» —

(1) Júlio Denis, *A Morgadinha dos Canaviaes*, ed. cit., vol. II, pág. 57.

(2) Idem, *ibidem*, pág. 137.

(3) Idem, *ibidem*, pág. 139.

disse o façanhudo Cosme — «e tu pachorra para escutá-lo, João. Para isso não foi que viemos. Sermões para a quaresma. Vamos! Cante lá os seus responsos e latinórios e ande-me para a Igreja. Vamos nós fazer o entêrro. Ó Manuel coveiro, traz a enxada e vem daí.

«E, dizendo isto, o Cosme já se abaixava para levantar o caixão em que jazia Ermelinda.

«— A justiça de Deus cáia sôbre o ímpio que com as mãos impuras tocar nesse cadáver, que está abençoado pela Igreja! exclamou o velho, indignado e em um metal de voz vibrante e terrível».

.....
«Foi assim que, no momento em que o bando capitaneado pelo morgado das Perdizes, ia ceder, um pouco subjugado pela figura solene e a palavra severa do venerando Cura, saiu da Igreja uma singular procissão» (1).

São notas destacadas, mas que fotografam o bondoso sacerdote que era mestre de famílias na vila de Ovar e a quem sua afilhada, a melancólica e insinuante *Guida*, das *Pupilas*, deveu uma ilustração invulgar no seu meio,

(1) Júlio Denis, *A Morgadinha dos Canaviaes*, ed. cit., vol. II, pág. 120 e 141.

especialmente naquela época. Júlio Denis trouxe-o para esta scena sem disfarce algum, nem o do nome, pois era vulgarmente conhecido pelo *padre Cura*.

Queremos ainda falar de uma outra personagem: *Ermelinda*, aquela criança que, segundo se depreende da descrição do romanista, o fanatismo dos missionários levou à morte. Tem-se querido ver em *Ermelinda* a irmã de D. Ana Simões, a *Guida*, das *Pupilas*, que, segundo é voz corrente em Ovar, os missionários levaram à loucura, em que se debateu até a morte...

Não nos quiere parecer que assim seja. A irmã da *Guida* morreu mulher e tempo depois de Júlio Denis deixar Ovar.

É mais provável que ela esteja representada na *Rosita do Gaudêncio*:

«—A falar a verdade «— dizia um—» êste pobre homem tem alguma razão. Isto de meter scismas às crianças!...

«—E a Rosita do Gaudêncio olha que vai por a mesma» (1).

Mas seja uma ou outra a que representa a

(1) Júlio Denis, *A Morgadinha dos Canaviaes*, ed. cit, vol. II, pág. 148.

infortunada filha de Tomé Simões, pouco importa. Trata-se de uma vítima do fanatismo religioso, que Júlio Denis azorragou numa linguagem por vezes cheia de invulgar severidade.

Mas continuemos a nossa digressão através do romance, marcando os seus pontos de contacto com a vida vareira.

São vulgares no romance nomes de Ovar, quer de pessoas, quer de lugares.

Cancela é nome vareiro; *Zé-Pereiras* foram uns afamados tocadores de bombo e tambor a que, no seu conjunto, chamam por aqueles sítios *charanga* com que, ao menos antigamente, atroavam os ouvidos em vésperas de festas de grande solenidade. Dizem-nos que ainda há, em Ovar, descendentes muito próximos dêsses afamados tamboriladores.

Corredoura (1), Senhora da Saúde (2), etc., são designações locais. Sôbre a Senhora da Saúde falaremos mais demoradamente a propósito de uma passagem das *Pupilas* em que a capela é também trazida à scena.

As expressões: «o vento é do mar» (3), «canalhada» (4), no sentido de gente miúda, etc.,

(1) Júlio Denis, *A Morgadinha dos Canaviaes*, ed. cit., vol. I, pág. 71.

(2) Idem, *ibid.*, vol. I, pág. 119, 134 e 152.

(3) Idem, *ibid.*, vol. II, pág. 174.

(4) Idem, *ibid.*, vol. I, pág. 115.

são locuções regionais. Mas se tudo isto ainda não basta para cabal demonstração de que a *Morgadinha* foi nada em terras vareiras, recordaremos a scena dos Correios, das mais belas páginas do romance e da obra de Júlio Denis. É uma cópia fiel do que era nesse tempo a distribuição do correio em Ovar.

Sabêmo-lo de fonte segura: é o próprio romancista que, em carta, a descreve a Custódio Passos. Depois foi trasladada, acrescentada e acomodada às exigências do romance:

«Meu Passos

«Entre as poucas distrações que esta vila oferece aos seus visitantes, nenhuma tanto de meu gosto como a da chegada do correio.

«Todos os dias me levanto mais cedo para estar às nove horas na loja em que se distribuem as cartas. Imagina tu uma pequena sala humildemente mobilada com bancos e mesa de pinho e uma estante ao fundo contendo *in-fólios* de formidável aspecto. Um homem idoso, a quem chamam aqui doutor, mas de cujo grau ainda não tirei informações, como de-certo teria já feito um nosso conhecido, toma fleumáticamente a sua pitada, conservando êle só uma imperturbável indiferença no meio da ansiedade de quantos o rodeiam».

Referindo-se à casa do correio, diz Júlio Denis, na *Morgadinha*:

«Consistia esta numa loja apenas, mobilada com um banco de pinho e dividida por um mostrador, para dentro do qual se alojava todo o pessoal do serviço, isto é, um homem por junto; e era êste o sr. Bento Pertunhas, personagem importante na terra e a cuja inteligência e solícitude estavam confiadas mais do que uma função.»

Sentimos não poder levar mais longe a transcrição, que é cortada de episódios secundários. Mas os que tiverem lido o romance devem reconhecer que as duas descrições muito se aproximam. Um e outro trecho se referem ao empregado do correio que era, de facto, o doutor, ou melhor, o bacharel João Ferreira de Azevedo, mais vulgarmente chamado o dr. Canha e que o romancista transformou no enciclopédico sr. *Bento Pertunhas*, cujas afinidades com o verdadeiro director dos correios não passavam, porém, da maneira como ambos se desempenhavam da missão de distribuidores da correspondência, no que inteiramente se ajustam as duas personagens.

Bento Pertunhas tem muitas e várias funções, com que Júlio Denis o sobrecarrega no romance para evitar a entrada de outras personagens.

Nasceu no *Bento Crispim* do primeiro ma-

nuscrito e aperfeiçoou-se à custa de outras personagens, para passar à posteridade.

O dr. João Ferreira de Azevedo, ou mais vulgarmente o dr. Canha, pois em Ovar poucas são as pessoas que não têm alcunhas, era excêntrico, muito miguelista e apreciado cavaqueador.

Desempenhava, como vem descrito na *Morgadinha*, o importantíssimo papel de director do correio; mas não ensinava latim nem tocava trompa. Júlio Denis carregou-lhe com essas duas qualidades, que observou em duas outras personagens das suas relações em Ovar: no padre Fernando de Almeida, vizinho da Casa do Correio, e que ensinava latim, e no mestre-escola Francisco Leite de Sousa, o Xastre, aspirante a farmacêutico e também tocador de trompa (1).

Estas informações, fornecidas pelo dr. José de Almeida, mostram a razão porque *Bento Pertunhas* nos aparece ajoujado com novas e preclaras habilitações (2).

Por tudo o que fica exposto, temos de con-

(1) Esteve na farmácia do José Manuel Teixeira de Pinho, citado nas cartas a Custódio Passos, e por onde Júlio Denis se gastava.

(2) Havia ao tempo, em Ovar, um grande trompista, José Lapierre Badou, segundo nos informou o dr. José de Almeida, mas nem êle nem nós cremos que tivesse sido aproveitado para êste estudo.

cluir que a *Morgadinha dos Canaviaes* é, desde as suas origens, um romance vareiro.

Há personagens e paisagens que não pertencem à região; mas os tipos principais e até a base do cenário é da vila e arredores onde primeiro Júlio Denis traçou os seus esboços.

Nem sequer esqueceram as lutas eleitorais, tão violentas por aquelas paragens, que contam no seu activo desordens graves e até algumas mortes. Júlio Denis deu-lhes o colorido das variadas peripécias que decorrem desde os comícios da taberna do *Canadas* à traição do brasileiro e do *Morgado João das Perdições*, para acabarem no gesto honrado e nobilíssimo do velho herbanário, figura de santo que não conseguimos identificar, e que é a personificação da máxima elevação moral.

IX

«O CANTO DA SEREIA»

I

MUITAS vezes procurámos investigar, a propósito das *Pupilas do sr. Reitor*, a razão porque Júlio Denis não faz nesse romance uma única referência directa ao mar, quando é certo que tóda a acção se passa, não no Minho, como se tem acreditado, mas em Ovar, população essencialmente marítima.

Passando em revista os seus manuscritos inéditos, encontrámos um pequeno romance cuja acção se passa em pleno mar entre a praia do Furadouro, contígua a Ovar, e Espinho, que fica a alguns quilómetros ao norte.

O romancista pensava revê-lo mais tarde, juntar-lhe talvez novos episódios e entregá-lo depois à publicidade. Sendo assim compreende-se que

não quisesse repetir o mesmo scenário e por isso deslocasse para o norte, para o seu predilecto Minho, os dois romances vareiros: a *Morgadinha* e as *Pupilas*. O primeiro ainda pôde arrumá-lo em paragens por vezes diversas daquelas onde foi nascido, mas as *Pupilas* é que não conseguiu desenraizar da terra de origem, como demonstraremos.

O *Canto da Sereia* é escrito sem disfarces de scenário. Passa-se na zona marítima de Ovar. É um episódio da vida de pescadores, excessivamente dramatizado e tanto que sai um pouco da forma vulgar do romancista para nos lembrar, em algumas passagens, as páginas dolorosas e extravagantes de Edgard Poë.

Não só desperta um inesperado interêsse, mas, sobretudo, apresenta uma documentação preciosa, que aproveitaremos. Que extraordinário período de actividade literária foi êsse em que Júlio Denis esteve em Ovar!

Já o mostrámos através dos esboços ali traçados do romance a *Morgadinha*. Sôbre as *Pupilas* falaremos daqui a pouco.

Juntem-se a estas obras as poesias dessa época, algumas das quais podemos hoje datar com precisão. A do *Bom Reitor*, já publicada, é dêsse tempo; é-o também a *Oração do Reitor*, que atrás publicámos, página de profunda unção religiosa, e uma das mais belas que Júlio Denis escreveu.

A interessante poesia as *Andorinhas* vêmo-la pela primeira vez no *Canto da Sereia*, um pouco diferente especialmente na parte final, que foi depois ligeiramente acrescentada (1).

Transcrevêmo-la tal como a encontrámos neste manuscrito :

«Deixai êstes montes de neve çoroados,
As selvas despidas e as flores sem côr,
As grossas torrentes e os troncos quebrados
E os vales cobertos de denso vapor.

«E quando, de novo, na verde campina
Violetas e rosas se virem florir,
E a serra inundada de luz matutina
As gélidas vestes de novo despir,

«E quando, de novo, na praia arenosa
A onda mais plácida vier deslisar,
E das laranjeiras de copa frondosa
Caiem as flores no chão do pomar,

«E quando estas nuvens escuras, pesadas,
Quais negras montanhas, que se erguem do sul,
Fugirem dispersas e em flocos rasgadas
Nos plainos imensos dum límpido azul,

«Voltai ; nova quadra de amor vos espera.
Das praias distantes para estas parti,
Que a luz que dimana de fúlgida esfera,
Do sol já sem nuvens, às aves sorri.

(1) As pequenas alterações dão-se nas estâncias que se seguem à quarta quadra.

«Voltai que de novo estarão florescentes
As selvas, os prados, o monte e os vergéis,
Quietas as brizas, as águas dormentes,
Nos lagos tranqüilos de novo sereis.

«Só eu, que vos vejo partir, pressurosas,
Buscando outros climas dos bosques além,
Já quando nos prados brotarem as rosas,
Talvez não reviva co'as rosas também.

«Ai, não, não revivo! Bem sinto que o outono
Que as fôlhas crestadas dispersa no val',
As horas me aponta dum plácido sono,
Do sono da morte no leito final.

«E quando na volta de longas viagens,
Vierdes de novo saüdar nossa luz,
Passando, andorinhas, por estas paragens
Da campá onde eu durmo poisai junto à cruz.

«Com brandos gorgeios, com vozes magoadas
Quebrai dos sepulcros a triste mudez.
Co'as sombras dos mortos por vós evocada
Talvez que eu da campá ressurja... talvez.»

Esta poesia é a primeira expansão dolorosa da sua vida agrilhoada ao morbo que o havia de prostrar. Quem sabe se Júlio Denis não repetiu, algumas vezes, as suas últimas quadras como um final de romance em que êle era, de verdade, o protagonista!

Como Júlio Denis apreciava especialmente a poesia que se canta, por ser, em seu entender, a que melhor se sente, imagina-a neste romance

cantada em italiano e «harmònicamente interpretada pela música de um compositor desconhecido». Dá-a como a tradução da canção que a excêntrica cantora, de que nos ocuparemos daqui a pouco, entoava em pleno mar nas suas bizarras digressões.

Pode, por isso, datar-se de 1863, ano em que o romancista esteve em Ovar.

Também é desta data a *Evocação à tempestade*, de que adiante falaremos, e ainda algumas mais.

Do interessante romancezinho — *O Canto da Sereia* — vamos transcrever a maior parte.

Nas primeiras páginas descreve Júlio Denis a paisagem do Furadouro, em que o *ti' Cabaça*, nome regional, conta em linguagem rude e insinuante a história fabulosa de uma sereia que abordara áquelas paragens em tempo de seu avô. O pitoresco do diálogo, a descrição do tipo do marítimo e da vida dos pescadores daquela região, constituem uma preciosa observação, cheia de colorido e de verdade:

— «Metade mulher e metade peixe! Isso pode lá ser! Está a caçoar com a gente o *ti' Cabaça*. Ora!

— «A caçoar! Na minha idade não se caçoar, rapazes. É verdade o que lhes digo. Assim me Deus salve, como muita vez o ouvi contar a meu pai. Senhor o chame lá! Dizia êle que de

seu avô o sabia. Já se vê que isto vem dos antigos.

«O diálogo, cujas últimas palavras acabamos de escrever travara-se entre um grupo de pescadores da costa do Furadouro que, deitados uns, outros sentados e em variadas posições na areia da praia, procuravam, fumando e conversando, aproveitar as horas de forçada ociosidade a que o estado do mar os constrangera naquele dia.

«Era por uma tarde dos fins de Maio (1).

«A abóbada celeste tingira-se dessa sinistra côr plúmbea, pronúncio de tempestades iminentes e, por um conhecido efeito de óptica, parecia abater-se cada vez mais sôbre aquela extensa planície arenosa, limitada ao Ocidente pelo mar e ao Oriente pela longa cintura de pinheirais que protege contra a invasão de assoladores turbilhões de areia, a populosa vila de Ovar.

«As vagas inquietas e irritadas sob a influência do poderoso agente eléctrico que se condensava nos ares, e reflectindo à sua superfície encrespada a côr escura e quási metálica do céu, aumentavam o aspecto sombrio e carregado da perspectiva.

(1) Júlio Denis chegou a Ovar em 27 de Abril e ali se manteve até Setembro.

«Respirava-se a custo uma atmosfera abrazeada e sufocadora e, de quando em quando, levantava-se do sul um vento leve, mas quente e árido, como se viera de atravessar uma vasta região devorada pelas chamas de incêndio destruidor.

«O escuro dos palheiros, ainda inhabitados naquela época do ano, e o das pequenas recoletas, onde vivem miseravelmente as mais pobres famílias de pescadores, longe de imprimirem aparências de vida e animação à feição severa e melancólica do quadro, antes parecia concorrer para lha exagerar, talvez, recordando épocas de maior movimento na praia e fazendo, pelo contraste, sentir o seu actual abandono.

«As companhas não trabalhavam naquela tarde. Os arrais, estudando com olhos experimentados a côr do céu, o rumo do vento, a forma das nuvens e a ondulação particular das vagas, prudentemente mandaram recolher as lanchas à praia. Esta não apresentava, portanto, aquêlê laborioso tumulto e confusa agitação que acompanha sempre o trabalho das pescarias.

«Apenas algumas crianças de pernas nuas, crestadas pelo sol e pelas brisas marítimas, lutavam umas com as outras na areia ou brincavam com as ondas, ora correndo para elas, ora fugindo-lhes, mas nem sempre com a presteza necessária para no movimento do fluxo

não serem alcançadas, acontecimento que era sempre satidado com estrepitosas gargalhadas e apupos (1). Dos pescadores, uns haviam ido saborear à vila o tempo de tréguas que lhes concedera o mar, outros refocilavam-se na taberna da tia Salgada (2), a mais afamada da costa do Furadouro, com longas e preciosas libações do vinho da Bairrada que desafiava competências com os mais acreditados que se vendiam na vila; finalmente alguns mais sóbrios, dispersos em grupos na praia, conversavam tranqüilamente, quando não dormiam ao som monótono das ondas e na convidativa cama de areia sôlta, que tão confortavelmente se lhes amoldava às formas do corpo.

«O grupo, donde haviam partido as poucas palavras que pudemos ainda escutar, era um daqueles em que mais intensamente pareciam absorvidas as atenções pelo assunto que se discutia. Na posição e no gesto de quási todos os que o formavam, revelava-se uma ávida curiosidade e o velho Cabaça, que tinha a palavra naquela ocasião, assumira certo ar de gravidade que não concorria pouco para o efeito produzido.

(1) Muito usados, como manifestação de regozijo, naquela região.

(2) Que lá existiu, com êste nome, como nos pôde averiguar o Padre Manuel Lírio.

«Era o tio Cabaça uma bela figura de velho, alentado e musculoso e de uma robustez de organização, que reagia ainda vitoriosamente contra o pêso dos anos.

«Era tido em grande conta na companhia, não só pelo muito que entendia de coisas do mar, como pelo bem que sabia contar histórias curiosas, crónicas dos tempos passados, recebidas por tradição de seus pais e que de boa vontade transmitia aos moços que o escutavam sempre atentos, embebidos naquelas recordações, quasi tôdas gloriosas para a gente do mar.

«Desta vez, porém, o objecto da narração parecia ter encontrado incrédulos entre o auditório, cujo scepticismo chegara a manifestar-se por aquela exclamação de dúvida, com que abrimos o primeiro capítulo desta singela e desprezenciosa história.

«O velho protestara, como vimos, pela veracidade do factó; mas ainda assim, encontrou uma voz de incrédulo que redargüiu:

«—Essa lá me custa a crer, ti' Cabaça. Eu sei que há muitas estranhas e exquisitas castas de peixes lá por êsses mares de Cristo. Velho não sou eu nesta vida de pescador e, contudo, posso já dizer, sem me gabar, que tenho visto alguma coisa e que não ando nisto *de todo às cegas*. Vi já alguns peixes levantarem vôo como

os pássaros, outros eriçados de espinhos, que nem ouriços; já experimentei o abalo que causam as tremelgas vivas quando se lhes toca com o pé, e até um dia me mostraram de longe o chafariz de água que fazem as baleias ao respirar; mas agora as tais sereias... na verdade... peixes que falam e que cantam como a gente!...

«— Que falam e que cantam, sim, senhor, que falam e que cantam. E então que falar e que cantar! Não é lá qualquer coisa! Eu só queria que vocês ouvissem o meu pai, que Deus haja, contar o caso.

«— Mas então diga-nos mais por miúdo como isso foi», — exclamou do lado um jovem pescador, que se mostrara excessivamente interessado com a história e mais disposto do que o seu companheiro a acreditar na existência do fabuloso animal, de que falara o velho.

«O tio Cabaça sacudiu fleumáticamente a cinza do seu volumoso cachimbo, soprou ao tubo para o desempedir, fêz nova provisão de tabaco e acendeu-o, — tudo isto com movimentos pausados — e, depois de expelir a primeira baforada, principiou, revestindo-se da devida gravidade, a narração que se lhe pedira.

«— O caso que lhes vou contar sucedeu, pelos modos, no tempo em que meu avô era ainda rapaz. Vai por isso... Eu sei lá!?... há mais de um cento de anos bem contados. Tinham

ido certa tarde as companhas para o mar. Nos lanços da manhã a safra havia sido pequena, a-pesar-de se ter esperado que a sardinha, fuggindo à trovoada que tôda a semana andara pelo mar alto, viesse em abundância à costa. Mas, como tal não sucedera, tiveram de se fazer de tarde os barcos mais ao largo. Estava um tempo assim como hoje: os ares soturnos, o vento sul e o mar picado. Largaram-se as rêdes e seria aí pelo fim da tarde quando de novo remaram para a praia. Chega não chega, desembarca não desembarca, era já lusco-fusco. O mar começou então a levantar-se mais, sem que tivesse havido mudança de vento ou coisa que fôsse motivo para isso. Os homens mais entendidos das companhas não podiam dizer o que adivinhava o mar, que assim tão do pé para a mão se fizera ruim (1). Êste dizia uma coisa, aquele dizia outra, tantas cabeças, tantas sentenças e ninguém se entendia.

«No entretanto puxavam se as rêdes para terra; a canalha (2) fazia, cantando, a algazarra do costume, os homens berravam como... como

(1) Têrmo regional muito empregado no meio marítimo.

(2) Designação empregada naquela região como significado do rapazio. Provincianismo citado no dicionário de Cândido de Figueiredo. Na *Morgadinha* emprega Júlio Denis locução similar.

vocês berram ainda agora, rapazes... eis senão quando...

«Um movimento de curiosidade se manifestou na assemblea quando o velho Cabaça chegou a êste tópico da sua descrição, que êle, como profundo conhecedor da arte de impressionar os auditórios, soube fazer valer por uma pausa conveniente e uma particular e expressiva inflexão de voz.

«Depois correu a vista por todos aqueles rostos, eloqüentes de curiosidade e, satisfeito comsigo pelos dotes oratórios de que se percebia possuidor, continuou:

«— Eis senão quando, principiou-se a ouvir uma música, a modo de música de Igreja.

«— De instrumental, ti' Cabaça?

«— Não, homem, daquela música que se toca nas Igrejas do Pôrto.

«— Já sei, é a dos realejos.

«— Não é dos realejos, não; é dos *orgos*, *orgos*»—emendou, um outro, melhor informado sobre a matéria.

«— Pois é verdade!» — continuou o orador. — «Começou-se a ouvir aquela música e logo todos se calaram a escutar. Pareceu-lhes depois mais uma voz de mulher que chorava e que rompia em altas queixas. Olharam em redor para ver donde partia aquilo e quanto mais olhavam mais se lhes afigurava virem do mar os tais choros e gemidos. Contudo, por

mais que reparassem para as ondas, nada podiam enxergar. Continuavam puxando as rêdes e continuavam a ouvir as vozes que cada vez aumentavam mais. Havia já quem pensasse ser feitiçaria aquilo.

«—Feitiçaria, sim. Bem me fio eu nisso» —disse, não desmentindo o seu já provado scepticismo, o mesmo pescador que pusera em dúvida a existência das sereias.

«O velho Cabaça julgou do seu dever corrigir a incredulidade dêste companheiro, a qual lhe ia parecendo demasiada.

«—Homem, sabes que mais? Pede a Deus para que não venhas à tua custa a fiar-te em bruxedos e feitiços. Tu fazes-te muito valente, meu rapazote, mas acautela-te, porque um dia...» — E operando uma rápida diversão no curso das suas ideas, o velho prosseguiu:

«—Mas no meio dêste — que será que não será —, estavam as rêdes chegando à praia; o pranto ouvia-se ainda mais claro, até que enfim... viram os pescadores a coisa mais maravilhosa, que ainda apareceu na costa.

«—Era a sereia?» —preguntaram, a um tempo, com ansiosa curiosidade alguns impacientes, cujo ânimo lhes não deixara sofrer as delongas da narração.

«O tio Cabaça continuou imperturbável.

«—Viram um animal que da cinta para baixo era um peixe completo.

- « — Um peixe?! »
« — Sem tirar nem pôr, escamas, cauda, barbatanas, finalmente, tudo. »
« — Ah! Barbatanas também? »
« — Também barbatanas. »
« — E da cinta para cima? »
« — Da cinta para cima era a mulher mais bonita que se tem visto no mundo. »
« — Ah! »
« — Ora essa! »
« — Isso era arte do diabo! »
« — E então tinha cabelo e dentes e... »
« — Era uma mulher perfeita; não lhes estou eu a dizer? »
« — Vou-me por êsse mundo! »
« — Olhem os meus pecados! »
« — E então falava, ti' Cabaça? »
« — Pois dela é que vinha a tal carpideira e os tais choros que disse. »
« — Ah! Estou para morrer. »
« — Eu se visse tal estarrecia (1). »
« — E que dizia ela, ti' Cabaça? »
« — Chorava e carpia-se que metia mesmo dó. Tôda a sua pena era tirarem-na do mar. O que ela pedia é que a soltassem da rêde e

(1) Têrmo regional. Camilo emprega-o no *Brasileiro dos Praçins*, pág. 168. Todo êste diálogo é cheio de locuções regionais que Júlio Denis arquivou cuidadosamente.

que a deixassem voltar para a água, pois só lá é que podia viver.

« — E ela falava assim como a gente, ti' Cabaça?

« — Pois então? E com uma voz e duma maneira que fazia mesmo enternecer os mais empedernidos. » — E o narrador, forçando a voz a um desafinado falsete, para lhe dar a mais feminina modelação de que ela era susceptível, tentou, pouco modestamente, reproduzir o timbre fascinador da sereia, dizendo, conforme a tradição que fielmente conservara:

« — Ai, soltai-me, soltai-me, — dizia ela, — deixai-me voltar para o mar, que, se me levais para terra, eu morrerei logo.

« — Pobre rapariga!

« — Pobre peixe, emendou outro.

« — E porque há de ser peixe e não rapariga?

« — O quê? O quê? Aquilo tem lá alma?

« — Eu sei lá se ela tem alma?

« — Que dizes tu, homem, nem que fôsse gente cristã!

« — Mas ela que falava. . .

« — Isso é por artes do mafarrico.

« O velho Cabaça prosseguiu, depois de terminada esta accidental discussão psicológica:

« — Houve ainda assim quem quisesse tirá-la para sêco, mas tais foram os seus queixumes, que o arrais, comovido, mandou soltá-la da rêde.

«—E era muito grande, ti' Cabaça?»

«—Assim como uma corvina... taluda.

«—Está feito!

«—Logo que se viu livre» — continuou o orador — «fugiu nadando, como um peixe que era, mas a cantar e com tanta aquela (1) que nem música de anjos do céu pode ser tão linda. Era um cantar de tal casta, que tôda a companhia se deixou ficar a escutá-lo, sem se lhe importar com a sardinha que já estava na areia. As cachopas (2) da vila, que tinham vindo aos caminhos para o Carregal, não queriam saber de outra coisa que não fôsse ouvir aquela voz. E assim ficaram todos postos enquanto ela se pôde ouvir e só depois se deitaram ao trabalho, ainda que com bem pouca alma.

«Foi então que um pescador velho disse ser aquilo uma sereia e que bem mal tinham feito em a deixar fugir, pois de nada sabia tão perigoso para os marinheiros como encontrá-las no mar largo ou escutá-las muito tempo.

«—Então o que fazem elas, ti' Cabaça?» — perguntou um dos pescadores mais jovens e que de todos parecia também o mais interessado pela narração.

«—Com aqueles cantos» — respondeu o inter-

(1) Forma de dizer muito empregada na região.

(2) Termo muito usado em tôda a Beira-Ria.

pelado, — «pelos modos atordoam a gente, que fica assim como com uma bebedeira. Não se faz mais coisa com coisa, não se atina com o governo do leme, nem com o das velas ou dos remos. Neste comenos elas levantam o mar e um homem vai para os peixinhos que é mesmo uma consolação.

«— E nunca mais voltou à costa essa... êsse peixe?» — perguntou ainda o mesmo pescador.

«— Nunca mais até hoje. Êle anda sempre muito ao largo e só quando alguma trovoadá forte o escorraça é que foge para as costas.

«Seguiram-se vários comentários sôbre a plausibilidade do caso. O tio Cabaça contara-o com tal acento de convicção, e era tão pouco dado a gracejos o velho pescador, que todo o auditório se sentiu inclinado a admitir o carácter verídico do factó extraordinário que lhe acabara de ser narrado.

«Depois de muito conversar, dispersou-se finalmente o grupo, aí pelo cerrar da noite, e a taberna da tia Salgada viu aumentar o número dos hóspedes e o das bôcas que faziam justiça, por palavras e obras, às excelências do seu Bairrada.

«Na praia apenas ficaram dois homens.

«Um era o tio Cabaça que, sentado, com as mãos entrelaçadas por diante dos joelhos e o cachimbo pendente dos lábios crestados, olhava

para as ondas que se sucediam na areia e parecia absorvido em profunda meditação.

«Este hábito de scismar gera-o a continuada contemplação das scenas maritimas.

«O homem que vive e envelhece a escutar aquella música das ondas, que do alvorecer ao crepúsculo é embalado por elas, o que alternadamente as conheceu afáveis e irritadas, que delas recebeu carícias e ameaças e as viu ora suavemente iluminadas pelo luar, ora reflectindo a luz sinistra dos relâmpagos, surpreende-se muitas vezes nestas silenciosas e inexprimíveis divagações do espirito, tão frequentes nos poetas.

«Em todos os portos de mar se encontram, ao fim da tarde, dêsses velhos scismadores que, aparentemente atentos nas formas em que se condensa no ar o fumo do seu cachimbo, trazem por bem longe o pensamento, talvez que a colhêr saúdades nas recordações daquelle viver incerto de marinheiro, para cujas laboriosas peripécias os anos os invalidaram já.

«O velho Cabaça principiava a pensar nessa época próxima, na qual lhe havia de fraquejar o braço que ainda movia vigorosamente o remo; nesses longos dias, em que, preso à terra, se veria obrigado a ocupar-se num trabalho de mulheres, reparando as rêdes da companhia.

«Aquele futuro tranqüilo, reservado à sua velhice, entristecia-o; como, nos tempos de

brios cavalheirosos, desanimava o guerreiro a idea duma morte que não fôsse no meio da refrega e disputada até ao último suspiro com feitos de arrojada bravura.

«Por isso o tio Cabaça tinha freqüentes momentos de melancolia.

«O outro homem era o pescador moço, a quem tanto interessara a história da sereia, contada por o primeiro, havia pouco, e que, desde que a ouvira, parecia haver ficado sob o domínio duma profunda impressão.

«A alta estatura dêste jovem pescador, as suas formas bem desenvolvidas e a fisionomia expressiva de inteligência e vivacidade, davam-lhe um certo ar de nobreza e resolução que fazia lembrar aquele célebre herói napolitano, o ousado e patriótico Mazaniello.

«As amplas e pitorescas vestes de pescador deixavam sobressair tôdas as vantagens da sua vigorosa e excelente corporatura.

«Era uma organização cheia de vida e de robustez, a daquele moço, em cujo rosto tri-gueiro e imberbe se desenhavam neste momento os sinais evidentes, ainda que desvanecidos, duma certa preocupação de espirito.

«Por baixo do clássico gôrro de lã escarlate saíam-lhe profusos os cabelos, que lhe vinham quasi poisar nos ombros. Com os braços cruzados e a fronte pendida, êste homem passeava silencioso no extremo da praia, tão próximo

das ondas, que estas, nos maiores fluxos, chegavam a alcançá-lo sem que mesmo assim conseguissem distraí-lo daquela abstracção em que parecia concentrado».

Todo êste trecho, de uma grande verdade como apropriação ao romance da linguagem dos marítimos, tem um inequívoco sabor regional. Júlio Denis destacou para êste inédito tôdas as impressões recebidas nos seus passeios ao Furadouro, nas suas excursões ao longo da praia na direcção de Espinho, pois a todo êsse trajecto se refere em outras passagens do romance. É também de notar a maneira como interpretou a melancolia do velho *Cabaça*, que começava a sentir o desgosto da sua aposentação forçada na desagradável ocupação de remendar rêdes.

¿ Quanta vez o adivinhámos nos velhos pescadores inválidos?

É preciso ser da beira-mar para se sentir tôda a beleza da descrição do *ti' Cabaça*, tão cheia de pitoresco e de superstição, como é próprio em homens do mar.

Não sabemos se Júlio Denis ouviu a história com que abre o seu romance tal qual no-la escreve. Estamos em crer que sim. As sereias são ficções que vivem como verdades em algumas almas simples de pescadores.

Numa aldeia ribeirinha, próxima de Ovar,

era ponto assente que, de trás da *pinheira* (1) *da fonte do Moinho da Másia*, saía na noite de S. João, uma sereia (2) encantada que ali passava o seu fadário não sabemos por que estranhos designios (3).

Vinha cantar e chorar a sua desgraça como aquela que na história do *ti' Cabaça* foi apanhada pela rêde. Em criança muitas vezes nos contaram a triste história com episódios mais ou menos complicados, consoante a fantasia das narradoras. É possível que alguns pescadores rudes da aldeia, almas crentes e scismadoras, eternas crianças a quem os anos não conseguem destruir as doces ilusões infantis, dêem ainda crédito a esta e outras lendas. O *ti' Cabaça* conserva-se na sua crença através de todo o romance. E há de haver por lá outros *ti' Cabaças!*...

O romance segue, porém, numa orientação mais verídica. O pescador que com o velho *Cabaça* ficou na praia, o *Pedro do Ramires*, andava, de há tempo, apreensivo e taciturno. No dizer do romancista, êle «possuia instintos

(1) Provicianismo que designa o pinheiro manso. O velho exemplar a que se referia a lenda foi arrancado há anos.

(2) Também lhe chamam *bicha-moira*.

(3) Lenda de Pardilhó.

de poeta, o malfadado». E por isso justifica nestas passagens a sua tendência contemplativa junto do mar:

«Eram êsses instintos que o impeliã para aquela irresistível tendência à solidão, os que lhe faziam perceber, no som plangente das vagas, modulações, para as quais os seus companheiros não tinham sentidos organizados, que por muito tempo o conservavam imóvel, a seguir com a vista aquelas ondas espumosas que se desfaziam na areia, as formas extravagantes das nuvens, os contrastes surpreendentes da luz que as atravessa ou se reflecte nelas, colorindo-as com inimitável paleta, a curva descrita na amplidão pela ave aquática de vôo rápido, e até o estalar do trovão e o fuzilar dos relâmpagos em noites de tempestade.

.....

«Pedro sentia, e por infelicidade sua, sentia com excesso. Êste mundo, evidentemente não foi feito para quem sente assim! Aceitava, porém, as impressões que recebia sem se lembrar de as discutir; aceitava-as como um quasi fatalismo, que nem lhe deixava pensar na possibilidade de se subtrair a elas.

«Via que por tôda a parte o acompanhava uma como atmosfera de inebriantes aspirações e recebia a influência balsâmica dêsse ambiente sem se interrogar sôbre a natureza dêle.

«Sentia, sem a conhecer, a poesia da natureza, a que se revela em côres, em sons e em perfumes e que desperta a poesia do sentimento em almas organizadas para êsses sublimes acordes. Era um poeta sem ter a consciência de o ser, sem ter sequer a consciência da poesia.

«Quando esta espécie de encarnação dum segundo verbo, mistério original dos entes privilegiados que se dizem poetas, se opera em espíritos que a educação não vem cultivar depois, surgem caracteres, como o de Pedro, nos quais se passam os mais estranhos e admiráveis fenómenos que pode oferecer ao estudo a natureza humana.

«É uma luta contínua, um antagonismo inútil, um combater desesperado de aspirações que se estorcem impotentes sob a cadeia que lhes sopea os esforços. Algemados Prometeus que têm por principal suplício os irrealizáveis anelos do seu próprio génio! Tântalos, sequiosos dum ignoto licor, que adivinham, sem o conhecer, como o alívio único à ansiedade que os martiriza»!

Pois foi êste sonhador, a quem a cultura literária não dera ásas para elevar a alma a maiores alturas, que ouviu noites seguidas uma música no mar, um cantar como nunca ouvira e que, depois da descrição do *ti' Cabaça*, julgou ser de sereias. O velho pescador que o seguia

de perto, e a quem, de há tempos, *Pedro* vinha impressionando pela sua misantropia e estranha conduta, abordou-o uma noite ao vê-lo só na praia, para lhe perguntar:

« — Mas em que andavas tu a scismar agora que nem sequer me vias, de tão perto que estavas? »

A resposta, ou, melhor, o seguimento do diálogo patenteia todo o fundo do romance:

« — Diga-me, ti' Cabaça, sempre será verdade que existem sereias? »

« O interrogado, recebendo à queima-roupa a interpelação, vacilou um bocado; assumiu, porém, em breve, todo o seu sangue-frio e respondeu:

« — Comquanto eu as não visse, nem ouvisse nunca » — e nem disso me resta pena — « creio que as há, pelo que já disse do que muita vez ouvi contar a meu pai — o Senhor o chame a si.

« — E é certo que êsses peixes ou essas mulheres, que não sei ao certo como lhes chame, cantam às maravilhas? »

« — Assim o dizem. Pelos modos é com êsses cantares que elas perdem os navegantes no alto mar. Poucos são os que têm fôrça para as não seguir, só para escutar-lhes aquela música de anjos.

«Pedro ficou novamente silencioso e pensativo. O velho pescador respeitou por algum tempo aquele silêncio, mas enfim dirigiu ao seu companheiro uma súbita interrogação.

«— Mas para que diabo queres tu saber isso, rapaz?

«— É porque...» — Pedro ia a responder, mas outra vez hesitou.

«— Porque é? Fala!

«— Olhe, ti' Cabaça. Vou dizer-lhe uma coisa; mas não se ponha a rir de mim, que, juro-lhe por minha mãe, ser verdade tudo quanto me ouvir.

«— Fala lá, rapaz» — respondeu o tio Cabaça, que tomou logo um ar sisudo e grave, ao ouvir a invocação (1) a que recorrera Pedro e já de-veras interessado pela comunicação que ia receber. — «Fala, que eu te escuto.

«— É que eu... ouvi já cantar uma sereia, ti' Cabaça» — disse Pedro em tom misterioso e interrogando ao mesmo tempo a fisionomia do velho, a ver o género de impressão que esta nova produzira nêle.

«— Ouviste cantar uma sereia!» — disse João Cabaça de-veras surpreendido. — «Quando?

«— Há algumas noites a fio que a escuto.

(1) A invocação da mãe. Júlio Denis nem neste romance deixa de tocar esta nota afectiva.

«— Aonde?

«— Aqui, da praia. É uma música de anjos que vem das ondas. Uma música como ainda a não ouvi em parte alguma. Não é alegre e divertida, como a das festas e arraiais; nem séria e de devoção, como a que cantam as mulheres na vila à missa-do-dia, ao consagrar da hóstia e do cálice; mas é uma música triste, saúdosa, uma música que me faz chorar. A voz que canta parece de mulher, mas, ao ouvi-la, até chego a esquecer-me do lugar em que estou. Sabe? A praia, o mar, as estrêlas, o céu, tudo desaparece diante de mim. Parece-me que então só sei viver para ouvir aquela voz no meio do barulho das ondas, que não consegue abafá-la. Procuro, a-pesar da escuridão da noite, descobrir a mulher, se é mulher, eu sei? a fada, talvez o anjo que canta assim, mas nada pude ainda ver. Sinto em mim uma coisa que não sei bem dizer o que é. Queria seguir aquela voz. Tenho sentido desejos de me deitar às ondas para ouvir de mais perto aquele cantar divino. É quasi uma tentação tão forte que lhe tenho resistido a custo e não sei se alguma vez...

«O velho pescador segurou com ímpeto no braço de Pedro, como se naquele momento o visse já próximo a seguir a voz que perfidamente o atraía.

«— Que te livre Deus de tal, rapaz!» — ex-

clamou João Cabaça. — «Não te disse eu que corre à sua perdição quem se deixar levar por êsse canto que parece de anjos, mas que é antes de demónios?»

«Pedro prosseguiu:

«— Eu preguntava há muito a mim mesmo que mistério seria aquele. Ao princípio julguei que fôsse um engano dos meus ouvidos. Os ventos da noite e o barulho das ondas sôam às vezes de maneira que semelham uma música a distância, mas era diferente o que eu ouvia; os pássaros do mar, gemendo às noites pelas praias, imitam também queixumes e gemidos, mas eu que nasci e tenho vivido a escutá-los, bem lhes sei distinguir o canto; se o tempo é sossegado e o vento favorável, o cantar dos marinheiros de algumas embarcações que pairam ao largo, chega-nos aos ouvidos confuso e quási sumido; mas a música que eu escutava não era para se confundir com aquela. Era de mulher a voz, mas o estilo do cantar não era o da nossa terra. Nunca até então o tinha eu escutado, não sei até se em alguma parte do mundo se canta assim. Quando há pouco lhe ouvi a história da sereia, foi como se uma luz me alumiasse na escuridão em que estava. É aquele, deve ser aquele o canto de que falavam os antigos pescadores. Nem eu sei que outro possa haver mais para nos confundir e perder. Bem vejo que pode ser peri-

gosa para os marinheiros, porque, digo-lhe uma coisa, se aquela voz cantasse do fundo de um abismo, parece-me que poucos se venceriam para, levados por ela, se não precipitarem».

O tio *Cabaça*, diz o romancista, recebeu a confidência com tristeza. Para êle é que não havia dúvidas: era a sereia.

E que de desgraças ela não traria a tôdas as companhas! E que de desventuras não viriam a cair sôbre o pobre rapaz que êle pressentia já preso daquelle «fatal encantamento!»

«O CANTO DA SEREIA»

II



o velho *João Cabaça* deu a *Pedro* os seus conselhos. Que era de sereia o canto que êle ouvira não havia dúvida. Era preciso que êle deixasse de passear à noite pela praia para fugir à tentação de a escutar, visto ser mais fácil evitar o perigo do que vencê-lo.

E nesta ordem de ideas procurou convencer o seu companheiro de lidas marítimas a esquecer o que ouvira e dar outro rumo aos seus devaneios.

Pedro não obedeceu.

O canto seduzia-o. Era a atracção do maravilhoso, a que a história do velho pescador veio trazer novos incentivos. Não pôde por isso abandonar as suas digressões nocturnas na es-

perança de tornar a ouvir a voz que o seduzia. Vagueava por tôda a praia, pelas horas mortas da noite, ouvidos atentos, os olhos presos à vastidão imprecisa das águas. Demos a palavra a Júlio Denis, que mostra, mais uma vez, nesta descrição, o poder mágico da sua paleta de paisagista:

«A praia estava, enfim, completamente deserta.

«O vento tinha virado a Oeste. Nuvens cada vez mais negras e grandes como montanhas, levantavam-se do Ocidente, semelhantes a informes monstros marinhos, surgindo do seio das águas. Bandos de aves aquáticas ora baixavam o vôo ligeiro até roçarem com as àsas pela superfície das ondas, ora se erguiam a perderem-se de vista no espaço nebuloso, onde por algum tempo volteavam em curvas complicadas; depois soltando gritos agudos e lastimosos, desciam de novo em parábolas de extensa curvatura, para colherem do Oceano a presa que com o olhar penetrante haviam descoberto da altura em que se libravam.

«Por tôda aquela imensa amplidão de água nem uma vela, nem um pequeno barco sequer; na longa planície de areia que forma esta povoação da costa, eram os palheiros escuros e fechados, as lanchas em sêco ou alguma embarcação, ainda de menor lote, a única di-

versão que encontrava a vista cansada da monotonia da perspectiva (1).

«Haviam chegado as horas talhadas para o descanso e os pescadores, que tinham com o sono antigas dívidas a solver, encerravam-se nas acanhadas recoletas, onde quasi miraculosamente se albergam numerosas famílias desta pobre gente e, dentro em pouco, estavam experimentando quanto é fácil a um espírito tranqüilo e a um corpo fatigado encontrarem as restauradoras delícias do sono, ainda que em camas bem pouco de apetecer.

«A Pedro do Ramires, porém, sobrava-lhe imaginação para o não deixar, tão facilmente como os seus companheiros, saborear este prazer. As horas da noute eram as suas horas predilectas, eram as suas horas de vida. Então podia êle, sem despertar estranhezas, ficar imóvel a olhar para as ondas, essas suas companheiras inseparáveis, com as quais brincara tantas vezes em criança e que pareciam conservar ainda para êle uma linguagem misteriosa, corresponder-lhe, saúdá-lo como a um antigo conhecimento.

«Aquele carácter, essencialmente contemplativo, sentia-se livre e desafogado então. Não

(1) Deviam ser os chamados *barcos do mar*, diversos dos barcos de fundo chato empregados na Ria.

havia ninguém a expiar-lhe no semblante o refluxo dos encontrados pensamentos que de continuo o assaltavam; ninguém a perguntar-lhe a causa, por êle mesmo talvez ignorada, dum sorriso instantâneo, duma melancolia mais duradoura, e às vezes até duma lágrima, em que a sua tristeza habitual parecia de quando em quando condensar-se, raras crises que por momentos lhe desanuviavam o espírito visionário.

«Por isso caminhava longas horas pensativo pelo êrmo da costa.

«Parecia procurar acalmar, por esta forma, a vaga inquietação que sentia em si. Como se aquella ânsia que o devorava fôra a necessidade de movimento!

«Pobre alma! Iludia-se na sua ignorância. A actividade a que tendiam as suas aspirações não era aquella; não se realiza assim. O movimento dos affectos, as lutas da intelligência, o estímulo da glória, os gozos da vida do espirito, tudo isso ela procurava, mas, cega, andava tateando um caminho bem longe do que a devia conduzir ali. Como não teria de succumbir no empenho! ; Como não cairia exausta de forças, e abatida pelo desalento? ; Que vale ao febricitante a incoerente convulsão em que se revolve no leito? ; Mitigam-lhe, acaso, êsses movimentos o angustioso escaldar do fogo que lhe circula nas veias? No mesmo caso estava Pedro ao procurar satisfazer os seus indeci-

fráveis anelos, correndo pela beira-mar, às vezes possuído de uma verdadeira alucinação.

«Esta noite, em que tivera lugar o diálogo entre êle e o velho João Cabaça, foi uma daquelas em que Pedro do Ramires prolongou até horas adiantadas o seu passeio habitual, seguindo para o sul da costa.

«Absorvido em seus pensamentos, caminhou insensivelmente a passos rápidos e desiguais, até deixar a uma grande distância os palheiros da povoação do Furadouro.

«Por êste tempo já a escuridade da noite era completa, antecipada, como fôra, pelos cúmulos de nuvens que, partindo do Ocidente, se tinham, em pouco, espalhado por tôda a abóbada celeste.

«O jovem pescador parou enfim; parou e pôs-se a olhar vagamente para o mar, como se de mistura com o clamar das ondas, esperasse receber alguma voz que lhe fôsse destinada.

«Depois quasi se deixou cair na areia da praia e, pousando a cabeça nas mãos encruzadas, deitou-se e fitou os olhos nas nuvens, como se nas formas irregulares que elas desenhavam no espaço estivesse lendo uma página misteriosa escrita em caracteres desconhecidos.

«E assim se conservou durante horas, não o inquietando a violência do vento húmido que lhe açoutava as faces, os gritos roucos e angustiados de alguma ave que fugia à borrasca imi-

nente, nem o rumor surdo que já se escutava de quando em quando, eco ameaçador de tempestades longínquas.

«Mas, de súbito, estremeceu, levantou sobressaltado a cabeça e, recostando-se ao braço, trémulo de inquietação, dirigiu a vista para aquele espaço tenebroso que se estendia diante d'êlé, como pretendendo devassar na obscuridade da noite o quer que fôsse que tão repentinamente o arrancara da imóvel contemplação em que se conservava havia tanto.

«A noite foi, porém, discreta; não ergueu uma só ponta do seu manto para revelar o mistério. Pedro continuava na mesma posição tão expressiva de ávida curiosidade que de repente tomara.

«Pouco a pouco as notas maviosas de um cantar distante chegaram, como um eco ainda mal apreciável, aos ouvidos atentos do pescador.

«Escutando-o, êlé erguia-se fremente e agitado sôbre os joelhos e, de mãos postas e a cabeça inclinada na direcção donde lhe chegava esta voz, conservava-se imóvel e em profundo recolhimento, como um eleito do Senhor, recebendo em êxtase a inspiração divina. Aquele som contrastava, na sua melodia e suavidade, com o bramir discorde das vagas, que batiam violentas na praia.

«Dir-se-ia o canto dalgumas dessas fadas que,

segundo as crenças populares, atravessam extensas regiões marítimas em fantástica viagem e sob um fatal encantamento.

«Pedro escutava embevecido aquela música cuja toada lhe era estranha e dum estilo inteiramente diverso do das canções populares, únicas que até então êle tinha conhecido.

«Falava-lhe por isso, poderosamente à imaginação êsse canto, cujas palavras a distância lhe não permitia ainda perceber.»

.....

«A invisível cantora parecia aproximar-se; percebiam-se agora melhor as modulações sonorosíssimas daquela voz potente e argentina que conseguia dominar o ruído das vagas e que se estendia ao longe pela praia, como à procura dum eco que a repercutisse.

«Agora já a letra da canção podia ser percebida. Mas, se o estilo pouco vulgar daquela música causara já estranheza e influira poderosamente no ânimo agora excitado do moço pescador, a linguagem desconhecida de que era acompanhada não lhe produziu menor impressão. Ignorava o que dizia, mas achava-lhe qualidades musicais que o enlevavam ao escutá-la. Era uma linguagem cujas palavras pareciam ter um sentido universalmente apreciado, em tão perfeita e inexplicável concordância pareciam estar com as ideas e sentimentos que exprimiam».

«De repente pareceu-lhe distinguir um ruído, como o do bater de remos na água e, com a vista excitada de pescador, julgou reconhecer, não obstante o tenebroso da noite, uma forma negra movendo-se no cimo das ondas, erguendo-se, abaixando-se, desaparecendo para tornar a surgir e a elevar-se e como demandando a praia com esforços porfiados!

«Pedro fitou aquele objecto com ansiedade. Nas formas mal distintas, nos movimentos, no som particular que produzia ao caminhar, dividindo as águas, parecia-lhe um destes pequenos barcos que os pescadores chamam chinchorro, frágeis esquifes em que esta intrépida gente do mar tantas vezes arrosta, a esforços de poucos braços, com a violência das ondas.

«Impelido pela fôrça do vento e pelo esforço dos remos, este barco cada vez se aproximava mais da praia. Pedro não sabia ainda se era d'êle que partira o canto que havia seis noites o trazia enlevado pela solidão da costa marítima e que, depois da história narrada pelo tio João Cabaça, muito sèriamente attribuia já à soberba e artificiosa filha das ondas, de que se julgava vítima.

«À medida, porém, que êle se avizinhava, pôde perceber o som de várias vozes de timbre diverso empenhadas num diálogo animado; e, cedo, a pouca distância a que já

vogava da costa tornou distintas as seguintes palavras:

« — Eu bem disse à *Madama* que era perigoso o passeio numa noite destas. O mar não é o rio, e...

« Isto dizia uma voz rouca e áspera, à qual outra de timbre melodioso e vibrante, e que evidentemente pertencia à pessoa a quem fôra dirigida a insinuação, respondeu:

« — Acaso me competirá a mim dar ânimo a homens que, desde crianças, vivem no mar? Que vergonha! » — E riu-se. Estas palavras foram ditas com uma certa inflexão, que denunciava a origem estrangeira da que as pronunciara.

« Pedro reconheceu nesta voz a da cantora desconhecida e o coração sobressaltava-se-lhe a escutá-la.

« A voz rouca respondeu à arguição que a outra lhe fizera.

« — Não, *Madama*, não somos nós que temos medo do mar e tanto que não pusemos pecha em a trazermos aqui. Mas, por um divertimento, brincar assim com as ondas; escolher uma noite escura, fria e ventosa para vir cantar desta forma ao ar livre, quando estão aí à porta tantas de luar claro, como o dia! a falar a verdade...

« Uma risada jovial respondeu à observação e a mesma voz feminina replicou:

« — Parece-lhes tudo isto uma loucura, não

é assim? Pobres homens! E talvez tenham razão. Mas eu quero satisfazer as minhas loucuras tôdas. Sinto nisso um prazer!... Mas não se inquietem. Eu conheço alguma coisa o mar e sei ler na direcção do vento e no aspecto das nuvens as mudanças prováveis do tempo. Estudei as tempestades da minha terra. Nasci como vós à beira-mar. Meus pais eram pescadores também. O berço que me embalou nos meus primeiros sonos foi o barco em que tôda a minha família se transportava; a rêde a coberta única em que muita vez me envolveram para dormir. Aprendi assim, de pequena, esta música das ondas, de pequena me costumei a cantar com elas. Depois que a sorte me impeliu nesta vida artística, errante e aventureira que tenho seguido, não esqueci nunca as predilecções dos meus primeiros anos. Sou como as aves aquáticas; ando sempre junto às costas marítimas. A escola em que aprendi foi a escola do mar; não me quero longe dêste mestre inspirado que me ensinou a arte sublime da música. Parece-me que lhe sei já compreender os segredos todos; cada praia revela-me um novo mistério de arte. As ondas do Adriático, o mar da minha terra, não cantam como as outras. O mar é como o povo. Em cada país tem a música popular um génio próprio, uma índole especial. Assim também o mar. Tenho escutado as ondas de quasi tôdas

as praias da Europa. O mar Negro, o Mediterrâneo, o Báltico, a Mancha, o Atlântico, todos têm uma modulação sua e que me parece já saber distinguir. Nuns é mais majestosa e terrível a música das tempestades; outros têm mais suaves harmonias nas noites sossegadas de calma. Já vêem que eu e o mar somos antigos companheiros. Êle entende-me e eu também o compreendo. Sosseguem, pois; eu não me iludo com a sua agitação desta noite. Bem cedo o veremos tranqüilo.

«Os pescadores não responderam. Estranhas lhe deviam parecer estas palavras, incompreensíveis até. A mulher que as pronunciara num tom de voz em que se revelava tôda a exaltação dum carácter entusiasta e ardente, falava mais a si própria do que às rudes inteligências dos seus companheiros nesta extraordinária excursão marítima.

«Pedro escutava, porém, aquelas palavras, com um entusiasmo de artista apaixonado e como que se lhe comunicava o fogo oculto da imaginação que as ditava. Sobressaltavam-no, como se lhe oferecessem a inesperada solução de um enigma em que, muito havia, lidava a sua inteligência. É que o mar também lhe falava. Êle presentia-lhe uma linguagem que procurava adivinhar. Longas horas passava nas praias a escutar aquele rumor melancólico e solene e perguntava às vezes a si próprio o que

o retinha ali. As palavras da cantora pareciam ter sido a resposta aguardada, há muito, àquela tácita interrogação da sua consciência.

«Havia, pois, mais alguém que, como êle, escutava as ondas e se deliciava com a sua harmonia?»

«Passado algum tempo, a noite, como se quisesse confirmar o prognóstico da desconhecida, principiou a serenar um pouco mais, abrandou a violência da ventania e as ondas vinham já quebrar-se com menos fôrça nas areias da praia.

«— Vejamos,» — disse a cantora —, «que lhes dizia eu, homens sem confiança no mar? Aí temos o vento sul para nos ajudar na volta. A que distância estamos de Espinho?»

«— A légua e meia, *Madama*; ali mais adiante estão os palheiros do Furadouro.

«— Voltemos. Não lhes disse eu que era desnecessário aproximarmo-nos tanto da costa? Ao largo! Ao largo!

«Os pescadores obedeceram-lhe, o barco sulcou as ondas afastando-se da praia, o rumor das vozes tornou-se cada vez menos distinto, mais confusa a forma escura do barco, até que enfim tudo se confundiu na escuridão da noite e no rumor monótono das vagas, já menos impetuosas.

«Pedro ainda por muito tempo interrogou

aquelas trevas e aquêlê ruído confuso do mar...

Desvendou-se o mistério de *Pedro*. Não era uma alucinação, como parecia à primeira vista, a estranha história que êle contara ao *ti* Cabaça. De facto ouvira cantar das bandas do mar. Sòmente não era a sereia, mas uma extravagante italiana a quem Júlio Denis, nos tempos que vão correndo, daria, talvez, pátria mais distante; uma artista de ópera que estacionava em Espinho e tinha a fantasia de vir, em noites procelosas, fazer digressões nocturnas para se deliciar ouvindo a própria voz por sòbre o marulhar das ondas.

Esta fantasia não está nos hábitos do romancista. Por isso, Júlio Denis engeitou êste esbôço de romance em que há, contudo, passagens cheias de colorido, como as que transcrevemos do precioso manuscrito.

Pedro esperou nas noites seguintes a vinda da cantora. Já não era a sereia que o prendia. Na sua imaginação ardente de rapaz de vinte anos sonhava a mulher que de maneira tão inesperada começava a sugestioná-lo.

E como não aparecesse de novo e ouviu falar em Espinho, resolveu-se uma noite a ir, de longada, seguindo a orla do mar, até à praia vizinha.

Essa travessia, que oferece interêsse regionalista, é o prólogo da tragédia final.

«Era uma formosíssima noite de luar, aquela!

«A alvacenta nebrina que se condensara na atmosfera aumentava o aspecto teatral da scena, difundindo em tôda ela um certo colorido vaporoso de surpreendente efeito artístico.

«As vagas, onde a luz se quebrava em multiplicados e scintilantes reflexos, estendiam-se lânguidamente pela praia, com um brando murmúrio. Das pequenas cataratas que, ao dobrarem-se sôbre si, produziam as ondas, levantava-se um orvalho denso que retratava a luz num iris desvanecido. Alvejavam ao longo da costa flocos de espuma que, num lento refluxo, desciam de novo às águas, até que outra vaga os impelia mais longe.

«Tudo era solidão! No mar, na praia e no céu! O mar sem um barco, a praia sem uma habitação, o céu sem uma estrêla! E a lua, como uma lâmpada mortiça pendente de vasta abóboda num templo deserto, alumiaava esta majestosa e imponente solidão!

«Pedro caminhava rápido por êste vasto areal da praia e nem sentia o seu isolamento, que povoada levava a fantasia por mil imagens e pensamentos encontrados.

«Era noite avançada quando chegou à vista dos palheiros de Espinho.

«Palpitava-lhe de ansiedade o coração ao aproximar-se daquele lugar.

«Aquelas sombras escuras em que se desta-

cavam no horizonte, tingido de um azul pálido pelos reflexos do luar, os palheiros desta parte do litoral, envolvia uma mulher que, sem o suspeitar, se transformara em objecto dum culto fervoroso para um mancebo em cujo coração virgem pela primeira vez se ateara a chama ardente de uma paixão definida.

«Pela primeira vez Pedro afrouxou a velocidade dos seus passos e parou levando a mão ao coração como para lhe sentir as palpitações agitadas e irregulares.

«Dominando esta comoção momentânea, prosseguiu, porém, na sua marcha e penetrou no centro da povoação. Estava quási deserta àquela hora. Pedro correu, como em delírio, tôdas aquelas estreitas e tortuosas ruas de areia, que seguiam por entre os palheiros, e parou em tôda a parte onde imaginava encontrar àquela que tão ansiosamente procurava.

«Em cada sombra que se destacava no vão esclarecido duma janela, supunha ver o perfil da mulher a quem consagrara todos os affectos do coração, todos os seus pensamentos e aspirações.

«Cansou-o esta inútil pesquisa, desalentou-o êste baldado procurar, e quási se deixou cair, extenuado de fôrças e de esperanças, junto à porta de um pequeno palheiro situado no extremo oposto da povoação. Assim permaneceu alguns minutos sem consciência do que se pas-

sava em tórno de si, pensando no destino da sua paixão insensata e absorvido por amargas ideas de que tantas vezes se lhe alimentava a imaginação.

« Pouco a pouco principiou a despertar-lhe a atenção, até ali poderosamente distraída, um rumor de vozes que vinham do interior do palheiro à porta do qual se encostara. Uma das que falava não lhe era desconhecida e esta circunstância operou uma salutar diversão naquele preocupado pensamento, afugentando-lhe por instantes o tropel de ideas negras que o assombravam.

« Aplicando o ouvido à porta detrás da qual lhe chegava aquele sussurro, Pedro pôs-se a escutar, com mal reprimida curiosidade, o que se dizia lá dentro.

« — Sabes que a *Madama* nos tomou outra vez o barco para todo o resto da semana? — dizia uma das vozes.

« — Outra vez?! Julguei que desde aquella noite de ventania lhe passara o gôsto por êstes passeios.

« — Enquanto a mim aquilo é mania. Pois não vês tu como ela não aproveitou as belas noites que têm estado e agora diz que quer o barco, quer chova, quer vente?...

« — Estas estrangeiras têm destas coisas. Ela, pelos modos, é alguma princesa; paga que nem uma rainha.

«—O sôr Morgado que aqui esteve a banhos o ano passado disse no outro dia que a conhece do Pôrto. É uma fidalga estrangeira que anda a viajar.

«—Há gente que vem a êste mundo só para passar vida de rosas.

«—E aborrecem-se dêle. É ver como ela acha gôsto naquilo que nos dá pena a nós outros. Deu-lhe para cantar no mar!

«—E olha que lá isso!... Sempre canta que é um gôsto ouvi-la.

«—Mas para que lhe havia de dar! Cantar no mar! A falar a verdade... Aquilo nem sei o que parece!

«—Deixa lá, homem. Para nós tem sido uma providência; às más pescas que tem havido, de muito nos têm valido os tais passeios da *Madama*.

«—Mas também caro pagamos êsses lucros, que, quando ela empreende demorar-se por lá, nem que a levássemos a Lisboa a satisfariamos.

«—E então não há mar que a intimide. Uma mulher tão animosa ainda estou para ver.

«—Sempre é estrangeira! Será ela cristã?

«—Ih! Não vês como fala tanto na virgem? E as esmolas que dá! Não, isso, boa senhora é ela. Verdade, verdade.

«—Isso é. Tirante lá aquela veneta!...

«—Quem tem dinheiro nem sabe em que o há de gastar.

«— Quanto tempo se conservará ella ainda aqui na praia?

«— Disse-me que até o fim da semana. Depois vai para o Pôrto.

«— Nem eu sei como se tem demorado tanto, agora que não é tempo de banhos, e tudo isto está deserto.

«Pedro escutava, com indescritivel avidez, este diálogo dos pescadores; esforçava-se por não perder uma só das particularidades referidas nella, relativas à desconhecida viajante.

«Nas disposições de espirito em que o apaixonado moço estava naquele momento, o nome só da pessoa que assim nos traz, como os dêle, avassalados os pensamentos, não é escutado sem uma extrema e agradável comoção.

«Recolhia, como revelações preciosas, tudo quanto diziam os pescadores e ardia em desejos de lhes dirigir milhares de interrogações a respeito da mulher que êles tinham a ventura de transportar no seu barco às horas solenes da noite e pela majestosa solidão do mar. Porque preço não pagaria êle esse invejado prazer!

«Desta quasi estática contemplação foi finalmente arrebatado pelas vozes dum piano que partiam do palheiro próximo. Pedro estremeceu, escutando os prelúdios que uma mão exercitada extraía das teclas sonoras.

«Poucas vezes, se algumas, Pedro tinha ouvido um piano. Aqueles sons encantavam-no,

estimulavam-lhe os vivacíssimos instintos musicais que possuía, ignorando-os, essa alma nobre de artista, criada para grandes concepções, que o destino impossibilitava de realizar, condenando-a totalmente a sucumbir de contínuo nos esforços a que, por instinto, obedecia desconhecendo sempre o alvo em que êles se convergiam.

«Depois teve um pressentimento de que a mão que despertava do silêncio da noite aquela suave harmonia era a da mulher que êle procurara.

«Que febril agitação então a sua! Era uma quási vertigem o que êle experimentava!

«— Ela aí principiou a cantar. E então é como os rouxinóis... Canta só de noite», — disse um dos pescadores cujo diálogo Pedro estivera escutando.

«Então a mesma voz, que tantas vezes o apaixonado moço escutara da praia, e que por muito tempo julgara um mistério do mar, principiou cantando, acompanhada, desta vez, pelos acordes sonoros do piano, que mais a fazia sobressair.

«Agora o estilo da música era suave e melancólico; era a *canção da rosa*, a ária formosíssima da qual Flotow fêz o motivo de tôda a sua ópera, a *Marta*, e que raros têm o poder de escutar sem que se sintam possuídos duma profunda comoção e com disposições para lágrimas,

«A artista cantava-a na letra italiana da ópera, cuja tradução é, aproximadamente, a seguinte:

Aqui, só, virgínea rosa,
 Como podes florescer!
 Inda em botão desditosa,
 E já próxima a morrer!

Em vez do orvalho da vida
 Cresta-te a neve e o tufão,
 E já sôbre a haste pendida
 Inclinas a frente ao chão!

.....

«Escutando aquela música elegíaca e sentida, Pedro experimentou uma comoção ainda mais profunda que das outras vezes; não compreendendo a letra italiana do canto, tal era a expressão da cantora e a eloquência da música que êle ouvia-a com intenso recolhimento, como se escutasse a voz do seu próprio coração. Esquecia-se de tudo, como nos esquecemos, levados pela corrente dos nossos pensamentos, a escutar a nossa própria consciência.

«Quando as últimas notas dêste canto magoado se desvaneceram, confundindo-se com o murmúrio do mar, Pedro, voltando a si do êxtase em que esta música o arrebatara, sentiu que as lágrimas lhe banhavam as faces.

«— Que é isto, meu Deus? » — exclamou o pobre adolescente com um acento de desespero.
 — « Porque me faz chorar esta música? Porque

me sinto entristecer sempre que a ouço cantar, a esta mulher que não conheço, que nem sequer ainda vi? Que homem sou eu, tão singular! Jesus, Jesus! Será isto uma loucura?

«Tudo na praia recaíra em profundo silêncio. Pedro, com os olhos postos na janela obscura, conservava-se imóvel, como se temesse desvanecer uma visão deliciosa ou quisesse recolher as últimas e imperceptíveis vibrações sonoras que um sentido superiormente organizado lhe permitia ainda apreciar.

«Principiava a tingir-se o horizonte dos rubores da madrugada e Pedro em vão se esforçava por se arrancar dali. Prendia-o uma esperança; a de entrever, por instantes que fôsse, a mulher por quem concebera tão violenta paixão; instava com êle, para partir, aquela espécie de pudor do coração, com que de tôdas as vistas procuramos esconder os menores vestígios dum primeiro amor, tanto mais ardentemente quanto maior é a sua candura e quanto mais digno êle é da nobreza de sentimentos próprios da juventude.»

Conta o romancista, no seguimento desta passagem, que era já alta manhã quando *Pedro* voltou ao Furadouro.

Notaram a sua falta na companhia, que à hora do costume se fizera ao mar e, acrescenta Júlio Denis que «segundo a lei, fôra

multado na parte do quinhão que lhe tocava» (1).

João Cabaça é que estava apreensivo. Não lhe fugia o pensamento do mau agoiro da sereia junto à praia, pois para êle era de fé que a sua voz andava a enfeitiçar o infeliz *Pedro*. E perguntava a si mesmo qual seria o destino do companheiro, que êle julgava, mais do que nunca, em risco de se perder. Foi por isso um grande alívio para a sua alma generosa e boa o ver *Pedro* aproximar-se. Não lhe faltaram recriminações, palavras e conselhos de amigo, cheios de amizade e de convicção.

Gente do mar! Dentro dos seus arcabouços de aço vive a mais elevada sentimentalidade da nossa raça! Como Júlio Denis a soube surpreender nas páginas que vimos trasladando e que dormiram mais de sessenta anos no recato sagrado de um escrínio de família!

(1) Ao menos nesse tempo as companhias eram organizadas em forma de sociedades com participação de lucros por todos os associados. A-pesar disso, diga-se de passagem, os pescadores nem sempre auferiam vantagens remuneradoras.

«O CANTO DA SEREIA»

III



S leitores de-certo me agradecerão que eu siga ainda neste capítulo a occupar-me do estranho romancezinho de Júlio Denis. Ainda mais algumas transcrições que, não podendo ser longas, serão, contudo, suficientes para deixarem a impressão duma nova facêta do talento do autor das *Pupilas*.

Por outro lado, nenhum outro romance, como êste, o prende à região vareira; pois, ao contrário do que succede em tôdas as suas outras produções, não há aqui nem disfarces de cenário, nem sequer paragens inominadas. Júlio Denis conheceu de perto tôda a formosíssima costa que se estende ao sul e, sobretudo, ao norte do Furadouro. Ali conviveu com vários

pescadores. Na atitude sonhadora de alguns dêsses rudes homens do mar êle divisou a figura de *Pedro*, tôda sentimento e fantasia, tôda ansiedade e tortura.

Os mais insignificantes pormenores da região são nesta última parte referidos. Dir-se há que êle próprio tentou um dia a fatigante viagem até Espinho!

«Na noite dêsse dia reproduziu-se para Pedro a aparição do mar.

«Foi pela altura dos palheiros, então ainda desertos, de Maceda e Cortegaça (1), que êle a veio encontrar.

«A noite estava tranqüila, o mar serêno. A claridade da lua, apenas velada por um transparente cendal de tenuíssima nebrina, permitiu distinguir o vulto da cantora que, recostada à prôa, entoava uma música cheia de entusiasmo e energia, uma espécie de hino patriótico, a cujas palavras ela sabia comunicar todo o fervor do seu ânimo exaltado. Ainda desta vez foi contagioso para o impressionável moço o sentimento que em todo aquele canto se reflectia.

«Assim como na véspera a melancolia do canto lhe havia feito assomar aos olhos lágrima

(1) Costa do concelho de Ovar, ao norte de Fura-douro.

mas incompreensíveis, agora a energia, o ardor com que as palavras *pátria e liberdade* eram pronunciadas pela cantora, comunicaram-se ao enlevado mancebo, que experimentava um desejo voluptuosos estremecimentos e sensações indefiníveis que ressentimos nos movimentos de entusiasmo, que nos transformam, que nos sublimam, elevando-nos acima de nós mesmos e fazendo-nos capazes de superiores concepções e empenhos.

«Ele caminhava na praia como atraído por aquela harmonia sedutora. Ela fugia-lhe já. O barco movia-se em direcção ao norte. Pedro seguia-o, seguia-o com uma velocidade que só lhe podia vir da alucinação que o dominava. Já mal se percebia o canto, já quasi se tornara indistinto o barco donde aquela música partia e Pedro, com o olhar fixo naquele ponto e com os ouvidos atentos à desvanecida harmonia, caminhava ainda, e caminhou sempre, até que um súbito obstáculo lhe tolheu os passos.

«Estava defronte da Barrinha.

«Quem viajasse há anos por esta parte da Província da Beira (1), deve conhecer, por tradição, senão por experiência, o ponto do litoral que recebeu este nome e onde tantos episódios,

(1) É mais Beira do que Douro a região; contudo é à província do Douro que pertence Ovar.

uns cómicos e outros trágicos, se succederam, antes que se construísse a ponte que hoje o viajante, ao percorrer a linha férrea, próximo à estação de Esmoriz, descobre desenhando os seus quatro arcos sôbre o fundo esverdeado das águas do Oceano.

«A Barrinha é uma estreita abertura cavada pelo mar na costa de areia, interrompida neste ponto, e por a qual êle se precipita, vaga a vaga, em um pequeno golfo que se estende para o norte e para o sul, separando dois extensos cabos de areia fronteiros um ao outro. Nas marés brandas, e quando o mar é pouco agitado, esta abertura é vadeável e os viandantes, aproveitando o refluxo, quási a pé enxuto a atravessam, tão incólumes como Moisés atravessou as ondas do Mar Vermelho; mas uma hesitação, uma demora pode ser-lhes fatal; se a vaga volta com um pouco mais de violência, envolve o incauto e não poucas vezes o arrasta consigo.

«Nas marés vivas, porém, e quando as correntes marítimas são mais fortes, a passagem torna-se impossível, a não ser nos barcos que estacionam no pequeno golfo, e cujas águas nem sempre são plácidas, recebendo a agitação que o Oceano, em completa comunicação com elas, lhes transmite.

«Ora nesta noite era a Barrinha intransitável; ainda então não existia a ponte que hoje

permite fácil passagem em tôda a ocasião, e o mar era abundante.

«E, contudo, Pedro hesitou ainda, como se tentasse lutar com a natureza no obstáculo que ela lhe oferecia. Mas o canto cessara de todo, a vista já não distinguia no mar o menor vestígio do barco; o alento que animara até ali o pobre vagabundo abandonou-o todo à languidez da sua definhada saúde.

«Em algumas das noites sucessivas, tranquilas como esta, voltaram de novo o barco e a cantora. Pedro procurou-os com o mesmo fervor, escutou-a com o mesmo recolhimento, viu-a afastar-se com a mesma ou mais intensa saudade.

«E o pobre rapaz abatia-se a olhos vistos.»

É tôda a zona norte da praia que Júlio Denis evoca com o colorido que sabe imprimir aos seus descritivos.

Continua a mostrar-nos *Pedro*, agora ardentemente apaixonado mais pela voz do que pela mulher, mais pelo sonho que sentia ressuscitar em cada nota, do que pela realidade. Nunca conseguira vê-la. E, contudo, o desejo de o conseguir começava a ser a única esperança que poderia mitigar ou atenuar os exageros da sua affectividade mórbida.

João Cabaça vivia taciturno e oprimido, preso às suas crenças e preconceitos, sentindo

o estado de *Pedro*, a quem de cada vez mais se sentia afeiçoado.

Júlio Denis define assim a sua situação:

«Na opinião do velho, opinião que êle não revelava para não excitar terrores ou causar maiores desgraças, era evidente ser tudo aquilo maleficios da sereia. Ao que já soubera pela comunicação que lhe tinha feito *Pedro*, acresceu uma nova circunstância, que muito influiu para corroborar esta crença no ânimo do velho pescador.

«É que êle também a ouvira, também em uma das últimas noites lhe escutara o canto e não lhe ficou dúvida que era de sereia, pois nunca tinha ouvido mulher cantar assim e muito mais no mar e por tais horas da noite.

«O velho tinha sido obrigado a ir a *Espinho* e, ao voltar, aí próximo da capela da *Senhora Aparecida*, principiou a ouvir aquele canto que o sobressaltou; applicou o ouvido e percebeu-o mais distintamente. O velho ficou aterrado! Quanto mais involuntariamente o deleitava aquela música, tanto maior vulto tomavam as suas apreensões. Considerava-se já perdido, mas teve uma inspiração salvadora: correu para a pequena ermida, que lhe estava próximo, e, ajoelhando-se na entrada, pôs o pensamento na *Virgem* e serviu-se do expediente que, segundo a fábula, tinha utilizado um companheiro de *Ulys-*

ses em uma situação idêntica. A prática surtiu efeito. Quando o velho destapou os ouvidos, já não se percebia o canto: tinha, pois, esconjurado o malefício.

«Proseguiu no seu caminho, mas sempre inquieto.

«Nessa noite não pôde conciliar o sono. Volvia-se e revolvia-se no leito, fechava os olhos e escondia a cabeça no travesseiro... Debalde... Era sempre aquela idea a afugentar-lhe o sono; afigurava-se-lhe ainda ouvir aquela voz e o pobre velho principiava a imaginar-se enfeitado.

«Fêz o sinal da cruz, encomendou-se à Virgem e ao Pedro-Santo que, antes de ser Papa, fôra pescador; mas parece que desta vez tinha de ser ineficaz tão valiosa intercessão. Depois lembrava-se de Pedro, o bom do velho, e compreendia como êle devia andar perdido, quando a si próprio nem a reflexão nem o pêso dos anos lhe foram perservativo contra a influencia daquela endemoninhada tentadora.

«Se, próximo à manhã, João Cabaça conseguiu dormir, foi de um sono tão agitado, tão cheio de sonhos febris e assustadores que, longe de o restaurar, o fatigou...

«Quando apareceu diante dos da companhia, perguntaram-lhe de todos os lados se estava doente.

«Esta pergunta desagradou ao velho.

«—Doente! E que me acham vocês para o pensarem?»

«—Está amarelo, o ti' Cabaça, que nem uma cidra e tem cara de quem lidou com bruxas.

«—Malditas, malditas! Só de as ouvir uma vez, já assim me puseram!»—exclamou o velho, não podendo reprimir uma indignação.

«—Quem! quem?»—preguntaram várias vozes com grande curiosidade.

«João Cabaça apenas respondeu:

«—Ninguém, ninguém. Eu cá me entendo.

«Vejam como deveria ter adquirido firmeza a crença de João Cabaça, quando juntara à experiência de estranhos a sua própria experiência.

«Procurou Pedro e, desta vez, foi eloquente na prédica em que lhe pintou com as mais vivas côres os artificios das sereias, e pediu-lhe que resistisse àquela tentação que lhe viria a ser funesta. Que êle próprio, por a ter ouvido uma noite, se sentira incomodado e que, portanto, tomasse tento, que mais sujeita ao perigo andava a juventude do que a idade em que alvejam os cabelos e a fronte enruga e verga sob a pressão dos anos.

«Estas e outras muitas coisas dizia o bom do velho, mas o seu companheiro escutava-as distraído e provavelmente sem ter sequer consciência do que elas significavam. A abstracção

de Pedro aumentara de ponto a fazer julgar a todos que êle transpusera as raias da loucura.

«Tudo fazia maquinalmente; se respondia às perguntas que lhe dirigiam era como se as não houvesse compreendido.

«Esta distracção continuada, que o alheava ao trato usual dos seus companheiros, acabou por o isolar completamente, pois todos pareciam experimentar um certo afastamento por aquele carácter excessivamente concentrado e tão sujeito a aberrações que se assemelhavam a uma verdadeira loucura.

«A-pesar das recomendações de João Cabaça, já a noite veio encontrar a Pedro no seu pôsto de vigia.

«A tarde estivera magnífica.

«No firmamento límpido não se formara uma só dessas pequenas nuvens que são o primeiro assômo da cólera dos elementos. Reinava uma calma completa ainda no princípio da noite.

«A atmosfera tépida e asfixiante não era agitada pela menor viração; as ondas, como que dominadas pela geral languidez da natureza, estendiam-se lentamente na praia com suave murmúrio.

«E, contudo, no meio desta tranqüillidade, Pedro sentia-se inquieto, como se alguma coisa pressentisse ameaçando-o dum perigo latente. As organizações impressionáveis são formadas

por estas misteriosas percepções, que se não explicam.

«Por um instinto, semelhante ao das aves que volteiam sôbre as praias ainda quando a tempestade está longe, mas que elas presentem já, não as ilude as aparências de bonança que o céu às vezes oferece; o que quer que seja de invisível lhes prognostica as tormentas.

«Aonde se engana a experiência dos anos, realiza-a a voz profética destes inexplicáveis instintos.

«Nesta noite Pedro sentia-se triste, e experimentava um secreto mêdo que a si próprio admirava.

«Não sei o que descobria no scintilar das estrêlas (1), que o assustava; a voz das vagas, na sua aparente suavidade, parecia-lhe murmurar ameaças surdas; o sorriso da natureza dir-se-ia um sorriso traiçoeiro; não lhe infundia confiança.

«Passeava na praia, com os olhos fitos naquella imensa superfície líquida donde lhe tinham vindo os únicos momentos de felicidade que entrevira na vida. Mas comprimia-se-lhe desta vez o coração respirando a inflamada

(1) Sinal de que se socorrem os marinheiros daquella região para os prognósticos sôbre o tempo.

atmosfera daquela noite de sinistra influência.

«Esta vez os temores que ressentia, na aparência mal fundados, pouco a pouco os principiou a justificar o novo aspecto que foram tomando o mar e o firmamento.

«Levantou-se do sul uma viração, ao princípio branda, mas que adquiriu gradualmente mais intensidade, turbando a limpidez do céu com um sem número de pequenas nuvens que coalhavam a imensa abóbada que se descobria dali. A forma, a disposição destas nuvens era dum agoiro pouco seguro para olhos amestrados. Pedro surpreendeu tôda a significação destes sintomas do céu e via confirmados por êles os seus vagos terrores de há pouco.

«Temia já que o barco, cujo aparecimento êle tão ardentemente esperava, não viesse aquela noite, e só com esta lembrança sentia-se desfalecer.

«Era como se aquela esperança, se aquele gôzo de momentos fôsse o único laço que já agora o prendia à vida.

«Pensar que lhe poderia faltar era para êle a origem de uma tristeza tão íntima, de uma tão absoluta desesperança, que na morte antevia o único alívio a esperar, depois de tão dolorosa desilusão.

«Mas, no meio destas apreensões, puderam seus olhos descobrir, a-pesar da cerração cada vez mais densa que principiava a ocultar-lhe o

mar, uma forma que lhe pareceu a do barco que aguardava com tanto fervor.

«Trémulo de ansiedade indizível, se aproximou da beira-mar, fazendo excessivos esforços, para devassar o fundo impenetrável daquela escuridão.

«O coração dizia-lhe que era aquela a aparição pela qual esperava, no seu palpitar ansiado, e na misteriosa sensação que ressentia.

«De repente, como respondendo à tácita interrogação daquela alma apaixonada, e impelindo-a a extremos de júbilo indefinível, a conhecida voz feminina principiou cantando uma evocação à tempestade, que se poderia traduzir assim:

«Vinde! Soprai furiosos,

Ventos de tempestade!

Ergue-te, majestade!

Ergue-te, ó vasto mar!

Passai, legiões de núbens!

Velai o céu de estrêlas!

O' génio das procelas!

Vem, quero-te saudar!

«A luz fatal do raio

Guie o meu barco apenas!

E rujam como hienas

As vagas ao redor...

Pairem nos ar's fatídicos

As aves de carnagem,

E cave-se a voragem

Com súbito fragor!

«Surjam do fundo abismo

Os pavorosos vultos

Dos naufragos sepultos

Dos mares na amplidão!

Responda à voz das águas

Fermentes, agitadas,

O silvo das rajadas,

Os brados do trovão!

«Do arcanjo de exterminio

O gládio chamejante

Ostente-se radiante

De ameaçadora luz!

Da tempestade às fúrias

Assistirei sorrindo,

E bradarei: «Bemvindo!»

Ao génio que a conduz!

«Bemvindo, sim, que eu sinto

No seio, mais violenta,

Uma cruel tormenta,

A luta das paixões!

Procuro o mar furioso

Como um seguro asilo!

Arrosto-o, e não vacilo

Das ondas aos baldões!» (1)

«Como se efectivamente a tempestade obedecesse a esta evocação singular, um violento

(1) Esta poesia vem publicada nas últimas edições das *Poesias de Júlio Denis*, com o título «*Evocação à tempestade*», pág. 253. Deve ter sido escrita em Ovar em 1863.

tufão do sul veio encapelar as ondas já inquietas, encobrendo com a sua voz poderosa as últimas notas da canção.

«O barco jogava nas ondas agitadas duma maneira assustadora. Os remadores faziam esforços poderosos para resistirem à violência das ondas e, pelos seus movimentos, denotavam a pouca tranqüilidade de espírito que possuíam já.

«Nos intervalos das rajadas, algumas palavras destacadas da tumultuosa discussão e ordens encontradas da manobra que se trocavam entre êles, vinham até aos ouvidos de Pedro, que principiava a inquietar-se pela sorte daquela a quem votara todos os seus pensamentos, a quem consagrara inteiros os tesouros de seus ardentes affectos.

«— Têmo-la connosco! — dizia um dos remadores. — « E esta é de respeito!

«— Quem o havia de dizer, com a noite que estava!

«— Já me não agrada muito, a falar a verdade...

«Neste ponto, nova rajada impediu que chegasse à praia o resto do diálogo.

«Quando, por sua vez, serenou, era a voz da cantora a que se ouvia dizer:

«— Hei-de ser eu ainda desta vez que lhes dê ânimo? Homens há tanto no mar e que ainda não têm confiança neste seu companheiro de juventude! Sosseguem, eu lhes asseguro que...

«O fuzilar de um relâmpago, que iluminou com o clarão sinistro tôda a extensa amplidão do mar, interrompeu estas palavras; e, instintivamente, a cantora levou as mãos aos olhos, exclamando:

«— Jesus!

«O ruído ensurdecedor dum altíssimo trovão acabou de desorientar os pescadores, em cujo manobrar inconseqüente se reconhecia tôda a turbação de ânimo que sentiam.

«Pedro examinava com indescritível ansiedade o resultado daquela luta de súbito travada entre os elementos enfurecidos e a fôrça humana. Palpitava-lhe violentamente o coração com a lembrança do perigo que aquele barco corria e, por vezes, uma fôrça instintiva o aproximava das ondas, como para voar em socorro daquela existência, à qual tão indissolúvelmente deixara ligar a sua.

«— Não é possível vencer êste mar! Faze-te à terra, Lourenço, que eu já mal posso segurar o remo!

«— É melhor, é melhor. A terra!

«— Vira!» — bradaram os outros.

«Quando, seguindo esta nova ordem de manobra, o barco se voltou para demandar a praia, um forte tufão de vento soprou tão de súbito e com tal violência que, apanhando de lado o barco, por pouco o virava.

«Um dos homens, que se achava despreve-

nido, não pôde resistir ao impulso e caiu ao mar.

«—Santa Virgem!»—bradou com voz angustiada a jovem italiana.—«Acudam!»

«A êste grito sucederam as exclamações dos remadores, que se esforçaram para salvar o seu companheiro. Êste pôde voltar ao cimo da água a tempo de se encontrar ainda a pouca distância do barco e, firmando-se sôbre a borda, saltou para dentro. A escuridão da noite era completa.

«Pedro ouviu da praia o grito angustiado da cantora, o qual lhe penetrou até ao coração.

«Ouviu as vozes confusas dos remadores e uma idea terrível lhe passou pelo espírito. Pensou que aquella mulher desconhecida havia caído às ondas e lutava nesse momento com a violência do mar.

«Pedro era um dos melhores nadadores do Furadouro. De pequeno fazia admirar os mais hábeis pela maneira como se confiava ao seio das ondas quando mais inquietas, e como que brincava com elas.

«Não hesitou muito tempo; correu como um louco ao longo da praia e deitou-se ao mar, nadando na direcção do barco.

«Guiava-o o som das vozes dos remadores no meio daquelas trevas que o rodeavam.

«Mas, passados os primeiros momentos, Pedro sentiu que o abandonavam as fôrças em

que, por hábito, confiara. Mal fundada esperança fôra esta sua!

«O pobre moço já não era aquele pescador robusto e vigoroso para quem um remo era um brinco de criança, e que fazia inveja aos mais alentados, por aquela fôrça muscular que subjugava a violência das vagas; tinham-no alquebrado as vigílias contínuas e os extremos da paixão que lhe absorveram tôdas as faculdades daquela alma até então virgem de affectos tão poderosos. Agora sentia-se desfalecer. A meio caminho da praia ao barco que procurava, já os movimentos lhe eram dificultosos e um certo atordoamento de cabeça lhe impedia regularizá-los.

«Já o animava apenas aquela fôrça instintiva que nos estimula em situações desesperadas.

«De quando em quando deixava-se tomar dum desalento tão completo que a custo sufocava a tentação de se deixar vencer pela fôrça da corrente e baixar, sem esforços de resistência, ao tûmulo que se lhe cavava aos pés. Depois a voz do instinto reanimava a energia de lutar, quando êle já deixava pender exausto os músculos e se sentia sucumbir.

«Renovava-se então aquele combate singular, terrível e solene, cujos resultados não podiam ser duvidosos.

«O mar parecia deleitar-se em atormentar a sua vítima antes de a devorar. Uma vaga impe-

tuosa anulava em um momento os esforços de muitos; depois abrandava-se, como deixando-se vencer, para cedo redobrar de violência e subjugá-lo.

«A situação do infeliz era desesperada.

«No seu espírito principiavam a suceder-se, em confuso tropel, cujo rápido voltear lhe fazia sentir uma verdadeira vertigem, mil imagens variadas, origem de quantas idéas nos últimos tempos lhe haviam preocupado o pensamento.

«Por momentos esquecia-se já do fim a que tendiam todos êstes esforços extenuantes que estava empregando, perdia a consciência da sua situação precária, duvidava da iminência do perigo, parecia-lhe um sonho tudo o que estava passando por êle e como que se esforçava por acordar. Mas cedo aparecia-lhe a realidade mais amarga ainda, torturava-lhe o coração um paroxismo de desespero.

«Vinham-lhe as saudades dum passado que havia esquecido, surgiam-lhe os terrores dum futuro que ia devassar.

«Dúvidas, superstições, preconceitos, tudo lhe assaltava a consciência e o fazia delirar. Depois a lembrança daquela a cuja salvação sacrificara a sua existência surgia-lhe de repente como um clarão nas trevas que o cercavam e por instantes lhe comunicava uma energia improficua. Era um lidar inútil, aquele. Já sem consciência dos rumos, não vendo, não ouvindo nada que lhe

indicasse a direcção na qual devia fazer convergir os seus esforços, lutava por instinto; mas o espirito alucinado já não presidia à luta. Os membros enregelados, entorpecidos, exaustos, não lhe permitiam uma muito mais longa resistência.

«Subitamente um relâmpago prolongado iluminou o vasto teatro desta scena terrível. Aos olhos de Pedro, já meio velados pela angústia, mostrou-se bem claro e próximo o barco que tão enérgicamente demandava e sentada nêle a mulher por quem votava em sacrificio a própria vida, depois de lhe ter tributado todos os tesouros da sua alma.

«Um novo relâmpago reflectiu a sua luz fulgurante nas feições simpaticamente belas daquela mulher extraordinária.

«Êste resultado reanimou por instantes as fôrças já abatidas do naufrago. Pela primeira vez lhe era dado contemplar o rosto daquela por quem concebeu uma tão singular paixão. Essa vista fascinou-o!

«Com uma energia quasi sobrehumana, segurou-se à borda do barco, quando êste se abaixava obedecendo à ondulação das vagas, e, com os olhos espantados, fitou aquella mulher, cuja voz o enfeitiçava e, como a da sereia, parecia arrastá-lo a uma inevitável perdição.

«Ela também o viu.

«Batia-lhe em cheio no rosto, desfigurado sin-

gularmente pelos affectos que então se combatiam tumultuosos e contrários naquele peito, um novo clarão de relâmpago.

«A cantora deu um grito ao descobrir aquella inesperada aparição. Por um instinto de compaixão estendeu as mãos ao náufrago.

«O barco, neste mesmo instante, executou um movimento; as fôrças de Pedro abandonaram-no; quebrára-lhas de todo a violencia da última comoção que recebeu. Soltoou as mãos do bordo do barco, o qual lhe passou por cima do corpo.

«— Esperem! — Esperem!», — bradou angustiada a cantora. — «Um homem no mar!

«Os pescadores pararam e olharam uns para os outros, como contando-se.

«— Estamos todos» — responderam depois — «A Madama enganou-se».

«-- Vi-o! Não foi ilusão! Segurou-se à borda do barco, agora mesmo! Valham-lhe! Tenham piedade dêle!

«Os pescadores estenderam as vistas por tôda a extensão do mar, que os relâmpagos iluminavam por intervalos, mas não descobriram vestígios do náufrago. Demais êles tinham pressa de se pôr a salvo e não depositavam demasiada confiança no sossêgo de espirito da cantora para supor que não fôsse possível uma ilusão da sua parte.

«Passado tempo, o maior furor da tempes-

tade abrandara, os pescadores puderam vencer a resistência do mar e, algumas horas depois, desembarcavam na praia de Espinho, jurando nunca mais tornarem a meter-se ao mar numa noite como aquela por dinheiro nenhum dêste mundo.

«O ânimo da cantora não era desta vez contrário a iguais disposições de espírito.

«Impressionara-a demasiado aquela figura do naufrago que entrevira e que ela não acreditava haver sido alucinação dos sentidos; impressionara-a, sobretudo, a estranha expressão daquela fisionomia descomposta, onde parecia reflectir-se, entre os tormentos da agonia, um certo reflexo de inexplicável voluptuosidade.»

O romance pode dizer-se terminado. Alguns períodos mais e um curto epílogo, aliás incompleto, e que vamos transcrever, pois dêle transparece qual foi o fim trágico do desditoso *Pedro do Ramires*.

Êste drama, duma rara intensidade romântica, que recorda passagens dolorosas de outros temperamentos, sai fora das normas e processos de Júlio Denis, à parte o estudo dos caracteres e o bem cuidado do diálogo, que o romancista nunca descurou em tôda a sua obra.

«Era já dia claro quando as companhas se

reüniram na praia, preparando-se para se fazerem ao mar.

«O tempo melhorara. E do aspecto do céu tiravam os entendidos prognósticos favoráveis.

«Um grupo de pescadores no qual se contava o nosso conhecido João Cabaça, caminhava, conversando, em direcção à beira-mar. A trovoada da véspera era o assunto discutido.

«—É então que te parece a trovoada desta noite?» — perguntava um dos mais idosos.

«—S. Jerónimo! Alguns trovões estalaram mesmo em cima dos palheiros. Julguei que não ficaria um só de pé!

«—Vinha puxada do sul com uma fôrça!

«—Mas deixa lá! Era precisa para limpar os ares. Olha que manhã está hoje! Não há de ser pequena a safra.

«—É precisa, é precisa. Olha, o pior é dos que ela apanhou no mar» — disse João Cabaça, meneando a cabeça.

«—Lá isso é verdade! Mas que remédio!

«—Andem mais depressa, rapazes! Olhai que os barcos estão prontos. Não vêm?

«—Mas que diabo fazem aqueles ali, ao pé do mar?

«—Para que será que êles olham assim?

«A curiosidade apressou o passo aos pescadores, que correram em direcção ao ponto da costa onde muitos dos da companhia já estavam reunidos.

« — Que é? Que é? » — perguntavam uns aos outros, amontoando-se, comprimindo-se, empurrando-se, sem obterem a explicação que desejavam.

« — Aquilo é afogado de-certo... » — dizia um pescador novo, depois de aplicar a vista por algum tempo a um objecto que boiava nas águas.

« Estas palavras excitaram a curiosidade de João Cabaça, que se aproximou do que as dissera, com não disfarçada curiosidade.

« — Mostra-me o que tu dizes que é um afogado, Luís do Moleiro... »

Termina aqui o manuscrito.

É um episódio cheio de ardor passional, forte e torturado. É o estudo de uma alma aspirando alto, e preferindo perder-se, a resignar-se à vida a que os destinos a forçaram. O motivo que arrasta *Pedro* é porventura romanesco em excesso, mas se nêle simbolizarmos uma ambição irrealizável, compreender-se há quanta verdade se encontra nas notas psicológicas com que Júlio Denis acompanha a doença de espírito que atribula o desventurado pescador.

Não queremos lançar conjecturas sôbre as razões que levaram o romancista a escrever este episódio, em que há sombras e mágoas, em vez das claridades e alegrias que enchem de luz os seus outros romances.

Apenas um outro se lhe aproxima pela finalidade. É êsse interessantíssimo conto que se intitula: *Uma flor dentre o gêlo*.

No *Canto da Sereia* é um adolescente que dá a vida para poder fitar, uma vez ao menos, aquela em que concentrou tôda a sua existência afectiva. Em *Uma flor dentre o gêlo* é o velho doutor *Jacob*, preso pelos encantos de *Valentina*, que, após uma vida equilibrada de labuta clínica, se envolve nas trevas da loucura.

Mesmo os espíritos mais desanuviados, que se esforçam por, na vida, só quererem ver o que ela tem de bom, de nobre e de elevado, caem, por vezes, em horas de desalento. E transparecem, então, em aspectos aparentemente discordantes como aqueles que Júlio Denis traduziu nestes dois pequenos romances: inesperadas manifestações do seu vigoroso talento de escritor.

«AS PUPILAS DO SR. REITOR»

ENTRE todos os romances de Júlio Denis ocupam as *Pupilas* o mais alto lugar. Tiveram, desde logo, uma grande expansão. Concorreu para isso o sucesso inicial, quer nos folhetins do *Jornal do Pôrto*, quer na primeira edição que se lhe seguiu, e se esgotou num mês, e ainda o desenvolver-se a acção no meio campestre, o que atrai sempre os leitores desejosos de repousarem a imaginação no entrecho simples das scenas rurais. Mas acima de tudo, o romance impôs-se porque o autor soube dar vida a personagens que ficarão para sempre na tradição popular. Romance de costumes, dum flagrante realismo, saindo dos modelos das publicações similares da época, marcou o advento duma nova escola. A obra de Júlio

Denis, fundamentalmente portuguesa, apologia entusiástica da vida das nossas aldeias, reprodução fiel dos tipos que a nobilitam, que viveram e hão de viver sempre na tranqüilidade da vida campesina, não fenecerá, como tantas outras que só um público especial pode compreender e apreciar. E as *Pupilas* são a sua obra prima por excelência (1).

São páginas cheias de verdade. As personagens aproveitadas pelo romancista são, mais do que em qualquer outra obra, copiadas do natural e as scenas do campo descritas com um cui-

(1) Os lucros das primeiras edições de Júlio Denis não foram grandes. De um dos seus apontamentos extraímos a seguinte nota que se refere a tôdas as obras publicadas:

PUPILAS

Folhetins.....	27\$000
Primeira edição, em dinheiro.....	119\$216
Importância de 70 exemplares.....	35\$000
Segunda edição, em dinheiro.....	246\$080
Importância de 6 exemplares.....	3\$000
	<hr/>
	430\$296

FAMÍLIA INGLESA

Folhetins.....	40\$000
Primeira edição, em dinheiro.....	288\$705
De 27 exemplares.....	16\$200
	<hr/>
	344\$905

dado e meticulosidade que nunca foram excedidos.

As *Pupilas* foram escritas em Ovar. Sôbre o assunto não encontramos discordâncias. Nem pode havê-las depois que vieram à luz da publicidade uma das notas em que êle próprio o declara e algumas das suas cartas dessa época (1863), em que há referências a lugares e a personagens que se encontram nas *Pupilas*.

O romance não foi só escrito em Ovar; de lá tirou o autor todos os elementos para o escrever. Ora isto é que tem sido contestado. Chegaram alguns críticos a julgá-lo um produto de imaginação. Como se alguém pudesse conseguir figuras tão reais como as que exhibe Júlio Denis, é especialmente nas *Pupilas*, sem que elas fôsem tiradas do natural! Como se fôsse fácil fazer as admiráveis aguarelas das suas scenas, cheias de vida e de côr, em que a

MORGADINHA

Folhetins.....	50#000
Primeira edição, em dinheiro.....	150#000
" " " " 	90#000
	<hr/>
	290#000

SERÕES

Folhetins.....	16#000
Primeira edição, em dinheiro.....	150#000
Importância de 80 exemplares.....	32#00
	<hr/>
	198#000

verdade anda a jorros, sem as copiar fielmente de episódios aldeãos!

Mas mesmo os que concedem a Júlio Denis qualidades de escritor realista, não admitem a localização que fazemos do romance a terras vareiras. Antero de Figueiredo, num artigo que publicou nos *Serões*, em 1906 (1), emite opinião contrária. Para o ilustre escritor, Júlio Denis levava consigo para onde ia as paisagens e as personagens:

«Essas equilibradas figuras bemquistas, consertara-as mais a sua índole do que as viram seus olhos. Uma vez criadas em sua poética imaginação e afagadas as asperezas da realidade que feriam a sua alma terna, buscava uma atmosfera de branda simpatia que não interrompesse seus sonhos imprecisos e primorosos de idealista».

Somos de opinião oposta. O criador do romance naturalista em Portugal pôs apenas a imaginação ao serviço dos pequenos enredos em que envolve as suas personagens. Estas atraem, principalmente, pela verdade com que são apresentadas em scenas regionais.

E dizemos regionais, referindo-nos a Ovar

(1) *Serões*, n.º 14, Agosto de 1906.

pelo que respeita às *Pupilas*, ainda em contração com o mesmo autor, que a tal propósito emite o seguinte parecer:

«Seus romances não têm datas nem se passam em lugares determinados, porque, na verdade, as suas *Pupilas* tanto podem ser de ontem como de hoje, tanto podem ter vivido em Ovar como em Santo Tirso, no termo do Pôrto ou nos arredores de Viana. Do norte é que precisam de ser, porque é de aí o coração do autor.»

Procuraremos demonstrar que nas *Pupilas* aparece um conjunto de personagens que o romancista, ao tempo da sua rápida passagem por Ovar, nos ócios de uma cura de repouso, conseguiu estudar com o cuidado de um miniaturista.

Como dissemos, Júlio Denis obteve grandes alívios para os seus males, nesse período que passou na vila vareira. Êsse avigoroamento de forças deu-lhe energias para a actividade a que se entregou e de que as *Pupilas* são a mais alta expressão.

A bem da verdade, devemos ainda citar uma passagem do mesmo artigo de Antero de Figueiredo, que atenua, um pouco, o exclusivismo da sua primeira afirmação:

«É nesta casa que viveu Júlio Denis há quarenta e três anos, no verão de 63, desde Maio a

princípios de Setembro. Aqui ouvira êle contar casos sucedidos na terra, e conhecera costumes, crenças, conceitos e máximas de que depois se serviu nos seus romances. Aqui teve à mão o médico de aldeia, o boticário doutorado, o fátuo tendeiro, o padre, o bacharel nos tipos tradicionais que estimava encontrar e que não via no Pôrto porque, fazendo vida arredada, sistematicamente se afastava dos meios onde os pudera estudar. Aqui conviveu com pessoas que depois se chamaram Dorotea de Alvapenha, Vitória do Mosteiro, Margarida, Clara, José das Dornas, João Semana e João da Esquina.»

Ao tempo em que Antero de Figueiredo escreveu o seu artigo, ainda não tinham sido publicados os *Inéditos e Esparsos* (1910), que vieram, em grande parte, esclarecer o assunto que a tradição vareira de há muito considerava resolvido, ao menos pelo que respeita às figuras fundamentais das *Pupilas*. Sobretudo as cartas de Júlio Denis a propósito de Ovar são valiosas fontes de informação.

Como dissemos, Júlio Denis amava os assuntos dos seus romances antes de serem divulgados. Foi com grande desagrado que êle veio a saber que fôra denunciado pelo próprio pai, a propósito do pseudónimo com que escondia o seu nome. E se relembramos êste modo de ser do escritor, é para que se dêem aos seus depoimentos

sôbre Ovar o valor que êles, de facto, merecem, em pessoa de tão melindroso recato literário e que mesmo aos mais íntimos ocultava cuidadosamente as suas produções.

Júlio Denis antipatisava com as vilas. Em mais de uma passagem da sua obra o acentua. A aldeia era o teatro ambicionado de tôdas as suas encenações. Mas, dizia êle em carta a Custódio Passos (1): «Ovar é uma vila e é uma aldeia». E, pormenorizando, acrescenta que...

«...segundo as predilecções de cada um, pode-se aqui fazer uma vida de cidade, pequena ou uma vida de aldeia. No primeiro caso freqüentam-se os *salões* da localidade, discute-se o que faz a Câmara, ...no segundo assiste-se às lavoiras, às ceifas, às regas, conversa-se com os jornaleiros sôbre as novidades agrícolas, escuta-se o estalar das cascas nas fogueiras, etc., etc.»

Diz, em seguida, qual foi a vida que preferiu e que mostra bem, não só as suas tendências e gostos campestinos, mas a escolha do meio onde havia de encontrar as principais personagens da sua obra.

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., pág. 176.

«Nos primeiros dias que passei aqui, tive de viver do primeiro modo (1), aborreci-me; agora felizmente que me deixaram viver do segundo, se não posso dizer que me divirto excessivamente, afirmo que não me enfastiei ainda.»

E, um pouco mais abaixo, acrescenta:

«Este não fazer nada com faculdade de fazer tudo de que tenho gozado em Ovar, espero será eficacíssimo para completar a cura de uma doença que hoje me vou quási convencendo ter sido mais de imaginação do que real.»

Júlio Denis revela nesta frase um bem-estar que, se em parte é filho do seu mal, que tantas vezes traz ilusões fugazes aos mais advertidos (2), representa em nosso entender a satisfação do seu trabalho de observador cuidadoso, iniciado com sucesso em campo vasto de exemplares que o seduziam. Êle próprio o denuncia numa outra carta dirigida ao mesmo amigo (3):

«Ainda não procurei o original de que me

(1) Aproveitou dessa convivência e da de sua família elementos para a *Morgadinha*.

(2) Vidê o capítulo VI — *A sua doença*, no volume I.

(3) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., pág. 174.



falaste na tua última carta; sei já, porém, onde mora e tenciono visitá-lo antes de me retirar. Apresento-me sob a tua protecção (1).

«Tenho notado que em Ovar os tipos não degeneraram ainda.

«Entre os males que traz a civilização consigo, um dêles é, a meu ver, a deterioração dos tipos clássicos. No Pôrto já se não distingue facilmente um médico de um advogado, êste de um boticário ou de um padre; a confusão não vem do vestuário, que todos capricham em fazer à moda, vem dos hábitos, dos assuntos predilectos de conversação, dos gostos e opiniões que dantes variavam em cada classe e hoje tendem cada vez mais a tornarem-se comuns a todos.

«Em Ovar não é assim.

«O médico é ainda aqui o antigo médico que se denuncia às primeiras palavras; o mercceiro apresenta todos os caracteres próprios da espécie; o padre é o padre tipo; o doutor em direito, ao qual se reserva aqui o nome de bacharel, conserva ileso a sua bacharellice».

(1) A falta das cartas de Custódio Passos no espólio de Júlio Denis deixa-nos, por vezes, dúvidas sobre a interpretação de algumas passagens. Não sabemos ao certo a que Júlio Denis se refere nestes períodos.

Antes de prosseguirmos as transcrições, observemos, desde já, a enumeração que Júlio Denis nos faz dos tipos que desde logo prenderam a sua atenção.

No comêço do elenco vem o médico, o antigo médico, que, como demonstraremos, trasladou para as *Pupilas* na figura tão pitoresca e tão verdadeira de *João Semana*. No merceiro adivinha-se o *João da Esquina*, tão fielmente copiado, que todos os que o conheceram garantem ser, dentre as personagens do romance, o melhor retratado. O padre é o padre tipo, diz Júlio Denis. Não disse que era o pároco tipo, porque se não serviu do que lá conheceu para modelo do seu *Reitor*: clarão de bondade que atravessa tôda a scena do romance. Refere-se ao padre tipo, por certo pela pureza das suas crenças, pela bondade da sua alma, pela coerência da sua vida ligada aos ensinamentos bíblicos. Independentemente de outras razões, que a seu tempo serão aduzidas, não é fácil admitir que Júlio Denis, que deixou esta nota numa carta escrita em 11 de Maio, isto é, pouco tempo depois de chegar a Ovar, fôsse copiar o *Reitor* do seu romance de Tomé Simões, pai das *Pupilas* e que até aqui foi considerado como sendo o modelo de que êle se serviu.

Júlio Denis continua:

«Não podia deixar a terra sem observar o boticário que espero será um bom exemplar; pois mesmo no Pôrto é a classe que menos se tem adulterado. O sr. Teixeira de Pinho será pois o escolhido para êste filosófico estudo.»

O boticário não entrou em scena nas *Pupilas*. Deslocou-o para outros trabalhos. A êle se refere nos manuscritos que serviram de estudo para a *Morgadinha*, e deve ser aquele que no seu trabalho incompleto *A vida nas terras pequenas* (1), dá pelo nome de *Baltazar*, boticário estabelecido na freguesia há vinte e dois anos.

«Mas falemos a sério» — segue o romancista. — «Ovar tem efectivamente mais que notar em quanto a homens do que emquanto a coisas. Há mais biografias excellentes e aproveitáveis do que pontos-de-vista. Estou fadado de tantas planícies; é uma monotonia afinal, e, às vezes, chego a sentir desejos de exclamar, quando me mostram qualquer subúrbio da vila:

«— Uma montanha pelo amor de Deus!»

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., vol. II, pág. 114.

Foram, portanto, as personagens que mais o interessaram, mas não ousou deslocar a scena do lugar onde elas viveram e onde as conheceu. Com elas andou por tôdas aquelas praças, ruas e arrabaldes da vila-aldeia a que afinal se afeiçoou.

Quando Júlio Denis, no conto incompleto *A vida nas terras pequenas*, se refere, com desagrado, às vilas, «as mais impertinentes localidades em que um homem pode desgastar as rodas do seu complicado mecanismo», acrescenta:

«Ainda se é uma dessas povoações donde se escuta o rugir do mar vizinho e que participa do ar de família que têm tôdas as terras marítimas, um ar alegre, desafogado, que é como o sorriso das povoações, modifica-se um pouco a feição característica e a alma não se acha oprimida ao encerrar-se ali.»

A referência é bem clara. Ovar, que para êle é mais aldeia do que vila, possui estas características e foi para o romancista, mesmo com a monotonia das planícies, um asilo tranqüilo para o seu trabalho de observador e para o seu raro talento de romancista.

Júlio Denis descreve Ovar com melhor humor em várias outras passagens das suas cartas e dos seus escritos, pondo em relêvo alguns

dos seus arredores mais pitorescos. Numa das cartas a *Cecília* (1) escreve o romancista:

«No caminho que eu frequentemente seguia nestes meus passeios matutinos há uma pequena ponte de pedra de dois arcos, por baixo da qual corre mansamente o rio da aldeia. Rio sem nome! Por isso mesmo eu lhe queria. Não comprehendes isto? Um rio sem nome, um rio que não vem nas cartas geográficas, virgem das explorações e estudos dos engenheiros hidráulicos, conservando tôda a poesia dos primeiros tempos! É quasi um tesouro oculto e tem não sei quê de misterioso que, por isso mesmo, me atraía».

Tudo isto é de Ovar!

Recordemos ainda uma outra passagem da entrevista de Antero de Figueiredo (2) com a prima de Júlio Denis, D. Maria Zagalo Gomes Coelho:

«Na cozinha havia uma porta alpendrada que dava para o eido; e como eu, da soleira, estendesse os olhos por êsse pátio ensombrado de videiras, logo essa senhora me explicou:

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, vol. II, pág. 7.

(2) Loc. cit., pág. 97.

«—Faziam-se aqui as esfolhadas que êle descreveu. Estou a vê-lo, sentado naquela pedra, a debulhar feijões e a rir com o José Travanca —homem mais alegre!...— que dizem ser o José das Dornas das *Pupilas*.

«— Aqui?» — perguntei, aproximando-me de uma velha mó encostada a um esteio.

«— Sim, aí, com o nosso «Leão» aos pés. Outras vezes, estava horas no laranjal a ouvir cantar um rouxinol.»

Era aquele rouxinol a que Júlio Denis se refere numa das suas cartas a *Cecilia*:

«O rouxinol, percebes? O verdadeiro rouxinol, a filomela clássica, o rouxinol que eu quasi cheguei a pensar ser um mito, o rouxinol de que tanto se fala na cidade e que a maior parte da gente que fala dêle nunca ouviu» (1).

É ainda o mesmo rouxinol de que dá notícia ao seu amigo Custódio Passos, logo na primeira carta que lhe escreve de Ovar:

«Eu, por minha vontade, passava o tempo debaixo de um laranjal que há na casa onde

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, vol. II, pág. 165.

moro e no qual, desde pela manhã até à noite, canta um rouxinol» (1).

Júlio Denis viera do Pôrto no propósito de seguir em digressão por várias terras do país.

A breve trecho mudou de tenção: «Eu tenho evidentemente tendência para estacionar. Estou aqui há quinze dias, etc.» (2).

Em 12 de Junho de 1863 declara a Custódio Passos que já não vai a Aveiro. Dá razões que são simples desculpas. Reproduz-las em outra carta (3 de Julho) com excesso de pormenores um tanto comprometedores.

Êle mesmo não sabe como explicar esta atracção por Ovar:

«Ainda hoje pergunto a mim mesmo» — escreve Júlio Denis (3) — «o que me tem retido tanto tempo nesta vila e, para te falar com franqueza, não obtenho de mim mesmo resposta satisfatória.

«Eu que parti do Pôrto com o ânimo votado a grandes cometimentos e quasi decidido a correr as sete partidas, como o infante D. Pedro, fiquei-me por aqui a engordar e a ganhar

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, pág. 173.

(2) Idem, *ibid.*, vol. II, pág. 172.

(3) Idem, *ibid.*, pág. 181. Carta a Custódio Passos.

côr, até voltar ao Pôrto, levando em branco as minhas impressões de viagem e tendo, em perspectiva, a rude e ansiosa tarefa de explicar a mil e uma pessoas a razão por que não passei de Ovar.»

Em seguida, pede ao amigo que vá explicando (?) os motivos que o determinaram a ficar: o sentir-se ali robustecer, as descrições tétricas que os facultativos lhe fazem de Aveiro, a saída dali de um seu primo, razão que noutra carta anterior apresenta como principal e que agora é relegada para terceiro lugar.

Júlio Denis multiplicava os pretextos para não dizer a única razão que o decidira: completar o seu estudo e observações, cerzir um pouco a acção de alguns dos seus romances, e entre êles as *Pupilas*, que só mais tarde deviam ver a luz da publicidade, depois revistas no Pôrto.

E quem sabe? Talvez no fundo houvesse ainda a acrescentar motivos de outra natureza. As afeições, quando parecem sinceras, prendem sempre, até mesmo quando nascidas em almas distanciadas de quem as provocou. Há umas frases de Júlio Denis que, com propositado recato, mostram, em parte, esta fraqueza afectiva do romancista:

«Não te farei uma descrição da minha vida

aqui, escreve êle a Custódio Passos. Mentindo e poetizando um pouco, talvez me fôsse possível transformá-la num idílio, que teria a realidade de todos os idílios...» (1).

E precisando mais :

«A falar a verdade, lá custa ter a gente de se contentar com uma Graziela imensamente aquém da que Lamartine nos diz ter encontrado ; mas desde que nos convençamos que Lamartine mentiu um bocado, é mais fácil conformar-nos com as inevitáveis exigências da realidade.»

Numa carta a sua madrinha, a Ritinha, há também uma inequívoca alusão às influências afectivas que o tinham cativo naquela época (2).

As *Pupilas* são a crónica exacta da vida de Ovar de há sessenta anos, que não mudou essencialmente a-pesar do grande desenvolvimento material que experimentou.

O cenário é o mesmo. Reconhecêmo-lo ainda hoje, não obstante as naturais transfor-

(1) Júlio Denis, *Inéditos e Erparsos*, ed. cit., pág. 184.

(2) A pag. 62 dêste volume fazemos a transcrição dessa carta. É bem significativa a maneira como se oprime.

mações que o progresso local lhe foi imprimindo. A casa onde viveu Júlio Denis conserva-se na mesma. Em frente ainda está o mesmo Largo dos Campos com a Capela das Almas no tôpo, donde lhe chegavam os ecos das ladainhas das beatas. Era naquele largo que às vezes dansavam as raparigas os bailes populares. A dentro do prédio não encontramos já o laranjal onde cantava o rouxinol. Mas era ali que êle se esquecia a architectar os seus romances, e a juntar os elementos estudados na conversa e na convivência de aldeãos.

Também a eira sofreu transformação; mas ainda se adivinha onde se juntavam as raparigas e os serandeiros (1) das esfolhadas e onde pontificava *José das Dornas*, cujo tipo ainda vive por aquelas paragens na alegria das noitadas e no desembaraço do mais apetecido trabalho daquela região. O seu quarto, um pouco sombrio, mantém-se como era. Não sabemos se a colcha de croché que cobria o leito quando há pouco o visitámos seria a mesma que lhe serviu; mas era, por certo, uma sua antepassada, com os mesmos ou mais floreados desenhos. A cama é a de há 60 anos, ainda bem conservada, na singeleza do seu alçado em arremêdo

(1) Provincianismo que Júlio Denis aproveita, por mais duma vez, nas *Pupilas* e, mais tarde, nos *Fidalgos*.

de estilo Império de transição, com a almofada de estôfo às riscas berrantes e os envernizados a pedirem prudente restauro. Na saleta que o antecede, ao lado de um velho e avantajado baú de coiro, a pequena mesa onde Júlio Denis começou a escrever as *Pupilas*. Só falta o tinteiro de louça vidrada escura que foi oferecido pela dona da casa a um seu entrevistador ilustre. Até a cozinha, com a lareira, ainda está conservada (1). Lá vimos o escabêlo onde o romancista passava horas a conversar com os homens rudes do campo. Lá encontramos a janela onde êle, transfigurado em *Daniel*, pois, como sabemos, é o próprio Júlio Denis o herói do seu romance, debicava com o criado naquela tarde de calor e aborrecimento que êle tão primorosamente descreve:

« — Tu sabes o que é o vento ? » — disse Daniel, espreguiçando-se.

« — O vento ? O vento é assim uma coisa... como um sôpro » — respondeu o homem.

« — És um asno. O vento é uma corrente de

(1) Em Ovar, numa certa roda, há o culto de Júlio Denis. Nesta casa, tudo o que lhe pertenceu se conserva com um cuidado digno do maior encómio. São relíquias que todos veneram. As *Pupilas* são como que a Bíblia dos seus admiradores locais. Ainda hoje é o romance mais lido em Ovar.

ar, produzida pela desigual distribuição da temperatura na atmosfera.

«E Daniel, dizendo isto, entre dois bocejos, olhou para o criado, divertindo-se em estudar-lhe no rosto o efeito da definição científica.»

Daniel, depois de lhe falar de questões astronómicas, meteu conversa com uma pequenita, filha do seu interlocutor, a *Rosa*, que lhe diz adivinhas. Uma delas é inteiramente regional (1):

«Mil marinhinhos, mil marinhões,
Dois parafitas e quatro chantões.»

Não há criança que a não saiba de cór em Ovar. O termo marinhão e seus derivados são, como já dissemos, daquela zona marítima da Ria de Aveiro.

Há ainda uma outra particularidade nessa passagem do romance que vem a propósito recordar. Justifica-a a frase do romancista:

«A ociosidade absoluta imprime de ordinário aos actos do homem certa feição pueril que êle procura sempre ocultar aos olhos estranhos» (2).

(1) Júlio Denis, *As Pupilas do sr. Reitor*, ed. cit., pág. 141.

(2) Idem, *ibid.*, pág. 134.

Daniel, aborrecido, sem estímulos, procura passar as horas de ócio entretendo-se com o cão, com o gato, com uma providencial formiga que vadia pelo peitoril da janela, etc., e acaba por lançar casualmente os olhos para o leito.

... «e, como se êste lhe desse a resposta do que êle queria perguntar ao cantor de Eneas, deitou-se.

«Deitou-se de costas, e pôs-se então a contar as tábuas do teto.

«Contou dezassete.

— Dezassete, nove fora, oito — disse insensivelmente Daniel» (1).

Ora as tábuas do teto do quarto em que viveu Júlio Denis em Ovar são, de facto, dezassete: treze ao centro enquadradas em quatro que as emolduram.

No mesmo género a referência que se faz no romance à capela do Calvário que, com êste nome, existe na vila de Ovar com a sua escadaria bem lançada, e a que Júlio Denis se refere nas *Pupilas*, sem sequer lhe disfarçar o nome.

O Reitor visita o velho doente *Álvaro*, figura

(1) Júlio Denis, *As Pupilas do sr. Reitor*, ed. cit., pág. 137.

trazida para ali, de fora de Ovar, e que no diálogo com o pároco, e quando êste o anima, lhe responde:

«—Sei-o eu. Há dois dias que me sinto fraco, muito fraco. Nem já pude sair, para, como costumava, ir ver o pôr do sol lá acima, dos degraus da Capela do Calvário» (1).

Um pouco mais além o largo dos sobreiros, felizmente conservado e a que Júlio Denis se refere nestes precisos termos:

«Ao chegar a um largo todo plantado de sobreiros, quási seculares, que havia no centro da aldeia, ainda o bom do pároco levava as algebeiras bem fornecidas» (2).

Não muito distante fica o cruzeiro (pág. 81) que Júlio Denis descreve nestes termos:

... «sôbre o fundo magnífico do céu, ainda iluminado pelos últimos rubores do crepúsculo, se delineava o vulto negro de uma cruz de granito...» (3).

(1) Júlio Denis, *As Pupilas do sr. Reitor*, ed. cit., pág. 69.

(2) Idem, *ibid.*, pág. 68.

(3) Idem, *ibid.*, pág. 81.

Em baixo fica a ponte dos dois arcos a que já nos referimos transcrevendo uma passagem de uma carta que Júlio Denis, sob o pseudónimo de *Diana de Aveleda*, publicou em 1864 no *Jornal do Pôrto*. Pois no romance descreve-a quási pelos mesmos termos:

«Próximo, havia uma ponte de pedra de dois arcos, construção já antiga, mas bem conservada ainda: o rio era nesse lugar pouco fundo, e deixava à flor da água as maiores das pedras espalhadas pelo seu leito, permitindo assim passagem, a pé enxuto, de uma para outra margem.»

O próprio campo onde Júlio Denis coloca a scena infantil de *Guida e Daniel* pode ter sido uma das colinas que lhe ficam próximas e que, como nos observou o padre Manuel Lírio, realiza tôdas as particularidades da descrição.

O romancista deixou-se impressionar vivamente pela scena das lavadeiras, que, de joelhos sôbre as poldras — têrmo bem regional, corrutela de alpondras (1), — se estendiam desde a

(1) Cândido de Figueiredo, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*.

ponte dos dois arcos a que já nos referimos, a montante do rio (1):

«Lavavam ao som de alegres cantigas, interrompidas por estrepitosas gargalhadas; outras estendiam-na pelos côradouros vizinhos e algumas, madrugadoras, principiavam a dobrar a que o sol da manhã havia já secado» (2).

Dessa scena campestre dá Júlio Denis conta na primeira carta a *Cecilia* (3), sob o pseudónimo de *Diana de Aveleda*, pouco tempo depois da sua estada em Ovar e recordando, como em muitas outras passagens, algumas das quais já citámos, episódios ou aspectos por êle observados quando da sua permanência na vila. É interessante fazer o confronto:

«Nesta parte do rio (junto à ponte) e àquela hora da manhã era certo encontrarem-se a lavar e a cantar as mais bonitas raparigas do sítio e tão desafogada e jovialmente o faziam que comunicavam alegria aos mais hipocondríacos.»

(1) Informação do dr. José de Almeida, que nos forneceu ainda outros elementos para êste capítulo.

(2) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., vol. II, pág. 8.

(3) Idem, *ibid.*, pág. 35.

No seguimento da descrição, Júlio Denis refere um descante entre *Clara e Pedro*, que trabalhava no campo ao lado e que, ao ouvir a sua namorada, não se teve que não respondesse.

... «sentiu em si uma comoção estranha, visitou-o a musa rústica, e, atirando-se com vontade ao trabalho, elevou também a voz, já tão conhecida por todos os frequentadores de arraiais e esfolhadas...»

«Clara cantou:

«Ó rio das águas claras,
Que vais correndo p'ra o mar;
Os tormentos que eu padeço,
Ai, não os vás declarar.»

«A resposta de Pedro é dada no mesmo tom:

«Não declara, que não pode,
E não tem que declarar,
Pois quem, como tu, é bela
Não pode ter que penar.»

Não ousamos afirmar que estas quadras, em que se sente um acentuado sabor local, ingénuas e simples, de rimas pobres e fáceis, fôsem reproduzidas do natural, dalgum início de descante que Júlio Denis tivesse ouvido nas esfolhadas e romarias. O que podemos garan-

tir é que muitas vezes temos notado trovas parcidas, e até algumas bem mais interessantes.

Além disso, há nestas duas quadras uma expressão muito usada nos jogos florais daquelas terras da Beira-Ria: a palavra *declarar*. Repetidas vezes a temos ouvido.

Entre todos os divertimentos locais são estes duelos rimados os mais apreciados. Nas romarias, desde que há uma viola, uma harmónica, e um cantor e uma cantadeira ao desafio, despovôa-se o arraial, desatendem-se às filarmónicas que, por sua vez, nas festas de monta, também tocam em despique, para, em círculo e em pinha, se seguirem as peripécias do diálogo versegado. Não fugimos à regra e, muitas vezes, passámos horas a ouvir êsses torneios poéticos, daquela poesia que Júlio Denis prefere, porque se pode cantar (1), e em que, por vezes, há frases de um elevado encanto, ao lado de intenções picarescas e epigramáticas, ligeiramente maldosas e por vezes quási cruéis. Ainda hoje todos os anos tiramos a falta provocando uma dessas festas regionais.

Um dos melhores cantadores dos sítios é hoje de Ovar. Em Avanca, a sete quilómetros

(1) «Olhai que nós querem privar da poesia que se canta, dando-nos a poesia que se estuda» — diz êle em uma das cartas a *Cecília*, — *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., vol. I, pág. 189.

da vila, há também um afamado repentista, hoje já velho, e que, como alguns outros, transformou a sua habilidade em profissão. Deu-lhe nome o ter ido um dia a S. Pedro do Sul cantar perante a rainha D. Amélia, que o presenteou com um relógio de ouro. Então ainda o Marques (1), é êste o seu nome, era novo e não havia cantadeira nas redondezas que com êle se medisse nas tardes felizes.

Agora as suas suissas grisalhas dão-lhe já um ar que tende para avô e as raparigas novas com que se defronta não poupam, naqueles torneios, as brancas do velho cantador.

Logo que o despique se torna mais aceso, e ao menor remoque pretencioso do velho Marques, lá vem à balha a sua idade, causa de muitos e variados males, alguns dos quais — e dos mais penosos — lhe vão insinuando. E com que graça êle ainda se defende!

Chamam-lhe o *cantador real* e, mesmo em pleno regime republicano, não lhe desagrade o título que o lançou entre os primeiros artistas regionais da desgarrada. Que hoje o saber cantar ao desafio é profissão alegre, e regularmente remunerada. Durante o verão são os cantadores constantemente convidados para as

(1) Do lugar de Sardinha. Daí o ser geralmente conhecido pelo *Marques Sardinha*.

esfolhadas de tÔmo e para as rifas e arraiais. Depois, além da paga, contam com a boa ceia sempre farta para os artistas.

Êstes descantes não são peculiares à região de Ovar. Há desafios por todo o norte; mas em poucas terras êles terão o público que têm nesta parte do distrito de Aveiro. Ainda há pouco tempo, para podermos ouvir uma cantadeira de fama, das bandas de S. Vicente, também concelho de Ovar, tivemos de esperar duas semanas, porque tinha os dias todos comprometidos! E não é só de verão!

Durante o inverno as espadeladas e os serões são os pontos obrigados destas festas tão queridas daquela gente.

Júlio Denis, a-pesar-de ser do Pôrto, talvez nunca ouvisse êstes desafios com a facilidade com que os escutou durante a sua permanência em Ovar. E como tÔda a sua obra, e nomeadamente as suas *Pupilas*, foram recalcadas em tipos e scenas reais, pode muito bem ser que as quadras que transcrevemos e as outras que se lhe seguem no romance derivassem, até pela sua singeleza e ingenuidade, de reminiscências de algumas cantigas que ouvira nas esfolhadas da casa de sua tia.

Ao lado dêstes torneios improvisados, em que se compraz o gÔsto popular e em que vive a alegria travêssa, ingénua e amorosa, daquela região, há os cânticos religiosos a que Júlio

Denis faz também referência no seu romance. Tôdas as canções importadas tomam logo, naquelas terras, uma forma arrastada que em breve as desfigura. Só a *Cana Verde* e a *Ramaladeira* permanecem intactas. As outras deformam-se e perdem-se no prolongamento da toada, adquirindo um sabor místico e dolente. Por isso, ao lado das canções típicas regionais, só perdura a música religiosa. Essa nota não escapou ao romancista, que descreve, com absoluta verdade, «o som de vozes longínquas, cantando concertadas»:

«Pouco a pouco, a música tornava-se mais distinta, e cedo, ao lado do cruzeiro, desenhavam-se também as figuras graciosas de um bando de raparigas, que voltavam à aldeia, entoando em cântico uma saudação à Virgem Maria — a predilecta da piedade popular. Harmonizavam-se tão bem aquelas vozes frescas e juvenis; combinavam-se tão admiravelmente a poética melancolia do lugar e da hora com aquela toada singelíssima, que Daniel sentiu-se comovido» (1).

Júlio Denis, neste campo da religiosidade lo-

(1) Júlio Denis, *As Pupilas do sr. Reitor*, ed. cit., pág. 81.

cal, não esqueceu outros pormenores. Basta que citeamos o das promessas. Quando *Margarida*, junto de *Álvaro*, moribundo, procura animá-lo, fala-lhe assim:

«Como perdeu assim a esperança? Pois não se lembra de, ainda há dias, combinarmos dar uns passeios que lhe hão de fazer muito bem? Havemos de ir breve; vou eu, a Clara e o sr. Reitor também vai, que já mo prometeu. Há de ser à ermida da Senhora da Saúde. Se soubesse como lá é bonito! A vista segue, segue por cima de campos, de devezas, de aldeias, e tão longe, tão longe que só pára no mar» (1).

Ora a ermida a que se faz alusão nesta passagem é, pela descrição do panorama que dali se desfruta, a capela da Senhora da Saúde, de Cambra, que, em dias claros, se vê branquejar de Ovar na serra longínqua e onde se faz anualmente uma das romarias de maior nomeada naqueles sítios. A paisagem que de lá se pode apreciar condiz inteiramente com a descrição de *Margarida* e difficilmente poderia Júlio Denis passar uns meses em Ovar, e especialmente em casa de gente devota, como era a

(1) Júlio Denis, *As Pupilas do sr. Reitor*, ed. cit., pág. 252.

de sua tia D. Rosa, sem falar na romaria da Senhora da Saúde, a que se apegam todos os crentes daquelas paragens nas horas difíceis e amarguradas. A esta mesma capela faz referência na *Morgadinha dos Canaviais*.

E ainda, neste campo de observação do exagerado misticismo regional, não lhe escapou o sabor religioso dos cumprimentos.

Nessa época, e durante muitos anos, se ouviram as saudações relatadas pelo romancista, entre as pessoas que mais assiduamente frequentavam a Igreja:

«Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo — disse, ao entrar na loja, e com voz dolentemente melodiosa, a santa de que falamos.

«Para sempre seja o Senhor louvado — respondeu-lhe, menos beatamente, a sr.^a Teresa» (1).

Entre os menos dados à frequência do culto, era vulgar ouvir, e ainda hoje é saudação corrente: «Guarde-os Deus» (2).

Denunciam também o cenário vareiro muitas frases que encontramos através do romance:

(1) Júlio Denis, *As Pupilas do sr. Reitor*, ed. cit., pág. 237.

(2) Idem, *ibid.*, pág. 31.

«Ainda era vivo o tio André da Murtosa... Que homem tão divertido! Aquilo era uma coisa por maior... pois quando êle de serandeiro às esfolhadas»! (1)

Assim se exprimia o *Manuel do Alpendre* recordando as esfolhadas de outro tempo.

Ora o tio *André da Murtosa* evoca a terra da sua proveniência, a Murtosa, importante freguesia do concelho de Estarreja que, por sua vez, confina com a Ria, e que está em constantes relações comerciais com Ovar. Dali devia ter vindo o tio *André*, que guardou ligado ao seu nome o da sua terra natal.

Outra:

«Olhem que mestra de crianças! — observou uma gorda oleira, que viera comprar uma quarta de sabão» (2).

Há em Ovar uma indústria de olaria, e daí a referência do romancista à profissão da sua gorda personagem.

Outras frases mostram modos de dizer locais

(1) Júlio Denis, *As Pupilas do sr. Reitor*, ed. cit., pág. 235.

(2) Idem, *ibid.*, pág. 240.

ali communmente empregados. Não queremos com isto dizer que não se encontrem noutras regiões, mas, sendo vulgares em Ovar, representam mais um argumento a juntar aos que vimos aduzindo em favor da tese que sustentamos. Recordemos algumas:

«— Mas o Pedro que disse à saída?

«— Não disse nada. Parecia nem dar por a gente. Ia assim a modo de estarrecido» (1).

Esta locução «a modo de estarrecido» é um provincianismo muito usado naquelas paragens e que já encontrámos no *Canto da Sereia*.

E para finalizar:

«— Se achas que mereço alguma recompensa, porque ma não dás tu mesmo, Guida?

«— Eu, meu coração? Que recompensa podes esperar duma pobre?»

Esta maneira de dizer, tão bela e expressiva, têmo-la ouvido a miúdo na população ribeirinha. Ainda nos recorda a impressão que nos produziu quando a ouvimos, pela primeira vez, no barco da travessia da Bestida para a

(1) Júlio Denis, *As Pupilas do sr. Reitor*, ed. cit., pág. 235.

Torreira, a uma peixeira da Murtosa que acalentava ao seio um filhinho doente:

— Dorme, dorme, meu coração!

Quanto lirismo e quanta intensidade afectiva palpitam nesta frase!

«DANIEL» E JÚLIO DENIS

JÚLIO Denis mostra a sua adolescência em *Carlos Whitestone*, disfarça-se, como lisboeta neurasténico, em *Henrique de Souzaelas*, e apresenta-se, tal como é, no *Daniel das Pupilas*. Nem esconde a profissão nem a sua orientação de médico novo, cheio de noções absolutamente desconhecidas do velho cirurgião *João Semana*, de que falaremos em capítulo especial.

Sigamos, por alguns instantes, a simpática personagem do novo doutor no momento da chegada a casa de seu pai, o honrado *José das Dornas*, com quem, dentro em breve, entraremos em conhecimento. Diz Júlio Denis:

«O grande acontecimento do dia realizou-se emfim.

«Pelas cinco horas da tarde parava à porta de José das Dornas a mais vigorosa e anafada das suas éguas e dela se desmontava Daniel em trajos de jornada e com a clássica caixa de lata ao tiracolo, sinal evidente da formatura completa.»

A jornada que Júlio Denis fêz a cavalo, do Pôrto até Ovar, para casa de sua tia D. Rosa Zagalo Gomes Coelho, serviu para a descrição que nos dá, na *Morgadinha dos Canaviais*, a propósito de *Henrique de Souza*.

Aqui aparece-nos a desmontar à porta de seu pai, sem se preocupar com a fadiga da viagem de uns quarenta e cinco quilómetros bem puxados. Ele não veio montado numa anafada égua de *José das Dornas*, que a não possuía, mas sim numa vigorosa mula do almocreve Silva, do lugar da Ponte Nova, da vila de Ovar (1). Esta informação condiz mais com a descrição da chegada de *Henrique de Souza*, em que o diálogo com o almocreve deve estar de acôrdo com o modo de sentir do cavaleiro,

(1) Informação do dr. José de Almeida. Esperamos que êste nosso amigo conclua uma monografia regional sôbre as *Pupilas* e a *Morgadinha*, que tem entre mãos, e que trará novos subsídios aos admiradores da obra de *Júlio Denis*.

que bem pode ter feito a jornada em um só dia, como era vulgar nessa época. Saía-se da rua Direita de Vila Nova de Gaia, da antiga estalagem das Pinheiras, em frente à então e ainda hoje farmácia Macedo, e seguia-se à beira-mar até à Vila.

Continua Júlio Denis :

«A vizinhança tôda afluiu curiosa às portas e às janelas para ver o facultativo novo e julgar dêle pelas primeiras impressões. Era uma collecção de olhos arregalados e bôcas abertas, a convidar o lápis de um artista.

«— Ainda é tão novinho! — dizia uma mulher.

«— Não sei o que me parece um cirurgiãõ sem barba — observava um velho filosoficamente. — Parece um estrangeiro!

«— Lá bonito é êle! — notava uma rapariga.

«— Olhem que boniteza! Um homem quere-se um homem! — redarguiu um alentado rapagão, ao ouvi-la.»

Reparemos um pouco neste diálogo. Não é a descripção do novo médico que impressiona, pois ajusta-se ao tipo esbelto em que Júlio Denis sempre se personifica; mas vê-se por êle que a vizinhança o não conheceu, quando é certo que êle não deixava de vir a férias. Surge como um estranho, o que é pouco de aceitar.

Devemos mesmo concluir que é êste um dos pequenos defeitos do romance, que se repete em outras passagens. Citaremos apenas duas. Em uma delas pretende o romancista desculpar-se. É aquela em que *Pedro* e *Daniel* vão visitar a noiva de *Pedro*, a *Clara*.

« — Ide, ide, rapazes — observou José das Dornas. — Vais ver uma guapa cachopa, Daniel. Mas, é verdade, tu conhece-la... É uma filha do Meadas.

« — Ah!... sim... tenho uma idea.

«Cumpre-me confessar que Daniel não tinha tal idea das filhas do Meadas. Emquanto esteve no Pôrto, e até nos curtos intervalos de férias, que passara na terra, viveu êle muito estranho à vida do campo, para se recordar ainda das alcunhas, pelas quais, na aldeia, mais geralmente são conhecidas as famílias, do que ainda por os verdadeiros nomes e sobrenomes.»

Ora esta desculpa é que nos não satisfaz. Em férias, ligado continuamente à família, nas conversas com o pai e com o irmão, não é crível que o nome destas raparigas, das mais feitosas do lugar, tivesse esquecido a *Daniel*.

Mas o facto ainda é mais para estranhar na scena da esfolhada que Júlio Denis descreve nas *Pupilas* com uma verdade flagrante. É preciso ter presenciado estas festas rurais na-

quela região, à luz baça dos lampeões e das candeias, — hoje desastradamente substituídos em algumas eiras e arrumadas pelos candieiros de acetilene — para ver quanta verdade há na simplicidade com que o romancista no-las evoca! A esfolhada que lhe serve de tipo, aquela que êle trasladou com todo o seu ingénuo colorido para as páginas das *Pupilas*, foi a que presenciou em casa de sua tia D. Rosa Gomes Coelho, de há muito esperada pelo romancista (1), e a que presidiu o alegre lavrador José Travanca, o *José das Dornas* do romance — «homem mais alegre»! — na frase sugestiva de D. Rosa para Antero de Figueiredo.

Pois bem, na esfolhada que Júlio Denis descreve nas *Pupilas, Daniel*, a-pesar-de ser da casa, filho de lavrador, vir a férias nas épocas das esfolhadas, ignora a operação simples de descamisar espigas! É *Clara* que lha ensina:

« — Que desastrado! — dizia Clara — Nesse andar, tem que fazer.

« — Então como é que se arranja esta cousa?

« — Assim, ora repare. Pega-se em um prego...

« — Mas que é do prego?

(1) Cartas a Anitas. Capítulo IX, carta VIII (Vol. I).

« — Então não podia pedi-lo? Aí tem um. Mas pega-se em um prego e atravessa-se o folhido assim, e depois... »

Ora isto tudo é bem pouco natural e deve ter uma explicação.

É que Júlio Denis identifica-se de tal forma na personagem de *Daniel* que por vezes esquece o romance para se retratar tal como é. *Daniel* é mais a sua autobiografia do que o novo médico vareiro em tórno de quem gira a acção do romance.

Recordemos ainda algumas passagens, a quando da sua chegada a casa de seu pai.

« Daniel era agora um esbelto rapaz de vinte e três anos (1), de aspecto mais varonil, mas conservando ainda a mesma delicadeza de organização que o caracterizara na infância e que tantas apreensões fizera ao pai. »

Nota-se na descrição o tipo que já conhecemos através dos outros representantes de Júlio Denis, quer na *Familia inglesa*, quer na *Morgadinha*. Nunca se apresentou de outra manei-

(1) A idade exacta de Júlio Denis quando esteve em Ovar. Fazia 24 anos a 14 de Novembro de 1863 e escreveu as *Pupilas* em Julho e Agosto.

ra. Em primeiro lugar, estão as qualidades físicas a recomendá-lo. Era talvez verdade, mas, ainda que o não fôsse, era natural que assim se exhibisse ao menos para esquecer, por momentos, o natural pressentimento do prognóstico da sua doença, felizmente bastante esquecido nesta fase da sua vida.

Na passagem citada há uma referência à scena infantil do pequeno *Daniel* com *Guida*, a pequena *zagala*, na frase do romancista (1).

Dessa scena infantil, uma das mais pitorescas do romance, nada temos a dizer pelo que respeita à identificação de *Daniel*. Não nos parece mesmo que seja a revivescência de qualquer episódio da sua vida infantil, pois Júlio Denis passou os seus primeiros anos no Pôrto, onde não havia pastoras nem rebanhos e onde não deviam abundar também os reitores do quilate daquele que nos apresenta. A scena infantil é uma das mais interessantes fantasias das *Pupilas*, talvez suggestionada por qualquer episódio presenciado nas paragens vareiras,

(1) Talvez Júlio Denis preferisse o vocábulo *zagala* ao de simples *pastora*, porque o nome era corrente em Oyar, ora no arrevesado masculino *Zagalo*, como apelido de família, ora no feminino, como designação genérica das senhoras que a ela pertenciam.

O masculino de *zagala* é *zagal*, têrmo de origem árabe.

onde o cenário se ajusta inteiramente à sua descrição.

Deixemos, por isso, de parte, êsse idílio infantil em que, só por convenção, vemos *Daniel* na sua primeira inclinação amorosa. E tanto não é bem o *Daniel* do romance, que a scena lhe esquece. Apenas uma vez lhe passa pela memória a ligeira reminiscência dêsse acontecimento. Se, de facto, se tivesse passado com êle, não o esqueceria tão rapidamente.

As scenas agradáveis da infância não caem fâcilmente num completo olvido: deixam vestígios, perduram por largos anos. E essas tardes com *Guida* — a zagala — em colóquios em que se sente todo o bucolismo de Bernardim Ribeiro, deviam ter sido das mais atraentes de tôda a sua vida.

Logo que *Daniel*, já médico-cirurgião pela escola do Pôrto, como de facto era Júlio Denis, chegou a casa de seu pai, não faltaram as visitas. Lá esteve o sr. *Reitor*, que aproveitou o ensejo para lhe recordar os tempos em que êle lhe ensinava o latim e para lhe falar dos deveres do médico na Sociedade. A seguir veio *João Semana*, o velho cirurgião a saúdar o novo colega, pondo-lhe logo a claro todo o seu scepticismo pela sciência moderna, pecha profissional que, por vezes, encontramos em práticos da mais elevada categoria. Aca-

bam por cristalizar nos princípios e doutrinas do seu tempo.

Em seguida ao *João Semana* entrou o *Mestre barbeiro*, que clinicava na aldeia, contando entre os fregueses, que aproveitavam das suas duas artes, o regedor e o presidente da Câmara. Com êste é que *Daniel* não transigiu. Também era de mais! Sabe Deus com que espanto ouviu o *João Semana* interrogá-lo sobre um doente que tratavam juntos.

Êste barbeiro — o *João das Bichas* — existia, de facto, em Ovar no ano da graça de 1863. Era o José da Silva Alminha e com êle conversava Júlio Denis quasi todos os dias em que lhe passava pela loja (1).

Nesse tempo abundavam êstes espécimes por aquelas paragens. Era, porém, o Alminha o de maior nomeada. Como era acessível à palestra, Júlio Denis pôde estudá-lo à vontade.

Empregava bichas, como todos os seus colegas no duplo officio de escanhoar queixos e de fazer curas, e não perdia o ensejo para expor as suas teorias médicas, em que «ferviam os humores, os flatos, as matérias reimosas, os postemas e não sei que mais, em indigesta caldeirada» (2).

(1) Identificação feita pelo dr. José de Almeida.

(2) Júlio Denis, *As Pupilas do sr. Reitor*. ed. cit., pág. 77.

Daniel tratou-o sobranceiramente e não se teve que lhe não dissesse :

« — Teve hoje muito que fazer, mestre ?

« O barbeiro acolheu a pergunta com um sorriso e uma mesura.

« — Está feito. Apenas fiz três visitas.

« — E quantas barbas ?

« O mestre mordeu os beiços, antes de responder :

« — Nenhuma. »

A indiscutível bondade de Júlio Denis cede aqui lugar ao pundonor científico que trazia puro como um cristal de rocha. Acabava de sair da Escola, onde se cansara a trabalhar para obter um diploma legal e a ciência indispensável ao exercício de uma profissão que não desejava ver abastardada. O velho *João Semana* ainda o advertiu que fizesse vista grossa, mas *Daniel*, íamos garanti-lo, sentiu-se feliz ao fustigar o barbeiro mesmo no dia da sua chegada, e quando êle, cerimoniaçamente, o foi cumprimentar.

A transigência de *João Semana* com o curandeiro deixou-o mal disposto. Foi a primeira desilusão no entusiasmo pelo modo de vida que adoptara. É certo, porém, que Júlio Denis não carecia dêstes calmantes. A clínica nunca o tentou. A sua vida, mesmo que fôsse longa,

devia encarregar-se, a dentro das portas da Escola, que lhe haviam de ser daí a pouco franqueadas, por senda bem diferente.

Ocupemo-nos agora de *Daniel* sob outro aspecto: as suas tendências amorosas.

Assinalemos, desde já, que o novo doutor era órfão de mãe, como o era Júlio Denis, como o eram *Carlos Whitestone* e *Henrique de Souza*. É uma das características dominantes de tôdas as personagens em que se representa e a que já fizemos, em outro lugar, larga referência. Devemos ainda acrescentar que *Daniel* perdeu, como o romancista, a sua mãe em tenra idade. Quando começou os estudos de latim com o sr. Reitor, já ela tinha morrido. «Aquilo é outra mãe, o Senhor a chame lá» (1) dizia, por essa ocasião, o *José das Dornas* ao sr. Reitor, para mostrar quanto êle era diferente, em robustez, de seu irmão.

Não queremos deixar de acentuar êste facto, constante em todos os seus representantes, e que Júlio Denis generaliza, pois *Margarida*, a sua preferida, também é órfã de mãe desde criança.

Êle, porém, não se inclinou desde princípio para a melancólica personagem. Chegado à

(1) Júlio Denis, *As Pupilas do sr. Reitor*, ed. cit., pág. 8.

aldeia, apresentado por seu irmão *Pedro* a *Clara*, a noiva dêste, sua futura cunhada, *Daniel* começou a requestá-la. E com que afinco e imprudência a pretendeu decidir!

Ora êste facto deu-nos que pensar. A princípio não atinámos com a razão desta maldosa e despropositada escolha. *Daniel* personifica Júlio Denis e o carácter do romancista, todos o reconhecem, está acima de tôdas as suspeitas. Contudo, o procedimento de *Daniel* pode, com rigor, ser considerado como uma infâmia. Chegado à casa paterna, escolhe para primeiro devaneio amoroso a noiva de *Pedro*! Diverte-se com a menina *Francisca*, a filha do *João da Esquina*; mas isso não passa de um ligeiro entretenimento, que serviu de motivo a uma poesia (1). Teve outro vigor sentimental a atracção por *Clara* que, ao tempo, já estava pedida em casamento por seu irmão.

Ora esta anomalia tem a seguinte explicação. *Daniel*, que é o próprio Júlio Denis, não era, *de facto*, irmão de *Pedro*.

Êste era apenas um robusto rapaz de Ovar, o António Patarena, com quem o romancista se entretinha a conversar e que era íntimo da casa de sua tia, onde o romancista estava hospedado: Júlio Denis esquece-se, mais uma vez,

(1) *A Trigueira*, que deve ser datada de 1863.

nesta passagem, da personagem em que se representa no romance, para se denunciar sem disfarce. E assim o acto praticado por *Daniel* deixa de ser uma má acção, porque *Clara* não é a sua futura cunhada, visto *Pedro*, ser, para êle, um estranho. Fica, assim, o romancista absolvido desta falta grave, que êle seria incapaz de praticar.

Vem agora a propósito recordar o que Júlio Denis conta do passado amoroso de *Daniel*. Lá pelo Pôrto, por onde se gastou, foi o herói de «numerosas aventuras de amor de mui diverso carácter». O romancista precisa mais êste ponto:

«Deixando-se impressionar de circunstâncias insignificantes que outro espírito, menos exaltado, receberia com indiferença, andava êle quási de continuo sob o império, fértil em deleitosas sensações, de uma paixão nascente.»

Por esta referêcia nós adivinhamos, sob o disfarce de *Daniel*, os estouvamentos de *Carlos Whitestone* e de *Henrique de Souza*. Estão sintezados nessa frase do romancista que vive em todos êles, que doudeja, como êles, na *busca de deleitosas sensações de paixões nascentes*.

No estudo psicológico de *Daniel*, que é a autobiografia sentimental do romancista, e que nós conhecemos de passagens similares da *Fa-*

mília inglesa e da *Morgadinha*, há uma nota ainda não referida que não deve passar sem um ligeiro comentário. Diz Júlio Denis:

«Daniel amava de imaginação; nem eu vejo bem como pudesse amar de outra maneira quem, por vezes, se deixou levar por futilidades quasi ridículas.

«O coração não é tão sujeito a fraquezas desta ordem; ou eu ando muito enganado.

«Houve, por exemplo, uma mulher que, durante alguns meses, conseguiu assenhorear-se dos pensamentos do nosso herói pela maneira individualíssima e inimitável com que sabia dizer aquele gracioso *àgora* minhoto, tão levemente criticado pela gente da capital.

«Ora digam-me se é este um fenómeno do coração, e não antes um como desvario da cabeça, mais azada a tais singularidades.»

Antes de mais nada, convém acentuar que o incriminado termo — *àgora* — quando bem pronunciado à moda do Minho, ou à moda do Pôrto, pois a diferença não é grande, tinha, para Júlio Denis, encantos especiais. Era fundamentalmente um incentivo amoroso. Júlio Denis apresenta *Daniel* preso a êsse ligeiro *feiticismo*, para nos servirmos do termo consagrado — e quem há que os não tenha neste pequeno grau! — como podia prender-se pelas

mãos e pés pequeninos, que Fernando Caldeira canta com uma insistência estranha, ou com os olhos verdes daquela Joaninha a quem Garrett dedica algumas das suas melhores páginas.

Ora êste feiticismo não foi uma fantasia de Júlio Denis adstrito a êste romance. Citemos algumas passagens.

Nas *Pupilas*, aparece ainda uma vez num diálogo entre *Clara* e *Daniel*:

«— Pobre João Semana!» — dizia Clara em um dos seus momentos de malícia.— «Quem mais o chamará agora, depois de haver na terra médico novo?

«— Está enganada» — respondeu Daniel — «quando mais ninguém o chamasse, teria por si a melhor de tôdas as freguesias, a das raparigas.

«— *Ágora!* E então porque o haviam de querer? (1)

Êste *àgora*, a que damos a acentuação indicada no romance, tinha para *Daniel*, para Júlio Denis, que nêle se representa, aquele encanto particular que um dia lhe ficou gravado, na esfera das suas percepções auditivas, num com-

(1) Júlio Denis, *As Pupilas do sr. Reitor*, ed. cit., pág. 86.

plexo associativo que lhe determinava uma atracção particular pela rapariga que o pronunciava naquela modalidade do — *a* — muito aberto. Êste provincianismo de pronúncia ainda se sente bastante na região vareira.

Na *Familia inglesa* também aparece a expressão. É *Cecília* que pronuncia a mágica palavra :

« — Esteve doente, Cecilia ? » — perguntou Jenny, acomodando o chapéu da amiga.

« — Não, por que mo pergunta ? »

« — Nem eu sei. Parece-me ler-lhe no rosto... e depois... veio tão tarde.

« — Ai, menina » — replicou Cecilia, sorrindo e ajeitando o cabelo que o chapéu desordenara — « é que se soubesse... Hoje fiz de fidalga. Levantei-me depois das oito horas.

« — Sim, preguiçosa ? E querem então ver que se esqueceu de trazer aqueles cabeções de que me falou ? »

« — *Ágora*. Olhe ; trago êsses e até mais alguma coisa... » (1)

Mas não é só nesta passagem que a preferida de *Carlos Whitestone* junta êste atractivo

(1) Júlio Denis, *Uma Familia inglesa*, ed. cit., pág. 142.

tão particular às suas qualidades afectivas. Conversando com o pai, o *Manuel Quintino*, — e que delicado diálogo é êsse! — trocam-se estas frases:

« — Pois o que eu queria pedir-lhe » — disse Cecilia passando os dedos por entre os cabelos brancos do pai — « era que comprasse outro guarda-chuva, que, a falar a verdade, aquele sempre está!

« — Ora! Cuidei que era outra coisa!

« — Não importa, mas prometeu.

« — Pois sim, mas escuta...

« — *Àgora* escuto, que tenho mais que fazer. »

Chégámos até a convencer-nos de que fôsse *Cecilia* — que não conseguimos identificar — quem tivesse atraído o romancista com o curioso provincianismo.

Nos seus inéditos, aqui e acolá, aparece a interjeição com todo o seu ar regional (1), o que nos leva a concluir que o vocábulo era, de facto, um pequeno atractivo feiticista que prendeu o romancista nos seus devaneios.

(1) No inédito *Similes Similibus*, por exemplo, aparece o vocábulo na bôca da engraçada *Livinia*. É de notar que a acção se passa no Pôrto e que esta *Livinia* tem todo o ar de ser a mesma *Cecilia* dos seus devaneios dos vinte anos.

Daniel diverte-se em Ovar com a *Francisca* do *João da Esquina*, resolve conquistar o coração de *Clara* e acaba por namorar *Margarida*, a pupila que mais interessava o sr. *Reitor*. Ora pela maneira por que a descreve não há dúvida de que a insinuante rapariga era D. Ana Soares Barbosa Simões, filha de Tomé Simões de Rêsende, recebedor de décimas no concelho de Ovar. Júlio Denis passava horas à conversa na recebedoria, em que, como dissemos no primeiro capítulo dêste trabalho, se reüniam o dr. João da Silveira, o Cura Dias, o dr. Arala, além de Tomé Simões, e onde êle pôde estudar algumas das personagens do romance.

Êste amor que Júlio Denis despertou no coração da atraente aldeã, não desapareceu com a ausência do romancista. Perdurou durante anos, e transformou-se mais tarde na saúde que com ela viveu no recato, nunca desvendado, dos seus melhores affectos.

Estamos em crer que, pelo seu lado, o romancista também lhe correspondeu, mas não com a mesma intensidade. Sobretudo foi efémera a duração dêsse affecto. Não foi muito além do tempo em que esteve em Ovar.

Mais tarde teve remorsos; e não os teria se essa afeição não tivesse tido um certo relêvo na sua vida sentimental.

Há na colecção das suas poesias uma fla-

grante alusão a êste estado de espirito. Bem merece ficar aqui arquivada, porque é, de facto, a prova da afeição que conseguiu despertar em *Margarida*, e cuja recordação o compungia tempos depois:

EM HORAS TRISTES

«Ela vivia só naquela aldeia,
Sem ter um coração que a compreendesse.
Passei um dia ali, falei-lhe, amei-a...
Ai! Se êsses tempos esquecer pudesse!

«E julgou-se feliz! Pobre criança!
Era feliz naqueles curtos dias;
E eu deixei-lhe nascer, sem esperança
E sem porvir, aquelas alegrias!

«Ó! Como é sem piedade a juventude!
Como é cruel a idade dos amores!
Desfolhamos as flores da virtude
Como se fôsem verdadeiras flores!

«Sopra-se ao coração, que a nós se entrega,
A lavareda de violenta chama,
E ao capricho cruel da paixão cega
Sacrifica-se tudo quanto se ama.

«E eu fi-la entrever em doce enleio
Dum mundo novo as mial sonhadas scenas;
E senti-a còrar e arfar-lhe o seio,
E delirante suspirar apenas!

«Parti, jurando amá-la tôda a vida.
Pude fazer aquele juramento !
Ela ficou chorando-me, iludida,
E eu paguei-lhe a ilusão com o esquecimento.

«Perdido dos prazeres no tumulto,
Levado nessa rápida voragem,
Não mais pensei naquele doce vulto ;
Nunca mais entrevi a sua imagem.

«E ela?... Talvez no coração ferida
Por minha leviandade criminosa,
Vivesse dias de enlutada vida,
Sem ter na terra a sagração de espôsa.

«Ai, memórias cruéis do meu passado,
Como pungentes me ferís agora !
Poupei, poupei-me o coração magoado,
Livrai-me do remorso que o devora.»

Esta poesia foi escrita muito mais tarde, em 1869, no Funchal. D. Ana Simões deixou vestígios na sua passagem pelo coração do romanista. Nem de outra forma se compreende que pudesse recordá-la seis anos depois!

Júlio Denis ainda escreveu algumas cartas a D. Ana Simões — a *Margarida* das *Pupilas*. — Mas, passado algum tempo, do amor que lhe dedicou apenas ficou o remorso que, nestes casos, é ainda um sucedâneo próximo dêsse affecto dominador.

«JOÃO SEMANA»



JOÃO Semana destaca-se entre tôdas as personagens de Júlio Denis como a mais real, a mais vivida de tôda a sua imensa galeria.

Júlio Denis, que copiou sempre do natural, nunca levou tão longe a perfeição de escritor realista como na descrição dêsse bondoso cirurgião, cujo nome perpetuou como símbolo do médico de aldeia. Nada teve que alterar; mas nem por isso são menos belas as páginas imorredoiras em que a figura do velho cirurgião perpassa, ora contando anedotas, ora troçando das inovações médicas para que não encontrava aplicação na sua prática clínica, ora elevando a sua arte às alturas de uma religião, sacrificando-se pelos doentes, dando aos pobres o que lhe pagavam os abastados e tendo para

todos, aquelas palavras de confôrto que só os bons sabem dispensar aos desalentados da vida.

Ler a história de *João Semana* — e ela vem completa nas *Pupilas* — é ler o panegírico de um santo.

Às vezes entrava em casa com remorsos: a colheita das visitas não lhe dera o bastante para os pobres. Quantas vezes sua espôsa — porque o velho cirurgião era casado, embora Júlio Denis afirme o contrário, — lhe não censurou o seu excessivo perdularismo!

— Há de chegar para todos! — objectava. E voltava no dia seguinte para a rude faina da clínica, no decidido propósito de se não emendar.

O *João Semana* das *Pupilas* é o retrato fiel do cirurgião João José da Silveira que, ao tempo da estada de Júlio Denis em Ovar, exercia a profissão médica, com grande sucesso, naquela região.

Hoje ninguém o põe em dúvida. Apenas o professor Ricardo Jorge faz bem cabidos reparos à completa identificação. Exprime-se nestes precisos termos:

«A fusão do tipo do romance e do tipo real não é, todavia, completa. Quando Gomes Coelho estanceou em Ovar e esteriotipou o clínico que levava a sua alegria salvadora com o remédio e o óbulo à choça dos indigentes, João

Silveira não era octogenário nem sequer velho como João Semana.» (1)

João José da Silveira nasceu no dia 20 de Fevereiro de 1813 (2). Tinha, portanto, apenas cinqüenta anos quando, em 1863, Júlio Denis esteve em Ovar. O sr. padre Manuel Lírio pôde, porém, conseguir-nos a fotografia de um grupo de família tirado por essa época (3). João da Silveira era, ao tempo, um homem forte, espadaúdo, mas precòcemente encanecido. O cabelo é todo branco e contrasta com o de sua espôsa e de uma filhita, que completam o grupo em que êle se encontra. É ainda curiosa a fotografia, porque o considerado cirurgião apoia a sua mão direita no indispensável guarda-sol.

Júlio Denis julgou-o, por certo, muito mais velho e no romance acrescentou-lhe ainda alguns anos mais, talvez no propósito de demonstrar que naquela vida afadigada, mas saudável, se podia chegar aos oitenta anos.

De facto, João José da Silveira faleceu no dia 29 de Novembro de 1896, tendo, portanto, 83

(1) Ricardo Jorge, loc. cit., II artigo.

(2) Padre Manuel Lírio, *Almanaque de Ovar*, de 1913.

(3) Cinco ou seis anos depois.

anos de idade. Foi um bom prognóstico de longevidade, o de Júlio Denis!

Devemos acrescentar que, por testemunhos da família e mesmo antes de alcançarmos a fotografia que nos foi amavelmente fornecida, já sabíamos que João José da Silveira tinha encanecido muito novo.

Acrescenta ainda o professor Ricardo Jorge:

«Na série balzaquiana preemina também uma personalidade médica, o dr. Bénassis, do *Médecin de Campagne*. Parece-me natural supor que Gomes Coelho, manifestamente conhecedor da literatura inglesa e francesa, tivesse lido o romance do mestre dos romancistas, e que é na verdade um dos melhores florões da sua arte genial. E não será arriscado pensar que, além do modelo vivo de Ovar, tivesse sentido o influxo do modelo escrito de Balzac, o que nada desfaz na perfeita originalidade de Júlio Denis que, como Camilo, era senhor das suas ficções e criações.

«A bondade e a generosidade do médico de aldeia português são as mesmas do francês; — quando se chega a êste estado de santidade profissional não há diferenças. Tive um condiscípulo, António de Sousa Figueiredo, que numa vila da Beira-Baixa lhes seguiu as pisadas; em tôda a sua vida nunca mandou conta a ninguém, da mesa ou da cama nunca deixou de levantar-se

à chamada de quem quere que fôsse, e socorria da sua algibeira os mais necessitados; — morreu pobre e abençoado.

«O regresso do médico de Júlio Denis a penates, naquele trecho bucólico que Max. de Lemos amoravelmente reproduz, corresponde ao do médico de Balzac: Á medida que Bénassis avançava, vinham à porta as crianças, as mulheres e os homens que tinham findo o trabalho do dia; uns tiravam os barretes, outros davam-lhe as boas-tardes, os rapazitos pulavam aos gritos à volta do cavalo, como se a bondade do animal lhes fôsse tão proverbial como a do dono. A crítica francesa preocupou-se também com a identificação do *Médecin de Campagne*, mas, só há pouco, graças a Gabriel Faure, se fixou definitivamente o padrão. Era o dr. Amable Rome, médico de Voreppe, perto da Grande Chartreuse, aldeia onde Balzac estanceou, retratando-lhe as paisagens no romance. O caso de Ovar está em perfeito paralelismo literário com o de Voreppe».

Esta interessantíssima nota que, por todos os motivos, devíamos arquivar, pretende demonstrar a influência do romance de Balzac no delineamento da figura de *João Semana*. Ora *Bénassis*, embora tenha com o cirurgião português o ponto de contacto que o professor Ri-

cardo Jorge faz salientar, afasta-se em muitas outras particularidades. O médico francês é um reformador social que consegue transformar a região onde desenvolveu a sua actividade clínica. É amigo dos pobres à maneira de *João Semana*: «*Je voulais devenir l'ami des pauvres, sans attendre d'eux la moindre récompense*» (1), dizia *Bénassis* a *Genestas*. Mas o médico francês consegue sanear uma povoação, lançar as bases de novos processos industriais, agrícolas e comerciais, fazer uma obra que Balzac apresenta como um modelo na sua orientação reformadora.

João Semana é simplesmente o velho cirurgião de Ovar. Nunca teve tais aspirações nem, mesmo que as tivesse, carecia dessas luzes a rica e próspera região onde exercia a clínica. Trata de doentes, sacrifica-se pelos pobres, conta anedotas e com isso se contenta. Quem o conheceu descobriu-o logo no romance de Júlio Denis. Era tal qual. Basta recordar um episódio que o padre Manuel Lírio conta no *Almanaque de Ovar*:

«Um dia, já nos últimos anos da sua vida, viajava êle de Espinho para Ovar, com outros

(1) H. de Balzac, *Le Médecin de Campagne*, Paris, 1865, pág. 43.

seus patrícios. Na mesma carruagem do comboio seguiam alguns académicos. O bom do velho doutor Silveira entabou conversa com os rapazes e, homem bondoso e franco, denunciou logo a sua feição alegre, o seu feitio de espirito sentencioso e anedótico. Alturas tantas, um dos académicos volta-se para os conterrâneos do velho cirurgião e diz, em tom moderado, pouco mais ou menos isto:

«—Palavra que se eu não soubesse que João Semana é uma criação fantástica de Júlio Denis, havia de dizer que estava aqui o autêntico João Semana!

«—Fale mais baixo!»—observaram-lhe aqueles.—«Não vá êle ouvir! Efectivamente êste é que é o João Semana do romance.

«Isto é autêntico e mostra bem quanto o romancista se esmerou em ser fiel e verdadeiro.»

Estamos certos que Júlio Denis leu o romance de Balzac. É até curiosa a aproximação de uma passagem do *Médecin de Campagne* de uma outra da sua dissertação inaugural.

O médico *dr. Bénassis* conseguiu salvar a população em que fazia clínica e onde encontrou uma dúzia de cretinos, transportando-os para os arredores de Aiguebelle, na Saboia. O médico atribui o cretinismo à situação da aldeia num vale fundo, sem ar, e privada do

benefício do sol, que apenas «alumiava o alto das montanhas».

Pois Júlio Denis, firmando-se na opinião de Chatin, atribui, na sua tese, o cretinismo à falta do iodo na atmosfera (1). É, talvez, mera coincidência; mas é crível que a leitura do *Médecin de Campagne* o levasse a profundar o assunto, acabando por se decidir pela opinião que lhe pareceu mais documentada.

Pode também muito bem ser que, do romance de Balzac, tirasse a idea de estudar o curioso tipo do cirurgião vareiro; mas trasladou-o como o viu. Fêz uma cópia fiel. *Bénassis* não deve ter influenciado o seu espírito na apresentação. João José da Silveira está no romance sem sombra de disfarce.

No que o romance balzaqueano pode ter inspirado o romancista é na criação da diligente *Joana*, que recorda, sob vários aspectos, a criada *Jacquotte*, do *Médecin de Campagne*. Semelham-se, por vezes, os dois tipos de serviçais.

João José da Silveira era casado e já tinha descendência, a-pesar-de ter mudado de estado bastante tarde (2), quando Júlio Denis esteve em Ovar.

(1) Gomes Coelho, obr. cit., pág. 54.

(2) Em 1854.

Vivia também em sua companhia uma irmã, que o romancista poderia aproveitar para modelo da solícita *Joana*; mas é mais provável que a sugestão de Balzac lhe desse elementos para o estudo de uma outra personagem que trasladasse depois para a companhia do cirurgião *João Semana*.

João José da Silveira nasceu no sitio das Luzes, em Ovar, em casa de seus pais. Diz o padre Manuel Lírio que o nome do lugar provém do encargo com que estava onerada a casa, no tempo do avô de *João Semana*, de pagar avultados fóros a Nossa Senhora da Luz, de Aveiro. Havia uma fonte na casa, depois cedida à Câmara Municipal e que ainda hoje é conhecida pelo nome de fonte das Luzes.

Foram seus pais o tenente de milícias Damião José da Silveira e sua espôsa D. Ana Rosa do Paraíso que, segundo consta, era aparentada com os marqueses de Távora. Uma das suas ascendentes, informa ainda o padre Manuel Lírio (1), mãe ou avó, refugiou-se em Ovar para escapar à perseguição do Marquês de Pombal. E acrescenta:

«Tinha o apelido de Ponces de Lião, que

(1) Padre Manuel Lírio, loc. cit., pag. 6.

deixou para mais facilmente poder recatar-se sob o mais rigoroso e prudente incógnito» (1).

Como bisneto do Morgado das Luzes, supunha seu pai que teria o bastante para passar, sem ter que recorrer às canseiras de uma carreira literária, podendo obter com facilidade um título militar honorífico como o que êle usufruia.

Não pensou assim João José da Silveira e, já homem feito, foi-se até o Pôrto tirar o curso médico-cirúrgico, matriculando-se no primeiro ano em 7 de Outubro de 1835, com 22 anos de idade.

Diz Maximiano Lemos, na sua monografia:

(1) Foi casado com D. Luísa Ludovina da Fonseca, ainda sua prima, de quem houve os seguintes filhos: 1) D. Maria Mafalda, hoje viúva e que foi casada com Luís José Pinto Camelo Coelho, de quem teve quatro filhos, dois falecidos e dois vivos: João da Silveira Camelo, casado, e D. Alcinda Isaura, casada; 2) D. Estefânia, casada com José da Silva Carrelhas, que teve quatro filhos, sendo vivas D. Luísa, casada, e D. Maria, solteira; 3) Maria Luísa, solteira; 4) Manuel Maria, falecido no 2.º ano de Medicina; 5) D. Hermínia, casada com António Augusto de Abreu, com quatro filhos vivos: Joaquim Maria, casado, D. Irene, casada, Fernando, solteiro e D. Maria, casada; 6) D. Hortênsia, solteira; 7) Isaac, casado com D. Rita de Oliveira Gomes, com um filho vivo: Luciano; 8) D. Joana, falecida em 1923.

Gomes Coelho e os Médicos, que João José da Silveira fêz a defesa da sua dissertação inaugural em 16 de Dezembro de 1841. Acrescenta o malogrado professor que esta tese se não encontra na colecção das dissertações da Faculdade de Medicina do Pôrto, e assim faz-se eco da opinião do sr. António Dias Simões, dizendo que tinha por título: *Fistula do ânus*.

Pudemos haver às mãos o exemplar dêsse trabalho, que deve ter sido pertença da Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto, porquanto é escrito em boa caligrafia, que não é a do dr. João José da Silveira, e está ainda adornado com dois laços de fitas de sêda, um encarnado e outro amarelo, como era de uso nesse tempo.

Consta-nos que existe, ou existiu em Ovar, e nos papéis do próprio dr. João da Silveira, um outro exemplar escrito em papel de carta e pela sua própria letra. A-pesar das diligências empregadas, não pudemos examiná-lo. Devia ser o rascunho pelo qual se orientou o candidato na defesa do trabalho.

A dissertação que temos à vista é escrita em papel de ofício (1) e apresenta os seguintes dizeres:

(1) Mede 22 × 18 cm. A tese não é paginada. À parte a introdução, ocupa 17 páginas. Ao todo 19 incompletas.

«Dissertação sôbre a Fistula do ano. Apresentada à Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto por João José da Silveira.»

Na página imediata escreveu a seguinte dedicatória:

«Á Saudosa Memória de Meus Pais. Por Gratidão e amizade oferece João José da Silveira.»

Segue-se um prólogo que, à maneira dos que lêmos nas teses de hoje, diz a razão do trabalho. É menos violento do que a maioria dos que hoje transitam pelas mãos dos professores e serve-o uma linguagem mais amaneirada, como era de uso na época. Não era João José da Silveira um estilista, nem parece que a palavra lhe escoasse rápida do bico da pena; mas nem por isso deixa de ser interessante transcrever o que na introdução ao trabalho êle dizia aos seus professores.

«Senhores:

«Forçado da necessidade, não é sem receio que hoje venho submeter ao juízo tremendo de tão recto e ilustrado Magistério o officio extremo de meus trabalhos escolares. É uma verdade fora de tôda a dúvida, que nenhuma sciência

humana joga com tão grande número de conhecimentos como a Arte de curar, e que a mais pequena parte encerra o todo em miniatura.

«Esta verdade, Senhores, deve fazer tremer sempre os talentos de primeira ordem quando tiverem de tratar de tão ampla e nobilíssima sciência: e eu, inteiramente desfavorecido da natureza, pois não conheci dèsses preciosos dotes, que ela com mão pródiga e caprichosa reparte com os seus favorecidos, não deverei arrepear sòmente, mas até descoroçoar de todo, e abrir mão a tão pesado assunto; todavia é mister tomá-lo a meus ombros, embora me seja muito onoroso em vista do que levo dito.

«Não é o amor da glória — bem o podereis presumir — cujas raias não desconheço e além das quais não é dado ir a minha ambição. Desejo pagar à Lei esta última dívida; desejo rematar decorosamente o meu curso Médico-Cirúrgico; tais desejos aqui me trazem, e êles só merecem algum favor e indulgência.

«A doutrina que exponho devo-a às vossas sábias prelecções e aos Autores mais noticiosos; só a ordem em que aparece me toca. Se conseguir arredá-la da confusão, consegui o desejado fim, e sou contente».

Há a notar uma emenda.

Êle primitivamente escrevera (final do prólogo):

«...só a ordem em que aparece me toca *exclusivamente*».

Êste *exclusivamente*, e quem sabe se em abôno da verdade, foi cortado pelo autor, que fêz outras pequenas correcções no seguimento do trabalho.

A tese é uma exposição do assunto feita com clareza e com método na distribuição dos capítulos. Trabalho ligeiro, para se desobrigar da imposição do regulamento da Escola. Êle o define em precisos termos :

...«todavia é mister tomá-lo a meus ombros: embora me seja muito oneroso em vista do que levo dito».

Também o assunto, diga-se de passagem, e nessa época sobretudo (1841), não era dos que exigiam mais canseiras e mais largos comentários.

Dividiu João da Silveira o seu estudo nos seguintes capítulos :

I—*Fistulas do ano*, em que dá a definição do assunto.

II—*Etiologia*. Resumo das doutrinas correntes, algumas das quais ainda podem ser aceitas em nossos dias.

III—*Sintomatologia*. Capítulo mais desen-

volvido, em que passa em revista as fistulas completas, as múltiplas, as incompletas ou cegas externas, e as internas. Sôbre as fistulas cegas externas cita Faubert, que nega a sua existência «por não ter visto fistula alguma da margem do ano que não communicasse com o recto...»

Acrescenta que «do mesmo sentir são Larrey e Sabatier»; mas João Silveira é de opinião oposta.

«Todavia, — diz êle, — nós damos observação por observação e nos pomos da parte do grande número de autores graves, que asseguram a sua existência» (1).

(1) Neste capítulo há três emendas de redacção:

a) Descrevendo os primeiros sintomas da fistula do ânus, diz o autor que «o doente começa a sentir a sua existência por um calor *ardente* e picadas, que aumentam principalmente com a equitação.»

No exemplar da tese que compulsámos e que foi, provavelmente, enviado ao lente que o devia interrogar, cortou, por excessivo, o qualificativo: *ardente*. Achou que o calor, mesmo sem ser ardente, era bastante para o doente e, talvez, até para êle, candidato, a quando da defesa do seu trabalho.

b) — Quando João da Silveira descreve a introdução do estilete de botão na fistula completa, indo de fora para dentro para encontrar «o dedo indicador antece-

IV—*Prognóstico*. Para o autor, as fístulas do ânus «são mais incómodas do que perigosas e, por isso, é favorável o seu prognóstico no maior número dos casos». Exceptua-se, porém, algum em que o prognóstico «se torna mais sério». No início dêste pequeno capítulo escreve palavras que podem ser perfilhadas. Se bem atendeu à doutrina nelas expandida, lucrou João da Silveira na sua carreira profissional, que foi de cêrca de 55 anos, por terras de Ovar. Passamos a transcrevê-las:

«Mil circunstâncias mais ou menos sabidas e muitas inteiramente fora do nosso conhecimento embaraçam e põem em risco as predições do prático sôbre qualquer enfermidade. Assim prognosticar é errar muitas vezes com descrédito de quem prognosticou; pelo que é mister o mais rigoroso critério em assunto de tal natu-

dentemente metido no recto», escreveu que o estilete «à fôrça de movimentos *doces* de introdução», etc.

Emendou, por sua letra, a palavra «doces» por «suaves». Pareceu-lhe, por certo, mais apropriada e mais portuguesa a adjectivação.

c) — Referindo-se ainda às sondagens pelo estilete, escreveu que «a estreiteza do orifício e sinuosidades do trajecto se opõem a que o estilete o *atravesse* em todo o seu comprimento.»

Riscou a palavra *atravesse* e substituiu-a por *percorra*, que julgou mais adequada.

reza. Todavia, somos de parecer que sendo a doença bem conhecida e o prático assás experimentado, êste poderá prognosticar com alguma segurança.»

V — *Tratamento*. É o mais vasto capítulo do trabalho, como era de esperar em médico que se destinava à prática clínica.

João José da Silveira põe inicialmente a questão nestes termos:

«Nada há mais simples que o tratamento da fístula do ano, tal é a verdade geralmente admitida hoje entre os práticos, posto-que, durante longo tempo, se tenha olhado esta doença como da maior importância em cirurgia, recomendando-se para a curar meios que não serviam, se não para perturbar o trabalho salutar da natureza, tornar mais difficil a cura que seria pronta por meios muito mais fáceis.»

Êste apêlo ao trabalho salutar da natureza, muito em voga nos práticos de há algumas décadas de anos, e ainda hoje bordão nas horas affitivas das prognoses graves, foi divisa da sua carreira, através da vida clínica em que se consumiu até 1896.

Depois enumera João da Silveira os processos até então empregados no tratamento da fístula do ano: supositórios, compressão, in-

jecções irritantes, cautério potencial, cautério actual, excisão ou extirpação, ligaduras e incisão.

Todos êstes processos mereceram ao autor referências e comentários, com citações várias, em que o nome de Hipócrates salta repetidas vezes ao lado dos de Celso e de Galeno, evocando uma época de que ainda se conservavam reminiscências, quer nos livros do tempo, quer nas prelecções dos lentes mais idosos.

Prefere o autor a incisão a todos os outros tratamentos e dá-lhe foros aristocráticos, comentando que «começou a ser apreciada no século xvii, depois da operação de Luís XIV». E conclui com acentuado bom-senso clínico:

«Se a preferência de qualquer método se funda na facilidade da execução, simplicidade de meios, produção do menor número possível de accidentes e, sobretudo, na maior probabilidade de cura, segue-se que o método da incisão deve ser o preferido.»

Assim conclui a dissertação de João José da Silveira, que se tornou digna de ser recordada devido à circunstância de se julgar perdida.

Nunca julgou o velho cirurgião vareiro que, oitenta e dois anos depois de ser discutida a sua tese, feita no modesto propósito de alcançar a sua carta profissional, merecesse ressuscitar

e vir à luz da publicidade. Sempre supôs que o seu manuscrito ficasse empilhado, com os seus companheiros, nos arquivos da Escola, à espera da traça destruidora. Assim não sucedeu.

Azares da vida!

João José da Silveira deu a Júlio Denis o tipo cheio de bonomia do médico provinciano. Daí a curiosidade de lhe desvendarmos a vida e de lhe conhecermos as habilitações clínicas desde a sua origem.

Feito homem célebre à fôrça, trazido para o estudo e crítica dos apreciadores dos livros de Júlio Denis, não pôde dormir o sono tranqüilo de desconhecido a que a sua modesta personalidade se julgava com direito. Nem o homem, nem o estudante, nem o médico, com tôdas as suas virtudes e pequenas fraquezas, ficaram em sossêgo!

Razão tinha o bom velho em se contrariar quando lhe soava aos ouvidos o epíteto de *João Semana!* Era o pressentimento dêste precalço da notoriedade a torturá-lo!

Defendida a tese, entrou João José da Silveira na vida prática. Segundo informa o padre Manuel Lírio (1), começou a exercer clínica na

(1) Padre Manuel Lírio, loc. cit., pág. 6. A tese foi defendida em 1841 e não em 1844, como, por lapso, vem no referido artigo.

freguesia de Arada, do concelho de Ovar, onde trabalhou durante dez anos e onde logrou a simpatia e a gratidão dos seus habitantes.

Foi colocado como médico do partido municipal em 11 de Janeiro de 1852 e nêle se conservou até à morte, em 1896.

Na época em que Júlio Denis esteve em Ovar, havia ali, além do cirurgião João José da Silveira, o médico (por Coimbra) Manuel Pereira Zagalo e os cirurgiões: António Isaac Teixeira de Pinho, João Frederico Teixeira de Pinho e José Damião de Carvalho. Dêstes foram o cirurgião João José da Silveira e o dr. Manuel Pereira Zagalo os que tiveram as maiores clínicas; mas ainda assim com uma grande diferença a favor do primeiro (1).

Aquêlê farmacêutico Teixeira de Pinho, de que fala Júlio Denis numa das cartas a Custódio Passos (2), era parente dos dois cirurgiões dêste nome, acima citados (3).

Não sabemos informar os leitores dos sucessos clínicos de *João Semana*. Deviam ser iguais, naquelas paragens, aos dos outros médicos de fama, pois trabalho não lhe faltava na vila e arredores.

(1) Informação do dr. José de Almeida.

(2) Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, vol. II, pág. 186.

(3) Tem descendência no Pôrto. Informação do dr. José de Almeida.

A anedota era o seu forte e servia-lhe de elemento terapêutico. É sua a frase que Júlio Denis escreve nas *Pupilas*:

«Uma história contada a tempo, e com graça, vale bem três récipes pelo menos.»

Só êle insistia, repetindo em tom mais elevado: «— Com graça, com graça...»

E, afinal, neste redemoirhar de doutrinas médicas, em cujo torvelinho nos agitamos, a orientação do velho clínico de Ovar representa, possivelmente, um aspecto da psicoterapia que apregoamos. Assenta esta, é certo, em outras bases; mas as anedotas, para quem tiver o condão de as contar *com graça*, devem ser, por vezes, um bom e salutar condimento à prática persuasiva.

Citemos agora algumas das suas frases e anedotas inéditas que andam na tradição vareira, algumas das quais foram ouvidas por amigos seus que ainda hoje as rememoram.

Elas bastariam para fazer a identificação das duas personagens: a que cuidou de doentes em Ovar e a que viverá para sempre nas páginas das *Pupilas*, como uma das mais interessantes criações de Júlio Denis.

A aversão de João da Silveira pelas doutrinas médicas modernas, e que o romancista faz

ressaltar nas discussões entre *Daniel* e *João Semana*, nas *Pupilas*, manifestava-se a cada passo. É bem sua a conhecida frase:

«— Bem sei, bem sei. Vocês curam à moderna, mas morre-se à antiga.»

Já Júlio Denis tinha passado por Ovar quando começaram a aparecer em chusma os medicamentos em *ol*: o salol, o benzonaftol, etc.

— Ora adeus, disse um dia o velho cirurgião. De medicamentos em *ol* só conheço um de resultados eficazes: o *briol*. Tudo mais são lérias.

O episódio passou-se numa das farmácias da vila, que pertencia a seu filho Isaac, e onde o simpático cirurgião, já no declinar da vida, passava as tardes a conversar.

Foi durante uma dessas cavaqueiras que o dr. José de Almeida, que vinha de Coimbra preocupado com males, felizmente de pouca monta, tirou, à hora aprazada, uma lenticula de qualquer fosfato para tomar.

— Que é isso? — perguntou João da Silveira.

— É uma droga que me deu em Coimbra o dr. Daniel. É um fortificante.

— Fortificante? Fortificante só conheço um: um cális de vinho do Pôrto, sendo êle bom...

Não sabemos se é o único ; o que podemos garantir é que com essas medicinas conseguiu o velho cirurgião arribar aos 83 anos!

As suas histórias nem sempre eram de todo inocentes. Muitas delas traziam sal-e-pimenta à farta!

Na colecção que pudemos haver às mãos, são estas em bem maior número.

Júlio Denis não esquece esta nota.

Pondo em evidência a sua intolerância em cousas de moral e principalmente quando tocam pelos médicos, diz, referindo-se às histórias picarescas:

«Para bons ditos, anedotas e contos, ainda que às vezes temperados com o sal de Bocácio, de Lafontaine e da Rainha de Navarra, tinha grande indulgência o velho clínico que, por tôda a parte, os contava também, sem escolha de auditório, nem de ocasião...»

Júlio Denis devia ter tomado conhecimento de algumas delas, mas não ousou trasladá-las para as *Pupilas*, lugar de facto pouco adequado à sua publicação. Também não podemos intercalar aqui a colecção das que nos obtiveram alguns amigos (1); mas seria falta imperdoável

(1) Principalmente o dr. José de Almeida.

não registar ao menos uma como pano-de-amostra.

Uma vez uma senhora (1), que há anos o não via, perguntou-lhe:

— Quantos filhos tem, senhor doutor?

— Oito, minha senhora, respondeu João José da Silveira.

— Oito! E talvez a peça carregada...

— Lá carregada, carregada, não sei dizer, — respondeu, acto contínuo, o velho cirurgião, — mas escorvadinha, e de fresco, isso está ela.

João José da Silveira era um clínico dedicado aos seus doentes como mais se não podia ser. Fôsse a que hora fôsse, em noite tempestuosa de inverno, ou à hora dos frugais repastos, estava sempre pronto a interromper o sono reparador ou a refeição principiada para acudir às chamadas dos doentes. Nas *Pupilas* dá Júlio Denis, com inteira verdade, essa nota naquela interessante passagem em que a velha criada *Joana* leva *João Semana* a preferir o jantar à visita urgente que lhe pedia *D. Leocádia* por aquele «meio-dia de verão, ardente, asfíxiante,

(1) Na nota que nos foi fornecida vem o nome, que não publicamos.

calcinador», em que êle chega a casa cheio de fome e de fadiga (1). Essa sua dedicação não ultrapassava, porém, os limites do razoável. E tanto assim que...

Um dia, tendo sido chamado com muita pressa, para um doente, desabou uma tão formidável carga de água que êle, e a pessoa que o acompanhava, tiveram de recolher-se apressadamente ao portal de uma casa.

A chuvada demorava-se e a pessoa que fôra chamá-lo não se teve que, numa certa altura, lhe não dissesse:

— O' senhor doutor, e se o doente morre?

— Pois se tiver de morrer, antes morra só um do que dois, disse o velho clínico, apontando para a chuva torrencial.

Esta fama das anedotas, posta em realce por Júlio Denis nas *Pupilas* a propósito de *João Semana*, com um abusozinho de frades à mistura, tecla que João José da Silveira tocava a miúde, mas que parecia sobretudo da predilecção de Júlio Denis — espírito liberal e anti-fradesco — como já tivemos ocasião de referir, passou de geração em geração, e velhos e novos

(1) Júlio Denis, *As Pupilas do sr. Reitor*, ed. cit., pág. 99 e seguintes.

se aproximavam do velho cirurgião para lhe ouvir os costumados ditos e historietas.

Entrado na casa dos oitenta, sem dentes, que nunca quis substituir, era difícil compreendê-lo, por deficiência de pronúncia.

João da Silveira deleitava-se nessa época a recordar os seus sucessos clínicos. Um dia em que o dr. José de Almeida e José Vidal estavam a ouvi-lo, fazia êle a história de um doente que esteve à morte e que salvou. José Vidal não lhe percebia uma palavra, mas, por cumprimento, comentava de vez em quando o discurso do velho cirurgião, que julgava ser de uma enfiada das costumadas anedotas, dizendo :

—Essa é boa! Tem muita graça!—E ria.

O dr. Silveira, que já ia tomando em mau sentido a apreciação de José Vidal, acabou a história. Êste entendeu que a melhor maneira de lhe ser agradável era dar uma gargalhada à sobreposse.

O velho cirurgião perdeu a linha e retorquiu-lhe :

—Ou você é burro ou eu tenho muita graça (1).

(1) Informação do dr. José de Almeida.

E não passava de frases como esta a sua irritabilidade senil, quando já, trocado o célebre guarda-sol, que as paletas de Malhoa (1), Roque Gameiro (2) e Jorge Colaço (3) immortalizaram, pelo pequeno cajado em que se apoiava, fazia as suas digressões pela vila.

João José da Silveira tinha uma certa ilustração. No âmbito da Medicina seguia com atenção os progressos nacionais, lendo com regularidade o *Jornal das Ciências Médicas* que, ao tempo, oferecia bastante interêsse. Temos em nosso poder alguns volumes que lhe pertenceram e que, com outros livros seus, nos foram oferecidos por suas filhas e pelo seu neto, nosso particular amigo, João da Silveira Camelo, farmacêutico em Avanca, a quem deixamos aqui consignados os nossos agradecimentos.

(1) O *João Semana*, de Malhoa, obra admirável do grande pintor, foi ultimamente vendido no leilão Ameal, em Coimbra.

(2) Roque Gameiro publicou na edição monumental das *Pupilas*, de Leipzig, uma interessante aguarela de *João Semana*.

(3) O notável azulejista Jorge Colaço tem, numa das salas da Faculdade de Medicina de Lisboa, uma preciosa interpretação da inconfundível figura do velho cirurgião. Nenhum dos nossos romancistas portugueses conseguiu inspirar tantos e eminentes pintores como Júlio Denis.

Pudemos ainda ver, tal como êle o deixara, o escritório do conceituado prático. Vasculhamos-lhe a livraria, procurando adivinhar as suas predilecções de espírito através dos volumes que enchiam a larga estante que se erguia por detrás da cadeira onde êle se sentava. De um e outro lado empilhavam-se em rimas mais volumes e publicações médicas. Havia de tudo um pouco. Filósofos em que tinha lugar primordial J. Jacques Rousseau. Clássicos, entre os quais avultava a colecção completa das *Décadas*, de Couto (2.^a edição), e outros livros de história pátria. Poesias poucas. Não era o seu género. Lá o diz Júlio Denis a respeito de *João Semana*.

Não encontrámos na sua biblioteca nenhum exemplar das *Pupilas!* Tinha desaparecido, pois se o seu biógrafo lho não ofereceu, êle, por certo, o adquiriu. Leu-o e parece que não gostou. E menos gostaria hoje, ao saber que alguém, que venera a sua memória como a de um dos melhores homens da sua terra, ousou esmiuçar-lhe a vida, não o deixando satisfazer a sua modesta ambição de passar silenciosamente, descansando por fim sem receio de o virem discutir e pôr em evidência!

E agora uma nota final.

Nada sabemos de positivo sôbre as crenças do dr. João da Silveira. É provável que fôsse católico, como tôda a gente dêsse tempo, que

se não dava ao cuidado de fazer afirmações em contrário. Parece que não era assíduo frequentador das Igrejas, mas, se embirrava com os frades, não antipatizava com a religião. No clero tinha amigos dedicados, como foi, acima de todos, o Cura Dias; mas detestava os maus padres, a quem não perdoava nas suas cavaqueiras.

Quando a febre amarela, em 1855, no reinado de D. Pedro V, devastou aquela região, o dr. Silveira foi um dos poucos médicos que se não afastaram do seu pòsto (1). Conta o padre Manuel Lírio (2) que naquêlê transe de terror êle fizera o voto de alumiar tôdas as noites o retábulo das alminhas que existia preso a um velho álamo do lado sul da rua da Graça, onde ainda alguns amigos nossos o conheceram.

Nessa hora, pelo menos, deixou-se dominar pela idea do sobrenatural. Talvez fòsse levado a isso por ver a improficuidade dos processos terapêuticos de então para combater o terrível mal.

É nas grandes crises da humanidade que a

(1) Também se conservou no cumprimento do seu dever o dr. José Damião de Carvalho. *Almanaque de Ovar*, 1915, pág. 140.

(2) Manuel Lírio, loc. cit., pág. 7.

religiosidade sobe em maré alta. Sirva de exemplo a última guerra!

O dr. João da Silveira não fugiu à regra.

Diz-se que o seu voto fôra feito para que os médicos que velassem pelos doentes naquela região não fôsem vítimas do mal. E o caso é que não foram atingidos.

O diligente cirurgião conhecia o velho pro-lóquio e sabia, por isso, por onde começava a caridade bem entendida...

OUTRAS PERSONAGENS
DAS «PUPILAS»

E algumas personagens do romance temos falado no decorrer dêste estudo. Não iremos repetir o que está dito, mas englobaremos neste capítulo tôdas as identificações feitas, e bastantes são elas, fazendo passar diante dos leitores as características dominantes dos tipos do romance e das pessoas que êles retratam.

Mais uma vez falaremos do *sr. Reitor*. É uma síntese o que nos descreve Júlio Denis. Foi tirado dum exemplar vivo com quem êle privou de perto, o padre Francisco Correia Dias, mais conhecido pelo nome corrente de Cura Dias, alma de eleição, padre exemplar, todo caridade e abnegação, a que a vila de Ovar deveu imensos serviços durante a epidemia de 1855 a 1856.

Num apontamento de Júlio Denis encontramos, numa lista que intitula de *romances completos*, êste primitivo título: *As Pupilas do senhor padre cura*. Depois o autor cortou estas duas últimas palavras e substituiu-as por esta outra: *Reitor*. Êste apontamento é bem significativo.

O padre Cura era mestre de latim e de português. As filhas de Tomé Simões, de quem êle era parente, tratavam-no por padrinho. Foram suas discípulas, tendo-se distinguido pela sua aplicação D. Ana Simões, que foi, como sabemos, a *Margarida* do romance. Com êle alcançou uma instrução acima do vulgar e que transparece através das diversas scenas em que intervém.

Mas o *Reitor* das *Pupilas* não é apenas o Cura Dias, embora êle bastasse ao romancista para o compor em todos os seus aspectos. Nos serões da Casa do Largo dos Campos, onde Júlio Denis viveu em convívio constante com sua tia afim D. Rosa Zagalo Gomes Coelho, devia ter-se falado muito do velho Reitor, já ao tempo falecido, padre João de Sequeira Monterroso e Melo, a que já nos referimos, e que foi o melhor dos párocos, inteligente e culto, que, em tôda a vida, apenas teve um objectivo: o bem dos seus paroquianos necessitados. A êle se deve a criação do Hospital de Ovar; por tôdas aquelas ruelas e casebres

pobres êle espalhou o rendimento da paróquia, resumindo tôdas as suas ambições nessa prática altruista.

Foi a vida dêste Reitor que inspirou a poesia inédita que atrás publicamos—*A Oração do Reitor* (1), — uma das mais belas composições poéticas de Júlio Denis.

A tradição que ficou em Ovar dêste padre Monterroso deve ter concorrido para a formação completa do tipo do Reitor das *Pupilas*. À sua memória dedicou também Júlio Denis a poesia já publicada—*O Bom Reitor*—por sinal bem pouco lisonjeira para o povo da vila, que depressa esqueceu êsse grande benemérito.

Julgamos que, além disto, deve o romancista ter sido influenciado pela personagem de Herculano—*O Pároco da Aldeia*—como êle aliás confessa na carta que lhe dirigiu e que vem publicada nos *Inéditos e Esparsos*:

«Nisto há uma espécie de restituição também. Êste romance das *Pupilas* é a realização dum pensamento, filho das impressões que, desde a idade de doze anos, tenho recebido das sucessivas leituras do *Pároco da Aldeia*. O meu reitor não fêz mais do que seguir, a passo incerto, as fundas pisadas que o inimi-

(1) Capitulo V dêste voiume.

tável tipo criado por V. Ex.^a deixou na sua passagem.»

O dr. José de Almeida, a quem se deve uma grande parte desta identificação, dá também grande valor a estas influências. Mas tanto êle como nós estamos convencidos de que, para base de estudo, lhe deve ter servido o Cura Dias, a quem, por mais duma vez, fêz alusão e que, como noutro lugar referimos, era aquêlê bondoso sacerdote que à volta dos officios de defuntos vinha repetir os salmos que ajudára a engrolar na Igreja, mercê da pressa dos colegas, sempre dispostos a comer versículos para apressar o trabalho e não deixar esturrar o jantar. Êle queria, acto contínuo, saldar estas contas espirituais com a alma que tão mal encomendara.

O Cura Dias, que o dr. José de Almeida ainda conheceu, e de quem nos contou interessantes episódios da sua grande bondade, era amigo íntimo de *João Semana*. Êste vencia-o com a sua graça, tendo, a propósito dos incidentes da conversa, a anedota perturbadora e incisiva, de que o padre Cura se não sabia defender, acabando por fazer cõro com os que a comentavam, rindo.

A ambos irmanava o mesmo ideal: fazer o bem ocultamente, sem que ninguém o reclamasse, ficando satisfeitos com a sua consciên-

cia, pois julgavam apenas um dever o levar a abnegação pelos pobres até o sacrificio.

Êste Cura Dias aparece em outra personagem das *Pupilas*, no *Cónego Arouca*, o padrinho de *Clara*, que lhe vale no mercado para comprar a fruta à *Margarida*. A descrição do *Cónego* é, no dizer do dr. José de Almeida uma cópia do natural.

Devemos ainda notar que, por vezes, o romancista, esquecendo-se do titulo de *Reitor* com que o apresenta, fala do «simples cura de aldeia» (1), o que mais corrobora a hipótese apresentada.

O que não é admissível é a opinião corrente de que o Reitor das *Pupilas* fôsse tirado de Tomé Simões, pai da *Margarida*.

A. Dias Simões (2) reedita essa impressão, para o que se funda em uma das cartas de Júlio Denis a Custódio Passos e em que êle diz que Tomé Simões é *um grande original*.

É pouco para a identificação.

Além disso, Tomé Simões era viúvo, pai de

(1) Talvez por ter dado ao romance, inicialmente, o título a que atrás nos referimos: — *As Pupilas do sr. padre Cura*. — Nas paróquias importantes do Norte há, ao lado do pároco, um coadjutor a que costuma chamar-se padre Cura.

(2) A. Dias Simões, loc. cit.

familia, e não possuía as qualidades postas em realce em tórno da personagem do *Reitor* das *Pupilas*. De resto, Júlio Denis marca bem o lugar do padre em uma outra carta, que já citámos, para o mesmo Custódio Passos. É de 11 de Maio de 1863. Nela diz o romancista:

«O médico é ainda aqui o antigo médico que se denuncia às primeiras palavras; o merceiro apresenta todos os caracteres próprios da espécie; o padre é o padre tipo...»

Quere dizer: Júlio Denis esboça aqui três das principais personagens das *Pupilas*: De João José da da Silveira tira *João Semana*, do merceiro António Baptista de Almeida Pereira faz surgir *João da Esquina* e do padre Cura Dias sai, embora melhorado pelas influências que dissemos, o *sr. Reitor*.

Nem se comprehende que êle fizesse uma excepção para o padre, quando em Ovar também havia o *padre tipo*, indo buscar um leigo e pai de raparigas que, por sinal, muito particularmente o interessaram.

A respeito dêste interêsse é que não pode haver dúvidas. Júlio Denis prendeu-se de amores por D. Ana Simões, que êle trasladou para o romance com o nome de *Margarida*.

Por mais de uma vez nos referimos aos amores reais do romancista pela filha de Tomé Si-

mões. Já relatámos que esta senhora guardara, até três dias antes de morrer, cartas de Júlio Denis, que se perderam para sempre na fogueira onde ela as mandou lançar. Foi o conhecimento que tivemos dêste facto que nos levou a iniciar o trabalho que hoje damos à estampa. Com as cartas estava aquela prenda que a boa velhinha consentiu que ficasse sendo pertença de sua filha D. Emília e em que a legenda fala pelas cartas que o fogo purificou:

Venceste meu coração
Com subtil arte de amor...

Nem essas cartas—preciosos documentos, pois não há no espólio literário do grande romancista uma única carta de amor—podiam ter outro destino! Já o dissemos ao iniciar êste estudo. Seria cruel trazê-las a público. Representavam um amor que, de há muito, entrara numa esfera mais elevada. Era para D. Ana Simões como que uma religião! Na sua alma vivera sempre essa saúde e tanto que, cinqüenta anos volvidos, e na hora extrema da vida, não se esqueceu de pedir a sua filha que apagasse os vestígios que ela podia deixar na terra. Êsse culto, que uma vida inteira santificara, tinha de morrer com ela, e o fogo do seu lar, da casa onde conhecera Júlio Denis, onde os seus olhares se encon-

traram quando os animava o brilho da mocidade, devia consumir e transformar essas cartas na cinza anónima que o vento arrasta e a terra integra nas suas transformações constantes.

E a nossa imaginação segue a filha a abrir a gavêta e a procurar a preciosa colecção. A prenda, o coração de madre-pérola, estava ao lado. Desapertou as cartas que se encontravam juntas a um *Almanaque de lembranças* com o retrato de Júlio Denis, para que o fogo as devorasse mais rapidamente, e seguiu para a lareira. Sem uma hesitação, cumprindo as ordens recebidas, os olhos humedecidos por estranhas sensações, lançou ao lume essas cartas: palavras de amor que alguém escrevera há cinqüenta anos e que ainda naquela hora foram relembradas.

E ficou-se a olhar, absorta, aquela chama em que parecia haver crepitações de estrêlas.

Em tórno da fogueira deviam ter-se sentado, nesse momento, velhos conhecidos de sua mãe: o sr. Reitor, o José das Dornas, o velho João Semana... Todos a aquecerem-se àquele fogo, como outrora, na vida do romance, andaram presos da boa alma de *Margarida*.

A um canto da lareira, muito conchegadas uma à outra, também estiveram duas crianças, com os olhos presos naquela chama, cantando numa velha toada da aldeia:

«Vão procurar a cabrinha...
Ninguém a pôde encontrar;
Mas um anjo de àsas brancas
Viram aos céus a voar...»

E enquanto o fogo consumia os restos de um drama que raros pressentiram e cuja intensidade ninguém adivinhou, dois adolescentes, *Daniel e Margarida*, devem ter passado, como sombras, pelo quarto onde se encontrava, semi-agonizante, a santa velhinha, a levar-lhe o confôrto de um sonho que... nunca teve realidade.

E antes de cair na inconsciência, prelúdio confuso do Além, e que não tardou a visitá-la, juntou, por certo, as mãos para murmurar a última prece pelo descanso eterno daquele que nunca o seu coração esqueceu... (1)

D. Ana Simões atravessou a vida inteira presa a essa recordação amorosa. Só casou (2) quando se convenceu que Júlio Denis para sempre a tinha esquecido. A morte do romancista não sufocou essa saúde, nascida em dias que passaram como um meteoro de raro brilho pelo céu da sua mocidade. Com

(1) Tinha 74 anos.

(2) O casamento foi arranjado por seu padrinho, o Cura Dias, com um seu parente, Manuel Pereira Dias.

ela viveu sempre! Enviuvou, e essa recordação talvez então ainda revivesse mais intensamente nas horas tristes do seu isolamento. Quantas vezes essas cartas foram relidas a ocultas, como páginas de um livro de orações e para confôrto de uma sentimentalidade de rara e elevada contextura!

Júlio Denis soube bem retratar essa doce *Margarida!* Ela não guardou a recordação de *Daniel* apenas no intervalo que vai da infância à completa adolescência. Seria pouco. Guardou-a por tôda a vida e com uma intensidade e com um carinho que é todo o romance vivido de uma extraordinária alma de mulher.

E agora falemos de sua irmã, da *Clara* do romance.

A respeito da identificação desta personagem há também bastante que dizer. Seja-nos, porém, permitida uma prévia digressão acêrca da família de *Margarida*.

Tomé Simões de Resende, natural de Chão-de-Maçãs, veio para Ovar como carpinteiro. Passou em seguida a mestre de obras, tendo desempenhado êsse cargo junto da Câmara Municipal, e conseguiu, por fim, mercê de influências políticas, ser recebedor de décimas no concelho. Êle mesmo cultivou essas influências. Conheceu de perto políticos de predomínio, porque, antes do caminho-de-ferro, muitos

viajantes que faziam a jornada do Pôrto a Lisboa iam embarcar à Ribeira de Ovar para fazerem, em barco, o trajecto da Ria de Aveiro. Ora Tomé Simões tinha, ao tempo, uma espécie de hospedaria junto ao Cais donde saíam os barcos e nela fornecia um chá que ficou célebre entre os seus freqüentadores. Foi ali que êle se relacionou com os homens importantes dessa época. Ainda quando foi da sua substituição no lugar, pelo seu genro Pereira Dias, foi recordado o precioso chá. Transcrevemos do trabalho de A. Dias Simões uma passagem que merece ser arquivada, tanto mais que nos é fornecida por um neto do mesmo Tomé Simões e filho de Pereira Dias :

«O dr. Arala foi a Lisboa para tratar do assunto com Fontes Pereira de Melo, de quem era sincero amigo e leal correligionário, a quem expôs o objecto que o levava à capital, qual era o de fazer substituir o recebedor de Ovar, que se achava velho e caquético, pelo seu amigo Manuel Pereira Dias, escrivão de fazenda em Ílhavo, e genro daquele mesmo recebedor.

«Fontes Pereira de Melo, mostrando-se desde logo favorável ao pedido, disse que em Ovar não conhecia senão a êle, dr. Arala, e ao Tomé Simões, que lhe dava um magnífico chá na Ribeira.

«— Pois é exactamente dêle que se trata» — retorquiu o dr. Arala, sorrindo.

«— Do Tomé Simões! Do que nos dava o chá no cais da Ribeira de Ovar quando faziamos viagem pela Ria?» — inquiriu Fontes, cheio de curiosidade.

«— Exactamente» — volveu o dr. Arala—. «O meu amigo Manuel Pereira Dias é casado com uma filha de Tomé Simões e está em Ílhavo, desempenhando o cargo de escrivão de Fazenda. Como, porém, o Tomé, pela sua idade, está quasi inutilizado para o serviço e não convém desagregar a família, peço para que o Dias venha substituir o sogro. De resto, trata-se de um empregado competente e filho da minha terra.

«Fontes Pereira de Melo, agradavelmente surpreendido com a interessante coincidência, imediatamente acedeu, afirmando que, além de satisfazer um pedido do seu grande amigo Arala, tinha a maior satisfação em ser agradável ao Tomé, aquele que lhe dera o saborosíssimo chá na Ribeira.»

Pois êste Tomé Simões constituiu família em Ovar, casando com D. Maria Soares Barbosa, da qual houve quatro filhas, a saber:

Ana Margarida, que morreu criança, antes de Júlio Denis ter estado em Ovar;

Ana, que foi a *Margarida das Pupilas*;

Maria, que morreu demente, o que foi atribuído pela família à acção dos missionários e em que alguns críticos pretendem ver a *Ermelinda*, do romance *A Morgadinha*. Morreu tarde, pois esteve 35 anos retida em casa (1).

Margarida, que, segundo se julgou até aqui, era a *Clara das Pupilas*.

A *Margarida*, do romance, tinha 26 anos quando Júlio Denis esteve em Ovar. Casou em 18 de Junho de 1866 (2), aos 29 anos, com Manuel Pereira Dias. Teve quatro filhos, dos quais três morreram tuberculosos, havendo um dêles, António Dias Simões — o autor dos artigos do jornal a *Pátria*, de Ovar, de que nos temos socorrido, — casado e deixado descendência. Apenas sobrevive D. Maria Emília Dias Simões, mais conhecida por D. Emília Simões, solteira, a que várias vezes fazemos referência neste trabalho e que muito nos auxiliou também com as suas preciosas indicações e subsídios.

(1) Pelo que nos informaram, estamos convencidos de que foi uma *demente precoce*.

(2) A certidão de casamento foi-nos obsequiosamente fornecida pelo padre Manuel Lírio, a quem, bem como ao actual abade de Ovar, dr. Alberto de Oliveira e Cunha, que pôs o arquivo paroquial à nossa disposição, aqui consignamos os nossos melhores agradecimentos.

Dada esta resenha genealógica da família das *Pupilas*, vejamos se *Clara*, a irmã de *Guida* do romance, era, de facto, a sua irmã mais nova.

Algumas circunstâncias militam em seu favor. *Margarida* era morena e como tal no-la mostra Júlio Denis. Sua irmã era bastante clara, donde poderia facilmente vir, por sugestão, o nome que lhe dá Júlio Denis.

Algumas das scenas do romance, a do mercado, por exemplo, a das lavadeiras do rio, etc., devem ser-lhe referidas. Mas já o não são — e nesta parte estamos de acôrdo com o resultado das investigações do dr. José de Almeida — as que respeitam ao drama amoroso de *Daniel*. Transcrevemos dos apontamentos que nos forneceu:

«*Clara*, a querida irmã de *Guida*, dedicada àquela até o sacrificio da sua honra e da sua felicidade, é D. Maria Zagalo Gomes Coelho, prima de Júlio Denis.

«Fundamento esta minha afirmativa no que passo a expor:

«1.º D. Maria Zagalo Gomes Coelho e D. Ana Soares Barbosa Simões (a *Guida* do romance) foram íntimas em tôda a sua infância, mocidade e velhice, como duas irmãs mutuamente dedicadas. Desde a chegada a Ovar de Júlio Denis,

êste tornou-se, pela convivência, um íntimo das duas amigas (1).

« Houve entre elas, não sei até que ponto, um certo ciúme, bastante velado; mas só porque eram muito dedicadas, êle não tomou vulto de maior. D. Ana Simões chegou mesmo a *querer convencer* o seu coração de que Júlio Denis a não preocupava e de que, para sossêgo do seu espirito, se devia esquecer dêle. Um diálogo de que temos conhecimento entre o meu afilhado José Dias Simões, neto de D. Ana Simões (a *Margarida* do romance) e D. Maria Zagalo Gomes Coelho (a prima de Júlio Denis) é bem significativo :

« — Júlio Denis gostava da vida da aldeia? »
— perguntou-lhe êle.

« — Gostava, gostava muito !

« — Então a tia Zagala, como rapariga, como menina, gostava dêle ?

« — Também gostava... Mas êle gostava mais da tua avó e eu, — o Senhor me não castigue ! — tinha-lhe a minha raivinha por isso... Raparigas, menino, raparigas!... Um dia fomos passear para as terras da ilha e tua avó e Júlio Denis foram ficando atrás de mim em

(1) D. Ana Soares Barbosa Simões, ou simplesmente D. Ana Simões, tratava por tia a mãe de D. Maria Zagalo Gomes Coelho.

confidências. Eu não gostei e tanto que fiquei amuada com a tua avó. E por que eramos muito amigas, como irmãs, ela ficou muito sentida e tanto que chorou quando nos separámos depois destes arrufos. No dia seguinte foi Júlio Denis a casa de tua avó para a desanuviar deste pesar.

«2.º Esta espécie de ciúme está magistralmente referido nas *Pupilas*.

«3.º A irmã verdadeira de D. Ana Soares Barbosa Simões, a *Guida* ou *Margarida* do romancista, pouca ou nenhuma convivência teve com Júlio Denis.»

Têm valor, estas referências; mas ousamos dizer que a *Clara* do romance foi extractada das duas personagens, cabendo a parte passional da irmã de *Margarida* a D. Maria Zagalo Gomes Coelho.

Que pena não se encontrar o rascunho das *Pupilas*, tal como o romancista o levou de Ovar e onde, segundo a sua própria confissão (1), o tracejou em Julho e Agosto, tendo-o terminado no Pôrto em Setembro e Outubro! Que valiosos subsídios nos não prestaria! Como Júlio Denis o conservou na gavêta até 1866,

(1) Vidê Júlio Denis, *Inéditos e Esparsos*, ed. cit., vol. 1, pág. 7.

tendo então alterado bastante o romance, que ampliou, introduzindo-lhe personagens e capítulos novos antes de o dar à publicidade, o confronto das duas formas daria a solução das pequenas dúvidas em que por vezes tropeçamos.

Devido a esta insuficiência, tivemos de nos socorrer de outros subsidios. Estamos, porém, convencidos de que não irão muito longe da verdade as presunções que apresentamos.

Pedro, o namorado de *Clara*, é a reprodução, no romance, de António de Oliveira Leite, conhecido pelo António Patarena, que tinha então 19 ou 20 anos e vivia na rua dos Lavradores, da vila de Ovar. Era íntimo da tia e prima de Júlio Denis. Tinha uma irmã que foi religiosa em Braga, e não sabemos se ainda vive, que era amiga dedicadíssima de D. Maria Zagalo Gomes Coelho. Segundo informa o dr. José de Almeida, António Patarena pensou, de facto, em esposar a prima do romancista, o que se não chegou a efectivar.

O António Patarena (o *Pedro* do romance) era robusto e sadio, o que contrastava com o aspecto delicado de Júlio Denis. «O sangue dum e doutro eram diferentes», diz o romancista, denunciando uma verdade que lhe saíu espontaneamente, como outras que já salientámos.

Morreu há uns três anos, tendo cêrca de 80 de idade.

José das Dornas, que, no romance, figura como pai de *Pedro* e *Daniel*, nada lhes era de facto; mas é a cópia fiel de José Gomes da Costa, conhecido em Ovar, — onde raros não têm alcunhas, — pelo nome de José Travanca, do lugar da Ponte Reada. Era o lavrador da casa da tia do romancista, D. Rosa Zagalo Gomes Coelho, onde Júlio Denis o conheceu, passando horas com êle a rir e a cavaquear.

José Travanca era jovial e franco. O filho, ainda vivo, referiu ao dr. José de Almeida que, segundo o informara o pai, o romancista o procurava sempre para conversar e que às vezes levava papel e lápis para apontar o que êle dizia.

Cantava e brincava nas festas rústicas, sempre com uma inalterável boa disposição. Por fim ensurdeceu e, um dia, indo cantando adiante de um carro de bois, foi colhido pelo combóio ao atravessar o passo de nível da Ponte Nova, tendo morte instantânea.

Até na morte deu a nota alacre da sua vida, que Júlio Denis descreveu magistralmente nos lances variados em que o fêz intervir com o nome de *José das Dornas*!

O *João da Esquina* é o retrato fiel do merceiro António Baptista de Almeida Pereira, o *Dacunha*. Era cunhado de D. Rosa Zagalo Gomes Coelho, tia de Júlio Denis. É a realidade

flagrante. Todos o reconheceram logo que as *Pupilas* foram lidas em Ovar. E não só o *João da Esquina*, mas sua mulher, D. Margarida Pereira Zagalo e sua filha D. Maria Baptista de Almeida Zagalo dos Santos, que são, no romance, a sr.^a *Teresa de Jesus* e a *Francisca*, aquela trigueirita a quem *Daniel* fêz os versos que motivaram a interpelação de seu pai ao *José das Dornas*.

As relações entre o cunhado e a tia de Júlio Denis, aparentemente corteses, deixavam, no fundo, muito a desejar. Daí uma certa má-vontade, que parecia ser fundamentada, e que se propagou, por contágio de conversas e apreciações, a Júlio Denis, que o tratou com menos carinho.

Mas os que o conheceram não acham exageradas as ligeiras críticas que sôbre êle caem no decorrer da acção.

João da Esquina era doente. Só com dificuldade podia sair da casa. Sofria de varizes e de reumatismo. Júlio Denis receitou-lhe arsénico, mas êle não esteve pelos ajustes. Lá lhe parecia que aquilo era droga para ratos. Contudo nessa época dava-se arsénico aos reumáticos.

Mais tarde prescreveram-no, como reconstituente, ao próprio Júlio Denis, o que o levou a dizer que estava «finalmente vingado o *João da Esquina!*»

Voltas que os medicamentos dão!

As outras personagens das *Pupilas* são secundárias e a algumas delas já fizemos referências bastantes no decurso d'êste estudo, tais como ao barbeiro, às beatas, etc., para não devermos insistir.

Mas não concluiremos sem dizer que de todo o elenco das *Pupilas* ainda resta em Ovar uma das personagens que Júlio Denis viu e estudou. É uma das beatas que conseguiu ouvir, através duma janela próxima, numa conversa que sua prima lhe proporcionou chamando-as à porta da casa e perguntando-lhes pelas coisas em que andavam envolvidas na complicada política de sacristia daqueles tempos. É uma velhinha de 85 anos. Rosa Brites, se chama. Muito dada a rezas e práticas divinas, foi bordadora de branco, de grandes recursos, cujos trabalhos chegaram a ser expostos, há anos, com sucesso, em Lisboa. É a última representante da comparsaria das *Pupilas* e que, por êsse motivo, merece referência especial.

Mas quando não houver nomes de vivos a evocar, nem por isso as *Pupilas* deixarão de viver na tradição e no cenário vareiro, na alma daquela gente laboriosa, que vê nesse romance uma facêta da sua história, e em que vivem os costumes e até a sentimentalidade local. Por isso, êsse povo, mais do que nenhum outro, o sabe sentir e compreender.

«OS FIDALGOS DA CASA
MOURISCA»

O chegarmos ao fim da nossa jornada através da obra de Júlio Denis, não podemos deixar de consagrar algumas palavras ao seu último livro — *Os Fidalgos da Casa Mourisca* — escrito nos derradeiros anos da sua vida.

Como romance é um dos melhores do autor: tem acção, tem movimento. Mas entre as obras de Júlio Denis é, a-pesar-de tudo, a menos interessante. Concorrem para isso várias circunstâncias, avultando, como principal, o ser um romance de tese muitas vezes explorada no livro e no teatro: o conflito entre o trabalho e as tradições de família, entre a burguesia e a nobreza.

Além disso, os tipos apresentados são mais ou menos conhecidos, embora alguns desenhados com raro vigor. *Tomé da Póvoa* e *D. Luís*,

o velho fidalgo da Casa Mourisca, representam a síntese das duas correntes em opposição no romance. Ambos com qualidades, têm, a dentro das fórmulas em que se orientam, muito de comum com personagens já estudadas por outros autores. Dulcifica-os o espirito subtil de Júlio Denis e tanto que, por vezes, nos parecem inteiramente inéditos, tanta bondade se encontra nos seus propósitos e tanta nobreza nas suas decisões.

Jorge e Maurício têm um certo cunho de originalidade. *Berta* é uma personagem de romance, à época, e *Gabriela* não desmancha o conjunto do enrêdo.

Júlio Denis é talvez, neste livro, mais romancista do que em qualquer outro; não se perde em tantos comentários psicológicos, nem se demora em análises tão longas de pessoas e de coisas. Pois êstes pequenos senões, que lhe têm censurado nos outros romances, são para nós a sua melhor qualidade. E tanto que nos determina a dar preferênça às *Pupilas*, à *Familia inglesa* e à *Morgadinha*.

Os *Fidalgos* são muito raciocinados: nasceram mais do cérebro do que de coração (1).

(1) Entre os manuscritos de Júlio Denis encontrámos um com a data de 1870, subordinado ao título: *Subsidios para o romance «Os Fidalgos da Casa Mourisca»*.

São vários apontamentos tirados do *Compêndio de*

A sua primeira trilogia é um poema de sentimentos; é a vida do romancista a dilatar-se, a desdobrar-se, patenteando-se com tôdas as suas virtudes e os seus pequenos defeitos.

Nos *Fidalgos*, Júlio Denis não ousa representar-se. Por vezes parece deambular entre a gravidade de *Jorge* e a leviandade de *Maurício*; mas não se fixa, não se demora. As suas psicologias tocam-se, mas não se identificam. Júlio Denis, talvez por lhe merecerem maior simpatia os dois rapazes, filhos do velho fidalgo *D. Luís*, ainda os apresenta órfãos de mãe. Não quis que essa nota, constante em todos os romances, faltasse na sua última obra. É o único ponto bem marcado de contacto com a sua individualidade. Mas sente-se que já não ousa mostrar-se em público. Doente, começando a sentir o desalento da última fase duma tuberculose pulmonar que avançava dia a dia, cõscio da finalidade que sentia avizinhar-se, faltaram-lhe iniciativas para tal cometimento.

Júlio Denis representa-se sempre como um esbelto rapaz, franzino, mas sadio; delicado,

Economia rural, de Rebêlo da Silva. As citações trazem as indicações das páginas.

Este trabalho de compilação não foi directamente utilizado pelo autor. Serviu-lhe apenas de elemento de estudo.

mas vigoroso. Até a data infeliz em que começou a delinear os *Fidalgos*, vivia dessa aspiração. Nela se instalou para se ver em *Carlos Whitestone*, em *Daniel* e em *Henrique de Souza*. Neste já aparece neurasténico, mas possuidor de bastante robustez. Em tôdas estas transfigurações não teve que falsear a verdade. Era assim, tal qual se apresentava, que êle julgava vir a ser, quando estivesse restabelecido.

Mas quando escreveu os *Fidalgos*, tôdas as ilusões tinham desabado. Já não sentia a mocidade que espalha às mãos-cheias pelas personagens em que vive na sua trilogia. Se o fizesse, ou faltaria à verdade, o que ia de encontro ao seu feitiço moral, ou teria que mostrar o modelo tal qual era, o que repugnava ao seu ideal de artista e compungia a sua alma de doente.

O romancista teve o cuidado de excluir da sua obra tudo o que pudesse retratar o descalabro do seu organismo enfêrmo. E tanto assim é, tanto arreda do seu espírito o que possa lembrar a sua doença, que nos *Fidalgos* não há, como dissemos, referências à Medicina, êle que tão pródigo foi em não esquecer a sua profissão nos outros romances!

Há, numa ou noutra passagem dos *Fidalgos*, alusões directas à sua vida, embora escritas a propósito de bem diferentes personagens. Citemos um exemplo:



«O passado, ressuscitando, perdêra já o pres-tígio e a poesia, que só como passado tem.

«Ó feiticeiras fadas que nos acompanhais quando por longe andamos, devorados de saúda-des, a lembrar-nos da terra em que nas-cemos, porque tão de-pressa nos abandonais à chegada? Porque dissipais os vapores inebrian-tes de que rodeáveis aquelas imaginações aos nossos olhos fascinados e nos fazeis ver a reali-dade como a víamos antes?» (1)

Júlio Denis dividia o seu tempo entre o Fun-chal e o Pôrto e estas sensações eram, portan-to, muito suas conhecidas. Deslocava-as de si para as personagens do romance; mas, mesmo assim, não deixava de registar uma ou outra nota do seu modo de sentir de momento.

Para o estudo psicológico do autor, os *Fidalgos* são, porém, uma obra fria e incaracte-rística. Não nos traz subsídios novos, porque êle não vive na scena, não palpita no desenro-lar da acção.

Interessante como romance, não nos dá os encantos das suas crónicas aldeãs, em que não há teses a defender, mas em que se sente a vida a palpitar de verdade.

(1) Júlio Denis, *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, 2.^a ed., Pôrto, 1872, vol. I, pág. 103.

A sua carreira literária, que alvorece na *Família inglesa*, que alcança a máxima perfectibilidade nas *Pupilas*, que se mostra cheia de pujança na *Morgadinha*, não esmaece nos *Fidalgos*. Êste seu último livro mostra, sob um novo aspecto, a expressão elevada do seu talento de romancista. Perde, porém, em colorido e em originalidade o que ganha em acção e movimento.

Ao encerrarmos êste estudo, que há de merecer censuras, mas que é o resultado de um paciente trabalho, ficamos com a convicção de que aqueles que nos lerem terão vontade de voltar a deleitar-se com os livros do romancista que soube, mais do que ninguém, fazer uma obra essencialmente portuguesa.

Até o seu estilo simples e sossegado, sem arrebatamentos nem arresesamentos de linguagem, há de impor-se aos que andam estonteados com a literatura de hoje, excessivamente rica de forma e irrequieta de conceitos. No meio da agitação em que andamos envolvidos, as páginas dos romances de Júlio Denis, dos seus contos e das suas cartas, continuarão a ser um salutar confôrto para as almas que vivem na ânsia de originalidades, que nem sempre são arte, e de contrastes, que nem sempre conseguem dar a sensação de beleza.

Que as obras de Júlio Denis fiquem sendo

horas tranqüilas na torturada vida literária de hoje! Que nelas repousem os que as saibam sentir, como a melhor expressão da alma portuguesa, carinhosa e sentimental, em que a bondade floresce como a mais alta característica da raça!



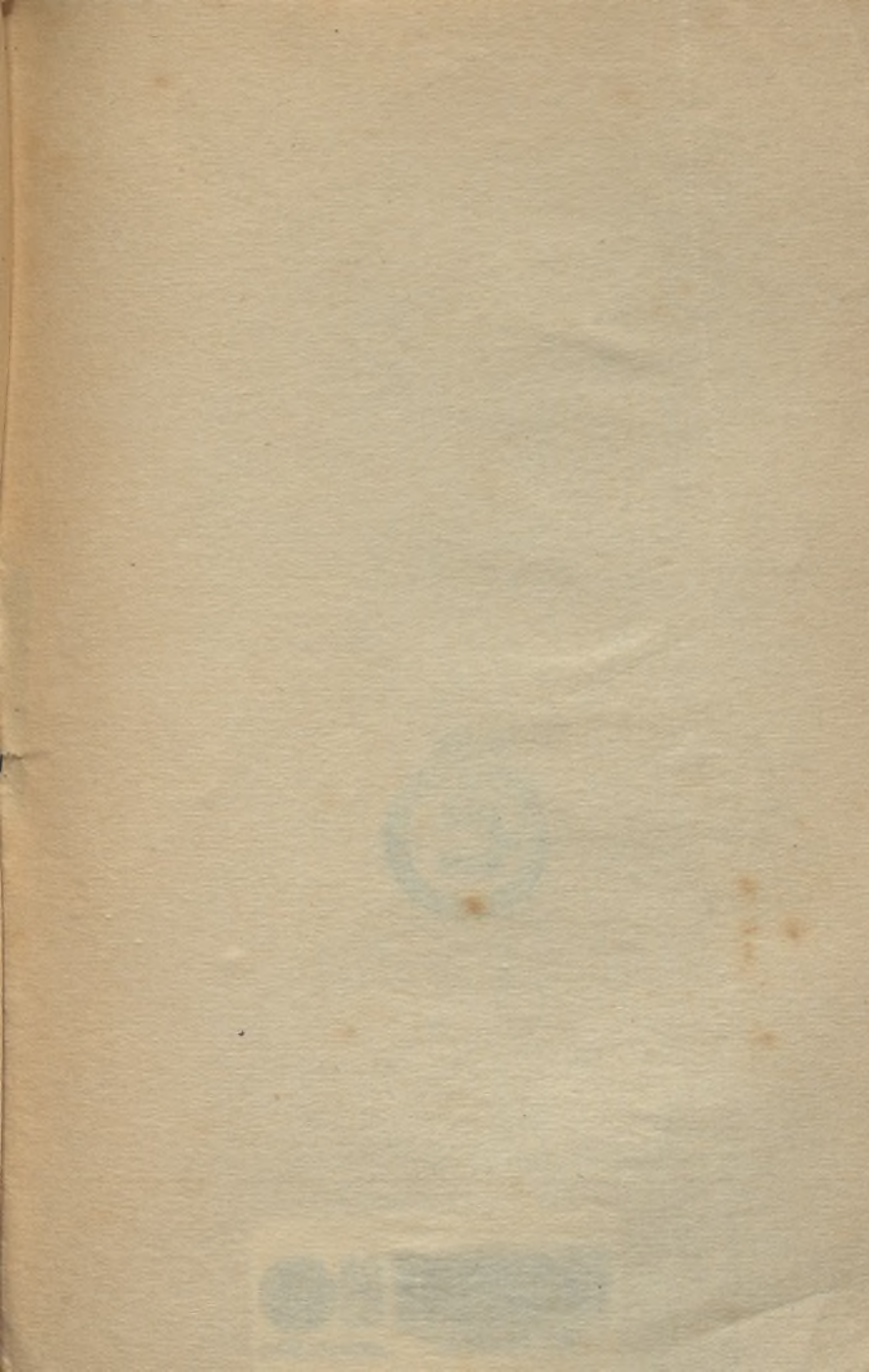
FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME



ÍNDICE

	Pág. ^s
I — Júlio Denis íntimo.....	1
II — <i>Carlos Whitestone</i> e Júlio Denis.....	43
III — As <i>Pupilas</i> e a <i>Morgadinha</i>	67
IV — Origens do romance <i>A Morgadinha dos Canaviais</i> — I.....	91
V — Origens do romance <i>A Morgadinha dos Canaviais</i> — II.....	117
VI — Origens do romance <i>A Morgadinha dos Canaviais</i> — III.....	141
VII — Origem do romance <i>A Morgadinha dos Canaviais</i> — IV.....	163
VIII — <i>Henrique de Souza</i> e Júlio Denis.....	189
IX — <i>O Canto da Sereia</i> — I.....	217
X — <i>O Canto da Sereia</i> — II.....	245
XI — <i>O Canto da Sereia</i> — III.....	267
XII — <i>As Pupilas do sr. Reitor</i>	291
XIII — <i>Daniel</i> e Júlio Denis.....	325
XIV — <i>João Semana</i>	345
XV — Outras personagens das <i>Pupilas</i>	375
XVI — <i>Os Fidalgos da Casa Mourisca</i>	395

ACABADO DE IMPRIMIR NAS OFICI-
NAS GRÁFICAS DA BIBLIOTECA NA-
CIONAL AOS 30 DE ABRIL DE 1924







RÓ
MU
LO

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA



1329696108

